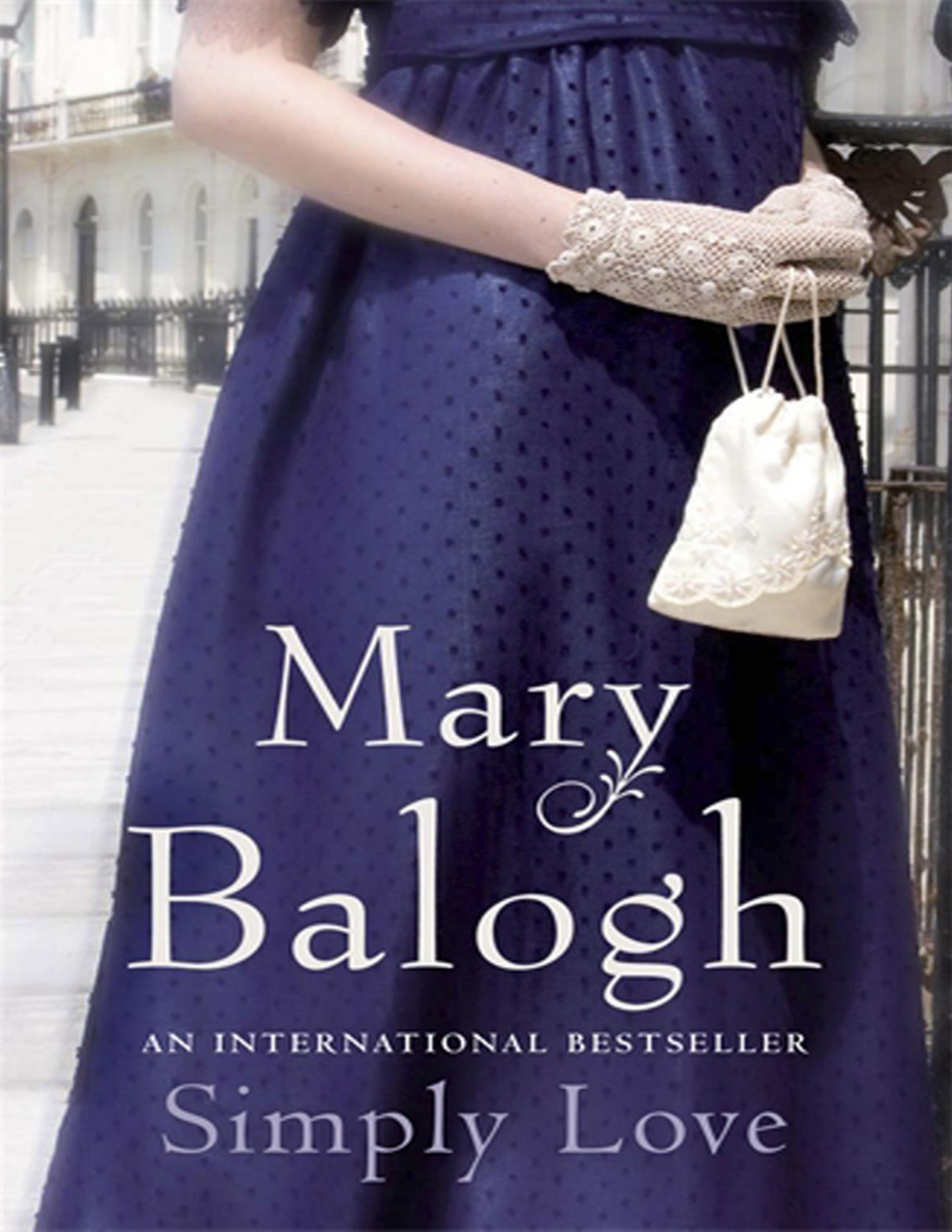

Mary
Balogh
AN INTERNATIONAL BESTSELLER
Simply Love

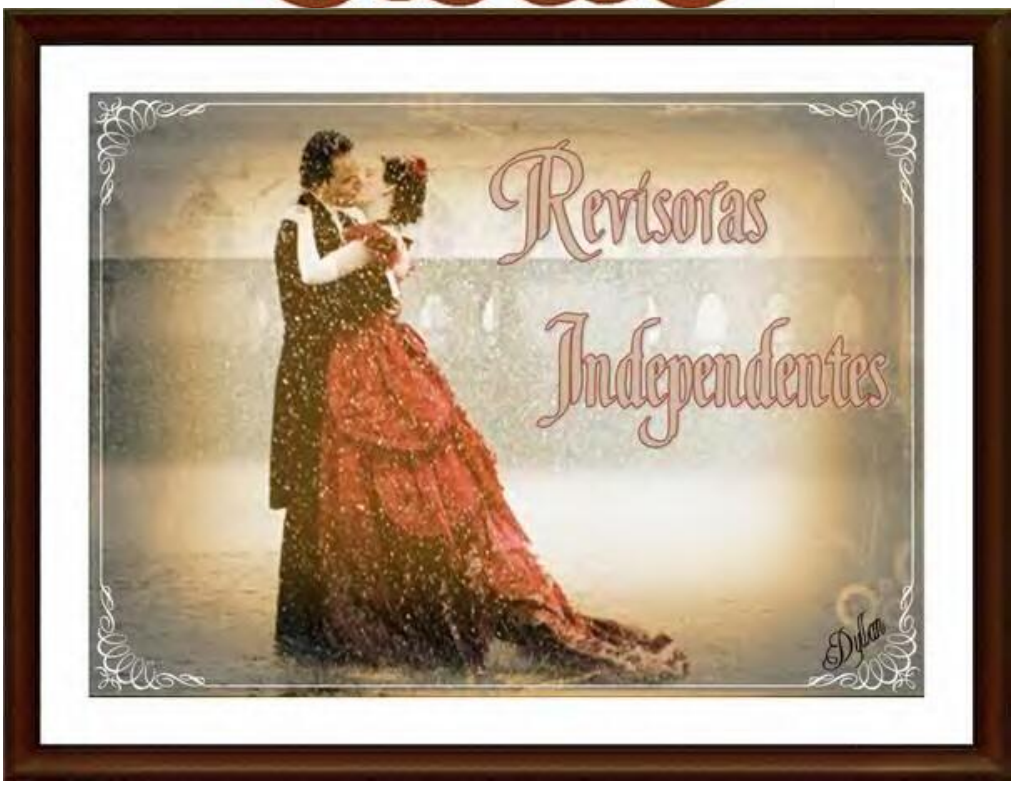
Simplesmente Apaixonados

Mary Balogh

Título Original: Simply Love

***2º Livro* da Série Escola para Moças de Miss Martin**

Disp/Tradução: Karyne Nobre
Revisão inicial: Lu Avanço
Revisão final: Vania Gusmão
formatação: Jen



Comentários

Revisora inicial: Lu avanço.

"Maravilhoso mesmo eu que não gosto de histórico fiquei encantada com esse casal , ai tem força de vontade, garra e gana de viver, ele um homem atormentado com pesadelos é um corpo mutilado, ela uma mãe solteira em uma época que mostrar o tornozelo era crime , e os dois mostram como superar e poder ajudar aos próximo , maravilhoso eu amei e recomendo pois vcs vão amar Lu avanço"

Revisora final: Vania Gusmão

Para as meninas que gostam de homens com cicatriz esse é o livro o moço é cheio delas de um lado do rosto não tem o braço direito porem é perfeito entendem? Um romance leve sem grandes complicações muito bom.

Capítulo Um

Escolares de limpos uniformes azuis marinhos que caminhavam formandos em uma ordenada fila de dois em dois pelo Great Pulteney Street ao veloz passo imposto por uma de suas professoras a senhorita Susanna Osbourne, vinham da Escola de Meninas da senhorita Martin, situado na esquina das próximas ruas Daniel com Sutton, e foram em direção ao Pulteney Bridge e à cidade propriamente, situada ao outro lado do rio.

Só eram doze as meninas que formavam esta fila, pois as demais já partiram a suas casas no dia anterior com seus pais, tutores ou criados para passar as férias de verão. Estas doze alunas eram as favorecidas com regime gratuito, mantidas na escola em parte pelo que pagavam as outras e em parte pelas generosas doações de um benfeitor anônimo.

Este benfeitor tinha mantido a flutuação a escola em momentos difíceis, quando a senhorita Martin se teria visto obrigada a fechá-la por falta de recursos fazia uns anos, e lhe permitia fazer realidade seu sonho de oferecer educação a garotas indigentes, além das de famílias enriquecidas.

Com os anos, a escola tinha adquirido a fama de oferecer boa e ampla educação acadêmica a meninas e jovens de todas as aulas sociais.

As meninas em regime gratuito não tinham aonde ir durante as férias, portanto duas ou mais das professoras residentes se viam obrigadas a continuar na escola para cuidar delas e as entreter até que se reatassem as aulas.

Esse verão era três as professoras residentes que ficariam na escola: a própria senhorita Martin, Susanna Osbourne e Anne Jewell.

A senhorita Martin e a senhorita Jewell iam detrás da fila de meninas. Normalmente não precisaria de três professoras para acompanhar a um grupo de doze garotas em uma saída, pois as alunas eram muito disciplinadas, ou ao menos o eram depois de ter estado uma ou duas semanas na escola. Mas era o primeiro dia das férias de verão e foram de caminho ao salão de chá Sally Lunn's para comer os famosos Paes doces que se serviam ali à hora do chá, o muito esperado convite anual do que jamais desfrutavam das alunas pagas.

A senhorita Martin e a senhorita Osbourne foram tomar o chá com as garotas. A senhorita Jewell não, mas posto que a casa aonde fosse ficava no caminho, ia com elas. Seu filho David ia entre duas das garotas, conversando alegremente com elas mesmo que eram vários anos mais velhos que ele.

— Não entendo Anne, como pode renunciar a tomar o chá no abarrotado salão Sally Lunn's com doze meninas buliçosas e risonhas para ir respirar o refinado ar de um elegante e espaçoso salão com gente rica e com títulos de nobreza — disse a senhorita Martin irônica.

— Convidaram-me concretamente para hoje — repôs Anne rindo, — mas você não quis deixar para amanhã a visita à Sally Lonas. Foi muito injusta, Claudia.

— Não, fui muito prática. Teriam-me pendurado pelos polegares na árvore mais próxima se tivesse sugerido deixar para amanhã a saída. E a você e a Susanna também. Mas a verdade, Anne, uma coisa é tomar o chá com lady Potford, que foi boa e amável contigo no passado, mas tomar o chá com «essa mulher»!

Ao dizer «essa mulher», referia-se à marquesa de Hallmere, de solteira lady Freyja Bedwyn, irmã do duque de Bewcastle. Antes de abrir a escola, a senhorita Martin tinha sido governanta de lady Freyja, que já tinha afugentado a toda uma sucessão de governantas anteriores. Ela também partiu, embora mais por indignação que por medo; partiu a meio-dia e a pé, levando-se todos seus mundanos pertences, depois de negar-se a aceitar uma indenização por demissão, uma carta de recomendação e o transporte que lhe ofereceu o duque de Bewcastle. Em certo modo, figuradamente, fazia uma zombaria a toda a família.

Lady Potford tinha convidado a Anne a tomar o chá no Great Pulteney Street devido a seu neto Joshua Moore, o marquês de Hallmere, estava passando uns dias na cidade, em sua casa, com sua mulher e seus filhos.

— Convidaram-me devido ao Joshua — disse Anne. — Sabe quão bom foi sempre comigo e com o David, Claudia.

Ele tinha sido seu amigo em um tempo em que todo mundo havia lhe voltado às costas, ou ao menos isso parecia. Inclusive a tinha ajudado economicamente vários anos, quando ela estava perto da indigência, o qual deu pé a que circulasse o muito desagradável e errôneo rumor de que ele tinha que ser o pai do David. Dizer que tinha sido «bom» com ela era ser muito curta.

Susanna tinha iniciado uma canção com as meninas, as fazendo cantar por fila, e estas cantavam com grande entusiasmo, indiferentes à atenção que poderiam atrair por parte dos transeuntes. A senhorita Martin, de aspecto severo e erguido como uma vara, nem sequer pestanejou.

— E se por um instante eu tivesse suspeitado — disse, — quando solicitou o posto de professora de matemática e geografia ha quatro anos, Anne, que foi «essa mulher» a que te sugeriu esta escola, não teria te contratado nem em um milhão de anos. Uns meses antes tinham vindo à escola, e esteve bisbilhotando com esses ofensivos ares de suficiência, sem dúvida fixando-se em todos os lugares desgastados do tapete do salão para visitas. Não demorei em enviá-la a fritar aspargos, não me importa dizer isso

Anne sorriu levemente. Já tinha ouvido essa história muitas vezes, e todas as professoras residentes da escola sabiam da imperecível antipatia de sua diretora pela aristocracia, em particular por aqueles desafortunados que ostentavam o título de duque, e muito em especial pelo que levava o título de duque de Bewcastle. E Freyja, a atual lady Hallmere, estava muito perto do segundo lugar em sua lista negra.

— Tem suas boas qualidades. — disse.

Claudia Martin emitiu um som muito semelhante a um bufado.

— Quanto menos se diga sobre esse ponto, melhor. Mas, se por acaso me entendeste mal, Anne, não lamento absolutamente te haver contratado e suponho que esteve muito bem que nesses momentos eu não entendesse a relação existente entre Lydmere de Cornualles, de onde vinha, o marquês de Hallmere, que vivia perto de Penhallow, e lady Freyja Bedwyn. — Passado um momento disse: — Senhorita Osbourne.

Sua voz se elevou por cima do canto das garotas, que o interromperam. Susanna se virou as olhar, com o rosto iluminado pela risada e deteve o avanço.

— Essa é a casa de lady Potford, parece-me — disse a senhorita Martin, então, indicando a casa seguinte ao lugar onde se detiveram. — Me alegra que seja você e não eu, Anne, mas que o passe muito bem.

David saiu de seu posto na fila para ficar junto à Anne, Susanna se despediu com um sorriso, e a fila continuou seu caminho para a Sally Lunn's, que estava além da Abadia ao outro lado do rio.

— Adeus, David — gritaram algumas garotas, com mais ousadia da que teriam tido em outras ocasiões estando em público. Prevalecia o espírito de férias. — Adeus, senhorita Jewell. Oxalá você viesse conosco também.

Claudia Martin pôs os olhos em branco e pôs-se a caminhar detrás de suas queridas alunas.

Tal como comentasse a senhorita Martin, não era a primeira vez que Anne visitava lady Potford em sua casa de Great Pulteney Street. Quatro anos atrás, quando chegou a Bath para trabalhar na escola da senhorita Martin, tinha ido ali, bastante nervosa, com uma carta de apresentação, e após a haviam convidado várias vezes.

Mas o convite desse dia era uma ocasião especial, e ao olhar a seu filho de nove anos, depois de golpear a porta com a aldaba, viu em seus olhos um brilho de entusiasmada espera. O marquês de Hallmere era a pessoa favorita do menino, mesmo que não se viam com muita freqüência. Joshua sempre tinha sido bom

com ele, as vezes que se encontraram: as duas ocasiões em que os convidou a ambos a passar uma semana das férias escolar em Penhallow, a sede rural do marquês na Cornualles, e as duas vezes que esteve em Bath e foi visitá-los a escola para levar parar passear ao David em seu tílburi. E jamais se esquecia de lhe enviar presentes para seu aniversário e para Natal.

Anne sorriu a seu filho enquanto esperavam que o mordomo abrisse a porta. Estava crescendo rápido, pensou pesarosa. Já não era um menino pequeno.

Mas se comportou como um menino pequeno quando entraram na casa e viu que o marquês vinha baixando a escada para recebê-los sorrindo alegremente. David voou para ele, todo entusiasmo e tagarelando como um menino pequeno. Joshua o levantou nos braços e lhe deu uma volta em redor, fazendo-o rir de felicidade.

Observando-os, Anne sentiu uma opressão quase dolorosa no coração. Tinha derramado seu amor de mãe sobre seu filho durante nove anos, mas, logicamente, nunca tinha podido lhe dar o amor de um pai.

— Moço — disse o marquês, deixando-o no chão, — seguro que levam uns quantos tijolos nas solas dos sapatos. Pesa uma tonelada. Ou talvez só se deva a que cresceste. Vejamos, deve ter... Doze anos?

— Não! — exclamou David, rindo alegremente.

— Não me diga que tem treze!

— Não! Tenho nove!

— Nove? Só nove? Deixaste-me mudo de assombro.

Depois de revolver o cabelo ao menino com uma mão, o marquês se voltou para a Anne sorrindo.

— Joshua, quanto me alegra verte — disse ela.

Era um homem alto e bonito, bem formado, de cabelo loiro, rosto bondoso, e uns olhos azuis que quase sempre sorriam. Anne sempre lhe tinha tido muito carinho, carinho misturado com sentimentos que de tanto em tanto tinham rajado no romântico, embora jamais se permitisse que passasse a paixão. Quando era simplesmente Joshua Moore também tinha sido seu amigo, quando ela trabalhava de governanta na casa dos tios dele, e seguiu sendo-o depois que a despediram. Sua amizade tinha sido imensamente mais valiosa para ela do que poderia ter sido uma paixão não correspondida.

Além disso, quando conheceu Joshua Moore ela amava a outro homem. Inclusive existia um entendimento com esse homem, com o que se considerava comprometido em matrimônio.

Agarrou-lhe as mãos e as apertou fortemente.

— Anne, está muito bonita. O ar de Bath parece te sentar bem.

— Sim que me sinto bem. Como está lady Hallmere? E os meninos?

— Freyja está no salão, vê-la-á dentro de um momento. Daniel e Emily estão acima com a babá. Tem que vê-los antes de partir. Daniel declarou menos dez vezes na última hora que simplesmente não vê as horas de que chegue David. — Olhou ao David sorrindo como lhe pedindo desculpas. — Um menino de três anos não é um bom companheiro de jogo para você, moço, mas se gostar de ir entretê-lo um momento, ou deixar que ele te entretenha, fará o menino mais feliz do mundo.

— Eu adoraria jogar com ele, senhor - respondeu David.

— Bom menino — disse Joshua, lhe revolvendo o cabelo outra vez. — Mas vêem apresentar seus respeitos primeiro no salão. Só aos meninos pequenos os mandamos direto à sala dos meninos, e você não entra nessa categoria, verdade?

— Não, senhor — disse David, enquanto Joshua oferecia o braço a Anne lhe dando uma piscada.

Lady Potford os recebeu muito amavelmente no salão, e lady Hallmere se levantou e correspondeu com uma inclinação da cabeça à reverência do David, e logo olhou a Anne, avaliadora.

— Vejo-a muito bem, senhorita Jewell — lhe disse.

— Obrigado, lady Hallmere - repôs Anne, flexionando os joelhos em uma reverência.

Sempre a tinha intimidado um pouco a marquesa, com sua pequena estatura e os estranhos rasgos de seu rosto bastante bonito e de expressão dura. Quando a conheceu lhe caiu mal e pensou que não era uma esposa adequada para o bondoso e singelo Joshua. Mas logo descobriu que sua ex-discípula, lady Prudence Moore, a prima de Joshua retardada mental (síndrome de dow), adorava lady Freyja, que sempre era inesperadamente amável com ela; e Prue sempre tinha sido boa para julgar o caráter das pessoas. E depois, lady Freyja, ao inteirar-se de que ela levava só uma meia existência como mãe solteira e aspirante a professora na aldeia de pescadores Lydmere, apresentou-se uma manhã em sua porta e lhe ofereceu um posto na escola da senhorita Martin, da que era a benfeitora anônima.

Se Claudia Martin chegava a inteirar-se disso alguma vez, haveria problemas. Logicamente Anne tinha jurado guardar o segredo.

Tinha chegado a respeitar, querer e inclusive admirar lady Hallmere, e seu matrimônio com o Joshua tinha todos os traçados de ser um matrimônio por amor.

Durante vários minutos David foi o centro de atenção, respondendo perguntas sentado ao lado do Joshua e olhando-o quase com adoração, como a seu herói. Depois, justo antes que lhes trouxessem a bandeja com o chá, enviaram-no à sala dos meninos, lhe prometendo que ali lhe serviriam bolos e limonada.

— Acabamos de chegar de Lindsey Hall - explicou Joshua a Anne enquanto serviam o chá. — Estivemos ali para a grande celebração familiar do batismo do filho e herdeiro do Bewcastle.

— Espero que seja um menino são — disse Anne educadamente, — e que a duquesa se recupere bem.

— Sim às duas coisas — sorriu Joshua. — Acredito que o novo marquês de Lindsey vai ser digno do sobrenome Bedwyn. Tem um par de potentes pulmões e não vacila em usá-los para conseguir o que for que deseje.

— E agora vamos de caminho a Gales para passar um mês ali — acrescentou lady Hallmere. — Bewcastle tem uma propriedade ali e pensava fazer uma breve visita, mas a duquesa insistiu em acompanhá-lo, e então todos decidiram ir também, posto que consideramos que era muito cedo para nos separar e que cada um partisse por sua conta.

— Umas férias junto ao mar é uma perspectiva bastante prazerosa — disse Joshua sorrindo — mesmo que vivemos a um tiro de pedra do mar na Cornualles. Mas os Bedwyn não revistam reunirem-se todos com freqüência, e nossos filhos estavam tão encantados e felizes em Lindsey Hall por ter com quem jogar e brigar, que nos pareceu quase uma crueldade privar os da companhia mútua durante um mês ou mais.

Que maravilhoso tinha que ser pertencer a uma família numerosa tão unida, bagunceira e alegre, pensou Anne tristemente. Que fantástico para os meninos.

— Já terminaram as aulas na escola, senhorita Jewell? — perguntou lady Potford.

— Ontem partiu as meninas a suas casas, senhora.

— E você também irá a sua casa? — perguntou lady Potford.

— Não, senhora ficará na escola. A senhorita Martin recebe alunas em regime gratuito além das que pagam, e é necessário as atender durante as férias.

Claro que não fazia nenhuma falta que ficassem Claudia, Susanna e ela, mas nenhuma das três tinha aonde ir, a não ser que sua íntima amiga Frances Marshall, condessa de Edgecombe e ex-professora da escola, chegassem do Continente, onde tinha ido com o conde a fazer uma excursão de recitais de canto, e convidasse a uma delas a passar um tempo em Barclay Court, em Somersetshire, como estava acostumado a fazer sempre que estava em casa durante férias escolar.

— Ainda não foste a casa, então, Anne? — perguntou-lhe Joshua.

— Não.

Não tinha ido desde o dia em que nascesse David, mais de dez anos já. Era muitíssimo tempo. Então ela só tinha dezenove anos, e sua irmã Sarah dezessete. E Mathew, seu irmão maior, já clérigo, só vinte, embora ainda estivesse estudando em Oxford. Naquela época Henry Arnold também acabava de fazer vinte anos; ela tinha estado em casa para seu aniversário; tinham falado de quando cumprisse a maior idade ao ano seguinte, e ela não teve nenhuma premonição de que não estaria ali para essa ocasião, como tampouco de que não voltaria a vê-lo nunca mais.

— Temos que te pedir uma coisa, Anne — disse Joshua.

Ela olhou dele lady Hallmere e logo a ele outra vez.

— Sim?

— Sou cada vez mais consciente — suspirou Joshua — de que David é meu parente consangüíneo, Anne, meu primo.

Anne ficou rígida.

— Não! É meu filho.

— E de que, além disso, teria meu título e tudo o que lhe acompanha — continuou Joshua — se Albert se casasse contigo.

Anne se levantou tão bruscamente que derramou um pouco de chá no pires antes de deixar a taça na mesinha lateral.

— David é meu filho.

— Pois claro que sim — disse lady Hallmere, em tom altivo e como se dizer isso a aborrecesse, embora seus olhos a perfuravam. — Enquanto nos partíamos de Lindsey Hall ao Joshua lhe ocorreu que a seu filho poderia lhe gostar de passar o verão em companhia de outros meninos, embora tenhamos que reconhecer que a maioria são bastante menores que ele. Mas estará Davy, o filho adotivo do Aidan e Eve, que tem onze anos. É bastante má sorte que ele e seu filho tenham o mesmo nome, mas acredito que ninguém terá nenhum problema para distingui-los. E em realidade poderia ser muito divertido para cada um não acatar as ordens não desejadas do outro e depois assegurar que acreditava que a ordem ia dirigida a ele. Também estará aí o sobrinho da duquesa, Alexander, que tem dez anos.

— De verdade nós gostaríamos de levar ao moço conosco, Anne — disse Joshua. — O que te parece?

Anne se mordeu o lábio e voltou a sentar-se.

— Sempre foi uma grande preocupação para mim que se criou em uma escola de meninas, em que além dos professores de arte e de baile, todas são professoras. É muito querido e mimado por todo mundo, eu não poderia ter mais sorte nesse aspecto. Mas teve muito pouco contato com homens e quase nenhum com meninos.

— Sim, isso sei — disse Joshua, — e é minha intenção enviá-lo ao colégio quando for maior, com sua permissão, é obvio, mas enquanto isso deveria ter contato com outros meninos. Daniel e Emily são muito pequenos para ele, mas de todos os modos são seus segundos primos. E, portanto todos outros meninos Bedwyn estão aparentados com ele também. Não quero insistir nesse tema porque sei que te incomoda, mas é a verdade. Permitirá-lhe vir conosco?

Uma irracional sensação de pânico lhe formou um nó na boca do estômago a Anne. Jamais tinha estado separada de David mais de umas poucas horas. O menino era «dela». Embora só tivesse nove anos, sabia que o perderia em um futuro não muito longínquo. Ao fim e ao cabo, como podia lhe negar uma educação adequada com meninos de sua mesma idade? Mas isso devia começar já? Devia renunciar a ele durante todo um mês ou mais esse verão?

E como poderia negar-se? Sabia muito bem que se perguntava ao David veria em seus olhos esse brilho de espera, como se desejasse sua permissão.

Notou que lhe tremiam as mãos que tinha apoiadas na saia. Pela primeira vez nos mais de dez anos que o conhecia, sentiu ressentimento com o Joshua. Em realidade quase o odiou, em especial por sua insistência em que David era seu parente e, portanto sua responsabilidade.

David não era parente dele.

Era filho «dela».

— Senhorita Jewell — disse a marquesa, então, — um menino de nove anos é muito pequeno para estar separado de sua mãe todo um mês. E embora de momento só possa falar como a mãe de meninos de três e de um ano, já estou absolutamente convencida de que nenhuma mãe está disposta a estar separada de seu filho de nove anos. Logicamente você deve vir ao Gales também.

— Tem toda a razão, Freyja — disse lady Potford. — Sua presença na escola durante o verão é absolutamente essencial, senhorita Jewell?

— Não, senhora. A senhorita Martin e a senhorita Osbourne também ficarão aqui.

— Tudo arrumado, então — disse Joshua alegremente. — Vêm conosco você e David, e Daniel estará tão entusiasmado que igual vamos ter que atá-lo. Virá?

— Mas como poderia? — perguntou ela, estupefata; sabia muito bem que convidar a ela foi uma ocorrência posterior. — É a casa do duque de Bewcastle.

— Pua, pua — disse lady Hallmere, desprezando isso com um gesto da mão. — É uma casa Bedwyn, e eu sou uma Bedwyn. Além disso, é uma casa muito grande. Deve vir, certamente.

O duque de Bewcastle pensou Anne, tinha fama de ser um dos aristocratas mais frios e estirados do país. Todos os Bedwyn tinham fama de ser muito arrogantes e altivos. Ela era a filha de um cavalheiro de muito pouca importância social mais à frente do lugar onde vivia. Além disso, era professora e ex-governanta. E tudo isso não era nada comparado com a realidade de que era também mãe solteira de um filho ilegítimo.

Como poderia então...?

— Não aceitaremos um não — disse lady Hallmere em tom imperioso, olhando-a altivamente ao longo de seu bastante proeminente nariz. — Assim já pode resignar-se a voltar para a escola depois do chá a fazer sua bagagem.

A casa de Gales era muito grande, havia dito a marquesa. Os Bedwyn eram muitos e todos já estavam casados e tinham filhos. Portanto, seguro que lhe seria bastante fácil se manter separada deles. Poderia passar a maior parte do tempo fazendo-se útil com os meninos. E enquanto isso David correria com liberdade por uma casa de campo em uma propriedade perto do mar e, mais importante ainda, teria a outros meninos para jogar, alguns deles de sua mesma idade. Teria ao Joshua, ao que adorava como modelo masculino adulto.

Não podia lhe negar tudo isso a seu filho. Mas tampouco podia deixá-lo ir sozinho.

— Muito bem — disse. — Iremos. Obrigado.

— Esplêndido! — exclamou Joshua, sorrindo de orelha a orelha e esfregando-as mãos.

De todos os modos, enquanto foram caminhando de volta à escola um momento depois, não se sentia tão segura de ter feito bem ao aceitar. Mas já era tarde para trocar a decisão. Joshua já havia dito ao David e ao Daniel, quando a acompanhou à sala dos meninos para que conhecesse sua filha menor. E David ia saltando a seu lado como um menino muito menor, e tagarelando em voz alta e excitada, o que atraía mais de um olhar dos transeuntes.

— E vamos sair a navegar em barco, vamos banhar nos e nadar no mar e a subir pelas rochas — ia dizendo. — E construiremos fortes de areia, jogaremos críquete, subiremos pelas árvores e jogaremos aos piratas. E vai estar Davy aí, lembra-te dele, mamãe, de faz uns anos, antes que viéssemos a Bath? E estará um menino chamado Alexander. E haverá meninas também; lembro-me da Becky, e você? E os pequenos vão

necessitar a alguém que jogue com eles, e eu adoro fazer isso. Eu gosto de Daniel; vai detrás como se eu fora um grande herói. É certo que é meu primo?

— Não — se apressou a dizer Anne. — Mas para ele é um herói, David. É um menino grande. Tem nove anos cumpridos.

— Que divertido vai ser — comentou ele, quando dobraram a esquina do Sutton Street e entraram no Daniel Street. — Deixe-Me que eu conte mamãe — lhe pediu quando golpeou a porta da escola.

E isso fez, logo que se abriu a porta, contando-lhe ao ancião porteiro, que se desfez em exclamações de assombro nos momentos oportunos.

— Sim, senhor Keeble — disse Anne, olhando-o aos olhos por cima da cabeça do David. — Vamos a Gales a passar o verão.

David já ia subindo a escada para ir contar lhe a feliz noticia à governanta.

— Como há dito? Que vais fazer «o que»? — perguntou Claudia Martin uma hora depois.

Acabavam de voltar para a escola, e a ordenada fila já se havia dissolvido em grupos de buliçosas meninas, que, sem exceção, tinham-lhe assegurado a Anne, ao passar junto a ela para subir a escada, que tinha perdido um chá fabuloso e que os pão-doces da Sally Lunn eram tão grandes que seguro que não poderiam comer absolutamente nada até a manhã seguinte.

A pergunta da Claudia era supérflua, claro, posto que não padecesse de nenhum tipo de surdez nem leve defeito de audição, e a única outra ocupante de sua sala de estar particular era Susanna, que estava ajeitada na poltrona junta ao lar apagada recuperando-se da larga caminhada ao calor do verão. Estava-se abanicando o rosto com o chapéu de palha que acabava de tirar-se da cabeça.

Ao contrário da professora mais jovem, Claudia se via fresca como uma rosa, como se tivesse passado toda à tarde nessa sala de estar. Estava muito pulcra também; seu cabelo castanho recolhido em um severo coque na nuca.

— Vou passar um mês em Gales, se pode prescindir de mim, Claudia — repetiu Anne. — Dizem que é um país muito formoso. E ao David irá bem desfrutar do ar marinho e conhecer meninos maiores e menores que ele, meninos e meninas.

— E esses meninos são Bedwyn? — perguntou Claudia, pronunciando o sobrenome Bedwyn como se referisse a um verme particularmente odioso. —E seu anfitrião vai ser o duque de Bewcastle?

— O mais provável é que nem sequer o veja — disse Anne. — E terei pouco ou nada que ver com os Bedwyn. Ao parecer haverá um bom número de meninos. Passar-me-ei o tempo na sala de jogos e na sala-de-aula, entretendo-os.

— Sem dúvida têm babás, governantas e preceptores para encher uma mansão — disse Claudia, sarcástica.

—Então uma mais não significará nada — repôs Anne. — Não podia me negar, Claudia. Joshua sempre foi muito bom conosco, e David o quer.

— Compadeço-o de todo coração — disse a senhorita Martin, sentando-se na outra poltrona próxima ao lar, frente ao da Susanna. — Tem que ser uma experiência terrível para ele estar casado com «essa mulher».

— E ter de cunhado ao duque de Bewcastle — acrescentou Susanna, sorrindo a Anne, com os olhos faiscantes de risada; inclusive lhe fez uma piscada quando Claudia não a estava olhando. —É uma grande lástima que esteja casado. Eu teria ido contigo para conquistá-lo. Segue sendo meu principal objetivo na vida me casar com um duque.

Claudia emitiu um suspiro, e logo se pôs a rir.

— Entre as duas me ides fazer arrancar os fios brancos da cabeça cada noite até que fique calva antes de cumprir os quarenta.

— Invejo-te, Anne — disse Susanna, deixando a um lado o chapéu e endireitando as costas. —A idéia de passar um mês junto ao mar em Gales é muito atrativa, né que sim? Se você não quiser acompanhar ao David o acompanharei eu. Levamo-nos às mil maravilhas.

Em seus olhos seguia a piscada travessa, mas Anne detectou certa tristeza em suas profundidades. A seus vinte e dois anos, Susanna era maravilhosamente formosa, com sua constituição miúda, pequena estatura, cabelo castanho avermelhado e olhos verdes. Tinha chegado à escola aos doze anos em regime gratuito, depois de ter fracassado em seu empenho de encontrar emprego em Londres como donzela de senhora simulando mais idade. Seis anos depois, ao terminar seus estudos, continuou na escola, pois a senhorita Martin lhe ofereceu um posto em seu corpo docente, e fez extraordinariamente bem sua transição de aluna a professora. Anne não sabia muito de sua vida anterior aos doze anos, mas sim sabia que Susanna estava absolutamente só no mundo. Jamais tinha tido nenhum galã, mesmo que fazia voltar às cabeças masculinas logo que punha um pé na rua. Embora fosse de natureza alegre, sempre havia nela um ar de tristeza que só podia perceber uma amiga íntima.

— Está total, totalmente segura, Anne, de que não preferiria ficar aqui a passar o verão? —perguntou Claudia. — Mas não, claro que não o preferiria. E tem toda a razão. David necessita a companhia de outros meninos, em especial de meninos; é uma oportunidade muito boa para ele. Vá, então, com minha bênção, embora não a necessita, e procura te manter tão afastada dos Bedwyn adultos como da peste.

— Juro-o solenemente — disse Anne, levantando a mão direita. — Embora o mais provável seja que ocorra ao reverso.

Capítulo 2

Em realidade, não era que se sentisse intimidado, dizia-se Sydnam Butler, mas de todos os modos se mudaria da casa Glandwr a casinha caiada com teto de palha situada no pequeno claro entre as árvores, não longe do escarpado e o mar por um lado e as portas do parque e o caminho de entrada pelo outro.

Em qualidade de administrador da propriedade, esses últimos cinco anos tinham vivido em seus espaçosos aposentos na casa principal, e continuava vivendo ali inclusive quando estava na casa o proprietário, o duque de Bewcastle. Bewcastle sempre vinha sozinho e jamais ficava aí mais de umas poucas semanas; durante essas visitas pelo geral se passava a maior parte do tempo sozinho, embora visitasse e convidava a vizinhos como ditam as normas de cortesia. Alguma hora desses dias as passava com seu administrador, posto que o motivo de suas visitas fosse ficar ao dia nos assuntos de sua propriedade, e normalmente o convidava para jantar com ele quando não tinha outra companhia.

Jamais se havia sentido ameaçado no mais mínimo por essas visitas, ainda quando Bewcastle era um amo severo e exigente. Mas posto que ele fosse um administrador eficiente e consciencioso e se orgulhava de administrar a propriedade galesa do Bewcastle como se fora a sua própria, nunca tinha havido nenhuma causa para sentir aborrecimento ou desagrado.

Mas a visita que se aproximava ia ser totalmente diferente às que estava acostumado. Esta vez o duque de Bewcastle traria sua mulher. Ele ainda não conhecia a duquesa de Bewcastle. Por seu irmão Kit, visconde de Ravensberg, que vivia na propriedade contigüa a Lindsey Hall, sabia que esta era uma jovem alegre, de bom caráter, famosa por seus dotes para fazer rir, inclusive a um tímpano de gelo perene como Bewcastle. E tinha ouvido dizer a sua cunhada Lauren, a viscondessa, que a duquesa queria a todo mundo e todos lhe correspondiam o sentimento, incluído o próprio Bewcastle, por incrível que parecesse isto às testemunhas de

semelhante fenômeno. Lauren tinha acrescentado que em realidade o duque ia a caminho de adorar a sua mulher.

Ele se sentia tímido com os desconhecidos, sobre tudo quando foram compartilhar o teto com ele. E assim que tinha começado a acostumar-se à idéia de que a duquesa acompanharia ao Bewcastle nesta determinada visita, quando recebeu uma breve carta do secretário de sua excelência lhe anunciando que também viriam todos outros Bedwyn, com seus respectivos cônjuges e filhos, há passar um mês junto ao mar.

Ele se tinha criado com os Bedwyn; todos tinham sido companheiros de jogo, apesar das grandes diferencia em idade: os revoltosos meninos Bedwyn, a enérgica Freyja, que sempre se negava a que a tratassem como a uma menina, a pequena Morgan que, embora fosse à menor de todos e garota, além disso, sempre encontrava a maneira de que a incluíssem nas travessuras, e eles, os irmãos Butler, Kit, ele e seu defunto irmanam mais velho, Jerome. Em realidade todos, à exceção do Wulfric, o atual duque de Bewcastle.

Portanto, não o intimidava a perspectiva de que viessem. Somente o afligia um pouco a idéia. Já estavam todos casados. Conhecia alguns dos cônjuges (lady Aidan, lady Rannulf, o marquês de Hallmere) e os encontrava bastante simpáticos a todos. E todos tinham filhos, além disso. Talvez se sentisse um pouco intimidado, essa era a causa. Os meninos eram muito pequenos, e era muito possível que o olhassem com medo, porque não entenderiam.

E além de todo o resto, estava o fato de que na casa, embora fosse muito grande, haveria muito bulício e atividade, com tantas pessoas indo e vindo e fazendo ruído.

Ele não se considerava um ermitão, de maneira nenhuma. Em qualidade de administrador do Bewcastle tinha que relacionar-se com todo tipo de pessoas por assuntos de seu trabalho. Também havia vizinhos aos que gostavam de consultá-lo sobre assuntos agrícolas e outros relativos a terra e a comunidade em que viviam todos. E tinham uns quantos amigos pessoais, em particular o padre galés da igreja e o professor d escola. Nesses cinco anos, uma ou duas mulheres tinham manifestado boa disposição a cercar uma relação com ele; ele não tinha animado esse interesse, logicamente. Não era nenhum segredo, supunha que ele era filho do conde de Redfield, rico e independente, mesmo que trabalhasse para fazer algo útil em sua vida. Tinha muito claro que era sua posição social e sua riqueza o que as animava a passar por cima de sua repugnância física que nenhuma delas tinha sido de tudo capaz de ocultar.

Sentia-se contente com a vida tranqüila, semi-isolada, que levava desde sua chegada a essa propriedade. Adorava essa parte do sudoeste de Gales, que em muitos sentidos delatava a influência inglesa, mas em que de todos os modos se ouvia essa melodiosa entonação ao pronunciar o inglês, quando não se ouvia falar o próprio idioma galés, e em que se percebia o amor ao mar e as montanhas, o amor pela música, e se observava uma profunda espiritualidade que denotava uma cultura ao mesmo tempo muito antiga e muito desenvolvida.

Desejava viver aqui o resto de minha vida. Perto dali havia uma casa com terreno, chamada Ty Gwyn, Casa Branca, embora em realidade fosse uma casa de verão construída em pedra cinza, que embora não formava parte de Glandwr, estava unida à propriedade e pertencia ao Bewcastle, pois a tinha comprado um duque anterior. Ty Gwyn não estava vinculada ao título. Era seu sonho e sua ilusão persuadir ao Bewcastle de que a vendesse. Então teria sua própria casa e terra, embora pudesse continuar trabalhando como administrador do Glandwr se Bewcastle assim o desejava.

Ter que suportar o bulício e a atividade de tantas pessoas reunidas em Glandwr seria muito pesado para ele, acostumado como estava à imensa e silenciosa casa desocupada. Portanto se mudaria a casinha caiada, pelo menos até que voltasse a desocupar a casa grande.

A verdade fora dita, chateava-lhe essa intrusão, até sabendo que não tinha nenhum direito a objetar que um homem viesse a sua casa com sua mulher, seus irmãos, irmãs e com quem fora que queria convidar.

Não esperava com ilusão esse verão.

Manter-se-ia afastado tudo o que fora possível. Pelo menos tentaria manter-se fora da vista dos meninos; não queria assustá-los. A pior sensação do mundo era ver medo, repugnância, horror e terror nas caras dos meninos e saber que era sua aparência a causa.

Um mês, tinha escrito o secretário do Bewcastle; trinta dias se entendiam literalmente a mensagem. Parecia-lhe uma eternidade.

Mas sobreviveria.

Tinha sobrevivido a coisas muito piores. Tinha passado dias, com suas noites, desejando não ter sobrevivido.

Mas tinha sobrevivido.

E nos últimos anos se alegrava disso.

Anne insistiu em fazer o comprido trajeto à propriedade do duque do Bewcastle em Gales no segundo carro do marquês, com os meninos e a babá, e continuou nele, mesmo que em cada parada Joshua e lady Hallmere a insistiam a subir ao deles. Preferia considerar uma criada e não uma convidada. Além disso, bom Deus, o duque e a duquesa nem sequer sabiam que ela vinha.

Essa era uma idéia que às vezes lhe produzia quase pânico. Era muito possível que manifestassem uma forte oposição, mesmo que ela se mantivera escondida nos aposentos dos meninos todo o mês.

Dedicou-se a entreter aos meninos, posto que a babá, embora bem disposta, sofria enjôos pelo movimento. Encarregou ao David que ajudasse ao Daniel a contar as vacas, ou as ovelhas que às vezes se viam pelos guichês, enquanto ela tinha a Emily na saia e jogava com ela a fazer palminhas acompanhando-se por cantos. Emily ria com uma risada rouca e alegre que adorava.

As ondulantes colinas do sul de Gales, o espetacular mosaico de verdes, castanhos e dourados que formavam os campos semeados cercados por sebes, e as águas do Canal de Bristol que se divisavam de tanto em tanto, recordavam-lhe que já estava muito longe de casa, e várias vezes desejou não ter vindo e ter deixado que David viesse sozinho com o Joshua e sua família.

Mas já era muito tarde para tornar-se atrás.

Chegaram a última hora da tarde do terceiro dia. O carro virou, saindo do caminho costeiro, com sua paisagem que lhe recordava Cornualles, passou por entre duas imensas portas abertas e continuou por um caminho de entrada que serpenteava entre arbustos e árvores e logo extensões de grama por cada lado. Pouco depois de passar pelas portas alcançou a divisar entre as árvores uma simpática casa com teto de palha. Entristecida, pensou que seria muito feliz se pudesse manter-se escondida nessa casinha todo o mês, bem longe da casa principal.

Daniel e Emily finalmente dormiram no assento de frente, Emily nos braços da babá.

De repente, David, que ia calado a seu lado com um lado do rosto apoiado no cristal, puxou a manga e apontou.

— OH, olhe, mamãe.

Anne girou a cabeça e olhou. Já se via a casa, e sua vista não lhe acalmou nada o revôo que sentia no estômago, como se tivesse nele mariposas dançando. Efetivamente, Glandwr era uma imensa mansão de tijolo cinza de uso paladino, imponente e bela ao mesmo tempo. Entretanto, pensou, nem sequer era a casa senhorial da sede do duque. O duque só passava uma ou duas semanas ali ao ano, havia-lhe dito Joshua.

Como podia alguém ser «tão» rico?

— Uy, não vejo as horas — exclamou David, com os olhos aumentados e as bochechas avermelhadas — Estarão aqui já os outros meninos?

Logicamente ele não sentia nenhum dos receios e dúvidas dela. Só sentia entusiasmo pela perspectiva de

ter outros meninos com quem jogar todo um mês.

Felizmente, a chegada ocorreu em meio de um alegre alvoroço, porque ao mesmo tempo em que os três carros se detinham no amplo terraço de cascalho ante a porta principal, baixaram os passageiros, os lacaios se encarregaram da bagagem, e da casa saíram muitíssimas pessoas a recebê-los. Entre eles Anne reconheceu a figura alta e morena de lorde Aidan Bedwyn, com seu porte militar, e à morena e formosa lady Morgan Bedwyn, cujo apelido de casada não recordava. Tinha-os conhecido na Cornualles fazia quatro anos.

Daniel, que acabava de despertar, com as bochechas brilhantes, não perdeu tempo em agarrar da mão ao David para colocá-lo no meio do bulício e alvoroço das saudações. Ao ver como se saudavam, qualquer teria acreditado que essas pessoas não se viam desde fazia uns dez anos e não só desde fazia uma semana ou algo assim. Anne decidiu deixar ao David abandonado a sua sorte e se apressou a entrar na casa por uma porta lateral com a babá.

Não tinha o menor desejo de que a confundissem com uma convidada.

Mas não ia passar inadvertida, descobriu muito em breve. A ama de chaves chegou a procurá-la quando levava um momento na planta dos aposentos dos meninos, ajudando ao David a instalar-se na imensa habitação que compartilharia com o Davy e Alexander, e observando sua felicidade e entusiasmo enquanto conhecia todos os meninos, comportando-se como se tivesse sido um deles toda sua vida.

David estava em boas mãos, disse-se, enquanto seguia à ama de chaves para a planta de abaixo. Esta a fez entrar em um dormitório bastante grande, com móveis cômodos, cama com dossel e bonitas cortinas floreadas na janela com vistas ao mar na distância.

Consternada viu que essa era sem dúvida alguma uma habitação para hóspedes, não para criados. Antes de chegar deveria ter esclarecido com o Joshua e lady Hallmere qual seria sua posição ali. Deveria lhes haver deixado claro que desejava que a considerassem como da servidão, ou pelo menos uma mais das babás ou governantas, se é que havia alguma governanta. Mas claro, tinha suposto que isso não era necessário dizê-lo.

— Espero não lhe haver causado muito problema — se desculpou sorrindo — ao chegar assim tão inesperadamente.

— Senti-me encantada, senhora, quando o senhor Butler me disse que o duque e a duquesa viriam com um grupo numeroso — disse a ama de chaves com um marcado acento galés. — Não vemos gente com freqüência por aqui. O senhor Butler contratou pessoal extra e eu fiz preparar todas as habitações no caso de precisar. Assim não foi nenhum problema. Sou a senhora Parry, senhora.

— Obrigado, senhora Parry. Que vista tão formosa.

— Pois sim, embora as vistas das habitações de atrás são igual de maravilhosas. Vai precisar assear-se e talvez descansar um momento, senhora. Enviarei a uma donzela para que lhe desfaça a bagagem.

— Não é necessário — se apressou a dizer Anne. Céus, não era uma verdadeira convidada; não tinha direito aos serviços de uma donzela. — Mas a idéia de descansar é muito atrativa.

— Os caminhos não são como deveriam por aqui, verdade? — comentou a senhora Parry. — Embora, o bom Senhor sabe, sim há muitas barreiras de pedágio para pagar as reparações. Seguro que com tantos saltos pelos buracos ficou com os ossos desfeitos. A deixo sozinha, então, senhora. Mas se depois desejar baixar ao salão, simplesmente puxe deste cordão e virá alguém para lhe indicar o caminho. Antes do jantar enviarei à donzela para que a ajude a vestir-se e lhe explique a maneira de chegar ao salão. Oferecerá-lhe algo mais?

— Não, nada, obrigado-respondeu Anne sorrindo outra vez.

Baixar ao salão? Jantar no salão?

O que haveria dito Joshua dela? De maneira nenhuma podia esperar que ela alternasse com a família Bedwyn, que lhe fizesse reverências ao duque e à duquesa do Bewcastle. Ou sim podia esperá-lo? Mas com o Joshua nunca se sabia; tinha umas idéias muito suas a respeito dela e do David.

Tirou as coisas de seu modesto baú e guardou tudo; inclusive descobriu um closet comunicado com o dormitório. Quando terminou voltou a cama, mas mais porque não sabia o que outra coisa fazer que porque estivesse cansada.

Alegremente ficaria ali como uma covarde todo o mês, se lhe dava a oportunidade, pensou. Mas, por desgraça, já era tarde para voltar a desejar haver ficado em Bath.

Em meio de sua aflição, ficou dormida.

Quando despertou, sem saber quanto tempo tinha transcorrido, baixou-se imediatamente da cama e se lavou as mãos e o rosto. Se chegar a prometida donzela talvez não poderia evitar baixar para jantar. Não podia fazer isso, de maneira nenhuma. Tinha uma fome canina, descobriu, mas encontrava preferível estar faminta e só antes que jantar com o duque e sua família.

Céu santo, é que Joshua supunha que ia ser bem acolhida entre gente de sua classe social? Como igual?

Colocou os sapatos para sair e se envolveu em uma capa se por acaso o ar do mar estava frio. Não poderia evitar as horas de refeição todo o mês, claro, mas talvez ao dia seguinte, quando estivesse mais descansada e ao mando de si mesmo, poderia lhe sugerir à ama de chaves que dispusesse as coisas de outra maneira quanto a seu alojamento e refeição.

Saiu da habitação, baixou sigilosamente pela escada de trás e saiu pela porta lateral por onde tinha entrado na casa. Pôs-se a caminhar a toda pressa pelo caminho de entrada, sem saber aonde ia, embora isso não lhe importava com tal de que fora o bastante longe para que não a vissem da casa. Muito pouco além da casinha com teto de palha, justo antes de ter que decidir se saía do parque ou se voltava, viu um atalho bem esboçado à direita, que devia levar ao mar que tinha visto da janela do dormitório.

Tomou esse atalho e não demorou muito em encontrar-se no alto de um escarpado, de onde se via o mar abaixo, e a cada lado do atalho erva sem cuidar e uns quantos matagais de tojo e outras flores silvestres.

Novamente isso lhe recordou Cornualles. Abaixo havia uma larga praia de areia dourada.

Saiu do atalho e esteve um momento de pé ao bordo do escarpado; depois se sentou em uma cavidade protegida por rochas de onde podia contemplar o mar, que estava em calma e quase translúcido à luz do entardecer, embora na borda se viam as linhas brancas das espumosas ondas ao romper na praia. A praia se estendia em um amplo arco dourado. À esquerda a praia terminava com uma língua de terra que entrava no mar convertendo-se ao final em uma imensa massa rochosa. À direita, a arenosa praia continuava umas quantas milhas até acabar por outra língua de terra coberta de erva, que semelhava um dragão corcunda com a cabeça levantada desafiando ao mar com um rugido.

Ainda sentia falta da Cornualles, compreendeu. Tinha-o amado, ainda com todo o sofrimento que teve que suportar durante o tempo que esteve ali.

O mar possuía alguma coisa que sempre lhe falava com seu espírito. Em certo modo lhe recordava sua pequenez ante a grandiosidade da ordem das coisas no Universo, e, entretanto, curiosamente, essa idéia lhe resultava consoladora: não a fazia sentir-se pequena nem sem valor. A fazia sentir-se parte de algo grande, ante o qual suas pequenas aflições e preocupações perdiam importância. Quando estava perto do mar podia acreditar que tudo estava bem e que, em certo modo, sempre o estaria.

Poderia ter vivido feliz e contente na Cornualles o resto de sua vida se não...

Bom, estava esse se não...

Não teria vivido ali toda sua vida, em todo caso. Naquela época ia se casar com o Henry Arnold, e ele vivia na Gloucestershire, onde ela se criou.

Continuou sentada ali um bom momento, até que caiu na conta de que já começava a anoitecer. De repente se alegrou de haver colocado a capa. O dia tinha estado caloroso, mas já estava obscurecendo e a brisa que subia do mar era fresca e ligeiramente úmida; cheirava e tinha sabor de sal.

Levantou-se, voltou para o atalho que seguia a direção do escarpado e pôs-se a caminhar, com o rosto levantado para sentir a brisa, olhando alternativamente a beleza do céu cada vez mais escuro e a correspondente beleza do mar, que parecia absorver a luz do céu voltando-se prateado à medida que se acentuava a cor cinza acima: um dos pequenos mistérios do Universo.

Se fosse pintora, pensou, detendo-se para contemplá-lo com os olhos entrecerrados, captaria com seu pincel esse efeito da luz antes que obscurecesse de tudo; mas nunca tinha tido muito talento artístico. Como dizia sempre, sua visão artística morria em alguma parte entre seu cérebro e sua mão. Além disso, em um tecido não se poderia captar jamais o aroma salobre do ar nem a ligeira carícia da brisa, nem os agudos chiados das gaivotas agarradas à parede formada pelo escarpado e que de tanto em tanto revoavam por acima.

Só quando reatou a marcha pelo atalho caiu na conta de que não era a única pessoa que estava aí tomando o afresco. Mais à frente havia um homem de pé sobre um pequeno promontório. Estava contemplando o mar, totalmente inconsciente da presença dela.

Ficou absolutamente imóvel, indecisa, sem saber se voltar-se, com a esperança de que ele não a tivesse visto, ou passar a toda pressa perto dele, limitando-se a saudá-lo brevemente, e com a esperança de que não a detivera mais momento.

Não o tinha visto antes, seguro. Não era nem lorde Aidan nem lorde Alleyne. Mas o mais provável é que fora um dos outros Bedwyn, ou o marido da outra irmã. Ao fim e ao cabo era a propriedade do duque, embora era possível que ele permitisse a pessoas alheias à família vagar fora dos limites do cuidadoso parque.

Estava começando a obscurecer. Havia luz para vê-lo. E enquanto o olhava encontrou difícil decidir se retroceder ou avançar. Portanto continuou ali imóvel, olhando-o.

Não vestia traje de noite. Levava meias e botas de cano alta, colete e jaqueta rodeada, camisa e gravata brancas. Não levava chapéu. Era um homem alto, de ombros largos, talhe e quadris esbeltos e pernas potentes, muito musculosas. Seu cabelo moreno curto estava revolto pela brisa.

Mas era seu rosto, visto de perfil, o que a tinha pasmada, fascinada. Com seus rasgos belamente cinzelados, era um rosto extraordinariamente bonita. Veio-lhe à mente a palavra «formosa», ao parecer inadequada para descrever a um homem. Poderia ser um poeta, ou um deus.

Muito bem poderia ser, pensou o homem mais formoso sobre o que tinha posado os olhos em toda sua vida.

Sentiu um intenso desejo de lhe ver todo o rosto, mas era evidente que ele seguia totalmente inconsciente de sua presença. Parecia estar imerso em um mundo próprio, um mundo que o fazia permanecer imóvel, e sua silhueta começava a recortar-se mais nítida contra a luz cinza do céu já escurecido.

Anne sentiu agitar-se algo em seu interior, algo que tinha dormido aí anos e anos; algo que devia continuar dormido. Céu santo era um absoluto desconhecido, e se era acertada sua hipótese, era o marido de alguém. Não era um homem em torno do qual forjar-se fantasias românticas.

Mas não podia simplesmente retroceder, decidiu. Seguro que ele a veria e encontraria estranha sua conduta, inclusive descortês. Só podia continuar caminhando e esperar que um simpático «boa noite» bastasse para passar por seu lado, sem necessidade de apresentações nem a vergonha de ter que voltar para a casa acompanhada por ele, trafegando os miolos para encontrar um tema de conversação.

Seria talvez o marido de lady Morgan? Ou lorde Rannulf Bedwyn? Ou o próprio duque do Bewcastle? Ai, Meu deus, penso que não seja o duque, por favor. Dizia-se que era um homem muito arrumado.

Então se arrependeu de não ter decidido retroceder. Mas já era muito tarde para isso. Quando se ia aproximando, seguindo o atalho que passava por detrás do promontório, ele a sentiu e se girou com certa brutalidade para ela.

Ela se deteve a menos de 5 metros de distância dele. E então voltou a ficar pasmada, mas esta vez de horror. A manga direita da jaqueta, vazia, estava presa ao flanco. Mas era o lado direito de seu rosto o que a horrorizou. Talvez era um truque da mortiça luz do anoitecer, mas dava a impressão de que não tinha nada nesse lado do rosto, embora depois recordou ter visto um emplastro negro no olho.

Era um homem com a metade do rosto; o lado esquerdo tão extraordinariamente formoso parecia grotesco ao não ter lado direito para equilibrá-lo. Era o belo e a besta unidos em um. E de repente essa altura, essas potentes coxas e esses largos ombros lhe pareceram mais ameaçadores que atrativos. E também repentinamente, toda a beleza dessa crescente escuridão e aprazível solidão lhe pareceu infestada de perigos, da ameaça de um mal desconhecido.

Acreditou ver que ele dava um passo para ela. Não ficou para ver se dava outro. Girou bruscamente sobre seus talões e pôs-se a correr, deixando atrás o atalho e o escarpado, avançando a tropicões pelo acidentado terreno, amassando-a capa, chocando-se com os matagais de tora, sentindo as espetadas dos ramos nas pernas. As meias ficariam feitas pedaços, recordou-lhe uma voz interior.

As árvores que rodeavam o parque se viam negros e ameaçadores quando ia passando por entre eles, e faziam todo tipo de ruídos, como se queriam revelar por aonde ia. Quando chegou à parte de grama lhe pareceu imensa e muito desprotegida, mas não tinha outra alternativa que continuar correndo por cima, com a esperança de chegar a uma distância da casa de onde ouvissem seus gritos se lhe dava alcance.

Mas já tinha remetido o primeiro terror, e quando olhou rapidamente atrás por cima do ombro, assustada, comprovou que estava totalmente sozinha, que ele não a tinha seguido. E ao dar-se conta disso recuperou em parte a sensatez.

E sentiu uma terrível vergonha.

É que era uma menina pequena para acreditar em monstros?

Ele era simplesmente um homem que devia ter sofrido algum acidente horroroso. Tinha saído a tomar o afresco, como ela. Estava imerso em seus assuntos, desfrutando de sua solidão, contemplando em silêncio a vista, talvez tão impressionado por sua beleza como se sentiu ela. Não havia dito nem feito nada nem remotamente ameaçador, além de dar um passo para ela, talvez com a intenção de lhe dar as boa noite e continuar seu caminho.

Então se sentiu profundamente humilhada.

Tinha fugido dele porque estava aleijado, por seu rosto mutilada. Tinha-o acreditado um monstro simplesmente pela força de sua aparência externa. Ela, que tinha fama por sua ternura para tratar aos fracos e aleijados. Quando decidiu trabalhar como governanta, de propósito escolheu um emprego em que tinha que educar a uma menina que não era normal segundo a definição de normalidade inventada pela sociedade. E quis muitíssimo a Prue Moore. Ainda a queria. E vivia inculcando às garotas da escola e ao David sua convicção de que todo ser humano é uma alma preciosa, digna de respeito, cortesia e carinho.

Entretanto tinha fugido aterrada porque o homem cujo perfil parecia o de um deus, olhado pelo lado esquerdo, tinha horrivelmente mutilado o lado, direito. Faltava-lhe o braço direito. O que tinha suposto que lhe faria?

A fome e a vergonha a fizeram sentir-se um pouco enjoada. Fechou os olhos, fez umas quantas inspirações profundas de ar marinho e depois abriu os olhos e, resolutamente, pôs-se a caminhar voltando-se por onde tinha vindo.

Já tinha escurecido quase de tudo, o qual significava que não deveria andar vagando assim por território desconhecido. Mas tinha que voltar, para emendar as coisas se era possível.

Quando chegou ao atalho que tinha seguido antes olhou ao redor para orientar-se e lhe pareceu que isso que via mais à frente era o promontório. Voltou a olhar à direita e à esquerda e decidiu que sim, que esse era

sem dúvida o lugar onde o viu.

Mas já não estava.

Não conseguiu vê-lo por nenhuma parte.

Continuou um momento aí, com a cabeça encurvada. Poderia lhe haver dito «boa noite» e inclinado a cabeça em gesto amistoso. O mais seguro era que lhe tivesse correspondido a saudação da mesma forma. E então poderia ter contínuo seu caminho, satisfeita de sua conduta, e lamentando o que fora que destruiu a beleza a ele.

Mas tinha fugido dele, fugido com medo e repugnância. Como se sentiria ele? Tratar-no-iam assim também outros? Pobre homem. Pelo menos as feridas dela eram interiores, invisíveis. Às vezes as pessoas, em especial os homens que a tinham olhado com admiração e interesse, fugiam-na quando se inteiravam do que era: uma mãe solteira, mas pelo menos podia caminhar pela rua, ou pelo atalho de um escarpado sem que ninguém lhe voltasse as costas e fugisse horrorizado ao vê-la.

Como pôde fazer isso? Como pôde? E agora se sentia justamente castigada por sua covardia ao fugir da casa. Tinha sido descortês, pior ainda! Com um ser humano que não a tinha ofendido nem ferido de maneira nenhuma.

Talvez, pensou, quando já ia caminhando de volta à casa, fora um forasteiro que ia passando e simplesmente entrou por acaso nos terrenos do duque. Talvez não voltaria a vê-lo nunca mais.

Desprezou-se por desejar que fora assim.

Seria um justo castigo, pensou, quando já estava perto da casa e o estômago lhe grunhia que o enchesse com algo, que se fora à cama faminta.

Em toda a noite não conseguiu tirar-se da cabeça ao homem mutilado. A três para quatro despertava pensando nele.

Pobre homem. Como seria levar a vista de todo o sofrimento e uma deformidade assim? Aah, que somente tinha que sentir-se.

Pobre homem.

Mas essa beleza! Essa perfeição física tão cruelmente destruída!

Sydnam ficou onde estava contemplando sua fuga. Por um momento considerou a possibilidade de segui-la, mas com isso só lhe aumentaria o terror.

Além disso, não se sentia absolutamente bem disposto para ela.

Quem demônios seria? Lady Alleyne Bedwyn talvez? Mas o que andava fazendo sozinha por esses lados? Por que não a acompanhava Alleyne? E ninguém a tinha advertido de quão monstruoso era o administrador do Bewcastle?

Ele tinha estado em outro mundo. Ou melhor, dizendo, neste, absolutamente imerso nos pasmosos últimos momentos do dia, com o sol que acabava de perder-se detrás do horizonte, mas ainda não chegava a escuridão da noite. Era todo um espetáculo de cinzas, prata e majestade. Sentiu comichão na mão direita por apertar com mais força o pincel para reproduzir a cena, tal como a via e tal como a sentia, mas conseguiu resistir o desejo de flexionar os dedos dessa mão, porque sabia que logo que o fizesse, teria que reconhecer, uma vez mais, que era uma mão fantasma a que levava ao lado, que já não tinha nem mão nem braço direitos, tal como tampouco tinha o olho direito. E não havia nenhum pincel. Teria que ter reconhecido que sua visão dessa cena estava distorcida, em profundidade e perspectiva, posto que o alcance de sua vista já não lhe dava a informação correta a sua alma de artista.

Mas ainda não tinha chegado ao momento desse reconhecimento. Seguia sentindo-se transportado pela beleza. Seguia imerso na ilusão de felicidade.

E então algo, um movimento que captou pela extremidade do olho, talvez uma pegada que ouviu,

devolveu-o bruscamente à realidade e percebeu que já não estava sozinho.

E quando se v irou, aí estava ela.

Ou talvez a brusca volta à realidade ocorreu um instante depois que se girasse.

Porque no instante anterior a que lhe ocorresse, a mulher que estava detida no atalho lhe pareceu parte da beleza do anoitecer. Via-se alta, esbelta, e a capa agitada pela brisa deixava ver um vestido de cor clara. Não levava chapéu. Era formosa, de cabelo claro, talvez loiro inclusive, rosto ovalado, olhos azuis, embora, a verdade seja sorte, tinha-a visto com seu único olho e a uns 5 metros de distância e na semi escuridão, por isso não podia estar seguro de ter observado corretamente, em especial no relativo à cor de seus olhos.

Pareceu-lhe a beleza personificada. Por um momento pensou...

Ah, o que foi que pensou?

Que tinha saído da noite para entrar em seus sonhos?

Era vergonhoso pensar sequer que isso foi talvez o que acreditou que havia o trazido bruscamente de volta à realidade.

Mas sim deu um passo para ela sem dizer uma palavra. E ela estava imóvel aí, como se o estivesse esperando.

E então viu o horror em seus olhos. E então ela se girou e pós a correr aterrada.

Mas o que tinha esperado? Que ela, sorrisse e lhe abrisse os braços?

Continuou olhando-a e voltou a ser novamente Sydnam Butler, grotescamente feio, com o olho direito desaparecido e as cicatrizes moradas das velhas queimaduras nesse lado do rosto, que lhe paralisavam a maioria dos nervos dessa parte e continuavam para baixo pelo flanco sem braço até o joelho.

Era Sydnam Butler, o homem que jamais voltaria a pintar e para quem nenhuma mulher formosa sairia da noite.

Mas já fazia tempo que tinha deixado atrás a auto compaixão, embora ainda experimentava momentos de ressentimento como esse, quando tinha as defesas baixas, e estes chegavam para atormentá-lo como um perseverante e desagradável hóspede não convidado. Demoraria uns dias em recuperar seu equilíbrio, em recordar que agora era Sydnam Butler, o melhor e mais eficiente administrador dos vários que empregava Bewcastle para levar suas diversas propriedades. E essa era uma avaliação do próprio duque, não dele.

Era Sydnam Butler, que tinha aprendido a viver sozinho.

Sem um pincel em sua mão direita inexistente.

Sem uma mulher para sua cama ou seu coração.

Não ficou no promontório. Tinha desaparecido a magia. O prateado já estava substituído por um asqueroso cinza que logo seria negro. No céu já não Luzia nem sequer uma lembrança do pôr-do-sol. A brisa se tornou fria. Era hora de voltar para casa.

Pôs-se a andar pelo atalho por onde tinha vindo a mulher. Já tinha caminhado uns quantos passos quando caiu na conta de que ia coxeando outra vez. Resolutamente fez o esforço e afirmou o passo para não coxear.

Estava mais contente que nunca por haver-se mudado a casinha caiada. Gostava dessa casa. Inclusive poderia seguir vivendo aí depois que partissem Bewcastle e todos outros. Uma pequena casa rural com uma cozinheira, um ama de chaves e uma ajudante de câmara é tudo o que necessita um homem solteiro para sua comodidade.

Tardiamente lhe ocorreu pensar que não tinha visto nada grandioso nem na capa nem no vestido da mulher. E não levava um penteado complicado. Então tinha que ser uma das criadas vinham com os visitantes. Tinha que ser. Não podia ser lady Alleyne, porque esta já estaria jantando ou no salão com o resto da família.

Sentiu-se aliviado ao compreender que só era uma criada; assim seriam menos as possibilidades de voltar

a vê-la. Não lhe cabia dúvida de que sempre que tivesse algum tempo livre, ela evitaria ir aos escarpados e à praia, onde poderia voltar a encontrar-se com o monstro do Glandwr.

Esperava não voltar a vê-la nunca mais, não ter que olhar esse formoso rosto e ver a repugnância nela.

Em um momento de descuido, tinha ansiado aproximar-se dela com todo seu corpo e sua alma.

Vexado, pensou que era provável que lhe invadisse os sonhos nas próximas noites.

Se soubesse quanto tempo pensava ficar Bewcastle na propriedade, pensou ao entrar na casa e fechar a porta com imenso gosto, poderia começar a contar os dias, como um menino à espera de um presente desejado durante muito tempo.

Capítulo 3

Simplesmente desapareceu da face da terra - explicou Joshua. — Não estava em sua habitação, não estava na sala dos meninos, e tampouco estava no salão nem na cozinha.

— Eu acredito que se sente intimidada por nós — disse Gervase, conde de Rosthorn, marido de Morgan, enterrando a faca em seu bacon. — Ou por todos vós Bedwyn — acrescentou rindo.

— Ah, mas não tem por que — disse Eve, lady Aidan Bedwyn. — Somos pessoas muito simples. Mas é possível que tenha razão, Gervase. Eu recordo um tempo em que me sentia intimidada.

— Eu também — acrescentou Judith, lady Rannulf, com muito ardor.

— E agora está tomando o café da manhã na sala dos meninos? — perguntou Christine, a duquesa de Bewcastle.

— Ooh, envergonha-me muito ter permitido que ocorra isso. Ontem deveria me haver esforçado mais em encontrá-la para lhe dar a bem-vinda a nossa casa. Os dois deveríamos ter feito isso, Wulfric. Subirei imediatamente a vê-la.

— Talvez devesse lhe dar tempo a que acabe seu primeiro café da manhã, Christine — sugeriu lorde Aidan Bedwyn. — Tem que recordar que é a «duquesa», e verte poderia lhe tirar o apetite.

A maioria dos reunidos ao redor da mesa encontraram digno de risada esse comentário. O duque agarrou a manga de seu monóculo e o levantou para colocar o no olho, mas voltou a deixá-lo na mesa ao ver que sua duquesa, muito longe de sentir-se ofendida, estava rindo também.

— Foi negligência da Freyja e Joshua deixar que perdesse uma de nossas convidadas ontem — disse. Simplesmente levantou um dedo para indicar ao lacaio que lhe voltasse a encher de café a taça.

— Te recomendaria Christine, que encontrasse à senhorita Jewell e a convidasse para jantar conosco esta noite.

— E deveria lhe explicar Christine — acrescentou lorde Rannulf, com um largo sorriso — que um convite do Wulf equivale a uma ordem imperial. Deixe-lhe claro a pobre mulher que não tem nenhuma outra opção.

— E falando de cadeiras desocupadas no jantar de ontem à noite - disse lorde Alleyne — o que ocorreu ao Syd? Esperei com muita ilusão voltar a lhe ver, mas até o momento não consegui pôr os olhos nele.

— Eu acredito Alleyne, que deve me ter medo — disse a duquesa, como pedindo desculpas.

Essa declaração provocou outro estalo de risadas entre os reunidos ao redor da mesa de café da manhã, e um altivo levantamento de sobrancelhas por parte do duque.

— Comportou-se muito bem quando chegamos — explicou a duquesa. — Estava no terraço de entrada esperando para nos saudar. Mas depois desse momento não tornei a lhe ver. Ontem à noite, já passada a hora de jantar, enviou uma desculpa por não ter vindo. Ao parecer acabava de chegar a sua casa quando

encontrou nosso convite.

— Uva sem semente igual não conheci — leyne — que não é o mais agradável do mundo ir jantar em companhia quando se tem um só braço, e esse braço é o esquerdo.

— Se esse foi seu motivo para não vir — disse Freyja, carrancuda — é necessário ter uma boa conversa com ele. Syd sempre foi o calado entre nós, mas nunca foi um covarde.

— Como o testemunha a maneira como adquiriu suas feridas — acrescentou Aidan, sarcástico.

— Lembro quando o vi aprendendo a cavalgar outra vez, depois que recuperou a saúde - comentou Rannulf. — A manhã que estive ali, em Alvesley, devia ter tentado montar trinta vezes, das que caiu vinte e nove, até que por fim conseguiu sustentar-se seguro na cadeira. Mas não permitiu que nem um moço nem eu nos aproximássemos de menos de três metros. E isso só foi aprender a montar de novo.

— OH, pobre cavalheiro! — exclamou Rachel. — Recordo minhas aulas quando Alleyne insistiu em que aprendesse a montar, e isso que eu tinha meus dois braços. Estava convencida de que antes de aprender me quebrariam todos os ossos do corpo, mesmo que nunca caí ao chão. — E eu desfrutava muitíssimo te dando alcance, Rache — disse seu marido, agitando as sobrancelhas para ela.

— Nunca chame «pobre» ao Sydnam, quando ele esteja presente, Rachel — a aconselhou Freyja.

— Nem te ocorra.

— Wulfric — disse a duquesa muito séria inclinando-se sobre a mesa para ele, que estava em frente, na outra cabeceira — esta manhã vais ver o senhor Butler por assuntos da propriedade, verdade? Convida-o para jantar outra vez. Não deve considerar um criado, mesmo que seja seu administrador. Disse-me que tomou esse posto só porque pensava que devia fazer algo útil em sua vida.

— Seus desejos são ordens para mim, como sempre, carinho — disse o duque.

— O convidarei. Ou melhor, dizendo, se tivermos que acreditar no Rannulf, darei-lhe uma ordem ducal.

— Assim que esta noite vamos ter dois convidados relutantes — disse Rannulf sorrindo.

— Talvez devesse sentá-los juntos, Christine. Assim poderão compadecer-se mutuamente.

— vais pôr idéias nas cabeças das senhoras, Ralf — disse Gervase fazendo uma careta teatral.

— Vais voltar às casamenteiras outra vez.

Aidan emitiu um gemido.

— Mas a última vez que o tentamos — acrescentou Alleyne — tivemos um êxito extraordinário. Se não o tivéssemos tido, Christine não estaria sentada à mesa conosco. Tampouco seria a duquesa de Bewcastle.

A duquesa pôs-se a rir.

O duque deixou a taça de café no pires e voltou a levantar seu monóculo.

— Parece que esse golpe na cabeça que te deixou sem memória uns quantos meses, Alleyne, deixou-te a tendência a ocasionais ilusões enganosas. A duquesa de Bewcastle está sentada à mesa aqui porque eu a cortejei e a conquistei.

Dizendo isso colocou o monóculo ante um olho e através dele olhou muito sério a sua mulher, que estava na outra cabeceira sorrindo meigamente, enquanto sua família voltava para rolar de rir.

— Agora tenho que subir a perturbar o apetite da pobre senhorita Jewell — disse então a duquesa, levantando-se. — Mas espero que o susto lhe dure só um instante. Tem toda a razão, Eve, só somos pessoas simples. E ela tem todo o direito a estar aqui conosco. O pai de seu filho era primo do Joshua.

— Feito que tenha a prudência de não mencionar quando ela esteja presente, Christine — a advertiu Joshua. — Albert nunca foi uma pessoa de sua predileção. Nem minha, se for por isso.

— E por muito bons motivos — acrescentou Eve. — Irei contigo, Christine, se te parecer. Conheci a senhorita Jewell quando estivemos na Cornualles, o ano em que Freyja se comprometeu com o Joshua.

— Eu também — disse Morgan, jogando atrás a cadeira com as curvas dos joelhos. — Recordo que me

caiu muito bem. Eu também irei.

— Pobre mulher — comentou Aidan. — Apostaria que tinha a esperança de estar escondida na sala dos meninos todo o mês.

Quando chegou uma donzela para ajudá-la a vestir-se para o jantar, Anne a recebeu com certo sobressalto, porque não sabia o que fazer com ela. Jamais tinha tido uma donzela pessoal a seu serviço, e já pôs seu melhor vestido de seda verde.

— Arrumarei-lhe o cabelo, senhora, se lhe parecer — se ofereceu a garota.

Obediente mente, foi sentar se na banqueta ante a penteadeira.

Tinha passado um dia não de tudo desagradável, pensou, embora dentro da casa, porque caía uma fina garoa. Tinha ajudado a organizar jogos para os meninos, embora não tinha sido a única em fazer isso. Com o passar do dia tinha conhecido a quase todos os membros da família Bedwyn, à exceção do próprio duque. Todos tinham filhos e em algum momento fizeram ato de presença na sala dos meninos e ficaram a jogar com eles, ou para que os meninos jogassem com eles.

Todos a trataram com cortesia, mesmo que ela se manteve o mais afastada possível deles.

Mas não pôde evitar o jantar dessa noite com a família. A duquesa lhe fez um convite pessoal, a que foi impossível negar-se.

— Tem um cabelo muito formoso, senhora — disse a donzela quando o estava escovando depois de lhe tirar as forquilhas.

Tinha o cabelo cor mel, abundante e brandamente ondulado quando o levava solto. Sua glória suprema chamou-o Henry Arnold uma vez, não com muita originalidade, com um brilho de admiração e de algo mais nos olhos. E depois outra pessoa disse o mesmo enquanto enrolava o cabelo em seus dedos... O dia que já não lhe coube dúvida de que estava grávida, o cortou com uma tesoura pequenas de bordado. Após não havia o tornado a cortar, a não ser para um ocasional recorte das pontas.

Via-se distinta com o cabelo solto, não recolhido em seu recatado e pulcro coque de sempre. Isso sabia, e pelo geral evitava se olhar no espelho enquanto o recolhia para fazer o coque. Com o cabelo sobre os ombros se via... Voluptuosa. Seria esse o adjetivo correto? O mais provável é que o fora, embora fosse uma palavra que detestava. Detestava seu cabelo claro e brilhante, seu rosto ovalado com grandes olhos azuis, nariz reta, maçãs do rosto altos e lábios cheios. Detestava seus peitos cheios, sua cintura estreita, seus quadris bem formados e suas pernas largas e esbeltas.

Em outro tempo adorava que a chamassem formosa, e isso o ouvia com freqüência. Mas sua beleza se converteu em sua maldição.

— Já está senhora — disse a garota por fim, retrocedendo para admirar sua obra no espelho.

Tinha-lhe feito cachos, cachos de cabelo e tranças, lhe convertendo o cabelo em uma criação maravilhosamente artística.

— Está tão formosa para atrair a um lorde. É uma lástima que todos os que estão aqui já estejam casados. Mas está o senhor Butler, e é o filho de um lorde, mesmo que ele seja um simples senhor Butler, não um lorde.

— Então, se o senhor Butler se apaixonar apaixonadamente de mim a primeira vista esta noite, e me oferece sua mão, seu coração e sua fortuna antes que acabe a noite, terei que lhe agradecer a você, Glenys.

As duas puseram-se a rir.

— E quem é o senhor Butler?

— É o administrador. É... mmm..., bom, não importa. Mas não sei se estará aqui esta noite. Igual tenho feito todo este trabalho para nada — suspirou. — Mas não importa. Posso voltar a fazê-lo para outra ocasião. E seguro que haverá visitas outras noites, diz a senhora Parry. Sempre as há quando vem o duque. Talvez haja

festas também, já que agora vieram a duquesa e outros. Farei-lhe um penteado muito especial se houver uma festa.

— E este não é especial? — perguntou Anne, apontando a seu penteado e rindo para ocultar sua inquietação.

Esse penteado lhe realçava os rasgos do rosto e fazia destacar seu comprido pescoço.

— Espere e verá — disse Glenys muito fresca. — Agora será melhor que baixe senhora. Demorei um pouco mais do que devia. A senhora Parry vai se zangar comigo se chegar com atraso e não me permitirá vir aqui outra vez.

Anne se sentia muito ostentosa e chamativa enquanto ia baixando a escada para dirigir-se ao salão, embora supusesse que se veria extraordinariamente singela comparada com as outras damas que sem dúvida vestiriam roupa elegante. Também sentia uma especial resistência a pôr um pé diante do outro ao caminhar. Mas o que outra opção tinha?

Talvez depois dessa noite pudesse desvanecer-se nas sombras.

Quando chegou à porta aberta do salão, olhou para todos os lados, nervosa, se por acaso via o Joshua, mas foi à duquesa a que pôs-se a caminhar a toda pressa para ela.

A duquesa de Bewcastle tinha sido uma surpresa para ela. Levava o cabelo moreno curto e encaracolado, e era muito bonita, embora sua beleza procedesse mais de sua alegre vitalidade que de qualquer atributo físico especial. Sorria com freqüência e em seus olhos parecia haver uma faísca permanente, e não havia nada em suas maneiras nem em seu porte que proclamasse a imensa elevação de sua fila social. Na sala dos meninos era uma grande favorita.

Quando se apresentou na sala dos meninos pouco depois do café da manhã, acompanhada por lady Aidan e lady Rosthorn, às que ela conheceu fazia vários anos na Cornualles, esforçou-se por fazê-la sentir-se em sua casa, levantou-a de sua reverência e logo, agarrando-a do braço, levou-a a uma habitação obscurecida onde estava dormindo seu bebê no berço. O pequeno dormia com as mãos apertadas em punhos aos lados da cabeça, como se tivesse a intenção das agitar logo que despertasse. E então a duquesa as arrumou para introduzir na conversação o fato de que ela era a filha de um cavalheiro do campo que para complementar seus ganhos se viu obrigado a dar aulas na escola da aldeia, e que ela também dava aulas nessa mesma escola quando conheceu o duque em uma festa a que não desejava assistir.

E logo acrescentou, como se o que dizia não tivesse a menor importância: «Pode ser abominável, senhorita Jewell, encontrar-se apanhada em uma casa senhorial rodeada por desconhecidos que possivelmente se acreditam superiores, e desejando estar em qualquer outra parte do mundo menos ali. Ao princípio tratei de me manter apartada, observando tudo com sarcasmo de um rincão em sombras. “Mas Wulfric me encontrou ali e me provocou esse homem horrendo, e tive que sair do meu rincão para salvar meu próprio respeito».

Dito isso riu alegremente.

Wulfric compreendeu ela, tinha que ser o duque do Bewcastle.

E também compreendeu então, que a duquesa acabava de desafiá-la a sair de seu rincão em sombras, a sala dos meninos, para salvar o respeito por si mesmo.

Mas claro, pensou, a duquesa nunca tinha parido um filho ilegítimo.

Nesse momento a duquesa voltou a agarrá-la do braço.

— Eu me encarregarei de apresentá-la a todo mundo, senhorita Jewell. E aqui está Wulfric, o primeiro.

Anne pensou que até no caso de que todas as pessoas reunidas no salão fossem desconhecidas, teria conhecido imediatamente a identidade do homem que se vinha aproximando dela. Alto, moreno e bonito, em certo modo austero, era também o aristocrata consumado: reservado, majestoso, de poderosa presença. E aí

estava ela, uma ex-governanta, mãe solteira, hóspede não convidada nessa casa, e a ponto de jantar sentada a sua mesa.

Teria se dado meia volta e posto-se a correr se a duquesa não a tivesse tido firmemente agarrada do braço.

Ou talvez não. Tinha certo orgulho.

— Wulfric — disse a duquesa — aqui está à senhorita Jewell, por fim. — Ele é meu marido, o duque do Bewcastle, senhorita Jewell.

Anne flexionou os joelhos, fazendo sua reverência. Meio esperava que no momento seguinte a jogassem às trevas exteriores.

— Sua excelência — conseguiu murmurar.

Ele a saudou com uma inclinação da cabeça, e ela observou como fechava a mão ao redor da manga de seu monóculo adornado, embora não o levantou. Esse gesto foi francamente aterrador.

— Senhorita Jewell — disse ele. — Sua excelência e eu fomos infelizmente negligentes ontem ao não dar pessoalmente a bem-vinda a Glandwr. Talvez tenha a bondade de nos perdoar. Espero que a você e a seu filho tenham dado alojamento cômodo e desfrutem de sua estadia aqui.

Essas eram palavras muito amáveis, mas seus estranhos olhos prateados não sorriram.

— esteve ocupada na sala dos meninos todo o dia, Wulfric, interrompendo brigas e organizando jogos — disse a duquesa, sorrindo alegremente, como se ele fora o mais carinhoso dos mortais.

— Não vejo nenhum machucado, senhora — disse sua excelência, talvez com um muito ligeiro brilho de humor nos olhos. — Mas é possível que nossos sobrinhos e sobrinhas só se estivessem esquentando hoje para que o pior venha amanhã. E talvez seja bom para sua saúde e a de nosso filho que ainda seja só um bebê. Temos grandes esperança de que mantenha viva a fama dos Bedwyn para as diabruras nos anos vindouros.

A duquesa riu.

Pois, sim, pensou Anne, decididamente havia humor em suas palavras. E gostou que dissesse «nosso» filho ao referir-se ao bebê, não «meu filho», como haveriam dito muitos homens de sua posição.

Então a duquesa a levou rapidamente para que conhecesse as pessoas que ainda não lhe tinham apresentado: a senhora Pritchard, a anciã tia galesa de lady Aidan; lorde e lady Rannulf Bedwyn e o conde de Rosthorn, que tinham estado na sala dos meninos, mas justo quando ela estava na habitação do David entretida praticando jogos de palavras com ele e alguns dos meninos maiores; o barão Weston, o tio de lady Alleyne; a senhora e a senhorita Thompson, a mãe e a irmã mais velha da duquesa, e sua irmã, a mediana, a senhora Lofter, e seu marido o reverendo, pais do Alexander.

Anne tentou memorizar as caras e os nomes, mesmo que tinha a esperança de não encontrar-se em situação de falar com eles nas próximas semanas.

— Aah — exclamou a duquesa, ainda agarrada de seu braço — e aí vem o senhor Butler, por fim.

Ah, o administrador, pensou Anne, que tinha que apaixonar-se perdidamente de seu primoroso penteado e lhe propor matrimônio antes que acabasse a noite. Girou-se a olhar para a porta, sentindo o primeiro indício de diversão desde que saiu de sua habitação.

Novamente ficou pasmada pela extraordinária beleza do homem que estava aí, esta vez totalmente visível à luz do crepúsculo que entrava pelas janelas do lado oeste. E também era seu perfil esquerdo o que estava olhando.

No instante em que a sacudia um estremecimento que a deixou sem fôlego ao reconhecê-lo, ele ficou quase oculto por lorde Alleyne e lorde Rannulf, um alto, moreno e bonito, o outro mais alto ainda, loiro e também bonito de uma maneira mais tosca, que lhe aproximaram de saudá-lo cordialmente lhe dando tapinhas nas costas.

— Syd, meu velho amigo — ouviu dizer lorde Rannulf — onde diabos estiveste escondido? Mas Wulf te colocou o medo de Deus esta manhã, né?

Ou seja, que não era um desconhecido, pensou Anne. Estava «condenada» a encontrar-se com ele outra vez. Ele era o senhor Butler, o administrador de Glandwr. Uma ligeira náusea lhe revolveu o estômago e há abandonou o pouco apetite que tinha quando baixou ao salão.

Ai, Deus, como desejava não haver-se comportado tão mal essa noite passada, ou pelo menos havê-lo encontrado quando voltou, para lhe pedir desculpas.

Isso para cúmulo dos cúmulos.

Se tivesse podido voltar para sua habitação sem que ele a visse, o teria feito. Mas ele estava quase na porta, e a duquesa seguia agarrada a seu braço. Além disso, levou-se como uma covarde, inclusive com crueldade, e agora lhe apresentava a oportunidade de emendar as coisas com ele, se era possível.

Embora com toda segurança ela fosse à última pessoa com a que ele desejaria encontrar-se outra vez.

Sydnam tinha ido à casa principal apesar da garoa. Teria preferido um milhão de vezes ficar em sua acolhedora casinha, ia pensando enquanto entregava sua capa e chapéu molhados ao lacaio e subia a escada para dirigir-se ao salão. Mas Bewcastle lhe tinha feito o convite pessoalmente essa manhã, e um convite do duque era em realidade uma ordem, em especial quando invocava o nome de sua mulher. «A duquesa se levou uma grande desilusão ontem à noite quando não chegou para o jantar — lhe havia dito, aproximando-se um dos livros de contabilidade por cima do escritório da biblioteca, onde levava seus assuntos quando estava em Glandwr.

— Sinto uma curiosa aversão a ver desiludida a sua excelência, Sydnam, embora claro, ontem à noite isso foi inevitável posto que quando recebeu o convite já era bem passado a hora do jantar. “Esta noite não teremos esse problema.»

Estava claro que Bewcastle sabia reconhecer uma mentira quando ouvia uma. Embora em realidade não tivesse sido de tudo uma mentira. Ele não tinha lido o convite antes de sair a dar seu passeio, embora sim a viu, e, ao supor o que era de propósito decidiu abri-la quando já fora muito tarde. «Esta noite me desculparei pessoalmente com sua excelência», disse ele então, enquanto Bewcastle voltava às páginas como se nem sequer o estivesse escutando.

Portanto, aí estava para fazer um ato de humildade antes do jantar. Entreteve-se lúgubre mente imaginando-se a todos os Bedwyn e a seus cônjuges sentados à mesa cada um com um emplastro em um olho e o braço direito amarrado às costas. Mas não devia ser cruel, nem sequer mentalmente. O convite era um ato de amabilidade, e sendo um ser humano, com toda a obstinação ou teima a que é propensa a natureza humana, se eles estivessem um mês aí e nunca o convidassem a um jantar ou reunião com eles, seguro que se sentiria ferido e ofendido.

Sorriu pesaroso ao reconhecer isso.

Ao parecer chegava com atraso, pensou quando ia chegando às portas do salão. E se não com atraso, pois sabia que não, devia ser o último em chegar. Isso, uma chamativa entrada triunfal, era o único que lhe faltava. Mas quando se deteve na porta procurando com o olhar ao Bewcastle ou à duquesa, Rannulf e Alleyne se equilibraram sobre ele, um por cada lado, e de repente compreendeu que a experiência não seria tão terrível depois de tudo. Muitas das pessoas reunidas aí eram amigas de muito tempo, e nenhuma das outras teriam motivos para lhe ter má vontade. Ao fim e ao cabo ele não era um dos quão convidados estaria à vista deles todos os momentos de cada dia. E nenhum dos meninos estaria ali.

— Estive escondido em uma cova abaixo na praia - disse, respondendo à pergunta do Rannulf—, como poderia ter descoberto se tivesse baixado para me buscar, Ralf. Mas uma ligeira garoa te manteve dentro de casa, né? Ou foi o escarpado o que te desalentou?

Alleyne lhe pôs uma mão no ombro direito, gesto íntimo para ele, já que a maioria das pessoas evitavam seu lado direito sempre que podiam.

— Como está, Syd? — perguntou-lhe então. — Deve fazer um século que não te vejo. Trazemos-lhe um montão de mensagens de casa, alguns de Lauren, dez ou mais de sua mãe, um ou dois do Kit, um de seu pai, mas por minha vida que não me lembro de nenhum. Você sim, Ralf?

— Apostaria a que algo sobre te pôr roupa de lã de casaco com o tempo úmido — disse Ralf sorrindo.

— O que vou concordar. Mas as senhoras se lembrarão, seguro. Agora será melhor que entre, Syd, para conhecer as pessoas que ainda não conhece. Ah, aí vem Christine. Já conhece nossa formidável duquesa?

— Sim — disse a duquesa, sorrindo afetuosamente. — Não sabe quanto me alegra que tenha podido vir esta noite, senhor Butler.

Tendeu-lhe a mão esquerda e ele a agarrou e se inclinou sobre ela.

— Devo lhe apresentar minhas humildes desculpa excelência – disse — por minha ausência de ontem à noite. Estava fora de casa e quando li seu convite... Já era muito tarde.

A repentina pausa que fez se deveu a que olhou dissimuladamente à dama de cujo braço estava agarrada a mão direita da duquesa.

Reconheceu-a imediatamente.

Em uma coisa não se equivocou, pensou: era pasmosamente bela; seu cabelo da cor de mel quente, olhos azuis sombreados por largas pestanas e facções bem cinzeladas, perfeitas. E agora que a via sem capa, ficava claro que sua figura fazia justiça a seu rosto.

Então sua primeira hipótese tinha sido a correta, pensou; era uma das esposas Bedwyn.

Sentiu uma curiosa amargura, absolutamente irracional.

— Não faz falta nenhuma desculpa — lhe assegurou a duquesa. — Permita-Me que o presente à senhorita Jewell, muito querida amiga da Freyja e Joshua. O senhor Butler é o administrador do Wulfric em Glandwr — lhe explicou à dama.

Ele fez sua vênia e ela sua reverência. Senhorita Jewell, pensou. Muito apropriado o sobrenome. E não era uma das esposas. Mas não sentia nenhuma benevolência para ela.

De repente recordou que essa noite passada tinha sonhado com ela. Ela estava no atalho esperando-o e ele lhe aproximou o necessário para poder lhe acariciar a bochecha, com as gemas dos dedos da mão direita. Logo olhou de perto seus formosos olhos azuis, com os dois olhos. Então lhe pediu que, por favor, não o beliscasse, porque era importante não despertar nunca, mas lhe disse que era necessário que despertassem sem tardança, para poder baixar a procurar seu braço, que se tinha caído pelo escarpado, antes que subisse a maré e o levasse. Foi um desses sonhos estranhos, extravagantes, que às vezes o fazem flutuar entre a realidade e a fantasia, sonhando, mas sem saber que está sonhando.

— Senhorita Jewell — disse.

— Senhor Butler — murmurou ela.

Então a duquesa o levou a dar uma volta pelo salão, sem a senhorita Jewell, e apresentou às pessoas que ainda não conhecia.

Seguia lhe chateando conhecer gente, embora já fizesse tempo que tinha superado a fase em que tentava manter fora da vista o lado direito do corpo. Antes estava acostumado a não ver outra coisa que admiração nos olhos de outros, e inclusive adoração em alguns olhos femininos. Claro que não se aproveitou muito disso último; era ainda muito jovem quando tudo trocou. E nunca tinha presumido de sua boa aparência; não lhe dava nenhuma importância, até que ficou destruída para sempre.

Pelo visto ali todos já sabiam dele antes de conhecê-lo, pensou um momento depois quando ia entrando no salão levando do braço à senhorita Eleanor Thompson, a irmã mais velha da duquesa; ninguém se

encolheu nem retrocedeu com espanto.

Mas «ela» não tinha sabido nada, quer dizer, a senhorita Jewell. Essa noite passada fugiu dele como se tivesse visto o mesmo demônio. Descobriu que lhe tinha ressentimento por sua incrível beleza, até reconhecendo que isso era bastante pueril; algumas pessoas têm o caminho fácil na vida.

Girou a cabeça e viu que era Morgan a que estava sentada por seu lado cego. Preparou-se então para conversar com ela e com a senhorita Thompson. Pelo menos, pensou, o pessoal da cozinha o conhecia e sabia que não deviam lhe pôr nada diante que não se pudesse cortar com uma mão, preferivelmente com o bordo do garfo.

Viu que a senhorita Jewell lhe sorria afetuosamente ao barão Weston, que estava a seu lado, e lhe dizia algo que o fez sorrir. Estava-o enfeitiçando, encantando.

Não, não devia lhe ter antipatia, decidiu. Nem ressentimento. Nem invejar ao Weston nem ao Alleyne, que estava ao outro lado dela.

Bom Deus, o que lhe passava? Normalmente não era um homem dado a mesquinho ciúmes.

Nem ao rancor, nem ao despeito.

Agarrou sua colher de sopa com a mão esquerda e colocou-se à tarefa de tomar o primeiro prato.

Capítulo 4

A noite resultou ser uma experiência ligeiramente menos terrível do que Anne tinha imaginado. Não todos os convidados eram aristocratas ou filhos de aristocratas.

A senhora Pritchard, que se sentou perto dela no jantar, em outro tempo ganhou a vida em uma mina de carvão galesa, e sua sobrinha, lady Aidan Bedwyn, só se criou como uma dama devido a que seu pai fez fortuna com o carvão, comprou uma propriedade inglesa e se instalou nela como cavalheiro. Lady Rannulf Bedwyn, inteirou-se depois no salão, era filha de um padre rural e neta de uma atriz londrina, e este último o contou em um tom que indicava que se orgulhava muito disso. A duquesa pertencia à pequena aristocracia rural, como lhe explicou ela mesma essa manhã; seu cunhado era o padre de uma pequena paróquia rural, e sua mãe e sua irmã maior viviam em uma singela casa rural nessa mesma paróquia.

Entretanto todas essas pessoas eram hóspedes aí, totalmente aceitas pelos Bedwyn como se tivessem nascido com a mais azul dos sangues.

Certo, claro, que entre as mulheres presentes em Glandwr, nenhuma fora dela tinha tido um filho ilegítimo, mas ninguém a tratava como se fora uma emparelha, nem como se não tivesse nenhum direito a estar entre eles.

E lady Aidan lhe fez especialmente pergunta a respeito de seu filho, e riu quando lhe explicou que estava muito mimado pelas professoras e as alunas da escola da senhorita Martin.

— Embora por seu bem deva enviá-lo a um colégio de meninos quando for um pouco maior. Vai ser difícil, para mim, e mais para ele.

— Sim — conveio lady Aidan. — Nós vamos enviar ao Davy ao colégio o ano que vem, quando cumprir os doze, e já me sinto abandonada.

Intercambiaram um sorriso, como duas mães afligidas compadecendo-se mutuamente.

— Esse pobre homem — disse em voz baixa a senhora Pritchard, com sua melodiosa pronúncia galesa, quando entraram os cavalheiros no salão. — Que bom que não seja da classe trabalhadora. Jamais teria encontrado emprego ao voltar depois das guerras. Teria se convertido em mendigo e passado muita fome, como ocorreu a muitos desses soldados.

— Ah, eu não estou tão segura disso, tia Mari — disse lady Aidan.

— Corre um fio de aço por ele, embora não o pareça por seu caráter repousado. Eu acredito que teria superado qualquer adversidade, inclusive a pobreza.

Anne compreendeu que estavam falando do senhor Butler, a respeito do qual se havia sentido tão culpado toda essa noite que nem sequer o tinha olhado, embora quase em todo momento tivesse estado muito consciente de sua presença.

— O que lhe ocorreu? — perguntou.

— A guerra — disse lady Aidan. — Seguiu a seu irmão, o visconde Ravensberg, à Península, contra os desejos de todo mundo. Não muito depois seu irmão o trouxe para casa, mais morto que vivo. Mas se recuperou, e finalmente ofereceu seus serviços ao Wulfric e veio aqui. Tudo isso aconteceu antes que eu conhecesse o Aidan, que nesse tempo seguia na Península, como coronel de cavalaria; era o oficial superior de meu irmão, que não voltou nunca para casa. Ah, quanto me alegra que tenham acabado as guerras, por fim!

Já tinha passado um bom momento quando Anne se fixou em que o senhor Butler estava sentado sozinho em um rincão no outro extremo do salão, depois que trouxeram as mesas para jogar às cartas e quase todos se reorganizaram em grupos ao redor das mesas. Nesse momento ela estava com a senhorita Thompson e o conde e a condessa de Rosthorn, que tinham declinado o convite a jogar às cartas. Mas imediatamente se levantou e se desculpou com eles, não ia perder a coragem. Não podia permitir que acabasse a noite sem ter falado com o senhor Butler, embora duvidasse que ele tivesse o mais mínimo desejo de falar com ela.

Quando ele a viu aproximar-se levantou bruscamente a cabeça e ficou de pé.

— Senhorita Jewell — disse.

Algo que detectou em seu movimento e em sua voz disse a ela que, efetivamente, ele teria preferido continuar sozinho; que não lhe caía bem. Mas claro, não podia deixar de compreender isso.

Olhou-o ao rosto e enfocou os olhos para poder lhe ver os dois lados. Levava um emplastro negro sobre o olho direito, ou melhor, dizendo onde antes estava seu olho direito. O resto desse lado do rosto, da sobrancelha à mandíbula e mais abaixo, pelo pescoço, estava cheio de manchas escuras, cicatrizes de queimaduras. A manga direita vazia estava presa ao lado de seu fraque.

Então observou que ele era meia cabeça mais alto que ela, e que não se equivocou a respeito do largo de seu peito e seus ombros. Estava muito claro que não era um homem que se derrubou em suas descapacidades.

— Ontem à noite voltei ali uns minutos depois de fugir — disse — mas você já não estava.

Ele a olhou em silêncio um momento.

— Lamento havê-la assustado — disse então em tom abrupto. — Não era essa minha intenção.

Palavras corteses, ditas com muita cortesia. De todos os modos ela seguiu percebendo sua antipatia, sua relutância a falar com ela.

— Não, não me entendeu. Sou eu a que o lamento. Voltei para lhe pedir perdão. Sinto muito, de verdade.

O que outra coisa podia dizer? Só o pioraria tudo se tentava lhe dar uma explicação de sua conduta.

Ele guardou silêncio, e o silêncio se alargou tanto que se fez incômodo. Anne esteve a ponto de girar sobre seus calcanhares e afastar-se. Já havia dito o que devia. Não havia nada mais que dizer.

— Foi valente ao voltar — disse ele então. — Estava escurecendo e esse lugar no alto do escarpado é perigoso e solitário para ir de noite. E eu era um desconhecido para você. Agradeço-lhe que voltasse, embora eu já me tivesse ido a casa.

Isso queria dizer que a tinha perdoado, pensou Anne. Não sabia se seguia caindo mal, mas em realidade isso não importava. Sorriu-lhe e assentiu, e novamente esteve a ponto de afastar-se.

— Não quer sentar-se, senhorita Jewell? — disse ele lhe indicando a poltrona mais próxima ao que tinha estado ocupando ele.

Tinha demorado tanto em decidir-se, pensou ela, que a cortesia o obrigou a lhe oferecer prolongar o encontro. Teria preferido afastar-se. Não gostava de estar perto dele. Embora a envergonhasse reconhecê-lo, não gostava de ter que olhá-lo.

E que difícil olhá-lo como se fora um homem normal, não centrar o olhar no lado esquerdo do rosto, não desviar a vista por temor a que ele acreditasse que o olhava fixamente, examinando-o. Assim de difícil lhes resultaria olhar a ela, tratá-la como se fora uma mulher normal, às pessoas que sabiam que era mãe solteira? Sabia muito bem que existiam esse tipo de pessoas.

Sentou-se no bordo da poltrona com as costas bem retas, e juntou as mãos na saia.

— É irmão do visconde Ravensberg, senhor Butler? — perguntou amavelmente, já que a mente lhe tinha ficado em branco e não conseguia encontrar nenhum tema interessante de conversação.

— Sim — respondeu ele.

E já está não tinha idéia de como continuar com esse tema. Nem sequer sabia quem era o visconde Ravensberg. Mas ele se compadeceu e acrescentou:

— E filho do conde de Redfield, do Alvesley Park, em Hampshire. A propriedade está ao lado de Lindsey Hall, a sede principal do Bewcastle. Meus irmãos e eu nos criamos com os Bewcastle. Todos eram uns revoltosos desmamados. Também nós o fomos.

— Irmãos? — repetiu ela, arqueando as sobrancelhas.

— Jerome, o maior, morreu de esfriamento quando foi resgatar aos lavradores e suas famílias de suas casas alagadas. Só ficamos Kit e eu.

Tinham que ser muito graves as queimaduras que sofreu no lado direito do rosto, pensou ela, porque esse lado permanecia imóvel quando falava, e lhe inclinava um pouco a boca.

— Tem que ter sido terrível perder a um irmão.

— Sim.

Normalmente ela não tinha muita dificuldade para levar uma conversação, mas tudo o que havia dito nesses dois minutos eram puras estupidez. Enquanto isso sua mente não parava de fazer perguntas que não devia fazer.

«O que lhe ocorreu na Península?»

«Em que batalha lhe ocorreu?»

«Algumas vezes desejou ter morrido?»

«E às vezes segue desejando-o?»

Antes devia ter sido extraordinário, incrivelmente bonito.

— Que comentário mais estúpido — disse. — Como se você pudesse responder que não, que não foi terrível.

O único olho escuro dele se encontrou com os dela, e por um momento seu olhar foi duro, séria, como se estivesse a ponto de replicar com dureza. Depois fez uma piscada e, surpreendentemente, os dois puseram-se a rir. A comissura esquerda da boca lhe levantou mais que a direita, em um sorriso enviesado curiosamente atrativo.

— Senhorita Jewell, parece-lhe que acordamos, pelo bem dos dois, simular que o de ontem à noite não ocorreu e que nos vimos pela primeira vez e conhecido aqui, esta noite?

A ela lhe relaxou um pouco as costas.

— Ah, pois sim que eu gostaria disso.

Ele tinha a mão esquerda apoiada na coxa, observou. Tinha os dedos largos; essa era uma mão de artista.

Desejou estar equivocada nesse ponto, ou que ele fora canhoto. Olhou-o à cara.

— Senti-me horrorosamente intimidada toda a noite — disse, e se surpreendeu para ouvir-se reconhecer isso.

— Sim? Por quê?

Ela desejou não havê-lo dito. Mas ele estava esperando a resposta.

— Joshua, lorde Hallmere, ofereceu-se a trazer meu filho aqui a passar o verão para que pudesse jogar com outros meninos. Mas só tem nove anos e eu nunca estive separada dele. E então, ao ver que eu vacilava, a marquesa me convidou também, e aceitei, porque não queria desiludir a meu filho. Mas nunca imaginei que me iriam tratar como a uma convidada.

Pelo silêncio dele, compreendeu que acaba de lhe revelar um montão de coisas a respeito dela. E talvez esse fosses o momento em que ele fugiria dela ou faria um inconfundível gesto de repugnância.

— Dou aulas e vivo em uma escola de meninas em Bath — continuou. — Estou muito contente ali, eu gosto muitíssimo do meu trabalho, e David sempre foi feliz ali. Mas está crescendo. Suponho que deveria lhe haver permitido vir com o Joshua. David o adora.

— Os meninos necessitam a outros meninos — disse ele. — Também necessitam uma figura paterna, em especial se forem meninos. Mas por cima de tudo, senhorita Jewell, necessitam uma mãe. Parece-me que fez o correto vindo com ele.

Essas palavras lhe produziram um inesperado consolo.

— OH, isso é muito amável.

— Espero que não a tenha intimidado Bewcastle — disse ele — mas se a intimidou, talvez lhe sirva de consolo saber que intimida a quase todo mundo. Foi arrancado bruscamente de uma despreocupada e desmamada infância quando seu pai se inteirou de que se estava morrendo e começou a educá-lo concienzudamente, inclusive cruelmente, para que assumisse as imensas responsabilidades do ducado, que herdou quando só tinha dezessete ou dezoito anos. Aprendeu muito bem suas lições; há quem diria que muito bem. Mas não é insensível. Comigo foi extraordinariamente bom.

— Só o conheci esta noite. Foi muito amável, embora deva confessar que o medo me fazia desejar que se abrisse a terra e me tragasse.

Os dois voltaram a rir.

— A duquesa é amabilíssima — comentou ela, então.

— Segundo Lauren, minha cunhada, foi um matrimônio por amor. Suas bodas foi à sensação do ano passado. Ninguém teria prognosticado que Bewcastle se casaria por amor. Mas talvez fosse assim.

Nesse momento traziam as bandejas com o chá e em duas mesas estavam pondo fim ao jogo.

— Devo voltar para casa — disse o senhor Butler. — Foi um prazer conhecê-la, senhorita Jewell.

Anne apoiou as mãos nos braços da poltrona e se levantou. Observou que ele se levantava com mais lentidão, e então lhe ocorreu que se a um falta um braço e um olho, isso troca o equilíbrio natural do corpo que ela dava por descontado. Quanto tempo teria levado a ele adaptar-se a essa mudança? Teria se adaptado já de tudo?

— Vou lhe dar as graças à duquesa — disse ele, lhe tendendo a mão. — Boa noite.

— boa noite, senhor Butler.

Tendeu-lhe a mão, ele a estreitou e em seguida se afastou.

Anne ficou onde estava mordendo o lábio. Deveria lhe haver estendido a mão esquerda, tal como fez a duquesa antes. O apertão foi tremendamente estranho, incômodo, como se tivessem estado agarrados das mãos, as balançando. A sensação foi quase íntima; vergonhosamente íntima.

Ele acabava de inclinar-se ante a duquesa de Bewcastle, que lhe sorriu afetuosa e lhe pôs uma mão no

braço, aproximando-se o mais para lhe dizer algo. Lorde Rannulf apareceu detrás dele e lhe deu uma palmada no ombro direito. Depois saíram os dois juntos do salão.

Onde viveria? Pensou Anne.

Voltaria a lhe ver?

Mas já não lhe importaria tanto se o via. Já tinha superado o desconforto pelo ocorrido à noite anterior. Isso a aliviava enormemente. A próxima vez lhe seria mais fácil encontrar-se com ele.

Mas que tragédia para ele ter perdido um braço e um olho e ter ficado com o rosto tão danificado.

Sentir-se sozinho?

Teria amigos?

Com freqüência as pessoas marginalizadas estão sozinhas e não têm amizades. Sua mente retrocedeu aos anos que passou no povo Lydmere da Cornualles, vivendo muito à margem da sociedade.

Nunca tinha deixado de agradecer ter encontrado amigas na escola de Bath, e que essas três amigas, Claudia, Susanna e Frances, tivessem chegado a ser tão íntimas como irmãs. Isso era muito mais do que teria esperado jamais, ou pensado que se merecia, depois desses compridos e tristes anos.

Desejou que o senhor Butler tivesse amigos íntimos.

— Vêem tomar o chá, Anne — disse Joshua, aparecendo repentinamente a seu lado. — Espero que esteja desfrutando de sua estadia aqui.

Lhe sorriu.

— Ah, sim que o estou, obrigado, Joshua.

Mas por cima de tudo, senhorita Jewell, necessitam uma mãe. “Parece-me que fez o correto vindo com ele.

Recordou que essas palavras do senhor Butler a agasalharam e consolaram. Fazia o correto. David tinha estado animado e feliz todo o dia com os outros meninos. Mas a abraçou fortemente quando foi lhe dar a boa noite antes de vestir-se para o jantar. «Obrigado, mamãe por me haver trazido. Estou tão contente de que tenhamos vindo.

«Tenhamos» vindo. Os dois, não ele sozinho.

Suportaria o desconforto e a vergonha todo esse mês só por ver feliz ao David, porque embora na escola o quisessem muito, tanto o pessoal como as meninas, não tinha amigos íntimos.

Nem pai.

Sydnam se manteve ocupado a maior parte do dia seguinte. Nunca era difícil encontrar algo que fazer. Mas essa manhã, além dos trabalhos rotineiros, estava Bewcastle, ao que teve que acompanhar a fazer uma inspeção da granja da casa e visitar as granjas de alguns dos parceiros. O duque estava acostumado há passar muito pouco tempo em sua propriedade galesa, mas sabia tudo o que devia saber a respeito dela, posto que lia muito atentamente os relatórios mensais que lhe enviava. E sempre que vinha de visita, dedicava pouco tempo a olhar os livros de contabilidade e muitíssimo a cavalgar percorrendo os terrenos e observando e conversando com as pessoas.

Mas Bewcastle agora era também um marido, e ele encontrou muito curioso que voltasse para casa a meio-dia porque a duquesa tinha organizado um lanche na praia para toda essa tarde. O Bewcastle de antes nem teria sonhado participando desse tipo de diversão.

A duquesa do Bewcastle lhe parecia uma pessoa muito corrente. Era bonita sem ser formosa, bem penteada, bem vestida, sem ser elegante amável e cortês sem ser exageradamente refinada nem não dominante. Era uma jovem vivaz, muito risonha. E era a filha de um professor de escola rural. Em realidade era a verdadeira antítese da mulher que qualquer tivesse esperado que escolhesse Wulfric por esposa, o qual o fazia pensar, curioso, sobre o estranho poder que parecia exercer sobre ele. Bom Deus, se inclusive o tinha

visto «lhe sorrir» a sua mulher a noite passada.

E isso o fazia sentir-se sozinho. Não era que tivesse gostado da duquesa para ele. Mas tinha que ser incrivelmente maravilhoso, pensou ter a alguém a quem voltar depois do trabalho, uma mulher pela qual cortar o tempo de trabalho de tanto em tanto, inclusive para algo tão aparentemente sem importância como um lanche na praia. Tinha que ser maravilhoso ter a alguém que o fizesse sorrir.

E havia um bebê Bewcastle no berço da sala.

Assim, durante toda a tarde evitou baixar à praia, aparecer no alto do escarpado e vagar pela esplanada de grama que conduzia a esses lugares. Ao fim e ao cabo ele não formava parte do grupo de hóspedes e, além disso, não queria assustar aos meninos. Manteve-se ocupado na granja da casa, pois não gostava de estar enclausurado esse dia ensolarado e caloroso quando eram tão freqüentes as chuvas ao longo da costa do sul do Gales.

Mas a última hora da tarde, quando voltava para casa a cavalo, viu que se estava desenvolvendo uma partida de críquete na esplanada de grama e que eram muitíssimos os participantes. Era evidente que já tinha acabado o lanche na praia.

Não corria nenhum risco se ia ali.

Adorava a praia. Também gostava de ir ao alto dos escarpados, mas a perspectiva era diferente. De acima do escarpado tomava consciência da ferocidade da natureza, de sua possível crueldade inclusive, de sua beleza panorâmica, com a terra acima e a imensidão do mar abaixo, estendendo-se até o longínquo horizonte, mais à frente do qual estava à costa da Cornualles e mais à frente a costa da França e o oceano Atlântico.

Na praia, em troca, só tinha consciência da areia dourada que se estendia em um amplo arco, por diante, por detrás e por ambos os lados, a terra em sua forma mais elementar, terra arrastada pela potência do mar. E ali também tomava consciência da imensidão e poder desse profundo e elementar mistério, dessa origem de todo ser vivo.

Era na praia onde sentia com mais intensidade o pincel em sua mão direita e contemplava a visão que jamais poderia captar-se em um tecido. Era na praia onde às vezes lhe bastava a visão.

Ia a meio caminho pelo íngreme, mas largo atalho que seguia o rastro de um enguiço geológico que baixava do alto do escarpado até a praia, quando se deu conta de que não todo mundo tinha voltado para a casa. Uma mulher ficou ali. Ia caminhando pela borda do mar, pisando na areia molhada pela maré que já tinha baixado; com uma mão se recolhia a saia e na outra levava algo que parecia ser seus sapatos.

Exalou um comprido e audível suspiro e esteve a ponto de voltar-se. Sentia um irracional chateio. Tinha chegado a fazer idéia de que esse parque e essa praia eram deles, compreendeu. Mas não eram. Tudo isso pertencia ao Bewcastle, e a senhorita Jewell era uma das hóspedes do Bewcastle.

Porque era a senhorita Jewell a que ia caminhando pela areia.

Mas havia espaço para os dois, pensou. A praia era bastante extensa e ao ir baixando a maré se ia fazendo cada vez mais larga.

Continuou sua descida.

Ela tinha um filho, e, entretanto era «senhorita» Jewell. Ensinava em uma escola de meninas, e seu filho vivia ali com ela. O marquês de Hallmere e Freyja a conheciam e a convidaram a vir. Não, emenda, Hallmere desejava trazer o filho e logo Freyja convidou à mãe também.

Encontrava estranho que um ou a outra tivesse desejado que viesse, posto que ela não havia dito nada a respeito de algum parentesco ou conexão com o Hallmere que explicasse o interesse deste por seu filho. Parecia-lhe mais estranho ainda que Bewcastle tivesse aprovado essa intrusão em seu círculo familiar: uma mulher solteira com um filho bastardo. E ela mesma não tinha esperado que a recebessem como a uma hóspede convidada, a não ser talvez como a uma criada. Mas por muita curiosidade que sentisse, tinha que

reconhecer que a presença dela em Glandwr não era assunto dele.

De todos os modos, pensou Oxalá Freyja não a houvesse convidado. Oxalá ela não estivesse em Glandwr. Foi uma agradável surpresa para ele que ela lhe tivesse aproximado e lhe pedisse desculpa à noite passada. Encontrou agradável sua companhia durante a curta conversação. Mas essa noite havia tornado a sonhar com ela. Esta vez era ela a que estava de pé no promontório e ele o que se aproximava pelo atalho. Ela vestia uma espécie de túnica folgada e diáfana que a brisa pegava a seu bem formado corpo, e seus largos cabelos cor mel soltos pareciam voar detrás de sua cabeça. Mas quando ele chegou até ela e alargou a mão para tocá-la, ela pareceu horrorizada e pôs-se a correr, mas para o bordo do escarpado, e quando ele alargou o braço tentando agarrá-la para que não caísse, não tinha o braço. Mas no enredo do sonho resultou que foi ele o que caiu pelo escarpado. Despertou sobressaltado justo antes de aterrissar nas rochas ao pé do escarpado.

Não tinha o menor desejo de sonhar essas idiotices. Já tinha muitos problemas com seus pesadelos normais.

Chegou ao final do atalho, passou por cima das rochas e pedras da base do escarpado e ao chegar à areia se deteve observar à senhorita Jewell, que seguia caminhando, totalmente inconsciente de sua presença. Levava o rosto levantado para a brisa e ia movendo lentamente a cabeça de lado a lado. Então viu que em uma mão levava o chapéu além dos sapatos.

Era curioso que nesse momento a visse tão diferente a como a via só vinte e quatro horas antes. Então pensava que era uma mulher maravilhosamente formosa que de maneira nenhuma poderia ter conhecido dificuldades em sua vida e, portanto devia ter um caráter superficial e carecer de compaixão. Sem saber nada dela além de que fugiu dele a primeira vez que o viu, caía-lhe mau.

Mas essa noite passada o tinha procurado expressamente para lhe pedir perdão. E então falou de seu filho e do intimidada que se sentia como hóspede do Bewcastle. Ele compreendeu então que sua beleza não a fazia imune ao sentimento de insegurança. Depois compreendeu que as mães solteiras não têm a vida fácil. Era muito possível que, a sua maneira, ela tivesse passado pelo inferno, de ida e volta, tal como ele, e que talvez a única verdadeira diferença entre eles fora que o inferno dele era visível ao observador e o dela não.

Avançou, com a intenção de virar e caminhar em sentido oposto ao que levava ela, mas ela deveu captar o movimento pela extremidade do olho, porque girou a cabeça, viu-o e se deteve.

Teria sido grosseiro pôr-se a andar no outro sentido. E claro, a verdade era que não desejava caminhar para esse lado, mesmo que não desejava caminhar com ela tampouco. A contra gosto avançou pela praia para ela.

Ela levava um vestido azul celeste de tamanho alto, que tinha recolhido até mais acima dos tornozelos por um lado. Seu penteado era mais singelo que o que levava a noite passada. A verdade era que estava mais formosa ainda, pasmosamente formosa, em realidade. O curioso era que parecia estar em seu ambiente, como se pertencesse a esse lugar.

— Senhor Butler — disse, logo que ele esteve o bastante perto para ouvi-la — todos voltaram para a casa faz bastante tempo. Eu fiquei para desfrutar da quietude, depois de tanto bulício e alvoroço.

— Lamento ter chegado a incomodá-la, então.

— Ah, não tem por que. Acredito que sou eu a que o aborreço.

Ele se deteve curta distância dela, à beira da areia molhada.

— Todos passaram bem no lanche?

— Acredito que sim. — Por um momento pareceu triste, mas em seguida sorriu e seus olhos lhe brilharam com tanta alegria e risada que de repente ele ficou deslumbrado. — A duquesa entrou para brincar nas ondas com alguns meninos, mas não sei como perdeu o equilíbrio e caiu à água. Então o duque entrou para resgatá-la, com suas botas e tudo, e se molhou quase tanto como ela. Outros adultos o encontraram divertidíssimo e

até os meninos chiavam, desparafusando-se de risada. A duquesa ria a gargalhadas, embora os dentes tocavam castanholas. Tudo foi muito extraordinário.

— Isso terá sido digno de ver-se — disse ele.

— Bewcastle entrando na água com as botas postas. Riu também?

— Ah, não, mas havia certo brilho em seus olhos que muito possivelmente poderia ter sido risada interior.

Sorriram-se alegremente um ao outro. Além de todas suas demais aperfeiçoe, ela tinha os dentes brancos e parecidos.

— Deveria voltar para a casa — disse ela, já desvanecida seu sorriso — para lhe deixar em paz aqui.

Isso era o que ele desejava seguro; isso era o que tinha vindo a procurar. Não tinha baixado aí a procurá-la. Mas, entretanto...

— O que parece se caminhamos juntos um momento? — sugeriu.

De repente caiu na conta do que era o que mais admirou nela a noite passada, e o voltava a fazer. Olhava-o diretamente à cara. A maioria das pessoas tinha observado, ou não o olhavam ou fixavam os olhos em sua orelha ou seu ombro esquerdo. Com a maioria das pessoas sentia o impulso de girar ligeiramente a cabeça para um lado de modo que não tivessem que sentir tanta repugnância. Com ela não sentia esse impulso, mesmo que fugiu a primeira vez que o viu.

Era muito possível que sim sentisse repugnância ao olhá-lo, como não ia sentir? Mas em seu trato com ele fazia ornamento de uma insólita cortesia. Sentiu gratidão por ela.

— Sim — disse ela, olhou suas botas altas e voltou a sorrir. — Sigo pela areia seca?

Mas ele entrou resolutamente na parte molhada e pôs-se a caminhar ao passo dela.

Caminharam em silêncio um bom momento. Ele ia contemplando o brilhante reflexo do sol na água, sentindo a ligeira brisa na bochecha esquerda. Inspirou o quente e salobre ar marinho e teve a sensação que o assaltava cada vez com mais freqüência ultimamente: a sensação de lar. Cinco anos atrás veio a esse determinado rincão de Gales devido a que a volta de Kit a casa ao terminar as guerras e seu matrimônio com Lauren lhe fez impossível continuar vivendo em Alvesley, como um simples filho menor obstinado a sua família porque estava tão quebrado que não era capaz de viver no mundo por sua conta. E assim chegou a qualidade de administrador do Bewcastle e concentrou todas suas energias em fazer o trabalho o dobro de bem do que o teria feito um homem com os dois braços. Mas nesse tempo se sentia um estranho. E às vezes o tratavam como a um marginalizado, embora compreendia que às pessoas lhe resultava difícil estar em sua companhia, olhá-lo.

Mas perseverou. E em algum momento dos dois últimos anos chegou a compreender que uma força superior a ele tinha intervindo para levá-lo ali, para levá-lo a esse lugar que se converteria em sua terra, seu lar. O destino, talvez.

Ainda não tinha falado do tema do Ty Gwyn com o Bewcastle. Mas o faria. Devia. Precisava ter sua própria casa ali.

A percepção da mulher que ia caminhando a seu lado era quase prazerosa. Ela não se sentiu obrigada a caminhar com ele. Não lhe haveria tido nada dizer que não.

— sente-se sozinho alguma vez? — perguntou-lhe ela repentinamente. E quando ele girou a cabeça para olhá-la, com certa surpresa, olhou-o como se sentisse consternada.

— Perdoe, às vezes penso em voz alta.

Se sentia sozinho? Porque estava mutilado, era horrível e vivia em um lugar que talvez ela considerava um rincão remoto da civilização? Sua primeira reação foi de raiva. Ela não era diferente de qualquer outra pessoa. Por que se imaginou que o era?

— E você? — perguntou.

Ela desviou o rosto outra vez. Soltou-se a borda do vestido, observou. E tinha os sapatos agarrados e o chapéu com as duas mãos, às costas.

— Vivo em uma escola de meninas — respondeu. — Virtualmente não tenho nem um minuto para mim. Tenho a meu filho, que enche todos meus momentos livres quando está acordado. E tenho amigas muito queridas entre as professoras, em particular a própria senhorita Martin e Susana Osbourne, que também vive na escola. Escrevo com freqüência com outra amiga que antes vivia e ensinava ali e agora é a condessa de Edgecombe. Como poderia me sentir sozinha?

— Mas se sente? — insistiu ele.

De repente compreendeu que sim, que lhe tinha feito essa pergunta não por curiosidade morbosa, a não ser devido a sua própria solidão. Talvez tinha reconhecido nele um espírito afim; e talvez ele tinha reconhecido isso mesmo nela. Teve a segurança de que se sentia sozinha, por incrível que parecesse. Como podia sentir-se só uma mulher tão formosa? Mas era mãe solteira.

— Nem sequer sei o que é a solidão — disse então ela. — Se não for literalmente ser uma pessoa solitária, é então o medo à solidão, o medo de estar sozinha com a gente mesmo? Não sinto esse temor. Eu gosto de estar sozinha.

— A que teme, então?

Ela o olhou brevemente e sorriu uma expressão frágil que disse muito ainda antes que encontrasse as palavras.

— A não encontrar a mim mesma nunca — disse, passados um ou dois minutos de silêncio, durante os quais ele pensou que talvez não lhe ia responder.

— perdeu-se, então? — perguntou-lhe docemente.

— Não sei. Tratei de ser a melhor mãe possível. Tentei arrumar isso para ser mãe e pai para o David. Se quando for maior é feliz e produtivo, eu também serei feliz. Mas o que descobrirei a respeito de mim quando ele me deixar, como devo fazer indevidamente, primeiro para ir ao colégio e logo para fazer sua própria vida como adulto? Descobrirei um buraco negro e vazio que tem dezessete ou dezoito anos de largura e profundidade? E bom, que demônios estou dizendo? Nunca disse estas coisas a ninguém. Nem sequer me permiti as pensar.

— Às vezes é mais fácil confiar-se a um desconhecido pormenorizado que a um amigo ou parente.

— E isso é você?

Voltou a olhá-lo e ele observou que seu rosto tinha captado o sol e a teria bronzeada um tempo, o que não estava na moda.

— Um desconhecido pormenorizado? Sim. E notou que as pessoas são capazes de reconhecer qualquer vício ou defeito antes que reconhecer que se sentem sozinhas? É como se isso fora algo vergonhoso.

— Sinto-me sozinha — disse ela atropeladamente, quase sem fôlego — terrivelmente sozinha. E sim, encontro-o vergonhoso. E é uma ingratidão também. Tenho a meu filho.

— que está ocupadíssimo forjando sua própria vida em companhia de outros meninos.

— Acaba de ocorrer algo horrível — disse ela a fervuras. — Por isso fiquei aqui a caminhar sozinha. Quando todos partiram da praia, sem pensar alarguei a mão para agarrar a do David, às vezes me esqueço que já não é um menino pequeno. E ele me há dito: «Ai, mamãe!» e se afastou correndo para ficar ao lado do Joshua, que lhe revoltou o cabelo, e pós a mão no ombro começou a conversar com ele, mesmo que levava a seu filho escarranchado nos ombros. Nenhum dos dois quis ser cruel comigo; Joshua não viu o que ocorreu. Foi ridículo que eu me tenha sentido ferida. Havia muitos outros meninos e outros adultos, com os que poderia me haver juntado para voltar para a casa, mas me senti muito só e muito assustada. Como posso competir pelo afeto de meu filho com outros meninos e homens que estão dispostos a lhe dar sua atenção? E

por que ia desejar isso? Estou contente por ele. E detesto minha mesquinharia.

Ah, sim que se equivocou muito a respeito dela, pensou Sydnam. Sua beleza não contava para nada na vida que lhe tinham esboçado e que iria trocando lenta e inexoravelmente à medida que seu filho se fizesse maior. Fugazmente pensou no homem que engendrou a seu filho. O que lhe teria ocorrido? Por que ela não se casou com ele? Ou, talvez pior ainda, por que ele não se casou com ela?

— Ninguém pode nem poderá jamais competir com você, senhorita Jewell — disse resolutamente. — Você é a mãe do menino. Ele conta com seu amor e carinho, e conta com você quando necessita consolo, apoio, segurança e aprovação. Em certo sentido sempre será assim. Ninguém poderia jamais substituir a minha mãe em meu coração para as coisas que procuro nela. Mas a relação mãe-filho não é uma relação entre iguais, verdade? Ele se sente sozinho estando somente com você, tal como você se sente sozinha estando somente com ele.

— Mas eu tenho minhas amigas — protestou ela.

— Eu também tenho amigos. Levo cinco anos aqui e tenho feito amigos, alguns bastante íntimos, aos que posso visitar em qualquer momento e com os que posso falar agradavelmente de qualquer tema que exista sob o sol. Tenho família em Hampshire, mãe, pai, irmão, cunhada, que me querem muitíssimo e fariam algo por mim.

Ela não havia dito nada de ter família, observou, além de seu filho.

— Mas se sente sozinho?

— Sinto-me sozinho — reconheceu ele.

Girou a cabeça para poder ver o brilho do sol na face do escarpado, voltando-o mais prateado que cinza, e logo o céu que nesse momento tinha uma viva cor azul.

Não recordava haver dito jamais essas palavras em voz alta, nem sequer falando sozinho. Mas eram absolutamente certas.

— Obrigado. — disse ela, inesperadamente.

Então fez uma inspiração para continuar, mas não disse nada mais.

Dava-lhe obrigado? Mas ele também sentia certa gratidão para ela. Tinha-lhe perguntado se sentia sozinho, logo reconhecido sua própria solidão, lhe oferecendo um pouco das inseguranças de sua vida, as emoldurando dentro da experiência humana comum de sofrimento e incerteza, como se na solidão dele não houvesse nada extraordinário nem patético.

Eram tantas as pessoas que o consideravam um objeto de lástima que sempre necessitava de toda sua fortaleza para não se ter lástima, e não sempre o obtinha, em especial no começo. Em realidade não se tinha lástima por sua solidão. Isso era simplesmente uma realidade da vida a que se adaptou, se é que alguém se adapta alguma vez à solidão.

— Será melhor que volte para a casa — disse então ela.

— Quando estive longe do David uma ou duas horas, meu coração suspira por ele. E que maneira mais estúpida de me expressar. Obrigado por caminhar comigo, senhor Butler. Foi uma meia hora muito agradável.

— Talvez, se seu filho estiver muito ocupado com os outros meninos e se sentir incômoda por ser hóspede na casa, poderia sair a caminhar comigo outra vez, em outra ocasião, senhorita Jewell. Talvez... Bom, não tem importância.

De repente se sentia terrivelmente sobressaltado.

— eu adoraria — disse ela imediatamente.

— Sim? — deteve-se e se girou a olhá-la, lhe apresentando de propósito toda a visão de seu rosto.

— Amanhã, talvez? À mesma hora? Sabe onde vivo? A casinha...?

— Essa casa bonita com teto de palha que está perto das portas?

— Sim. Faria o favor de aproximar-se até ali amanhã?

— Sim.

Olharam-se e ele observou que ela tinha os dentes enterrados no lábio inferior.

— Até manhã, então — disse ela.

Dito isso se deu meia volta e pôs-se a caminhar a toda pressa descalça para o atalho do escarpado.

Ele ficou onde estava observando-a.

«... “Quando estive longe do David uma ou duas horas, meu coração suspira por ele.»

E se tinha desculpado por essas palavras sentimentais, sortes de seu filho. Mas ficaram ressonando na mente e durante um momento se entregou a uma fantasia, acordado, sem ter um pretexto para estar dormindo.

E se essas palavras as houvesse dito por ele, Sydnam Butler, e não pelo David?

«... “Meu coração suspira por ele.»

Capítulo 5

A manhã seguinte, o reverendo Charles Lofter e sua mulher foram à aldeia próxima a apresentar seus respeitos ao pároco; levaram com eles à senhora Thompson e a seus filhos, entre eles Alexander, de dez anos. A duquesa de Bewcastle foi visitar uns vizinhos com lorde e lady Aidan, que os tinham conhecido em uma visita anterior a Gales; também foram Davy e Becky, embora o bebê da duquesa e a garotinha Hannah, a filha de dois anos de lady Aidan, ficaram na sala de berço.

Os dois grupos convidaram ao David Jewell a acompanhá-los, mas ele preferiu ficar na casa. Anne o encontrou na sala dos meninos jogando amavelmente com vários dos meninos pequenos, que estavam brigando ferozmente por ser o seguinte em montar a cavalo em suas costas.

— Agora toca a Laura — estava dizendo David — e depois a Miranda.

Laura, uma das gêmeas de lorde Alleyne montou com atitude triunfal e David começou a avançar a quatro patas, encabritando-se e relinchando um par de vezes, fazendo-a chiar e rir, e agarrar-se mais firme ao pescoço, enquanto Miranda, filha de lorde Rannulf, e os outros meninos saltavam entusiasmados esperando seu turno.

Dez minutos depois, anunciou que o cavalo necessitava comida e descanso, e se dirigiu para a Anne, com o cabelo revolto, o rosto avermelhada e os olhos faiscantes e felizes.

— Eles queriam que ficasse-explicou — assim que fiquei.

— Ah, foste muito bom — disse ela, lhe jogando para trás uma mecha caída na testa.

A mecha não demorou em cair onde tinha estado como sempre. Anne compreendeu o muito que significava para ele ser o herói maior para os meninos pequenos, posto que sempre tinha sido o menor entre as alunas da escola de Bath.

— Esta tarde voltarei a jogar críquete com todos. O primo Joshua me está ensinando a lançar.

O «primo» Joshua? Anne sentiu raiva. Nunca tinha querido reconhecer esse parentesco entre o marquês de Hallmere e seu filho, face ao muito que queria ao Joshua e o muito que lhe agradecia tudo o que tinha feito e continuava fazendo por ela. Mas esmagou a raiva e não seguiu o primeiro impulso, que foi lhe ordenar ao David que chamasse lorde Hallmere de Joshua. Estava claro que chamá-lo «primo» não foi idéia do menino.

— E é bom para lançar? — perguntou-lhe.

— Ainda não, mas a duquesa me disse que era prometedor, depois de acertar quatro graças a mim, e

derrotei lorde Rannulf quando ele estava bateando, embora acredite que me deixou ganhar.

— Aah — disse ela sorrindo e agachando-se a agarrar Jules Ashford, o filho de dois anos do conde de Rosthorn, que estava puxando a perna do David — assim vais aprender a lançar para derrotá-lo inclusive quando não te deixar, né?

Levantou em alto o pequeno até que riu e logo o baixou um pouco para lhe esfregar o nariz com a dela.

— Mamãe — disse então David, com uma especial veemência. — Lady Rosthorn vai pintar esta manhã e me há dito que podia ir com ela. Tem um cavalete e pinturas que eu posso usar. Posso ir? Por favor? E viria você a olhar?

— Ah, que amável.

Enquanto isso o pequeno que tinha nos braços saltava e ria indicando que queria que o voltasse a levantar em alto. Anne lhe deu o gosto, rindo com ele.

Ao David sempre tinha gostado de desenhar e pintar e ela sempre encontrava que o fazia muito bem. O senhor Upton, o professor de arte da escola, insistia em que tinha verdadeiro talento e que isso terei que fomentar-lhe.

— se fez um amigo para toda a vida, senhorita Jewell — disse o conde de Rosthorn detrás dela. — Mas a vai esgotar se lhe dá a metade das ocasiões para fazê-lo. Vêem aqui, monfus.

Jules já estava alargando os braços para ele.

E a condessa vinha acompanhando a seu marido.

— Deu-te permissão sua mamãe para ir pintar, David? — perguntou.

— Espero que não seja problema para você.

— Nenhum, absolutamente — lhe assegurou a condessa, agachando-se a agarrar a seu filho de três anos que vinha saltando para ela. — Me encantou descobrir um artista consagrado em um menino. E você, Jacques, carinho, vai sair com o papai, Jules e William da tia Judith a olhar as ovelhas, e talvez possa montar em uma se papai consegue agarrá-la. Seria divertido, verdade?

— Ver-me correndo detrás da ovelha seguro que o vai ser - disse o conde, sorrindo pesaroso.

— Virá conosco, senhorita Jewell? — perguntou então a condessa. — Vou pintar o mar. Persevero em minha fé de que algum dia captarei sua essência, embora me hão dito que fazer isso é tão impossível como reter a água em minha mão sem um copo.

— Mas isso não lhe disse eu, chérie — disse o conde.

— Te vi fazer isso com um rio, captar a essência, quero dizer.

Era uma formosa manhã ensolarada, e Anne a desfrutou, embora decidiu não pintar. A condessa instalou seu cavalete no mesmo promontório onde esteve o senhor Butler três noites atrás. Na opinião da Anne o lugar era bastante triste; ela teria elegido algo mais pitoresco, mas a condessa explicou sua eleição enquanto se sentava na erva rodeando os joelhos com os braços para depois de explicá-lo retirar-se a seu próprio mundo.

— Minha pobre governanta se desesperava comigo. Procurava as paragens mais bonitas do parque de Lindsey Hall e me ordenava que pintasse as flores, as árvores e os pássaros. E então, enquanto eu pintava, ela não parava de rondar ao meu redor, desaprovando tudo o que eu fazia e me dizendo como devia fazê-lo. Mas pintar não tem nada que ver com o bonito, senhorita Jewell, nem seguindo as regras. Ao menos para mim não. Tem que ver me colocando dentro do que vejo com os olhos para ver a realidade interior.

— Ver as coisas como se vêem elas — disse David inesperadamente.

— Ah, você o entende, David — riu a condessa. — escolhi um lugar que você não teria elegido? Fui muito egoísta?

— Não, senhora. Eu posso pintar em qualquer parte.

Depois disso Anne esteve sentada tomando o sol umas duas horas, segundo seus cálculos, enquanto seus dois acompanhantes trabalhavam em silêncio.

Essa tarde iria caminhar com o senhor Butler outra vez, pensava, mas esta vez seria um encontro acertado. Ele tinha pedido e ela tinha aceitado. Encontrava surpreendente as duas coisas. Duas noites atrás tinha tido a clara impressão de que lhe tinha antipatia, embora tinha que reconhecer que isso foi antes que estivessem sentados conversando um momento. Tinha que reconhecer também que ele era uma pessoa com a que não lhe resultava cômodo estar, mesmo que tinham caminhado juntos pela praia. Não lhe resultava fácil olhá-lo.

Mas que conversa a que tiveram! Custava-lhe acreditar que lhe tivesse falado com tanta franqueza, e de coisas que normalmente evitava reconhecer inclusive para si mesmo.

Estranha vez pensava que se sentia sozinha.

Tinha vinte e nove anos. Faz dez, mais de dez em realidade, esperava com ilusão uma vida de felicidade tradicional com o homem eleito. Nesse tempo ainda acreditava no «felizes para sempre». Mas logo chegou David, e o que precedeu ao David... E ficou feito farrapos esse futuro planejado.

Durante nove anos, quase dez, David tinha sido tudo para ela. Ele era seu presente. Mas não era seu futuro, isso ela sabia muito bem. Tão importante era para ela o futuro, então, mesmo que não existia, a não ser em sua imaginação? Não deveria lhe bastar o presente?

Mas não era tanto o futuro o que necessitava, compreendeu então, a não ser «esperança».

Era sua falta de esperança o que a fazia sentir-se só e às vezes a levava ao bordo de um desespero ou desesperança que lhe dava medo.

Viveria toda sua vida na escola da Claudia Martin? Adorava ensinar, de verdade. Queria muitíssimo a todas as meninas, em especial às de regime gratuito, e a Claudia e a Susanna, como também às demais professoras, embora talvez a estas um pouquinho menos. Não via nada triste na idéia de passar ali o resto de sua vida.

Mas claro, sim que era algo triste.

E agora o senhor Butler a tinha convidado a caminhar com ele, e essa insignificância lhe parecia, ridiculamente, algo de muita importância. Ele, um cavalheiro, o filho de um conde, tinha-a convidado a passear com ele simplesmente porque desejava passar mais tempo com ela. Não podia haver outro motivo. E ela tinha aceitado porque desejava passar mais tempo com ele. Assim simples.

Sua aparência física não tinha nenhuma importância, em realidade. Ao fim e ao cabo não lhe estava fazendo a corte.

E, diga-se a verdade, sentia-se agradecida, inclusive honrada, porque ele o tinha pedido. Durante dez anos nenhum homem lhe tinha pedido que fora a caminhar com ele.

David foi o primeiro que terminou de pintar. Limpou seus pincéis e levantou o rosto para ela.

— Quer ver o que pintei mamãe? Levantou-se vê-lo. Tinha decidido pintar uma só rocha. Viu que era uma que se sobressaía do bordo do promontório; logo se desprenderia e cairia à praia. Mas seguia agarrada ao promontório, ligeiramente oblíqua, e entre as gretas do desprendimento seguiam crescendo matos de erva, conectando-a com a terra firme. David a tinha pintado de tal maneira que ela viu detalhes que não tinha visto antes, mesmo que levava um par de horas sentada aí ociosa e com os olhos abertos. E tinha empregado um montão de cores para representar o que a seus olhos não treinados só era cinza claro e verde. Muitos adultos se sentiriam orgulhosos de ter feito essa pintura. Ela se sentiria orgulhosa.

— Vá, David — lhe disse, apertando os ombros — o senhor Upton tem razão no que diz de você, verdade?

— Mas ficou muito plano, mamãe.

A condessa os estava olhando por cima de seu cavalete sorrindo.

— Senhorita Jewell, você tem uma paciência extraordinária. Nem seu filho nem eu fomos acompanhantes muito interessantes, verdade? Posso ver seu quadro, David?

Ele assentiu; então ela lhes aproximou e esteve um minuto inteiro contemplando a pintura em silêncio.

— Ah, sim que tem olhos de artista — disse ao fim.

— Quer ver o meu?

David correu para rodear o cavalete da condessa e Anne o seguiu.

— OH, Caramba! — exclamou David.

Os dois estiveram um bom momento em silêncio olhando o quadro.

A condessa tinha pintado o mar, com o brilho do sol e os reflexos do céu, o azul e os tons mais claros das esponjosas nuvens que foram passando. Mas não era um quadro «bonito», pensou Anne. Não era uma simples reprodução da realidade que vêem os olhos. Não sabia expressar com palavras a impressão do que era; em certo modo parecia agarrar ao observador e colocá-lo sob a água e elevá-lo até o céu ao mesmo tempo. Ou talvez nem sequer isso. Era mais bem como se alguém se estivesse afogando dentro da água e dentro do céu.

O que foi o que disse David? «Ver as coisas como se vêem elas.» Como soube dizer isso?

— Ah, olhem quem vem — disse de repente lady Rosthorn, sorrindo afetuosa e agitando a mão para saudar. — Sydnam, que gosto verte.

Anne girou a cabeça para olhar e, sim, aí vinha o senhor Butler pelo atalho do escarpado, vestido igual como quando o viu pela primeira vez, embora agora levava chapéu. Ele o tirou no momento em que ela olhou.

David chocou com ela e meio se escondeu detrás.

— Mamãe — sussurrou, quase com um gemido.

— bom dia, Morgan, senhorita Jewell — saudou ele, detendo-se no atalho.

— O dia está precioso, verdade? Tomei um atalho para voltar de uma das granjas.

— E nós, como pode ver, estivemos pintando — lhe disse lady Rosthorn. — Quer ver o que tenho feito e me assinalar os defeitos que veja em meu trabalho?

Anne teve a impressão de que ele vacilava um momento, mas ao fim pareceu decidir-se e se aproximou. Seu olho se encontrou brevemente com os dela, e sentiu uma ridícula aceleração do pulso, como se os dois compartilhassem um segredo. Ia se encontrar com ele depois; iriam dar um passeio, juntos.

Que estúpido sentir-se como se fora a ser um encontro romântico. E o que... Aterrador.

— Quando critiquei algo que pintaste Morgan? — perguntou ele situando-se ante o cavalete, enquanto David empurrava a Anne para que se apartasse. — Nem me ocorreria.

— Nunca, é certo — reconheceu ela. — Sempre foi amável e sempre me inspirava. Mas eu sempre ficava nervosa quando você se aproximava a olhar.

Ele esteve em silêncio um momento, que a Anne pareceu muito longo, com a cabeça inclinada para o quadro.

— Isto é muito bom, Morgan. Progrediste imensamente como pintora da última vez que vi tua obra.

Lady Rosthorn sorriu, aproximou-se dele e com a cabeça inclinada contemplou sua pintura.

— Agora vejo que talvez sim tem certo mérito — disse rindo. — Mas esta manhã trouxe comigo a um colega pintor. Conhece o David Jewell, o filho da senhorita Jewell? David, ele é o senhor Butler, o administrador do duque aqui, e um muito querido amigo de infância.

— David — disse o senhor Butler, voltando-se para olhá-lo.

— Senhor — saudou o menino inclinando a cabeça e pegando-se mais a Anne. — Meu quadro não é bom. Não sei ver as coisas tão grandes como ela — acrescentou assinalando o quadro de lady Rosthorn com um

amplo movimento da mão.

— E eu não sei ver as coisas tão pequenas — disse a condessa, fazendo um gesto para o quadro pintado por ele. — Mas o grande e o pequeno existem, David, e ambas as coisas nos mostram a alma de Deus. Lembro-me que você me disse isso uma vez, Sydnam, quando eu tinha mais ou menos a idade do David e estava convencida de que jamais poderia pintar como você.

Ah, pensou Anne, sentindo um desagradável tombo no estômago, olhando as costas dele, ao recordar que quando lhe viu os dedos largos pensou que essa era uma mão de artista. Tinha sido pintor, então?

— Permite-me ver sua pintura, David? — perguntou-lhe o senhor Butler.

Todos foram olhar o quadro. David seguiu pego a Anne, com todas suas forças.

— É muito plano... — disse.

Mas o senhor Butler o estava contemplando atentamente em silêncio, tal como fez antes com o de lady Rosthorn.

— Alguém te ensinou — disse ao fim — a empregar uma grande variedade de cores para reproduzir o que os olhos não treinados acreditam que vêem quando olham um objeto.

— O senhor Upton — disse David — o professor de arte da escola de minha mãe.

— Aprendeste muito bem a lição para ser tão pequeno — comentou o senhor Butler. — Se fosses pintar esta mesma rocha a outra hora do dia ou em um dia nublado as cores seriam diferentes, verdade?

— E se veriam diferentes também — disse David. — A luz é algo muito estranho. A luz não é só luz. O senhor Upton me disse isso também. Sabia senhor, que a luz é como o arco íris todo o tempo, tem todas essas cores mesmo que não os vejamos?

— É extraordinário, verdade? — respondeu o senhor Butler. — Isso nos faz compreender que ao nosso redor há sempre todo tipo de coisas, milhões de coisas, que não percebemos devido a que nossos sentidos são limitados. Encontra sentido isso?

— Sim, senhor — disse David, e começou a enumerar, contando com os dedos de uma mão — Vista, tato, olfato, ouvido e gosto, cinco sentidos. Mas poderiam existir centenas mais que não temos. A senhorita Martin me disse isso uma vez.

O senhor Butler assinalou o lugar da pintura onde a rocha estava unida ao promontório, ao parecer sujeita aí por matas de ervas.

— Eu gosto disto — disse. — Essa rocha cairá logo e começará uma nova fase de sua existência na praia, mas neste momento está agarrada corajosamente a sua vida aqui acima, e a vida daqui de cima a sustentará todo o tempo que possa. É muito perspicaz por ter observado isso. Acredito que eu não o teria visto. Estive muitíssima vezes aqui e não me tinha fixado.

No que Anne se fixou foi em que David se apartou dela para aproximar-se do cavalete, e ao senhor Butler.

— Vejo o declive da rocha, com um indício da profundidade de baixo e da terra acima - continuou o senhor Butler. — A perspectiva é francamente muito boa. O que quis dizer com isso de que sua pintura é muito plaina?

— Né... mmm...

David guardou silêncio um bom momento, como se não conseguisse encontrar as palavras para explicar o que queria dizer. Assinalou a pintura flexionando os dedos como se queria chamá-la.

— Fica aí, plaina insípida.

O senhor Butler se girou a olhá-lo e novamente Anne ficou pasmada por sua beleza, e por sua amabilidade ao lhe dar seu tempo e atenção a um menino.

— pintaste com óleos, David?

David negou com a cabeça.

— Não há na escola. O senhor Upton diz que só a aquarela é apropriada para damas. Eu sou o único menino aí.

— A aquarela é apropriada para cavalheiros também - disse o senhor Butler — e a pintura a óleo vai muito bem para damas. Alguns pintores empregam ou uma ou outra. Outros empregam as duas em diferentes circunstâncias. Mas há alguns pintores que precisam pintar com óleo. Acredito que você poderia ser um deles. As pinturas a óleo servem para criar textura. Servem ao pintor para dar relevo, para dar a impressão que o tema sai do tecido. Também estimula a pintar com paixão, se já tiver idade para entender o que significa isso. Talvez sua mãe poderia falar com o senhor Upton para ver se há alguma possibilidade de que te ensine a pintar com óleo. De todos os modos, esta aquarela é muito, muito boa. Obrigado por me permitir vê-la.

David se girou a olhar a Anne com o rosto iluminada por um largo sorriso.

— Crê que quererá o senhor Upton, mamãe?

— Teremos que falar com — lhe disse ela sorrindo.

Voltou a lhe tirar a mecha que caía sobre a sua testa e quando levantou a cabeça viu que o senhor Butler a estava olhando.

Então ele partiu. Desejou-lhes um bom dia, impregnou-se o chapéu e tocou a aba com a mão.

— Ai, Syd — disse lady Rosthorn quando ele já ia caminhando de volta do atalho. — Oxalá pudesse vir um dia a pintar conosco.

O olhou para trás.

— Acredito que não, Morg — disse em tom alegre. — Wulfric ficaria muito descontente se eu empregasse mal o tempo pelo qual me paga.

Anne ficou observando-o afastar-se e de repente pensou o que teria feito ele para ferir-se tanto. Ia coxeando. Mas no mesmo instante em que estava pensando nisso, ele trocou o passo e começou a caminhar normalmente.

— O senhor Butler é o monstro — disse David entusiasmado quando ele já não podia ouvi-lo.

— David! — exclamou Anne.

— O monstro? — perguntou-lhe a condessa lhe pondo uma mão no ombro.

— Alexander o chama assim. Diz que é monstruosamente feio e que as noites de tormenta está à espreita esperando que se aproximem meninos para comer seus fígados.

— David — disse Anne secamente — o senhor Butler é o administrador do duque de Bewcastle. Foi um valente soldado nas guerras contra Napoleón Bonaparte, que estudou em suas aulas de história, e ficou horrorosamente ferido quando estava lutando. É um homem ao que terá que admirar não converter em monstro.

— Só disse o que me falou o Alexander — protestou David. — Foi algo estúpido, e o vou dizer.

— Eu me criei em Lindsey Hall, David — disse a condessa, lavando seus pincéis e ordenando seus utensílios de pintura. — Meus irmãos, minha irmã e eu jogávamos com os meninos Butler, que viviam na propriedade vizinha. Eu era a menor de meus irmãos, e eles sempre se impacientavam comigo e me deixavam atrás se podiam. Kit Butler era meu herói porque geralmente me levava montada em seus ombros para que não ficasse atrás. Mas era Sydnam o que sempre era mais amável comigo e estava mais disposto a conversar e a me escutar como a uma verdadeira pessoa. Ele foi o que me animou a pintar quando eu desejava fazê-lo. Quando o trouxeram para casa da guerra, mortalmente doente e horrivelmente mutilado, senti que morria uma parte de mim. Pensei que nunca voltaria a ser ele mesmo, e em realidade tinha razão. Converteu-se em outra pessoa e veio trabalhar aqui. É possível que as pessoas que não o conheceram antes e as que agora não se tomam o tempo para chegar a conhecê-lo, sempre vejam um monstro quando o olhar. Mas você e eu somos pintores. Sabemos que o verdadeiro significado das coisas está no interior, no profundo, e que o

verdadeiro significado das coisas sempre é formoso porque é simplesmente amor.

— Sabe de pintura — disse David. — Eu gostaria que ele pudesse me ensinar a usar tinta a óleo. Mas não pode, verdade? Não tem o braço.

— Não — repôs a condessa entristecida. — E... Ai, Deus, parece que estivemos muito tempo aqui. Aí vêm Gervase e Joshua, para nos levar os rastros a casa.

«... "O verdadeiro significado das coisas sempre é formoso porque é simplesmente amor», pensou Anne. Seria assim? Seria certo isso?

— Bom chérie — exclamou o conde quando já ia chegando—, obtiveste-o esta vez?

Quando subiu ao promontório se aproximou do cavalete e lhe pôs uma mão no ombro.

— Não de tudo — riu ela, pesarosa — mas jamais deixarei de tentá-lo, Gervase.

Dizendo isso inclinou a cabeça e lhe tocou a mão com a bochecha. O gesto foi breve e muito discreto, mas a Anne sugeriu que entre eles havia uma relação conjugal muito íntima.

Enquanto isso Joshua estava felicitando ao David por sua pintura e lhe apertando afetuosamente a nuca com uma mão.

De volta a casa Joshua ficou ao lado dela, levando o cavalete e a pintura do David, enquanto este corria diante passando pelo meio das árvores e depois pela grama com os braços abertos simulando ser uma cometa levada pelo vento.

— Diz que o vais converter em um formidável lançador de críquete — disse ela.

Joshua se pôs-se a rir.

— vai ser bastante competente se trabalhar duro. Vais participar da partida esta tarde, Anne, ou vais fazer de covarde outra vez, como ontem, que ficou escondida na praia?

— prometi ir caminhar.

— Sim? Vá Por Deus! Com outro safado que quer cabular aula? Isso não se pode permitir. Diga-me seu nome e eu me arrumarei isso com ele.

— Vou passear com o senhor Butler, o administrador do duque.

Sentiu arder às bochechas. Oxalá não lhe notasse que estava ruborizada. E por que se ruborizava?

— Seriamente? — disse ele, olhando-a, e continuou olhando-a enquanto continuavam caminhando em silêncio.

— Joshua — disse ela ao fim — somente vou caminhar com ele.

Encontrei-o na praia ontem e estivemos um momento caminhando juntos. Convidou-me a caminhar novamente hoje.

Estava-lhe sorrindo.

— Estranhei que ficasse na praia — disse. — Assim tinha um encontro clandestino, né?

— Que tolice! — riu Anne. Mas ficou séria imediatamente. — Não quero que anime ao David a te chamar «primo Joshua».

— Preferiria que me chamasse «senhor» ou «Milord»? É meu primo.

— Não o é. — protestou ela.

— Anne, Albert era um canalha de coração negro. Por você, pelo David e pelo Prue, alegra-me que morreu. Mas era meu primo, e David é seu filho. Sou parente do David, não só um homem qualquer que lhe tomou interesse. E Prue, Constance e Chastity são suas tias, e estão muito bem dispostas a reconhecer isso. E ele necessita todos os parentes que possa ter. Não tem nenhum por seu lado, verdade? Nenhum que você lhe permita conhecer em todo caso.

— Porque eles não querem conhecê-lo. — exclamou ela.

— Incomodei-te — suspirou ele. — O sinto. De verdade o sinto. Freyja me assegura que sabe como deve

te sentir, e me aconselhou que respeite seu desejo de criar sozinha ao David. Mas deixa que o menino me chame primo, Anne. Todos os outros meninos têm a alguém a quem chamar «papai», ou «tio» no caso do Davy, já que Aidan e Eve sempre o lembrem a que recorde a seu defunto pai.

Ela poderia ter seguido discutindo, mesmo que reconhecia a lógica do que dizia, e sua bondade ao aceitar a um filho ilegítimo como parente; o problema era que ela não suportava reconhecer esse parentesco. Mas nesse momento a condessa girou a cabeça para lhes fazer um comentário e continuaram o resto do caminho em um grupo de quatro.

Capítulo 6

Anne esteve uns minutos olhando a partida de críquete e logo se afastou dissimuladamente para o caminho de entrada, em direção a casinha com teto de palha que viu o dia em que chegaram. Aliviou-a ver que não era quão única não estava jogando. A duquesa estava a certa distância brincando de roda com os meninos pequenos, e o duque a estava observando, com sua habitual atitude severa, embora tinha a seu bebê nos braços, envolto em uma manta. Tive a impressão de que ninguém notou que partia. Esperava que Joshua não a delatasse.

Resultava-lhe horrorosa só idéia de que todos os Bedwyn se inteirassem de onde ia e tirassem conclusões errôneas. Essa não era um encontro romântico. Mas seguro que eles pensariam que ela queria aproveitar-se de um homem solitário e ferido.

Tomou o atalho e se dirigiu à casa bastante nervosa. Teria criados ali? O que pensariam de uma desconhecida que golpeava a porta e perguntava pelo senhor Butler?

Mas se salvou de ter que descobri-lo. Antes que chegasse ao muro baixo com porta de madeira que cercava o bonito jardim cheio de flores que rodeava a casa caiada, abriu-se a porta e ele saiu.

Anne se deteve no atalho.

— Duvidava que viesse — disse ele, quando abriu a porta de madeira. Uma vez fora, fechou a porta e acrescentou — Foi presunção por minha parte convidá-la, sendo você hóspede na casa. E esta manhã estava você com seu filho e Morgan. Talvez...

— Eu desejava vir.

— E eu desejava que viesse — disse ele, e lhe sorriu, indeciso.

De repente Anne se sentiu tímida com ele, como se de verdade esse fora uma encontro romântico. Que estupidamente patéticos pareceriam os dois a um observador, pensou, desejando que não houvesse nenhum criado olhando pela janela. Seguro que pareciam tão sobressaltados como um casal com a metade da idade deles.

— Viu o vale? — perguntou-lhe ele.

Ela negou com a cabeça.

— Só vi o parque que rodeia a casa, o escarpado e a praia.

— Esta não é a melhor época do ano para vê-lo — explicou ele, indicando com um gesto que passassem ao outro lado do caminho de entrada. — Na primavera, os narcisos e os jacintos silvestres que cobrem o chão do bosque como um tapete o convertem em uma paragem mágica, e em outono há um teto multicolorido acima e o tapete multicolorido abaixo. Mas sempre é belo, inclusive no inverno. Agora está todo verde, mas se tiver olhos de pintora verá que há tantas matizes de verde que as árvores e a erva do verão são um verdadeiro festim para os sentidos sem nenhum acompanhamento de flores.

Ela não demorou a ver que sim havia um vale ali. Passaram por um a mata com árvores e arbustos muito espaçados até que chegaram a um ponto onde parecia como se acabasse a terra e então apareceu um bosque muito denso abaixo.

Desceram pelo elevada e abrupto ravina, que oferecia matas de ervas, terra firme e raízes de árvores a modo de degraus até chegar ao fundo, por onde discorria um largo e cantava o riacho em direção ao mar. O mar não se via dali, mas sim chegava seu aroma, que se mesclava com o aroma das árvores. Anne sentiu também o ar quente do verão, embora a folhagem oferecia um agradável toldo que atenuava o forte brilho do sol.

A sensação de retiro e paz foi foto instantânea, como se estivessem a muitas milhas de distância de onde estavam só fazia uns minutos. Tudo ao redor sentia o murmúrio das folhas das árvores.

— É precioso. — comentou.

Pareceu-lhe ouvir o chiado de uma gaivota e apoiou a mão no tronco de uma árvore para olhar para cima.

— Gales é um país muito formoso. — disse ele. — É muito diferente da Inglaterra, embora a maioria dos latifundiários desta parte são ingleses. Aqui podemos descobrir a história, o misticismo, a paz e a música dos antigos celtas, senhorita Jewell, maravilhas inexprimíveis. Enquanto não tenha ouvido tocar a harpa de um galés ou a uma galesa, ou enquanto não tenha ouvido cantar a vozes galesas, preferivelmente juntas, em coro, não pode dizer que sabe o que lhe faz a música à alma. Tudor Rhys, o padre galés da capela daqui, está-me ensinando o idioma, mas é um processo longo e lento. É uma língua muito complexa.

— Vejo que se apaixonou por Gales, senhor Butler.

— Espero passar aqui o resto de minha vida, embora não necessariamente aqui em Glandwr. Um homem necessita uma casa própria, a sensação de estar em sua casa, seu lar.

Anne sentiu uma inesperada quebra de onda de nostalgia e pressionou com mais força a áspera casca da árvore.

— E tem em vista essa casa? — perguntou-lhe.

— Sim.

Ela acreditou que ele ia continuar, mas ele não disse nada mais. Girou-se, de modo que só lhe visse o lado perfeito e formoso do corpo. O tema do lar era algo muito íntimo para ele, pensou. Ao fim e ao cabo ela só era uma desconhecida. Mas sentiu inveja.

«Um homem necessita uma casa própria, a sensação de estar em sua casa, seu lar.»

Sim, e uma mulher também necessita essas coisas.

— Se caminharmos seguindo a borda do riacho passaremos sob a ponte por cima do qual tem que ter passado quando chegou a Glandwr, e por aí se sai a uma pequena praia que conecta com a praia maior quando a maré está baixa. Quer vê-la?

— Sim — repôs ela e pôs-se a andar a seu lado. — Ah, sim, lembro da ponte, e a impressão que tive de que passava por cima de um formoso vale. Tinha-me esquecido. Agora estou nesse vale.

Caminharam em silêncio um par de minutos, silêncio que ela encontrou agradável e não lhe incomodou que se alargasse. Mas foi ela a que o interrompeu ao fim.

— Você foi muito amável esta manhã ao passar um tempo com o David. Seus comentários sobre sua pintura significaram muitíssimo para ele.

— Para ser um menino de nove anos tem uma notável visão e consideráveis habilidades. Merece que o inspire. Mas isso não preciso dizer a você.

— Você era pintor?

Antes que ele respondesse compreendeu que essa era uma pergunta que não deveria lhe haver feito. Notou certa rigidez em seus movimentos. Mas já era tarde para retirar a pergunta. Ele demorou um momento

em responder.

— Fui, mas não o sou — respondeu ao fim, mas bem seco. — Nasci destro, senhorita Jewell.

Reatou-se o silêncio, mas já não lhe resultou tão cômodo como antes. Estava claro que se colocou a indagar muito em seu mundo particular, em seu sofrimento secreto, pensou, se a condessa de Rosthorn havia dito a verdade a respeito de seu talento artístico. Era destro, mas já não tinha mão direita. Já não podia pintar.

De repente ele se deteve e apoiou as costas no tronco de uma árvore. Ela também se deteve, perto da borda do riacho, e o olhou receosa. Ele estava olhando por cima da cabeça dela para a ravina do outro lado do arroio.

— Sinto-o — lhe disse — não deveria lhe haver feito essa pergunta. Me perdoe, por favor.

Ele baixou o olhar e a posou nela.

— Isso é parte do problema, senhorita Jewell. São tantos os temas que as pessoas, em especial meus seres queridos, temem tratar comigo, que não se pode falar de nada com tranqüilidade, à exceção do estado do tempo e a política. E inclusive em política, sentem a necessidade de não referir-se a certos acontecimentos, por exemplo, as guerras recentes. Todos têm medo de me ferir e em conseqüência me tornei suscetível. Devido a partes de meu corpo que estão danificadas para sempre, devem ver-me eternamente como uma frágil flor.

— Mas não o é?

Ele sorriu tristemente.

— É você? Porque tem um filho ilegítimo?

Normalmente ninguém falava disso quando ela estava presente. Agachou-se a agarrar umas pedras e levantando a mão às deixou cair uma a uma na água.

— Eu perguntei primeiro. — disse.

— Cheguei a descobrir que os seres humanos são criaturas extraordinariamente resistentes, senhorita Jewell. Acreditei que minha vida estava acabada. Quando compreendi que não, desejei, durante muito tempo, que tivesse acabado. E poderia ter continuado desejando-o, sentindo lástima de mim e atraindo a lástima de outros, e vivido assim desgraçado para sempre. Decidi não viver assim. Dei uma nova direção a minha vida e tive bastante êxito nisso. Evitei tudo o que tenha que ver com pintura e com pintores, até esta manhã. Foi doloroso para eu aceitar o convite de Morgan a olhar seu quadro, atroz mente doloroso. Inclusive o aroma das pinturas... Bom, sobrevivi a isso, e inclusive me senti bastante orgulhoso de mim mesmo quando caminhava para a casa. Quando cheguei tirei todos os livros de contas para pô-los ao dia, e escrevi umas quantas cartas que devia escrever. A vida continua, sabe?

— E é feliz a maior parte do tempo? — perguntou-lhe ela. Embora ele tinha reconhecido que se sentia sozinho.

— Feliz? A maior parte do tempo? A felicidade é sempre algo passageiro, fugaz. Nunca é um estado permanente para ninguém embora muitos perseveramos em acreditar a tola idéia de que se ocorresse isto ou aquilo seríamos felizes o resto de nossa vida. Tenho momentos de felicidade como à maioria. Talvez aprendi a encontrar de maneira que passariam inadvertidas a algumas pessoas. Sinto o calor do verão aqui neste momento, vejo as árvores e a água e ouço essa gaivota invisível lá encima. Sinto a novidade de ter companhia quando normalmente venho aqui sozinho. E este momento me produz felicidade.

Anne sentiu uma inesperada acumulação de lágrimas nos olhos e desviou o rosto. Ele se sentia feliz de estar com ela. Um desconhecido, um homem, era feliz por estar com «ela».

— Toca a você. — disse ele.

— Ah, não sou frágil. Minha vida trocou quando David nasceu, e às vezes é tentador pensar que foi uma

mudança espantosa. Mas ele trouxe amor a minha vida, um amor que foi e é tão intenso que sei que sou uma das mortais mais afortunadas. E logo, tal como você, dei uma nova direção a minha vida, com alguma ajuda, e me fiz uma vida digna e com sentido na escola da senhorita Martin. Tem razão, senhor Butler.

— Adaptamos nossa vida às circunstâncias e agarramos a felicidade onde a encontramos, mesmo que só seja em momentos passageiros. Ou fazemos isso ou perdemos a oportunidade de aceitar a graça em nossa vida. Este é um momento feliz. Recordarei-o.

— Aceitar a graça em nossa vida. — repetiu ele em voz baixa. — E eu recordarei essa frase. Eu gosto.

Ela se esfregou as mãos para tirar a terra e as pedrinhas e levantou a cabeça para lhe sorrir.

— Amava ao pai de seu filho? — perguntou-lhe ele, então.

Anne sentiu uma comoção tão forte como se tivesse recebido um golpe; fechou os olhos, porque se sentiu um pouco enjoada. Agora ele se metia com seu mundo particular, com seu sofrimento secreto. Talvez era simplesmente uma troca justa.

— Não — respondeu. — Não. Odiava-o. Deus me ampare, odiava-o.

— Onde está?

— Morreu.

E jamais havia sentido nem um só instante de pena por sua morte, nem a mais mínima espetada de remorso por ter tido possivelmente uma pequena parte de culpa em sua morte.

— Continuamos nosso caminho? — sugeriu ele, apartando da árvore.

— Sim.

Foi um alívio voltar a caminhar. Mais adiante já se via a ponte, o final do vale e as dunas cobertas de erva que o separavam da praia.

Admiraram os três arcos de pedra que sustentavam a ponte, passaram por debaixo e aos poucos minutos foram vadeando pelas dunas até chegar à pequena praia, mais plaina e de areia mais firme. A praia estava encerrada por escarpados que atraíam a vista à frente, por volta do azul do mar salpicado de espuma, e para cima, para o azul mais claro do céu. Nas dunas o riacho se dividia em muitos braços que corriam pela praia por volta do mar em pequenos arroios.

Na tarde anterior os dois tinham reconhecido que se sentiam sozinhos, pensou Anne. Essa tarde os dois acabavam de negar sua fragilidade. Na tarde anterior foram sinceros. Essa tarde os dois mentiram.

Os dois eram frágeis. Ele não voltaria a pintar. Ela nunca teria um marido, nem um lar nem mais filhos.

— Não terá que meditar muito no que se perdeu para sempre — disse ele, como se seus pensamentos tivessem seguido um caminho paralelo aos dela. — Eu não posso recuperar meu olho nem meu braço, assim como você não pode recuperar sua virgindade nem sua reputação aos olhos da sociedade. Mas eu tenho feito algo que me era possível. Converti-me no melhor administrador de toda Grã-Bretanha. Fez você o mesmo como professora?

Girou-se a olhá-la e ela viu que tinha os lábios curvados nesse sorriso enviesado tão curiosamente atrativo.

— Da Grã-Bretanha? — exclamou, olhando-o horrorizada e levando uma mão ao coração. — Seria indigno de eu pôr a fita de seda tão baixo, senhor Butler. Converti-me na melhor professora do «mundo».

Os dois puseram-se a rir, e repentinamente ela sentiu uma percepção sexual dele totalmente desconcertante.

Deu-se meia volta e pôs-se a correr rápido pela praia, e só se deteve quando esteve a ponto de afundar-se o pé na areia molhada, deixada pela maré que ia baixando. Desconcertavam-na tremendamente suas sensações. Normalmente as controlava melhor. E sentir isso por «ele», pelo senhor Butler! Se ainda lhe resultava difícil olhá-lo ao rosto.

Então caiu na conta de que ele a tinha seguido. Girou a cabeça e lhe sorriu.

— Escutei! — disse.

Ele esteve um momento em silêncio, escutando.

— Algumas pessoas nem sequer o ouvem — disse depois. — O rugido elementar do mar se pode confundir facilmente por silêncio.

Continuaram juntos escutando atentamente.

Mas passado um momento a Anne pareceu que eram os batimentos do coração de seu coração os que ouvia.

Ou os dele.

E se sentia terrivelmente consciente de estar viva. Não simplesmente vivendo, respirando, não. Viva.

Sydnam encontrava sua companhia estimulante e perturbadora de uma vez. Ele fazia perguntas muito francas, perguntas que seus familiares e amigos íntimos sempre punham grande cuidado em evitar, perguntas que ele mesmo desprezava de seus pensamentos sempre que lhe era possível. Mas também lhe tinha feito pergunta bastante pessoais. Seguro que as pessoas que a conheciam evitavam lhe fazer perguntas sobre o pai de seu filho.

Odiava-o, disse.

A teria violado, então? Ou o odiaria porque ele se negou a casar-se com ela depois de deixá-la grávida?

Era incrivelmente formosa, em especial quando sorria ou estava absorta contemplando a beleza do entorno. E, entretanto estava com ele. Ele a tinha convidado a caminhar e ela aceitou. Quando estava com ela quase se esquecia do que ela tinha que ver quando o olhava. Com ela se sentia... Intacto, não mutilado.

Olhando-a era difícil saber que ela, a sua maneira, estava tão danificada e era tão vulnerável como ele.

Girou a cabeça para contemplar o movimento das ondas ao romper na borda convertendo-se em espuma e logo sua ressaca com a força da decida da maré.

Ele era vulnerável, então? Tinha dedicado os seis ou sete últimos anos a fazer-se forte em todos os aspectos possíveis. Mas em algumas coisas sabia muito bem que não tinha obtido de tudo nem o obteria jamais. Tinha reconhecido que se sentia sozinho, não? A pesar do gratificante trabalho e de seus vários bons amigos, em essência estava sozinho. Igual a ela. E um motivo de que gostasse de viver aqui era que se encontrava com muito poucos desconhecidos. Com sua aparência, era impossível não encolher-se ao ver a expressão dos olhos dos desconhecidos quando o viam pela primeira vez.

Enquanto ele desfrutava dando de presente aos olhos com a vista de uma mulher formosa, ela devia olhar, pelo menos de tanto em tanto, uma fealdade monstruosa. Nunca tinha sido presunçoso por sua boa aparência, mas... mmm, bom.

Para não deixar-se invadir pela temida auto compaixão, levantou o braço e apontou para a direita, dizendo:

— Quando a maré está totalmente baixa é possível passar à praia principal dando a volta pela frente das rochas sobressalentes. Mas tal como está à maré agora, o passo está cortado, as rochas estão encerradas pela água.

— Tudo isto me recorda muito a Cornualles — disse ela. — Cada milha da costa vai revelando um esplendor novo e totalmente diferente. Se subíssemos a essas rochas, veríamos a outra praia?

— Sim, mas são muito altas e bastante acidentadas.

— Isso parece um desafio — exclamou ela rindo, e pôs-se a caminhar para as rochas.

Sempre gostou de subir nas rochas, às vezes tendo o mar por três lados, a olhar a vista panorâmica ou a observar os poços que deixava a maré alta se por acaso via moluscos ou outras criaturas do mar. Gostava de desafiar-se, subir a lugares onde a falta de um braço e de um olho e um joelho algo fraco dificultava o avanço

ou inclusive o faziam perigoso.

Sim que havia algumas coisas impossíveis para ele, mas tinham que ser absolutamente impossíveis, não só difíceis, para renunciar a elas.

Pintar era uma das impossíveis.

Subir pelas rochas não.

— OH, olhe! — exclamou ela de repente.

Já tinham subido bastante pelas rochas, estavam por cima do nível da praia pequena, mas ainda não alcançavam a ver a outra por cima das mais altas. Ela acabava de ver um grupo de conchas em um pequeno oco arenoso e estava agachada recolhendo umas poucas. Colocou uma na palma e lhe aproximou a mão para que a visse.

— Poderia haver algo mais delicioso?

— Não me ocorre nada.

— A natureza é uma maravilha, verdade? — disse ela, sentando-se em uma rocha de superfície plaina e ordenando as conchas sobre o joelho.

— Sempre — conveio ele — inclusive quando seus efeitos são catastróficos para os seres humanos que tentaram dominá-la ou desafiá-la. É a quinta essência do artista perfeito, e também sabe produzir coisas tão frágeis e deliciosas como essas conchas.

Sentou-se em uma rocha próxima a dela e ficou a contemplar a praia com o vale mais à frente. Como alguém podia escolher viver terra adentro podendo viver perto do mar?

Estiveram em silêncio um momento, sentindo o calor do sol na cabeça e a fresca brisa no rosto. Que maravilhoso, pensou, estar aqui acompanhado. Então caiu na conta de que embora tinha amigos na vizinhança nunca saía a caminhar nem a cavalgar com nenhum deles. Sempre que vinha a esse lugar o fazia sozinho, até esse momento.

Mas no futuro recordaria sempre que tinha estado aqui com ela. Recordaria-a como estava nesse momento: a aba de seu chapéu ligeiramente agitada pela brisa, sua postura elegante, mas relaxada, tocando uma concha com seus dedos largos e magros, quase com reverência, as rochas detrás de um de seus ombros, o mar atrás do outro, uma matiz mais escura que seu vestido, o mesmo vestido que levava no dia anterior.

Ela levantou a cabeça e se encontraram com se olhar.

— Como ocorreu? — perguntou-lhe.

A pergunta podia referir-se a muitas coisas, mas ele entendeu muito bem o que perguntava.

— Eu era oficial, na guerra da Península.

— Sim, isso sabia.

Ele desviou o rosto.

— Fui torturado. Ia a uma missão especial com meu irmão e nos encontramos apanhados na montanha por um grupo de soldados franceses que andavam explorando. Existia a possibilidade de que um de nós conseguisse escapar com os importantes papéis que levávamos se o outro atuava de chamariz, correndo o risco de que o capturassem. Kit era o experiente, enquanto que eu não. E ele era meu superior, além disso. Ofereci-me a fazer de chamariz para lhe evitar o doloroso dever de me ordenar isso Não vestíamos uniforme.

E essa realidade foi à causa de tudo, recordou. Se tivesse levado uniforme, seus captores o teriam tratado com cortesia e honra como a um oficial britânico.

Viu que ela estava passando os dedos pela concha que lhe tinha mostrado antes.

— Desejavam informação a respeito do Kit e de sua missão — continuou. — Então, ao longo da semana me foram torturando metodicamente para que eu lhes desse a informação. Começaram por meu olho direito e continuaram para baixo. Quando Kit chegou a me resgatar com um grupo de guerrilheiros espanhóis,

tinham chegado até o joelho.

— Seguiam-no torturando — disse ela; não era uma pergunta, — Então, você não lhes tinha dado a informação que necessitavam?

— Não.

Ela fechou a mão com todas as conchas dentro e a apoiou no joelho. Viam-se brancos os nódulos.

— É incrivelmente valente — disse.

Esse elogio lhe produziu um agradável calor. Tinha esperado que ela dissesse algo assim como «OH, pobre homem era a reação habitual. Essa tinha sido a reação de sua família. Kit tinha passado anos atormentando-se e culpando-se.

— Mais cabeçudo que valente — disse. — Era o menor de três irmãos, o cometido, o calado, o sensível, entre dois irmãos buliçosos e vigorosos. Desejava demonstrar algo quando insisti a meu pai que me comprasse a comissão. Às vezes obtemos mais do que desejamos, senhorita Jewell. Deu-me a oportunidade de demonstrar esse algo e o demonstrei, mas a um preço muito elevado.

— Devem sentir-se orgulhosos de você. Sua família.

— Sim.

— Mas não ficou a viver com eles?

— A família é uma instituição maravilhosa. Valoro a minha, mas do que poderia expressar com palavras. Mas cada pessoa tem que viver sua vida individual, pisar em seu próprio caminho, forjar seu próprio destino. Pode imaginar-se como minha família desejava me amparar e me proteger, viver por mim, como se disséssemos, para que eu nunca voltasse a conhecer o medo, a dor, o sofrimento nem o abandono. Finalmente tive que me afastar deles, se não, poderia ter caído na tentação de deixar que fizessem isso.

Ela abriu a mão e lhe mostrou novamente as conchas. Ele as agarrou de sua mão e as guardou com supremo cuidado em um dos bolsos da jaqueta.

— E você tem família? — perguntou-lhe.

— Sim.

— Ah, então sabe o que quero dizer.

— Não vi a ninguém de minha família há mais de dez anos — disse ela.

Não lhe disse que seu filho tinha nove anos? Seguro que havia uma relação entre essas duas coisas.

— Rechaçaram-na?

— Não. Perdoaram-me.

Ficaram em silencio pelo chiado de um par de gaivotas, que logo posaram nas rochas a bicar algo que viram ali.

— Perdoaram-na? — perguntou ele em voz baixa.

— Eu estava grávida, mas não estava casada. Era uma mulher caída, manchada, senhor Butler. E uma vergonha para eles, como mínimo.

Agarrou-se os joelhos levantados e estava olhando para o horizonte, com o olhar desfocado.

Vergonha para sua família? E essa vergonha importava mais que ela?

— Mas suponho que desejariam que voltasse para casa se a tinham perdoado. Não?

— Nunca, nenhumas sós vezes, mencionaram ao David em nenhuma das cartas que me têm escrito. Suponho que compreendem que se eu fosse a casa ele iria comigo. Nunca fizeram nenhum convite.

— E não lhe ocorreu ir de todos os modos? Talvez as pessoas não necessitem um convite para ir a casa. Talvez teriam gostado se você tivesse tomado a iniciativa.

— Não tenho o menor desejo de ir. Já não é minha casa, não é meu lar. Isso é só uma maneira de falar. A escola da senhorita Martin é meu lar.

Não, um lugar de trabalho, por agradável que seja não pode ser jamais um lar, pensou ele. Glandwr não era o seu. Duvidava que a escola fora o dela. Igual a ele, ela não tinha casa própria. Mas ele ao menos tinha a esperança de comprar uma e os meios para fazê-lo.

— O que ocorreu? — perguntou-lhe.

E esteve a ponto de alargar a mão para colocar no braço, mas se refreou bem a tempo. Ela não agradeceria seu contato.

— Eu era a governanta de lady Prudence Moore em Penhallow, na Cornualles. Prue era a garotinha mais doce e encantadora que se poderia esperar conhecer; uma garotinha pequena no corpo de uma menina maior. Seu irmão fazia todo o possível por meter-se com ela, por... Manuseá-la, e eu sabia que não tiraria nada apelando ao marquês, seu pai, que vivia imerso em seu próprio mundo, nem a sua mãe, que adorava a seu filho e odiava a sua filha por ser retardada mental. Suas irmãs eram impotentes embora a queriam. E Joshua, o atual marquês, seu primo, vivia no povo a certa distância e só ia uma vez por semana a ver o Prue. Atraí para mim o interesse do Albert para afastá-lo dela. Desejava angustiosamente salvá-la. Acreditei que eu seria capaz de disputar com ele. Mas não pude.

Apoiou a testa nos joelhos e ficou calada, embora em realidade não fazia falta que dissesse nada mais.

— David foi o resultado — continuou passando um momento, levantando a cabeça.

— Como queria... OH, como queria que não tivesse sido o resultado de uma coisa tão horrível.

Novamente ele desejou tocá-la, mas se conteve.

— Direi-lhe o que você me disse. É incrivelmente valente.

— Só tola. Simplesmente uma das muitas mulheres que acreditam que podem raciocinar com esse tipo de homens e fazê-los trocar. Algumas mulheres inclusive se casam com eles acreditando nisso. Eu ao pior liberei desse destino.

E, entretanto, compreendeu Sydnam então, se o canalha se casou com ela, seu filho seria o atual marquês de Hallmere e ela seria a marquesa viúva, uma pessoa de considerável importância social e riqueza.

— Mas a menina se salvou — disse — quero dizer lady Prudence Moore.

Ela sorriu levemente olhando de volta ao mar.

— Faz uns anos se casou com um pescador, e tem dois robustos filhos. Às vezes me escreve, ajudada por sua irmã. Escreve com impecável correção, com letra grande de menina pequena. E se existir algum tipo de felicidade prolongada, senhor Butler, ela a está vivendo.

— Graças a você.

Ela se levantou bruscamente e se limpou a areia da saia. Ele também se levantou, mas estava tão imerso na dolorosa história dela que não tomou cuidado; cedeu-lhe o joelho direita e teve que dobrar-se bruscamente para agarrar-se à rocha com o braço esquerdo e não cair. Sentiu-se violento, envergonhado por sua estupidez; para ele foi um momento em que sentiu perdida sua dignidade. E quando se endireitou viu a mão que ela tinha alargado para afirmá-lo, embora não chegou a tocá-lo.

Olharam-se, incômodos por estar tão perto.

— Que torpe sou — disse.

Ela baixou a mão até lado.

— Quando decidi subir aqui — disse — não pensei... — interrompeu-se e se enterrou os dentes no lábio inferior.

— Alegra-me que não o tenha pensado — se apressou a dizer ele. — Os dois estamos mutilados, senhorita Jewell. Mas os dois sabemos quão importante é nos negar a viver como inválidos.

Então ela fez um gesto que o surpreendeu tanto que ficou imóvel, como se estivesse parecido nas elevadas rochas que separavam as praias, com um pé ligeiramente mais acima que o outro: voltou a levantar

a mão e a pôs na bochecha esquerda, roçando-lhe com as gemas dos dedos.

— Os dois aprendemos a ver até o coração mesmo da dor e o sofrimento, senhor Butler - lhe disse. — E também os dois trocamos, para melhor acreditar. Não somos inválidos. Somos sobreviventes.

Então pareceu dar-se conta do que fazia e embora a aba do chapéu lhe escurecia o rosto, ele viu seu rubor quando retirou a mão de sua bochecha, com certa precipitação.

— houve algum homem em sua vida depois de... Do Moore? — perguntou-lhe.

Ela negou com a cabeça.

— Não. — Passado um breve silêncio, perguntou-lhe — E houve alguma mulher em sua vida depois de...? Não posso chamá-lo acidente, verdade?

— Não, nenhuma.

Vibrou entre eles a consciência da larga e solitária abstinência sexual de ambos, embora nenhum dos dois a expressou com palavras. Como teriam podido? Seguiam sendo virtualmente uns desconhecidos. Além disso, um homem e uma mulher.

De repente se apoderou de Anne a vergonha por esse intercâmbio de conhecimento mútuo tão íntimo. Dando-se meia volta continuou subindo pelas rochas até chegar a mais alta; ali ficou a olhar para a outra praia fazendo viseira com uma mão. Ele ficou um momento onde estava e depois a seguiu.

Era-lhe impossível ocultar-se a si mesmo que percebeu certa repugnância nela quando retirou a mão de sua bochecha. Não devia nem pensar porque ela estivesse tão só e tão necessitada sexualmente como ele, poderiam...

Jamais poderia submeter a isso a nenhuma mulher.

E talvez ela estava muito machucada nesse sentido para ter algo que oferecer a um homem.

Chegou acima e se situou a um lado dela, não muito perto.

— Isto é pasmoso — disse ela, contemplando a praia em toda sua longitude por onde tinham caminhado na tarde anterior.

Mas lhe pareceu que dizia isso porque o considerou apropriado ante essa vista, sem dizer o que sentia realmente no fundo.

— Sim — conveio. Sempre desejava ter os dois olhos para olhar essa vista. Mas melhor um que nenhum.

Viu que a maré já tinha baixado quase de tudo. Já seria possível passar por diante dessas rochas para ir à outra praia. Poderiam ter evitado a ascensão se tivessem esperado.

— Podemos baixar à praia ou voltar por aonde viemos — disse — ou podemos subir por aqui à direita e chegar ao alto do escarpado. Não é uma ascensão difícil. Você escolhe.

Ela se virou a olhá-lo, mas esta vez fixou os olhos mais ou menos à altura de seu queixo, não o olhou aos olhos.

— Já deve ser tarde — disse, em tom animado, embora neutro. — Suponho que deveríamos voltar pela rota mais curta. Perdi totalmente a noção do tempo. Desfrutei muitíssimo desta tarde senhor, Butler. Obrigado.

Algo irrecuperável tinha desaparecido dessa tarde que ele tinha encontrado mágica em muitos sentidos.

Tinham intimado muito ao contar-se mutuamente suas histórias. Talvez por um momento os dois tinham confundido uma compaixão amistosa por atração ou intimidade física, até que ela o tocou e compreendeu que isso lhe era impossível. E só quando ela o tocou ele compreendeu o muito ferida que estava, e o impossível que seria a ele lhe responder emocionalmente, até no caso de que lhe tivesse devotado à oportunidade.

Sem dizer outra palavra se deu meia volta e a guiou na ascensão e logo pelo atalho do alto do escarpado até chegar ao caminho principal de entrada que passava perto de sua casinha. Falaram muito pouco na volta.

— Acompanharei-a até a casa — disse quando estavam em frente a sua casa caiada.

— Ah, não é necessário. Você teria que fazer todo o caminho de volta.

Detiveram-se e se olharam amável e alegremente, como dois desconhecidos que conversaram um momento, mas ao que já não fica nada que dizer-se e estão impacientes por despedir-se e seguir cada um seu caminho por sua conta.

E a verdade era que eram isso: desconhecidos.

— Obrigado por vir — lhe disse. — Foi muito agradável o passeio. Espero que desfrute o resto do mês aqui. Não lhe direi adeus. Acredito que voltaremos a nos ver antes que volte para Bath.

— Sim — disse ela, lhe olhando o queixo. — Suponho que nos veremos. Obrigado por me mostrar esses lugares que não tinha visto.

Dito isso se girou com certa brutalidade e pôs-se a caminhar em direção a casa.

Sydnam continuou onde estava, olhando-a, sentindo um aborrecido abatimento. Ela só era uma convidada na casa, uma mulher que havia tocado brevemente sua vida e saído dela. Sua vida não trocaria devido a seus quatro breves encontros com ela, e talvez outros tantos antes que ela retornasse a Bath.

Mas talvez não deveria ter caminhado com ela pela praia na tarde anterior nem havê-la convidado a passear com ele esse dia. Não voltaria a fazê-lo. Não queria cometer nenhuma estupidez, como por exemplo, apaixonar-se por ela.

Sacudiu a cabeça, para desprezar essa idéia, enquanto ela se perdia de vista em uma curva do caminho sem ter olhado para trás. Então dirigiu seus passos para a casinha.

E então recordou que levava as conchas que ela encontrou. Se colocou a mão no bolso e a fechou ao redor delas.

Capítulo 7

Transcorreu mais de uma semana sem que Anne voltasse a ver Sydnam Butler, além de vê-lo uma tarde quando voltava de uma caminhada com o David. Ele estava no terraço de entrada, a certa distância da porta principal, conversando com o duque do Bewcastle. Sua excelência inclinou a cabeça para eles, e o senhor Butler, que não os tinha visto porque iam por seu lado cego, girou-se à direita para vê-los e também os saudou com uma leve inclinação da cabeça e logo continuou a conversação.

Também se inteirou de que lorde Alleyne, lorde Rannulf e lady Hallmere tinham saído a cavalgar com ele uma tarde, e a surpreendeu que pudesse montar a cavalo. Embora não deveria haver-se surpreendido, porque ele era um homem que combatia suas descapacidades de todas as maneiras imagináveis, à exceção da incapacidade de pintar. Então lhe ocorreu se haveria alguma possibilidade de que ele desse também essa batalha e ganhasse. Mas era provável que não. Algumas coisas são simplesmente impossíveis.

A semana não foi desagradável, apesar de que não lhe permitiram continuar na ala dos meninos como uma espécie de governanta. Virtualmente a arrastaram a participar de todas as atividades e relacionar-se com todos os outros, adultos e meninos por igual. Todos passavam muitíssimo tempo ao ar livre, caminhando, jogando críquete e a outros jogos de bola, banhando-se e nadando no mar, passeando em barco, construindo castelos de areia na praia, subindo às árvores, brincado de esconde esconde, subindo pela parte baixa dos escarpados, lanchando na praia.

O conde de Rosthorn lhe explicou um dia que durante a maior parte do ano, todos tinham obrigações que os mantinha muito ocupados. Por exemplo, ele, Joshua e o duque eram membros da Câmara dos Lordes, o

que significava estar afastados de seus filhos e inclusive de seus cônjuges horas e horas. Por isso, quando tinham tempo livre, como nessa época do verão, passavam-no em família e jogavam e se divertiam muitíssimo juntos.

David estava ditoso, feliz. Ela nunca o tinha visto tão feliz. E a surpreendeu descobrir que era tão buliçoso exigente e travesso como qualquer dos outros meninos. Em realidade, se podia dizer que o trio formado pelo Davy, Alexander e David tinha um chefe, esse era normalmente David. Becky, a irmã pequena do Davy, adorava-o. Também o adoravam todos os meninos menores, com os que sempre jogava com infinita paciência. Ele adorava ao Joshua, como também lorde Rannulf e lorde Alleyne e a todos os outros cavalheiros, embora a estes um pouquinho menos. Certo que ao duque de Bewcastle lhe tinha um temeroso respeito, mas um dia ela o surpreendeu situado ante o espelho de sua habitação levando-se a olho um monóculo imaginário e praticando uma expressão reservada e altiva. Estava muito claro a quem queria imitar.

Por ele, desejaria que essas férias não acabassem nunca.

Quanto a ela, contentava-se deixando que o mês seguisse seu curso. Lady Aidan e a senhora Pritchard, sua tia, converteram-se em suas amigas especiais, como também a duquesa, que tendo sido professora, gostava de falar com ela a respeito da escola. A senhorita Thompson, a irmã leitora da duquesa, também a arrastava a largas conversações sobre livros e teorias da educação, e tinha resultado ser uma conversadora inteligente e interessante, e com muito senso de humor, além disso. Em realidade, não havia ninguém que não fora amável com ela. Inclusive o duque esteve conversando com ela meia hora uma noite quando se inteirou de que tinha lido um livro que ele acabava de terminar.

Mas, curiosamente, ali em Glandwr sentia sua solidão com mais acuidade do que a havia sentido nunca na escola da Claudia em Bath. Para começar, sentia-se uma impostora, mesmo que todos tinham que saber exatamente quem e o que era. Logo estava o fato de que todas as jovens tinham casal, à exceção da senhorita Thompson, que parecia estar contente com seu celibato. Uma noite em que estava na janela de seu dormitório escovando o cabelo e contemplando o jardim iluminado pela lua e o mar ao longe, viu passar a um casal pela esplanada de grama afastando-se da casa em direção ao escarpado. Foram muito juntos, ele com o braço sobre os ombros dela e ela com o braço lhe rodeando a cintura pelas costas. Quase sentiu uma comoção ao ver que eram o duque e a duquesa.

A pontada de inveja que sentiu foi totalmente involuntária, mas forte. E nesse momento compreendeu claramente o que era sua solidão: a falta de um homem em sua vida.

Passou por sua mente a lembrança do senhor Butler, mas o desprezou imediatamente. Gostava, e acreditava que ele gostava dela. Mas quando o tocou na bochecha essa tarde sobre as rochas que separam as praias, sem dar-se conta do que fazia, sentiu que ele ficava rígido e logo viu sua expressão perturbada. E então sentiu a correspondente perturbação e um começo de terror ao ver as gemas de seus dedos apoiadas em sua bochecha e ao sentir o agradável contato com sua pele aquecida pelo sol.

Mas antes disso, por um estúpido momento, havia sentido um desejo tão intenso que foi como uma pontada quase dolorosa, que lhe desceu pelo corpo, lhe oprimindo a garganta, lhe endurecendo os peitos e lhe fazendo vibrar de crua sensibilidade o ventre e a parte interior das coxas. Logicamente compreendeu o que eram essas sensações: o mais puro desejo sexual.

E só um instante depois, uma parte dela sentiu repugnância. O outro lado de seu rosto, tão perto de onde tinha os dedos posados, estava roxo e insensível. Faltava-lhe um olho. Faltava-lhe um braço. Quem sabia o que outras desfigurações havia debaixo de sua roupa?

Desprezou-o de sua mente, mas de todos os modos de tanto em tanto se surpreendia pensando como lhe teriam feito essas horrorosas feridas. Esses pensamentos lhe vinham de noite, às vezes a mantinham acordada, outras vezes se introduziam em seus sonhos.

Mas finalmente se voltaram a encontrar. Uma noite os duques convidaram para jantar as pessoas da vizinhança, e quando Anne chegou ao salão, embelezada com seu melhor vestido de seda verde, com o cabelo recolhido sobre a cabeça em complicados cachos e cachos de cabelo, pela entusiasta Glenys, uma das primeiras pessoas que viu foi ao senhor Butler, que estava no outro extremo do salão conversando com lorde e lady Aidan.

O coração lhe deu um tombo de alegria, alegria que lhe pareceu excessiva, dadas as circunstâncias; a última vez que se encontraram, ele sentiu repugnância por ela e ela por ele.

A senhora Pritchard a convidou a sentar-se a seu lado, e isso a alegrou e tranqüilizou, porque não conhecia nenhum dos vizinhos que viriam e a punha tremendamente nervosa conhecê-los. Teria evitado baixar essa noite se a duquesa não a houvesse convidado expressamente.

Não pôde evitar as apresentações, logicamente, quando começaram a chegar os convidados. Os convidados eram uns quantos latifundiários ingleses com suas mulheres e filhos maiores, um par de inquilinos do duque, também com suas mulheres, o pároco com sua mulher, filho e filha, e o padre galés e o professor da escola do povo, os quais falavam o inglês com um acento galés tão fechado que tinha que escutar com muita atenção para entendê-los. Embora em realidade já tinha certa prática: a senhora Pritchard falava com um acento quase igual de fechado.

E então anunciaram o jantar, e era o senhor Butler o que tinham elegido para que a levasse ao salão e sentasse a seu lado esquerdo.

Sorriu-lhe timidamente, indecisa, quando lhe ofereceu o braço, e lhe correspondeu o sorriso.

Sentiu o curioso desejo de chorar, e ao mesmo tempo o curioso desejo de rir de sorte.

Sim, tinha sentido falta dele. Lhe havia dito muito mais a respeito de suas coisas do que havia dito jamais a Claudia, a Susanna nem a Frances. E lhe tinha crédulo a ela coisas de seu interior mais profundo. Mas se tinha contentado deixando passar mais de uma semana sem fazer o menor intento de voltar a vê-la.

E o que tinha esperado?

Que a cortejasse?

Durante esse passeio juntos lhe disse que os seres humanos podem ser criaturas extraordinariamente resistentes. Ela viu a verdade disso quando o viu usar o garfo com a mão esquerda para cortar um bocado e levar-lhe à boca com hábeis movimentos, inclusive com elegância, e na maneira de voltar à cabeça sem sobressalto aparente para olhar lady Hallmere, que estava por seu lado cego, enquanto conversava com ela.

Ele conversou com lady Hallmere durante grande parte do jantar, embora talvez se deveu a que ela deu sua atenção ao senhor Jones, o professor de escola, quase logo que este se sentou a seu lado. Ao senhor Jones lhe interessou muito saber que ela também era professora; em Gales a maioria dos professores eram homens, explicou-lhe.

Sentia-se curiosamente inibida com o senhor Butler, talvez devido a que ao conversar haviam tocado em tema muito íntimos. Quantas pessoas que quase não se conhecem reconhecem ante a outra que se sentem sozinhas, que em sua vida não houve nenhuma pessoa do sexo oposto durante anos e anos?

Mas, indevidamente, como ditam as boas maneiras, lady Hallmere se girou para o latifundiário inglês que tinha ao outro lado e o senhor Jones se voltou para a senhora Lofter.

— Senhorita Jewell — disse então o senhor Butler, amavelmente — estão desfrutando você e seu filho de sua estadia em Glandwr?

— Muitíssimo, obrigado.

— E ele tornou a sair a pintar?

— Sim, duas vezes, e as duas com lady Rosthorn.

— Quanto me alegra. Sabia que vamos ter espetáculo esta noite?

— Sim, vai atuar lady Rannulf. Dizem que é muito boa atriz. E Joshua e lady Hallmere vão cantar um dueto, embora lady Hallmere se mostrou muito belicosa quando todos tentaram persuadi-la. Somente quando Joshua declarou que ninguém ia amedrontar a sua mulher estando ele aí presente para protegê-la, ela se arrepiou de indignação com ele, e concordou em cantar. Não viu as piscadas que intercambiou ele com seus irmãos.

O senhor Butler pôs-se a rir, e ela também.

— Sempre me assombrou ver quão bem dirige Hallmere a Freyja — disse ele, em voz baixa. — Freyja sempre foi uma pessoa ira cível ingovernável. Haverá outro dueto esta noite. Huw Llwyd vai cantar acompanhado à harpa por sua mulher.

O senhor e a senhora Llwyd eram inquilinos do duque, um casal bastante jovem.

— São bons?

Ele deixou a colher em seu prato vazio e se deu uns golpezinhos no coração com dois dedos.

— Sua música entra pelos ouvidos, mas se aloja aqui. Saberá o que quero dizer quando os ouvir.

— Estou ansiosa para ouvi-los, então.

— O que deveria ouvir — disse ele — é à congregação da capela galesa cantando os hinos um domingo pela manhã. Quase fazem saltar o teto da capela, embora não com ruído indiscriminado. Cantam a quatro vozes sem reunir-se jamais para ensaiar durante a semana. É absolutamente extraordinário.

— Tem que sê-lo — exclamou Anne, impressionada.

— Eu gostaria de levá-la ali este domingo. Quer dizer, se suportar a idéia de não entender nenhuma só palavra em todo o serviço. Tudo é em galés. Mas a música!

Anne tinha ido ao serviço religioso no domingo anterior, como fazia quase sempre. Mas tinha ido à igreja inglesa com a família Bedwyn. Sentou-se em um dos bancos especiais com almofada reservadas para eles diante de outros. Muitos dos outros bancos, observou, estavam desocupados.

— Eu gostaria de ir — disse.

Ele levantou a vista da fonte com fruta e queijo que um lacaio acabava de pôr diante dele e a fixou nela.

— Sim? Então, faria o favor de aproximar-se até minha casa para ir juntos?

— Sim. Obrigado.

E de repente sentiu que ficava sem fôlego, como se tivessem arrumado um encontro secreto. Mas se só tinha aceitado ir à igreja com ele, nada mais. Mas o que pensariam os outros dela? E por que tinha que lhe importar o que pensassem? Desejava ir.

E ele a estava olhando como se o desejasse também, pensou.

Nesse momento lady Hallmere reclamou a atenção dele outra vez e o senhor Jones voltou à atenção a ela, e estiveram conversando uns minutos até que a duquesa se levantou e convidou às damas a segui-la para o salão para deixar desfrutar aos cavalheiros de seu o porto.

Já tinha transcorrido mais de meia hora quando os cavalheiros chegaram a reunir-se com elas no salão. Anne se sentiu quase molesta quando se deu conta de que seus olhos procuraram imediatamente ao senhor Butler entre eles. Não era grande coisa, depois de tudo, que a tivesse convidado a acompanhá-lo ao serviço religioso na igreja galesa esse domingo para que ouvisse cantar aos galeses.

Embora sim o era.

Sentiu-se estúpida, como se voltasse a ser uma garota jovem. Tinha vinte e nove anos, pelo amor de Deus, e isso não tinha nada que ver com galanteio. Mas até duas semanas atrás nunca tinha saído com nenhum homem, nem sequer por simples amizade, desde o Henry Arnold. Disso fazia toda uma vida.

Ofereceu-se a ficar junto à bandeja do chá, para servi-lo, e a duquesa aceitou. Mas não era tanto trabalho como para não poder observar como se reuniam as pessoas em grupos a conversar. Os latifundiários mais

ricos como os Bedwyn; a senhora Llwyd com a senhora Pritchard e a senhora Thompson; o pároco e sua mulher com o barão Weston e a senhorita Thompson; e o senhor Llwyd, o senhor Jones e o senhor Rhys, o padre galés, com o senhor Butler e o duque do Bewcastle. A duquesa ia de grupo em grupo, atraindo-se sorrisos.

O senhor Butler estava absorto na conversação e não olhou nenhuma só vez para ela; ela estava situada por seu lado cego. Mas depois, quando se levantou e passou as mãos pela saia enquanto retiravam a bandeja do chá, descobriu que ele estava a seu lado.

— Sentamo-nos juntos, senhorita Jewell? Quer dizer, a não ser que tenha outros planos.

Sorriu-lhe.

— Não os tenho. Obrigado.

E assim teve o prazer de presenciar o espetáculo em companhia de um cavalheiro que não era o marido de ninguém. Isso ela encontrava ridiculamente estimulante.

Joshua e lady Hallmere cantaram umas quantas canções populares, Joshua tocando a melodia no piano. Cantavam surpreendentemente bem, embora lady Hallmere começou a atuação com uma terminante declaração:

— insisti em que sejamos os primeiros — explicou ao público. — Tenho a forte suspeita de que a atuação dos outros vai ser imensamente superior; sei de certo que a da Judith o será, e não tenho o menor desejo de ver-me obrigada a atuar depois.

Do piano, Joshua sorriu de orelha a orelha enquanto todos riam.

Era impossível não encontrar simpática lady Hallmere, pensou Anne, com todos seus espinhos.

— te limite a cantar Free, e livra nos já de nosso sofrimento — gritou lorde Alleyne.

Depois atuou à senhora Llwyd, mulher miúda, de cabelo moreno e de aspecto muito celta. Tocou a harpa, um harpa grande, belamente esculpida, e muito em breve Anne teve que pestanejar para conter as lágrimas, sentindo-se transportada a outro mundo e a outra cultura, tão formosa era a música que tocava.

— Sempre me pareceu — disse o senhor Butler em voz baixa, aproximando a cabeça por volta dela durante a curta pausa que seguiu — que em certo sentido o harpa reflete a alma do Gales.

— Sim. Ai, sim, tem toda a razão.

E então se levantou o senhor Llwyd e começou a cantar, acompanhado por sua mulher à harpa, com uma clara voz de tenor que Anne teria seguido escutando toda a noite, mesmo que cantava em galés e ela não entendia nenhuma só sílaba da letra.

Sentiu compaixão por lady Rannulf, que ia ser a última em atuar. Lady Hallmere tinha sido a judiciosa ao insistir em ser a primeira.

Lady Rannulf era extraordinariamente bela, de corpo cheio, voluptuoso e um maravilhoso cabelo avermelhado. Mas a Anne se fazia sentir violenta a idéia de que atuaria sozinha, sem o apoio de outros personagens, mesmo que lhe haviam dito que a dama era uma excelente atriz.

— Espero que recite a parte de lady Macbeth — disse o senhor Butler. — A vi fazê-lo antes, e é absolutamente extraordinária.

Ela recitou primeiro o parlamento da Desdémona, com o cabelo solto sobre os ombros e seu elegante vestido de noite verde, que se transformou em uma camisola de dormir somente pelo poder da sugestão, quando Desdémona esperava, desconcertada e com errônea confiança, que Otelo entrasse em seu dormitório, e logo se defendia ante ele e lhe suplicava que lhe perdoasse a vida.

Era francamente extraordinário, conveio Anne, como dava a impressão de que primeiro sua donzela, e depois Otelo, estava em sua habitação com ela, mesmo que levava toda a cena sozinha. E era mais que extraordinário como perdia tudo o que era lady Rannulf, a que ela tinha conhecido durante quase duas

semanas, e se convertia na inocente, leal, assustada, mas majestosa esposa do Otelo.

Quando voltou para a realidade ao terminar a cena se sentiu desorientada um momento.

E então, a pedido especial do duque do Bewcastle, lady Rannulf recitou o parlamento de lady Macbeth, também com o cabelo solto, e o vestido de noite se transformou em camisola; também era uma cena noturna. Mas aí acabava a semelhança com o personagem anterior, e inclusive com a própria atriz. Converteu-se na capitalista, cruel, louca e atormentada lady Macbeth, caminhando sonâmbula, tratando de lavá-la o sangue de sua culpa. Anne se surpreendeu inclinada no bordo de seu assento, com os olhos fixos nas mãos da dama, como se de verdade esperasse ver cair o sangue do rei Duncan delas.

Estava em presença da grandeza, compreendeu, enquanto aplaudia entusiastamente como todos os outros.

O senhor Butler a estava olhando espectador.

— E bem?

— Não tinha estado em um espetáculo tão bom há muito tempo.

Ele riu.

— Eu pensei que talvez reconheceria que nunca tinha presenciado algo tão bom.

— Tenho uma amiga que está fazendo furor em toda a Europa - explicou ela. — Tem a voz de soprano mais maravilhosa que ouvi em minha vida. Era professora na escola da senhorita Martin até faz dois anos.

— E é?

— A condessa de Edgecombe. Era Frances Allard antes de casar-se com o visconde Sinclair, que agora é o conde.

— Ah, já falou dela, e acredito que eu tinha ouvido falar dela antes. Mas nunca tive o prazer de ouvi-la cantar.

— Se alguma vez tiver a oportunidade, não deve perder-lhe

— Não me perderei — disse ele.

Voltou a lhe sorrir enquanto todos os da família e os convidados se levantavam e começavam a conversar e rir. O espetáculo formal tinha acabado.

— Agora vai haver baile — disse ele. — Isso significa que é o momento de que eu me volte para casa.

— OH, não parta ainda, por favor — disse ela impulsivamente, antes de dar-se conta do que dizia.

Já estavam enrolando o tapete do salão e tinham aberto as portas de vidro para refrescar o ar viciado. A senhora Lofter estava sentada ao piano, pois se ofereceu a tocar para o baile. Foi idéia da duquesa que umas quantas contradanças seriam uma maneira mais agradável de acabar a noite que jogar cartas, mesmo que já estavam instalando duas mesas para o grupo de pessoas mais velhas.

— Então, devo ficar aqui sentado olhando-a enquanto dança? — perguntou ele, sorrindo. — Sentiria inveja de seus casais, senhorita Jewell.

Essa era a primeira vez que lhe dizia algo remotamente parecido a um galanteio.

— Não tenho o menor desejo de dançar — disse não de tudo sincera. — Se quiser ficamos sentados conversando. Quer dizer, a não ser que tenha posto seu coração em voltar para sua casa.

— Não que tenho posto meu coração é em lhe jogar um pouco de ar fresco a meus pulmões. Gostaria de sair, senhorita Jewell, a ver quão brilhante está à lua esta noite?

Que idiotas tínhamos sido, pensou ela levantando-se, ao desperdiçar mais de uma semana, uns dias que poderíamos encontrar nos para passear e conversar. Mas ao menos tinham essa noite, e logo podia esperar a chegada do domingo.

— Sim — disse. — Me permita que vá correndo procurar um xale?

Passados uns minutos saíram pelas portas de vidro enquanto os jogadores se instalavam nas mesas e se

formavam duas fileiras de bailarinos, em meio de muito bulício e risadas. Ninguém se teria fixado em que dois saíam, pensou Anne.

— Aah — exclamou o senhor Butler, detendo-se e olhando para o céu. — Já parecia que seria uma noite luminosa. Não há nenhuma só nuvem no céu e, olhe, a lua está quase cheia.

— Com um milhão de estrelas para complementar sua luz. Por que não nos sentimos constantemente maravilhados pela imensidão e majestade do Universo?

— É o costume. Estamos acostumados a ele. Suponho que se fôssemos cegos de nascimento, dos dois olhos, e de repente pudéssemos ver, sentiríamo-nos tão avassalados por uma noite como esta que ou estaríamos olhando o céu até a alvorada ou nos aferraríamos a terra, temendo cair dela. Ou talvez simplesmente suporíamos que estamos no centro de tudo e que somos os amos de tudo o que vemos.

O ar estava deliciosamente fresco, depois do calor do dia. Anne baixou o xale até os cotovelos e fez uma funda inspiração de ar ligeiramente salobre.

— Que boa idéia a sua de sair aqui — disse.

— Se quer ter uma vista noturna que realmente a deixe pasmada, deveria subir ao topo dessa colina dali. Esteve aí durante o dia?

A colina que ele assinalava era a parte do parque, mas também formava parte do alto do escarpado. Era uma elevação coberta por matagais de mato, flores silvestres e erva. Nenhum dos jogos nem passeios a tinha levado ali, mas muitas vezes a tinha admirado, pensando que algum dia deveria subir, só ou com o David, antes de partir.

— Não, mas acredito que a vista tem que ser maravilhosa daí.

Olhou-lhe os sapatos.

— É muito longe para ir agora?

Então a ela lhe ocorreu que talvez sim era muito longe para que uma dama solteira fora com um cavalheiro solteiro de noite, mas desprezou o pensamento. Tinha vinte e nove anos e era uma mulher independente. Não era uma jovenzinha delicada atada pelo decoro e por vigilantes carabinas.

— Não. — respondeu.

Caminharam lentamente, conversando. A nenhum dos dois lhes tinha ocorrido trazer uma lanterna, que de todos os modos teria estado de mais; era uma dessas noites quase tão iluminadas como o dia. A colina era mais elevada e o pendente mais abrupto do que parecia. Quando chegaram ao topo ela já estava sem fôlego, e lhe doíam às plantas dos pés por ter pisado em umas quantas pedras bicudas com os sapatos de noite de sola fina. Mas no instante de chegar acima viu que o esforço de subir havia valido a pena, e a dor de pés.

— OH, olhe! — exclamou, logo que olhou. Mas o senhor Butler a estava olhando, com o cabelo revolto pela brisa que acima era quase vento.

— Sabia que se impressionaria. — disse.

A essa hora da noite ainda eram visíveis milhas e milhas de terra, dormida aplacivelmente sob o céu do verão. Mas foi o mar o que lhe atraiu a atenção. Estendia-se abaixo deles em um imenso arco, ligeiramente prateado com a luz de cima; o reflexo da lua formava uma larga e brilhante raio atravessado do horizonte até a costa. A larga língua de terra da direita me sobressaía justo no meio do riao de luz de lua, sua silhueta muito negra pelo contraste, e mais que nunca semelhava um dragão rugindo. Desde essa altura também se via o mar de mais à frente.

— Não se pode a não ser admirar a esse dragão — comentou, apontando. — Está rugindo como se desafiasse a todo o mar, sem intimidar-se absolutamente por sua imensidão e poder.

— Todos poderíamos aprender uma lição com ele - disse ele rindo. — Existirá uma vista tão formosa em outra parte?

— Duvido-o — repôs ela, com veemência. — Me alegra muito que tenha me trazido aqui.

— Eu sugeriria que nos sentássemos um momento, mas você leva um vestido muito bonito. Talvez poderia sentar-se em minha jaqueta.

— Meu xale irá muito bem — disse ela, tirando-o e abrindo-o. — Vê? É bastante grande; teremos lugar os dois.

Estendeu-o sobre a tosca erva e se sentou em um extremo. Passado um momento ele também se sentou.

— Às vezes venho aqui — explicou — quando desejo estar sentado para meditar. Inclusive venho no inverno, embora esteja frio e ventoso. Isso é o que tem a beleza silvestre, natural. Nunca é igual e, entretanto sempre é formosa e consoladora para a alma.

Estiveram um bom momento em agradável silêncio. Depois lhe fez perguntas a respeito da escola, e lhe falou de suas amigas dali, do resto do pessoal, das alunas, de suas aulas e outras atividades. Falou muitíssimo tempo, estimulada pelas perguntas dele e por seu evidente interesse em ouvir as respostas, e isto lhe serviu para compreender novamente que sorte teve ao encontrar um emprego que semelhava mais uma forma feliz de viver que um trabalho.

— E você? —perguntou ao fim. — Ser administrador é um trabalho que lhe interessa realmente?

Então lhe explicou suas obrigações, falou-lhe da granja da casa e dos lavradores, das granjas dos inquilinos, de alguns dos aldeãos, e em especial de seus amigos.

— O problema de ser administrador de um latifundiário ausente, é que quase se chega a acreditar que é o proprietário. Tomei muito carinho por Glandwr, ao campo e às pessoas daqui. Mas isso já o havia dito.

Finalmente voltaram a ficar em silêncio. E Anne, embora seguia maravilhada olhando o mar, deu-se conta de que a vista mais formosa estava acima. Mas a enjoava manter a cabeça erguida para trás para olhar. Estendeu-se de costas no xale e cruzou as mãos sob a cabeça.

— Ah — suspirou — assim está melhor. Eu adoraria saber quantas estrelas vemos.

— Se quer contá-las não permita que eu a impessa — disse ele rindo e girando a cabeça para olhá-la.

— E tem que haver muitíssimas mais que não vemos — disse ela. — Até onde diria você que se estende o Universo?

— Até o infinito.

— Minha mente não abrange o infinito. Seguro que deve haver um fim em alguma parte. Mas a grande pergunta é o que há mais à frente do fim?

Ele se tornou a seu lado, ainda rindo.

— Suponho que há astrônomos, filósofos e teólogos que não deixarão de procurar as respostas a isso, e é possível que algum dia as encontrem. Compartilho sua curiosidade. Mas às vezes simplesmente me maravilho.

— Sim — disse ela olhando o céu de um a outro lado. — fomos feitos para procurar, mas também para simplesmente aceitar e desfrutar. Tem razão. Aí vejo a Ursa Maior. Isso é quão único sei identificar por seu nome, ai de mim. Mas não importa, verdade?

— Não importa.

Os dois giraram a cabeça para sorrir-se e logo voltaram a girá-la para continuar olhando o céu, deleitando-se em sua maravilha.

E, entretanto... Entretanto Anne detectou outra dimensão em seus sentimentos e sensações. Estavam tão perto que sentia o calor de seu corpo no lado. Eram um homem e uma mulher estendidos juntos sobre o topo deserto de uma colina de noite, não tocando-se, mas quase. Tinham falado e falado. Tinham rido juntos.

Eram amigos, pensou.

Mas não era amizade o que acrescentava certo condimento à intensificada percepção sensual que tinha produzido o olhar as estrelas; era algo muito mais sexual. Sentia a masculinidade dele e secretamente

desfrutava dela, mesmo que não tinha o menor desejo de atuar em conseqüência, nem permitir que ele o fizesse.

Ou talvez sim.

Simplesmente se sentia tremendamente assustada, tinha medo dele, tinha medo dela.

Mas não se dedicou a explorar nem seus pensamentos nem seus sentimentos. Limitou-se a desfrutar do momento, sabendo que quando estivesse de volta à escola, imersa nas rotineiras atividades do trimestre de outono, recordaria essa noite e reviveria cada momento, cada sensação, e talvez derramaria umas quantas lágrimas muito em privado pelo que poderia ter sido sua vida se não...

Mas como poderia desejar trocar algo de seu passado, inclusive o mais horrível de tudo? Sem isso não teria ao David.

— Senhorita Jewell — disse de repente ele em voz baixa — me acaba de ocorrer que talvez estivemos aqui muito tempo. É possível que já tenha terminado o baile e que os vizinhos partiram. Normalmente a gente do campo se deita cedo. Espero não havê-la comprometido de algum jeito.

— É obvio que não. — disse ela, mas se sentou, arrumou-se o cabelo e se levantou, enquanto ele também se levantava. — Ninguém nos viu sair, e ninguém se fixará em nossa volta. E se alguém se fixa, não importa verdade? Simplesmente somos dois amigos que saímos a tomar o ar juntos.

— Amigos. — disse ele e sorriu, enquanto ela sacudia o xale e o punha nos ombros. — Me alegra que o sejamos. Cheguei a duvidá-lo depois da última vez que saímos a passear.

Anne caiu na conta de que estavam muito perto. Sentiu um desejo quase avassalador de voltar a lhe tocar a bochecha. Mas ele não fazia nenhum gesto que indicasse que desejava tocá-la. Desejaria tocá-la? E de verdade desejava ela tocá-lo?

Não o tocou. E a alegrou que ele não a tocasse. Porque se ela o tocava, ou se ele a tocava, seguro que esta vez seria algo mais que um simples contato. Não poderia suportar que ele a beijasse. Desejava-o e lhe repugnava de uma vez.

E a idéia de que poderia sentir repugnância a fez pensar. Repugnância por sua aparência? Ou porque o último homem que a tocou era...?

Girou-se e lhe deu as costas.

— Vamos ver quem chega primeiro abaixo. — disse alegremente.

Ato seguido pôs-se a correr colina abaixo, tropeçando, escorregando-se, chiando e rindo, e fazendo-se machuco nos pés, até que chegou ao pé da colina, um pouco depois que ele.

Ele estava sorrindo, com esse sorriso enviesado, quando ela chegou de uma peça a seu lado e adaptou o passo ao dele, sem fôlego e ainda rindo.

Quando entraram no salão pelas portas de vidro, o baile acabava de terminar. Havia muito ruído e atividade, já que todos os vizinhos convidados estavam reunindo-se com os de seu grupo, recolhendo seus objetos, ou despedindo do duque e a duquesa e de outros hóspedes.

Chegaram ao momento oportuno, pensou Anne. O mais seguro é que ninguém se deu conta sequer da ausência dela e do senhor Butler.

— Eu devo ir também, senhorita Jewell — disse então ele, lhe fazendo uma meia reverencia. — Segue desejando ir comigo à capela no domingo pela manhã?

— Ah, sim, esperarei-o com ilusão.

Observou-o enquanto ele se despedia da duquesa e nesse instante caiu na conta de que se sentia feliz e otimista.

Tal como seu filho, pensou, a ele fazia falta companhia masculina, além de feminina. Isso tinha faltado em sua vida. E sentiria falta quando... Mas não, não pensaria nisso.

Era quinta-feira. Faltavam três manhãs para o domingo. E as contou com os dedos.

Dentro de três dias voltaria a lhe ver.

Capítulo 8

— A um serviço que será todo em galés e não entenderá nenhuma só palavra? — perguntou Morgan, lady Rosthorn, olhando ao Joshua. Então lhe iluminou o rosto com um sorriso travesso, encantada.

— Muito prometedor, sem dúvida.

— Prometedor? — repetiu lorde Aidan, franzindo o cenho. — Um serviço religioso? Irei à tumba, Morgan, sem entender um ápice da mente feminina.

— Assim que a convidou a ir à igreja com ele? — disse lorde Alleyne pondo em branco os olhos. — Uma jogada ousada e indecente. Não sabia que Syd levasse nele um demônio assim.

—Talvez necessitem a alguém que faça de carabina — disse lorde Rannulf, sorrindo de orelha a orelha.

— Alguém se oferece? Josh, você é o que assegura que tem parentesco com a dama.

— Mas também sou aquele ao que lhe confiaram a tarefa de levar a seu filho à igreja com todos os outros. — repôs o marquês. — Não posso estar em dois lugares de uma vez, Ralf.

Judith fez estalar a língua.

— pô-los juntos no jantar da quinta-feira foi sem dúvida uma jogada inspirada, Christine — disse.

— Resultou tal como pensamos que poderia resultar.

— Embora Free quase danificou tudo falando com o Syd na orelha todo o momento sem parar — disse lorde Rannulf. — Quase me provoquei uma enxaqueca com todos os gestos e piscadas que fiz em sua direção.

—Vamos, não diga tolices, Ralf, não fez nada disso — replicou Freyja. — Claro que falei com ele. Não terá que ser muito evidente nestas coisas. Se Syd tivesse suspeitado, embora só fora por um instante, que estávamos ocupadíssimos fazendo de casamenteiros, teria saído correndo sem parar até fazer cem milhas, e quem de nós não o teria compreendido?

— Eu sim, Free — lhe assegurou lorde Alleyne.

— E eu acredito que a senhorita Jewell teria deslocado duzentas milhas, Freyja — atravessou a duquesa.

— Porque está muito claro que se passaria todo o mês escondida em um rincão escuro se lhe déssemos a metade de uma oportunidade, verdade? Viram como faz uns minutos se levantou silenciosa da mesa e partiu, em lugar de ficar aqui como o resto de nós? Eu gosto muitíssimo, cai-me extraordinariamente bem. E estou de acordo em que ela e o senhor Butler poderiam formar muito bom casal se lhes dá a justa oportunidade de conhecer-se.

— «Justa» é a palavra chave, Christine — disse lorde Aidan de pensar que simplesmente porque Sydnam e a senhorita Jewell são duas almas solitárias devem formar casal, é algo que escapa totalmente a meu entendimento.

—Talvez isso se deva a que não tem nem um só osso romântico em seu corpo, Aidan — disse lorde Rannulf rindo.

— Mas não está de acordo, Aidan, em que terá que lhes dar a oportunidade para que comprovem se fizerem bom casal? — perguntou Rachel, lady Alleyne. — E ao fim e ao cabo foram eles os que deram o primeiro passo, caminhando juntos pela praia e planejando outro passeio ao dia seguinte. E foi você, Rannulf, que a noite da quinta-feira nos fez notar que eles tinham estado fora juntos uma hora e meia. Embora, claro, todos nos tínhamos fixado.

— Tudo o qual parece demonstrar — disse lorde Aidan — que são muito capazes de levar adiante seu grande romance só se assim o desejarem. Tal como fizemos Eve e eu.

— Mas com uma ajudinha do Wulfric, deve confessar Aidan — acrescentou sua mulher.

— Wulfric casamenteiro! — exclamou Gervase. — Valha-Me Deus! Alucinante!

Ao parecer a sua excelência não fez nenhuma graça ouvir mencionar seu nome nessa conversação. Arqueou uma sobrancelha em gesto eloqüente e deixou a taça de café no pires.

— É minha opinião — disse — que meu administrador e uma de minhas hóspedes devem ter a liberdade para sair a caminhar uma cálida noite de verão e assistir a um serviço religioso juntos, embora seja em uma igreja galesa, sem que no seio de minha família surjam elucubração tão febril que puseram em perigo minha digestão. Christine enviou o recado acima de que os meninos têm que estar abaixo dentro de dez minutos?

— Sim, Wulfric — respondeu a duquesa sorrindo carinhosa ao longo da mesa. Fez uma piscada. — E entre esses meninos deverá estar David Jewell, para que sua mamãe e o senhor Butler possam ir e voltar a pé da capela galesa sozinhos.

Sua excelência tocou a manga de seu monóculo, mas não o agarrou. A verdade, um observador atento poderia ter jurado que lhe curvaram os lábios quando olhou a sua mulher.

Exatamente quinze minutos depois saía pelas portas de Glandwr o último da larga fileira de carros, levando a família Bedwyn, a todos seus filhos e hóspedes, entre eles David Jewell, ao serviço religioso da igreja inglesa do povo.

Anne Jewell os viu partir da janela de seu dormitório, feliz em seu convencimento de que ninguém tinha notado que ela não ia, à exceção do Joshua e David.

Sydnam apareceu na janela da sala de estar de sua casa, olhando para o caminho de entrada. Um momento antes tinham passado um bom número de carros; o serviço religioso na igreja se celebrava uma hora antes que o da capela galesa. Não tinha visto à senhorita Jewell em nenhum deles; isso queria dizer, então, que pensava ir a sua encontro com ele. Tinha chegado quase a supor que ela enviaria uma desculpa, talvez porque desejava tanto sair com ela.

Fazia um momento dava a impressão de que ia chover, e o céu continuava nublado; mas tinha a idéia de que continuaria o bom tempo.

Estava cansado. Já estava acostumado a seus pesadelos, mas nunca lhe resultava fácil os suportar, e o esforço por sair de um deles quando despertava sempre era como outro pesadelo. Os criados, inclusive sua ajudante de câmara, sabiam que não deviam intervir essas noites, mesmo que o ouvissem gritar ou gemer, como fazia às vezes. Esses últimos anos agradecia estar longe de sua família, pois não era fácil resistir a sua preocupação e insistência em acompanhá-lo nessas ocasiões. Ao dia seguinte de ter um desses pesadelos sempre se sentia cansado e apático, e muitas vezes deprimido também. Mas essa velha e conhecida inimizade já não tinha tanto poder sobre ele como antes. Essa manhã se liberou resolutamente.

Mas Oxalá essa noite não tivesse sido uma dessas noites. Desejava estar muito avivado essa manhã; poderia ser sua última oportunidade de estar a sós com ela.

Teria se dado conta ela do perto que esteve de beijá-la essa noite que estiveram no topo da colina? Essa foi uma noite que recordaria durante muitíssimo tempo. Sua beleza, e a atração que sentia por ela, tinham resultado quase irresistíveis. Graças a Deus que resistiu.

Não eram um casal que pudesse entregar-se a uma paquera ou romance fácil.

Quando a viu aparecer no caminho de entrada, alta, graciosa, elegante e formosa com esse vestido de musselina creme e uma chapéu de palha atada com fitas marrom, lhe elevou o ânimo. Era algo muito excepcional para ele ter companhia feminina, e da dela desfrutava verdadeiramente. Colocou o chapéu, saiu da casa e foi encontrá-la além da porta do jardim.

— Espero que não chova — disse, olhando ao céu depois de saudá-la. — Mas as nuvens não se vêem tão ameaçadoras como faz um momento.

Ela também olhou as nuvens.

— Nem sequer traga guarda-chuva. Estou decidida a ser otimista, mesmo que me danifique uma chapéu.

E se via feliz, como se de verdade estivesse contente por ter aceitado acompanhá-lo à capela. Que parvos tinham sido ao perder uma semana de encontros que ao parecer eram prazerosos para os dois. Tinha pensado muitíssimo nela essa semana, compreendeu, e ela, em total somente estaria ali um mês.

Já se sentia menos cansado ao estar ao ar livre.

— Todos os outros partiram à igreja — disse. — Vi passar os carros. Que desculpa deu para não ir com eles?

— Nenhuma. Falei em privado com o Joshua para lhe perguntar se podia levar ao David com ele. Expliquei-lhe por que não iria, mas não acredito que ele o comente aos outros. A que outra pessoa poderia lhe interessar saber onde estou?

Sydnam não estava tão seguro disso. Ralf a tinha tirado na conversação esse dia que saiu com vários deles a cavalgar; perguntou-lhe sua opinião sobre sua aparência, de uma maneira tão artificiosa e desconjurado que só podia ser intencional. E essa noite quando ele entrou no salão com ela captou o olhar de Alleyne e viu elucubração e diversão em seus olhos. E depois captou o olhar da Morgan e esta lhe sorriu afetuosamente. Era possível que os Bedwyn estivessem mais interessados do que se imaginava a senhorita Jewell, mas não ia alarmá-la dizendo-lhe ao diabo os Bedwyn; as mulheres que ele escolhia para fazer-se amigo não eram de sua incumbência.

— A duquesa organizou um passeio de carro esta tarde — disse ela. — Não devo demorar muito em voltar.

— E eu pensava ir ao Ty Gwyn mais tarde se não chover — disse ele.

— Ti o que?

— Ty Gwyn — repetiu ele. — Duas palavras galesas que significam «casa Branca», embora em realidade não é branca; é um solar grande de pedra cinza, que tem seu próprio parque. Parece-me que a casa antiga era branca, mas a derrubaram e a reconstruíram faz um século ou mais. Atualmente pertence ao duque do Bewcastle, mas eu tenho a esperança de comprá-la para fazê-la minha.

E tinha conseguido lhe expor o tema ao Bewcastle faz dois dias. O duque não disse sim, mas tampouco disse não. Limitou-se a olhá-lo, com seus olhos prateados ligeiramente entrecerrados, enquanto procurava com os dedos a manga de seu monóculo. «Não me cabe dúvida — lhe disse ao fim — que já tem preparados todos os motivos irrefutáveis pelos que eu devo aceitar sua petição, Sydnam. Escutarei-os todos antes de partir de Glandwr, mas hoje não. “Hoje a duquesa espera minha presença no salão para o chá».

E isso foi tudo. Mas não disse que não.

— Falou-me dela o dia que fomos caminhar pelo vale — disse a senhorita Jewell — embora não me disse o nome. Ty Gwyn. Eu gosto desse nome, tanto em sua forma galesa como traduzido. Encontro-o alegre, acolhedor.

— Talvez gostaria de ir ali comigo um dia, antes de partir daqui?

Logo que disse essas palavras, lamentou-as. Ty Gwyn, esperava, seria seu lar no futuro. Era o lugar que seria dele, seu lar, onde jogaria raízes, onde seria tão feliz como fora possível o resto de sua vida. Não estava muito seguro de que fora prudente levar a senhorita Jewell ali, ter lembranças dela aí, embora por que, não sabia.

Mas já o havia dito.

— Me encantaria mostrá-la.

— Sempre vigio que mantenham cuidada o parque e a casa limpa, mesmo que faz quase um ano que os

inquilinos partiram.

— Sim que eu gostaria de ir — disse ela. — Obrigado. Esperarei esse dia.

Depois não falaram muito, mas uma vez que saíram pelas portas do parque e viraram à esquerda para seguir o estreito caminho bordeado por sebes e passaram pela ponte que atravessava o vale, não demoraram muito em chegar à aldeia. Era um povoado pitoresco, com casas de pedra cinza, algumas com teto de palha, outras com teto de piçarra cinza, um pouco separadas do meio-fio principal, dispostas em diversos ângulos, cada uma cercada por uma verde sebe de alfena, com floridos canteiros e grama diante e pomar com largos quadrados todos cheias de verduras na parte de atrás. A igreja era elevada, com uma estreita agulha, e a capela, que estava um pouco mais à frente, agachada e de aspecto mais sólido.

Ele não ia sempre ao serviço da capela. Embora tomava aulas de galés, que as dava Tudor Rhys, o padre, e conseguia entender e dizer algumas frases, e entendia muito mais lendo, deixava de entender no mesmo instante em que as pessoas começavam a falar com a velocidade normal de uma conversação, e os largos sermões lhe passavam por cima da cabeça. Mas de tanto em tanto vinha. Adorava o som do idioma e o ardor do padre e dos fiéis. Mas era a música o que mais o atraía aos serviços religiosos,

Já não se sentia inibido com os aldeãos, pois estes se acostumaram a sua aparência fazia tempo. Mas sim se sentiu inibido essa manhã quando entrou na capela com a senhorita Jewell; notou o silêncio que descendeu sobre os congregados e logo os murmúrios e movimentos das cabeças. E um olhar lhe disse que se sentia igualmente sobressaltada.

Mas seria um serviço religioso que sabia que recordaria durante muito tempo. Talvez sempre, em realidade. Embora os aldeãos e os camponeses estavam acostumados a ele, a maioria mantinha sua distância, talvez mais por respeito que por repugnância. Ele sempre ocupava sozinho o banco, à exceção desse dia.

Esse dia o acompanhava uma mulher formosa, que estaria sentada a seu lado uma hora e meia, e o alegrava muitíssimo que ninguém pudesse lhe ler os pensamentos. Durante o comprido sermão se entregou ao desfrute de todo tipo de fantasias em relação à relação dela com ele.

Mas por cima de tudo, recordaria como ela se ruborizou e sorriu quando de repente Tudor Rhys falou em inglês para apresentar à congregação e lhe dar as bem-vinda. E logo como escutava encantada cada hino, quando os cem ou mais galeses, homens e mulheres, abriam as gargantas para cantar os louvores em harmonia perfeita, sem ter ensaiado.

Sim, ia pensando quando se afastavam da capela depois de lhe estreitar a mão ao padre e saudar com a cabeça e sorrisos às pessoas que estavam agrupadas na rua fora da capela fofocando e comentando as novidades, sempre recordaria essa manhã.

Bem poderia levá-la a Ty Gwyn um dia das próximas duas semanas, para poder recordar isso também quando ela já tivesse partiu a Bath.

Não tinha idéia se recordaria esses momentos com pena ou prazer, ou com indiferença inclusive. O tempo lhe daria a resposta a essa pergunta, supunha.

— Senhor Butler — disse ela quando estavam detidos na ponte contemplando o vale. — Agora entendo por que se apaixonou por Gales. É algo mais que um país diferente, verdade? É um mundo diferente. Não sabe quanto me alegra ter vindo.

— Também me alegra. — repôs ele.

E então se sentiu tolo, inclusive um pouco alarmado, porque ela não respondeu e nenhum deles se moveu, e lhe pareceu que suas palavras ficavam suspensas no ar diante deles. Mas logo continuaram caminhando, entraram pelas portas do parque e a ele lhe ocorreu outra coisa que dizer.

Nem sequer sabia se o alegrava que ela tivesse vindo. Seu celibato e abstinência sexual, a ausência de uma mulher em sua vida, lhe tinham feito suportáveis ao longo dos anos, porque não havia ninguém aí que lhe

recordasse o que se perdia desde que se converteu em intocável.

Mas então chegou Anne Jewell a Glandwr e a sua vida, e quis o destino que não só fora gloriosamente formosa, mas também que decidisse ser sua amiga. Embora não devia esquecer jamais como reagiu ela a primeira vez que o viu, e como se separou com ele depois de lhe tocar sem dar-se conta a bochecha essa vez que estavam nas rochas que separam as duas praias. Nem como se deu meia volta e baixou correndo a colina só fazia umas noites, justo quando ele estava a ponto de cair na tentação de beijá-la.

Ela era sua «amiga», e nada mais.

Sim, seguro que teria que disputar com certos demônios outra vez depois que ela partisse.

Ia sentir falta dela, e faria todo o possível por esquecê-la.

Depois do domingo pela manhã em que Anne Jewell e Sydnam Butler foram juntos à igreja e à volta ele a acompanhou até a casa principal para logo voltar sozinho a sua casa, encontraram-se quase cada dia.

Anne tinha desfrutado dessa saída muito mais do que teria podido imaginar. Era estranho, em realidade, tomando em conta que o serviço religioso em galés foi absolutamente ininteligível para ela. Não, isso não era de tudo certo. A cerimônia lhe tinha falado a seu coração, saltando-se seu intelecto, e não só a música, mas também tudo. E tinha encontrado alguma coisa inegavelmente sedutor em estar acompanhada por um homem, em caminhar junto a ele para a igreja, em estar sentada a seu lado no banco, em voltar para a casa com ele.

Na semana seguinte às vezes se encontrava com ele por acaso, no escarpado, por exemplo, uma noite em que saiu a caminhar por aí depois de cobrir ao David na cama. Mas com mais freqüência, encontravam-se porque haviam ficado de encontrar-se, geralmente pela tarde, quando ele já tinha terminado seu trabalho e David estava ocupado com outros meninos em uma ou outra atividade.

Ele a levou a conhecer a escola da aldeia, onde os atendeu o senhor Jones, e, posto que os meninos estavam de férias, estiveram sentados os três nas estreitas carteiras de madeira na única sala-de-aula quadrada, conversando durante mais de uma hora, ou, para ser exatos, ela e o senhor Butler escutavam enquanto o professor falava eloqüentemente de Gales, da história galesa e de educação. Ele ensinava em inglês e em Gales, inteirou-se ela, muito interessada, já que tinha alunos que falavam um ou outro idioma. E passadas algumas semanas quase todos os alunos já eram bilíngües.

Logo o senhor Butler a levou a visitar senhor e a senhora Llwyd, já que lhe tinha falado iludida da música em harpa que tinha ouvido. Então a senhora Llwyd passou meia hora ou mais com ela, lhe mostrando os detalhes da harpa, lhe explicando como se tocavam as diversas notas e as cordas, e tocando música, enquanto o senhor Butler e o senhor Llwyd conversavam a respeito de granjas e temas agrícolas. A senhora Llwyd não lhes permitiu partir sem antes ter tomado o chá com eles. Então reuniram os dois filhos do matrimônio, de onze e doze anos. Os dois lamentaram que não os tivesse acompanhado David, quando ela lhes falou dele. E os dois meninos iam à escola da aldeia.

Também saía a caminhar com o Sydnam Butler pelos caminhos rurais, ou se sentava com ele ao borda do riacho do vale, ou passeavam pela praia.

Uma tarde fizeram uma larga caminhada, até a distante e elevada língua de terra a que os dois chamavam o Dragão.

— Algumas pessoas daqui me hão dito que esse é o dragão galés original, petrificado por um deus marinho — comentou ele, rindo. — É uma lenda bonita, mas me parece que simplesmente querem comprovar até onde pode chegar a credulidade de um inglês.

Esse dia levaram um cesto com lanche para a hora do chá, e se sentaram muito afastados de terra firme, rodeados pelo mar por três lados, a água brilhante sob o sol, e ali comeram magras rodelas de pão com manteiga e queijo, seguidas por pãozinho de passas, e beberam limonada morna.

— Sinto-me como se estivesse em um navio — comentou ela — navegando para... Ah, para um lugar exótico, um lugar maravilhoso.

— Uma viagem «ao para sempre». Um para sempre sedutor, perfeito.

— Não, não ao para sempre — disse ela. — Há muitas coisas que me perderia se não pudesse voltar. E não poderia ir sem o David.

— Tem toda a razão. Não para sempre, então. Simplesmente por uma larga, larga tarde.

— Isso sim. — disse ela, estendendo-se na erva e olhando o céu azul tal como esteve olhando as estrelas na semana anterior. — Uma larga tarde. Desperte quando for a hora de voltar para a casa.

Mas lhe fez cócegas no nariz com uma folha larga de erva só um momento depois que ela teve fechado os olhos. Os dois puseram-se a rir, seus rostos não muito separadas. Então ela voltou a fechar os olhos, só para que nenhum dos dois sentisse a tensão e se visse obrigado a apartar-se com o fim de encobri-la.

Encontrava certo prazer culpado nessa tensão. E, entretanto não suportava a idéia de que ele a tocasse, e ainda não sabia se era a aparência dele o que lhe causava medo ou repugnância ou suas lembranças do que se chamava contato íntimo. Talvez fora um pouco, ou muito, de ambas as coisas.

E não choveu nenhum desses dias; escassamente se via alguma nuvens no céu.

Falavam de algo e de tudo, parecia-lhe com ela. Estar com ele lhe resultava tão cômodo como estar com a mais íntima de seus amigas. Mas claro, ele era um homem.

Encontrava muito agradável ter um amigo. Já nem sequer lhe importava que a vissem com ele. E como era inevitável, os Bedwyn e outros hóspedes da casa os viam juntos. E por que tinha que lhe importar? Entre eles não havia nada que fora necessário ocultar, e ninguém, nem sequer Joshua, fazia brincadeiras por sua amizade com o administrador de Glandwr.

Inclusive David os viu juntos uma tarde. Estava jogando com outros meninos na esplanada de grama quando eles retornavam da colina, e imediatamente deixou ao grupo e correu para eles.

— Mamãe — exclamou — cortei-me o dedo com a casca de uma árvore, vê? Mas lady Aidan me levou a sala dos meninos e me limpou e enfaixou a ferida, e não me dói nada, embora me custa mais agarrar a bola. Como vai, senhor? Esta manhã fui pintar outra vez, mas não vejo a hora de que o senhor Upton me ensine a pintar com óleos. Ah, Jacques me está chamando. Tenho que ir.

E pôs-se a correr sem sequer esperar uma resposta. Anne olhou ao senhor Butler e viu que lhe estava sorrindo.

— Quando eu era menino, acredito que não tive nem sequer esse tempo para dedicar aos adultos. Sinto-me muito honrado.

— É muito feliz aqui. — disse ela. — Temo que vai se sentir terrivelmente abatido quando voltarmos a Bath.

— Ah, mas quando retornar ali terá o desafio do senhor Upton.

Que agradável ter um amigo com o que podia conversar de algo, mas também podia reservar-se certas coisas das que não queria falar por não provocar exagerada curiosidade ou ressentimento. Em uma ocasião, por exemplo, quando ele voltou a lhe perguntar por sua família, ela ficou a lhe falar de Frances, da habitação que esta tinha mobiliado especialmente no Barclay Clay de Somersetshire para tê-la reservada para quando fossem visita ela, ou Susanna ou Claudia se umas férias escolar coincidiam com os dias em que ela estava em casa. O senhor Butler não fez nenhum comentário sobre a mudança de tema. Ele também tinha zonas de assuntos silenciados onde ela não se atreveria a pisar. Sabia que seu talento artístico era um tema doloroso para ele, portanto não voltou a lhe fazer perguntas sobre isso.

E se levou uma boa surpresa um dia, quando ficou a contar os dias passados ali e caiu na conta de que já tinha começado a última semana de suas férias em Gales. Tinha suposto que a estadia ali lhe faria

interminável, e, entretanto lhe custava acreditar que já estava próximo seu fim. Lamentou-o pelo David, mas também por ela. O que mais a entristecia era o iminente final de uma amizade que justo começava a florescer, e que lhe produzia imenso prazer.

E essa amizade chegaria a seu fim. Não havia probabilidades de que se voltassem a encontrar nem de que se escrevessem uma vez que ela partisse. Dentro de um mês cada um teria só uma meia recordação do outro. Dentro de um ano só se recordariam fugazmente, se é que se recordariam.

Acreditava que ele tinha esquecido o oferecimento de levá-la a conhecer Ty Gwyn, a casa e propriedade que esperava comprar do duque. Mas ele voltou a lhe falar disso quando só faltavam três dias para sua ida. Ele tinham convidado para jantar em Glandwr, e depois do jantar estiveram sentados ligeiramente separados de outros no salão, como tinham feito em outras ocasiões também. Ninguém tinha feito jamais nenhum comentário sobre essa predileção deles por acompanhar-se mutuamente nem os tinham feito sentir-se pouco sociáveis nem inibidos.

Mas claro, supunha que ela era tão pouco importante ali que ninguém se fixava no que fazia, mesmo que todos tinham sido invariavelmente amáveis e carinhosos com ela. Além disso, o senhor Butler só era o administrador. Com que fim ia se fixar alguém neles?

— Poderia me acompanhar ali depois de amanhã? — perguntou-lhe ele. — Por desgraça, amanhã estarei todo o dia ocupado, mas depois de amanhã estarei livre. Pensei que poderíamos levar algo para lanchar em Ty Gwyn, e ao mesmo tempo poderei ver se fizeram o trabalho que ordenei que fizesse em minha última visita.

Na casa tinham organizado uma excursão para esse dia, todos foram fazer um longo trajeto para ver o castelo Pembroke. Os meninos maiores estavam entusiasmadíssimos pela idéia de subir às almeias e baixar às masmorras. A ela também a tinha entusiasmado de conhecer esse castelo. Mas sua presença não era indispensável. Embora todos os adultos de tanto em tanto emprestavam especial atenção a seus próprios filhos, igualmente faziam de pais de todos os meninos a maioria das vezes, pelo qual David tinha um bom número de pais substitutos, e outro tanto de mães substitutas.

E não era que ela o tivesse descuidado. Justamente o contrário. Em que pese a suas freqüentes saídas com o senhor Butler, em realidade tinha passado muito mais tempo com o David, ou ao menos com o grupo de adultos e meninos que incluía o David, que o que passava com ele durante o tempo de aulas.

E desejava conhecer Ty Gwyn. Era a casa que o senhor Butler desejava possuir algum dia. Era o lugar onde talvez viveria o resto de sua vida.

Sim, desejava vê-la. Desejava poder imaginar-lhe aí quando o recordasse.

Também desejava passar uma tarde mais com ele antes de partir. Seria a última.

A idéia era bastante deprimente.

— eu adoraria ir — disse. — Falarei com o David para me assegurar de que não lhe importa que não vá ao castelo Pembroke com ele, e pedirei ao Joshua que me faça o favor de vigiá-lo em meu lugar. Mas não acredito que a nenhum dos dois lhe importe.

— À uma terei um cabriole à porta, então — disse ele — se antes não me disser outra coisa.

Um cabriole. Seria a primeira vez que iriam a um lugar ao que não se podia chegar a pé. Conduzi-los-ia uma moço do estábulo? Três iriam bastante estreitos no assento de um cabriole.

De todos os modos fazia muita ilusão essa saída, embora significasse renunciar a ver o castelo. Inclusive lhe custou ficar dormindo quando se foi à cama, como uma menina à espera de um convite prometido, pensou bastante chateada consigo mesma. Embora não era só a espera o que a mantinha acordada.

Seria sua última tarde juntos.

Esperava que o tempo continuasse bom um dia mais.

Capítulo 9

O tempo continuou excelente.

Quando no meio da amanhã partiram os carros em direção ao castelo Pembroke, o sol sorria de um espaçoso céu azul. Mais tarde chegou o senhor Butler a pé e no terraço apareceu um cabriole quase no mesmo instante, procedente do estábulo. Anne estava olhando pela janela de seu dormitório, e o céu continuava absolutamente espaçoso; não se via nenhuma só nuvem.

Atou-se as fitas do chapéu sob o queixo e baixou a escada quase correndo, sem esperar que a chamassem. Voltava a sentir-se uma garota jovem.

O senhor Butler estava no meio do vestíbulo, olhando-a, com seu sorriso enviesado no rosto. Era curioso, pensou ela, o rápido que se acostumou a sua aparência, à manga direita vazia, ao lado direito de seu rosto, arroxeado e insensível, ao emplastro no olho.

— Parece que vamos ter uma formosa tarde para nosso passeio. — disse ele.

Havia uma moço de guarda junto à cabeça do cavalo, observou ela quando saiu, mas este os saudou respeitosamente aos dois, apartando uma mecha da frente, e ficou onde estava, enquanto o senhor Butler a ajudava a subir e a sentar-se no lado esquerdo do boléia. Depois se sentou a seu lado, o moço lhe passou as rédeas, retrocedeu, e empreenderam a marcha.

Então, ia conduzir o senhor Butler? Deveria havê-lo suposto. Sabia que ele estava à altura de muitíssimas provocações, inclusive o de montar a cavalo.

— Não corre nenhum risco. — disse ele, como se lhe tivesse lido o pensamento. — Tive muitíssima prática fazendo isto. É incrível tudo o que se pode fazer com uma só mão. Inclusive conduzi de vez em quando um carro com vários cavalos, embora tenha de reconhecer que é algo que põe os cabelos de ponta.

Sua mão esquerda, em que ela se fixou a primeira vez por seus dedos largos de artista e logo pela habilidade e perícia para dirigir um garfo, era também muito forte, como também o braço, comprovou, quando ele fez virar ao cavalo para tomar o caminho de entrada, sem nenhum esforço aparente. Parou um momento diante de sua casa para que um criado pusesse um cesto com o lanche na parte de atrás do cabrioli, e o conduziu para sair pelas portas, cruzar a ponte e logo na fechada curva para sair do caminho principal e entrar no caminho mais estreito que atravessava o povo e continuava mais à frente.

— aprendeu a escrever com a mão esquerda?

— Sei fazer uns garranchos que parecem um cruzamento entre uma teia e o rastro da pata de um frango. Mas, curiosamente, parece que as pessoas os decifra. Agora também sou capaz de escrever uma palavra de mais de três letras em um minuto, embora só se tiver a língua metida na bochecha e em certo ângulo exato.

Ela riu animada pela risada dele. Já encontrava estranho recordar que a primeira vez que o viu o considerou um homem trágico, quebrado, e que ele tivesse reconhecido que se sentia sozinho. Porque estava muito claro que não era um homem fundo na auto compaixão nem na derrota. Era capaz de rir de todo tipo de ridicularias, e inclusive de si mesmo, sinal de que era um homem com considerável fortaleza interior.

— Não pode sustentar então um pincel na mão esquerda?

Lamentou essas palavras no mesmo instante em que lhe saíram da boca. Embora lhe fez a pergunta com toda intenção e realmente desejava saber se o tinha tentado, se tinha imposto esse desafio tal como os outros muitos e simplesmente tinha saído derrotado; mas também compreendeu que tinha cruzado o risco invisível que tinham esboçado ao começo de sua amizade. Não viu nenhum sinal externo de que o humor dele

tivesse trocado, embora sim percebeu certa tensão no silêncio que seguiu a sua pergunta, uma tensão que não estava antes.

— Não — disse ele ao fim. — Meus pincéis sempre estão em minha mão direita, senhorita Jewell.

«Estão», presente. Não entendeu o que queria dizer. Mas não o perguntaria. Já tinha pinçado muito.

Mais à frente do povo viraram por outra fechada curva para tomar um caminho tão estreito que os sebes que o rodearam roçavam as rodas por ambos os lados.

— E se nos encontramos com outro veículo? — perguntou ela então.

— Um dos dois tem que retroceder — respondeu ele. — Isso seria mais produtivo que ficar sentados nos olhando furiosos. Alguém se converte em perito em retroceder nesta parte do mundo.

Mais à frente da sebe da direita se balançavam as colheitas agitadas pela brisa; à esquerda havia ovelhas pastando em um terreno mais pedregoso. E sempre na distância estavam os onipresentes escarpados e o mar. E estava o quente ar salobre para respirar.

— Deve estar muito orgulhosa de seu filho — disse ele — é um menino encantador.

Ela o olhou surpreendida e agradecida.

— Faz uns dias, Ralf, Alleyne e Freyja estiveram comentando quão entusiasta é para agradar e aprender, sua boa disposição para jogar com todos os meninos menores. Estes são uma multidão, verdade?

— Sempre foi um menino bom. As professoras e as meninas da escola o querem muito, todas. Ao princípio, quando era pequeno, eu pensava que a escola era um ambiente maravilhoso para ele. Mas não deve continuar ali indefinidamente. Disso me dei cada vez mais conta este mês. Mas me aterra a idéia de deixar que Joshua lhe encontre um colégio de meninos. Uy, senhor Butler, ser progenitor é muito mais difícil do que me poderia ter imaginado jamais.

— Sim?

Olhou-a um momento e logo fez virar o cabrioli para sair desse caminho e tomar um com fundos sulcos que discorria por entre dois campos.

— Surpreendo-me desejando modelá-lo e controlá-lo, porque acredito que sei o que é o melhor para ele e sei que tipo de pessoa desejo que seja. Tentei, por exemplo, convencer ele de que considere a pintura só um passatempo interessante. Vai ter que aprender a ganhar a vida quando for maior. Mas me surpreendeu descobrir que é um ser único, distinto de mim, separado de mim, e com sua própria vontade. Por que me surpreende isso? Sempre soube com meu intelecto que isso é certo de todas as pessoas. Mas algumas lições terá que as aprender com o coração também para entendê-las de verdade. É muito fácil ser mãe ou pai antes de ter filhos.

Ele riu em voz baixa.

— Quer-me fazer acreditar, senhorita Jewell, que talvez é uma sorte que eu não vá ter filhos.

Ela se voltou bruscamente para olhá-lo.

— Ah, não me entenda mal, por favor. David é o ser mais precioso em minha vida.

E então se sentiu culpada por estar desfrutando de um dia sem ele. A verdade era que logo que tinha pensado nele. Estaria desfrutando da visita ao castelo? Estaria correndo riscos desnecessários nas escadas ou as almenas? Estaria Joshua vigilante? Comportar-se bem?

O senhor Butler se girou para lhe sorrir.

E por que alguma vez ia ter filhos? Pensou ela então. Porque tinha a intenção de não casar-se alguma vez? Porque não podia? É que a tortura tinha incluído...?

Mas nesse instante algo lhe desviou a atenção. Ele tinha detido o cabrioli e viu que justo em frente o terreno descia por um leve pendente e logo formava uma espécie de enorme concha circular, de muito pouca profundidade. Estava circundada por árvores, exceto nessa parte onde estavam, onde acabava o caminho e

começava outro de cascalho, mais largo, ao outro lado de uma porta de madeira de cinco travessas, que fechava uma cerca em que havia uma escada para passar por cima. A ambos os lados desse caminho de entrada se estendiam amplos prados de erva onde estavam pastando ovelhas, algumas delas refugiadas do sol à sombra de frondosos carvalhos e olmos.

Tinha que haver outra cerca na base do suave e amplo pendente do fundo, pensou. Sobre esse pendente se viam extensões de grama bem cortadas, floridos jardins e algo que parecia um caramanchão cercado por roseiras trepadoras. Mas o que mais lhe chamou a atenção foi a casa, também situada sobre esse pendente. Era de pedra cinza, de arquitetura não especialmente bela. Quadrada e sólida, de três andares, tinha janelas largas nos dois primeiros andares e quadradas no último. As paredes estavam cobertas por hera até mais acima da metade. Estava emoldurada por árvores.

Não era uma casa normal nenhuma mansão; era pequena comparada com Glandwr, que estava a umas quantas milhas de distância. Talvez o nome correto seria casa de verão. A concha plaina em que estavam a casa e o parque davam a impressão de retiro e intimidade, embora não de pequenez.

O mar estava ao outro lado do caminho de que saíram para chegar ali, talvez a uma ou duas milhas de distância.

Caiu na conta de que o senhor Butler não tinha feito nenhum movimento que indicasse que ia baixar a abrir a porta. Estava-a olhando.

— O que lhe parece? — perguntou-lhe.

— Acredito que será feliz aqui, senhor Butler — respondeu, contemplando maravilhada a casa, as árvores, o jardim, o prado salpicado por ovelhas, todo o círculo de parque. — Como poderia não sê-lo?

Como poderia alguém não ser feliz aqui? De repente se sentiu invadida por uma terrível inveja e um desejo tão intenso que lhe pareceu uma dor física no coração.

— Quando cheguei a Glandwr viviam aqui um capitão naval aposentado e sua mulher, com um aluguel de dez anos. Quando partiram o ano passado, não me esforcei muito em encontrar novos inquilinos. Acredito que isso é o único descuido de que fui culpado em meus deveres como administrador do Bewcastle.

— A venderá?

— Não há dito que não. Tampouco há dito que sim. Mas me dará a resposta antes de partir daqui.

Então a ela lhe ocorreu que ele tinha que ser muito rico, se podia fazer uma oferta por uma propriedade como essa. Socialmente os separava uma enorme distancia. Menos mal que ela não se fazia nenhuma ilusão a respeito dele.

Mas lhe alegrava muitíssimo que se fizeram amigos.

— Faz-me o favor de sujeitar as rédeas para baixar a abrir a porta? — pediu-lhe ele.

— me permita que a eu abra.

Sem esperar resposta desceu de um salto do cabrioli, abriu a porta e a empurrou. Então subiu na travessa de abaixo, e se deixou levar pela porta, com o rosto levantado para rir dele, que estava sentado no cabrioli. De repente a invadiu a percepção da beleza rural do entorno, a erva verde, o azul do céu, os gorjeios dos pássaros, o zumbido dos insetos, a muito suave brisa. Cheirava a vegetação, os animais e o mar. Sentia o calor do sol.

Era um desses momentos ditosos, nítidos, compreendeu que se gravam na memória e continuam aí eternamente.

Ele a estava olhando, sério. Era impossível saber o que estava pensando. Talvez o ofendeu que ela baixasse a abrir a porta. Talvez pensou que ela acreditava incapaz de fazê-lo ele.

— Não pude resistir — explicou — pode-me esperar um momento mais para subir esta escada?

— Estando aberta a porta? —disse ele, sorrindo com esse sorriso enviesado.

— Estas escadas estão feitas para passar por cima da cerca. Nunca pude resistir a uma.

Então lhe fez um gesto que queria dizer «adiante», ao tempo que se inclinava em uma meia reverencia, em brincadeira, levantando do assento.

Mas quando ela já tinha subido os dois degraus e passado as duas pernas pela larga travessa superior da porta, e se sentou aí para girar-se a lhe sorrir, ele já tinha descido do cabrioli, amarrado as rédeas frouxas na travessa de acima da porta, e vinha caminhando para ela, para lhe oferecer a mão e ajudá-la a baixar.

— Agora bem, se tivesse os dois braços, poderia fazer o papel de galã completo e baixá-la ao chão.

Ela colocou a mão direita em sua mão esquerda e com a outra se recolheu a saia.

— Ah, mas então não teria a oportunidade de descender como uma rainha, senhor Butler.

Mas a rainha perdeu toda sua majestade quando o degrau de abaixo cedeu e se moveu com seu peso e esteve a ponto de cair ao chão, e só alcançou a parar a tempo para não chocar de cabeça com ele. Pôs-se a rir e o olhou à cara, que estava a menos de um palmo da dela.

A impressão «já visto» a golpeou forte, como um murro no ventre. Era uma repetição daquela cena sobre as rochas que separam as duas praias.

Ele a estava olhando com seu olho esquerdo muito escuro, penetrante, e sua boca séria muito formosa. Sentiu seu fôlego no rosto, sentiu seu calor ao longo de todo o corpo. Como atordoada, aturdida, cedeu à loucura e aproximou mais o rosto a dele e entrecerrou os olhos.

E imediatamente se apartou e voltou a rir, retirando a mão da dele ao mesmo tempo.

— Obrigado, senhor — disse alegremente. — Sem dúvida me teria feito muito dano se você não me tivesse estado sustentando. Acredito que meu orgulho e minha dignidade teriam ficado mais feridos que qualquer outra parte de mim, mas terá que salvar também o orgulho e a dignidade.

— Tenho que fazer reparar esse degrau. — disse ele.

Um momento depois estavam sentados no cabrioli e descendo pelo leve pendente em direção a essa imensa concha plaina que continha a casa e o parque do Ty Gwyn.

Quase havia tornado a tocá-lo, ia pensando ela, não só sua mão, mas também a ele. Esteve a ponto de beijá-lo, e ele se deu conta. Nesse momento ia sentado rígido a seu lado, consciente de que ela se apartou com medo dele. Mas não entenderia o motivo.

Não era por ele, de verdade.

Era por ela.

Tinha-lhe terror ao contato físico.

Mas talvez ele sentiu aliviou que ela se apartasse. Não era virgem; tinham-na violado. Tinha um filho. Tudo isso bem poderia causar repugnância a ele, muito igual ao que fora que ela sentia respeito dele.

Mas não acreditava que ele sentisse repugnância.

Ficou a olhar o prado e a casa e os jardins de frente tratando de voltar a sentir-se simplesmente feliz.

Não tinha criados residindo em Ty Gwyn. Mas ele se encarregava de que fora pessoal aí periodicamente para manter cuidado o jardim e a casa ventilada e limpa. Sendo o administrador do Bewcastle ele teria feito inclusive no caso de não ter nenhum interesse na propriedade. Mas talvez não teria ido com tanta freqüência a comprovar pessoalmente que se fazia o trabalho.

Levou o cabrioli ao estábulo, desenganchou o cavalo e lhe pôs aveia e água, observado pela senhorita Jewell. Tinha declinado seu oferecimento de ajuda. Deixou o cesto com o lanche onde estava depois poderiam decidir onde sentar-se a tomá-la.

Sentia uma curiosa relutância a levá-la ao interior da casa. Ou talvez sentia justamente o contrário. Desejava terrivelmente acostumar-lhe, mas queria fazê-lo quando o momento fora oportuno. Acabavam de chegar, e ainda se sentia um pouco confuso e nervoso pelo incidente no degrau da escada da cerca, quando

esteve a ponto de beijá-la. Que passo em falso mais horroroso teria sido. E seguia sentindo o desejo, mesmo que o precipitado movimento dela para apartar-se foi um potente aviso de quão estúpido seria permitir-se apaixonar por ela.

Às vezes, devido a que eram amigos, devido a que pelo geral se sentia cômodo em sua presença, esquecia que nunca poderia haver outra coisa que amizade entre ele e qualquer mulher.

No momento não lhe convinha estar dentro de nenhuma casa a sós com a senhorita Anne Jewell, que esse dia estava mais atrativa que de costume com seu vestido de corte alto de musselina estampada com pequenas espigas e seu chapéu de palha de aba flexível, embora já lhe havia visto ambos os objetos em numerosas ocasiões. Além disso, estava bronzeada e com aspecto saudável graças há essas semanas em Glandwr, embora ela não se sentiria muito encantada se lhe fizesse esse comentário; pelo geral às damas não gostava de ter a pele bronzeada. Jamais poderia esquecer como estava quando a viu subir na travessa da porta que se ia abrindo, olhando-o para rir dele, como uma menina sem a menor preocupação no mundo.

Retorceu-lhe o coração ao vê-la.

Levou-a a caminhar pelo parque, seguindo o rústico atalho por meio das árvores, depois atravessaram o amplo prado, desviando às ovelhas e os montes de esterco aqui e lá, admirando as margaridas, os ranúnculos e os trevos em flor, que não cresciam na parte de erva mais cuidada além de perto da casa. Continuando, passearam por estas extensões de grama, primeiro pela parte de trás da casa, onde se seguiam cultivando verduras embora não vivia ninguém na casa, e logo pela parte da frente, admirando os coloridos canteiros de flores, nos que, comprovou agradado, não havia nenhuma má erva. E finalmente foram ao caramanchão cercado por roseiras.

Alegrou-o sentar-se ali, pois já lhe doía o joelho direita, por essa larga caminhada sem parar de mais de uma hora. Aí o ar estava impregnado pelo perfume das muitas rosas das roseiras plantadas na terra e que subiam por gradeados. Ouvia o zumbido surdo das abelhas.

Mas ela não se sentou. Se ele o tivesse sabido não se teria sentado tampouco, mas não se levantou. Continuou sentado observando-a, enquanto ela se aproximava das roseiras a olhar com atenção as rosas mais bonitas, às tocar ligeiramente e cheiraria.

Via-se contente e relaxada, pensou. Dava a impressão de sentir-se tão a gosto aí como se sentia ele.

Não sabia se seria capaz de suportar a desilusão se Bewcastle se negava a lhe vender essa propriedade. Nesse caso não se acreditava capaz de continuar vivendo nessa parte do mundo. Essa idéia era alarmante, porque não existia nenhum outro lugar do mundo onde desejasse viver.

Mas se chegava a viver aqui, se alguma vez voltava a estar sentado aí uma soporífera tarde do verão, estaria sozinho.

Não haveria nenhuma mulher formosa entre as flores.

— Pode cortar algumas rosas se quiser — disse — para levar a Glandwr. Posso ir procurar uma faca na casa.

— Murchar-se — disse ela, voltando-se para olhá-lo. — Prefiro as deixar onde estão, em seu ambiente natural, para que vivam tudo o que têm que viver. Mas obrigado.

Ele se levantou quando ela se aproximou, e voltou a sentar-se depois que ela se sentou. Mas deveria haver-se trocado de assento, pensou tardiamente. Ela estava sentada por seu lado cego. Normalmente não era tão torpe.

— Quando me despediram de meu emprego como governanta de lady Prudence Moore — lhe disse ela — fui viver em uma pequena casa rural na aldeia Lydmere. Ali consegui me fazer de uns poucos ganhos dando aulas particulares, embora também me vi obrigada a aceitar a ajuda econômica que me ofereceu Joshua. Tinha a meus poucos alunos e a meu filho pequeno para me manter ocupada quase todos os momentos do

dia. Mas estava muito consciente de minha solidão. Quando fechava a porta ao partir o aluno que tinha vindo esse dia, ficávamos sozinhos David e eu. Às vezes me resultava... Difícil.

— Foi bom então que finalmente lhe oferecessem emprego em uma escola interna — disse ele.

— Sim, isso foi o melhor que me ocorreu desde fazia muito tempo. Gosta de viver sozinho?

— Nunca estou totalmente sozinho. Tem os criados. Quase sempre tenho relações amistosas com eles, em especial com minha ajudante de câmara.

Ele não podia vê-la a não ser que girasse a cabeça à direita. Sentia-se em clara desvantagem.

— Gostará de viver sozinho aqui? — perguntou ela então. — Isso lhe dará a felicidade que deseja?

Só fazia uma hora, quando se detiveram no cabrioli ante a porta de madeira, lhe tinha assegurado que seria feliz ali. Durante a hora passada tinham caminhado com passo ágil, conversando e rindo, e a momentos em agradável silêncio. Tinha-os esquentado o sol do verão. Em que momento descendeu a melancolia sobre eles?

Toda essa tarde tinha tentado não pensar que esse era o último dia dela em Glandwr, que ao dia seguinte partiria, que antes que acabasse a semana se teriam partido todos. Ao princípio tinha contado com impaciência os dias que faltavam para que partissem. E agora contava os dias a contra gosto, e por um motivo diferente. Se não fora pela senhorita Jewell, já teria deixado de contar. Pensou pesaroso em todos os dias que tinha desperdiçado, sem vê-la. Mas ainda no caso de que tivesse passado com ela todos os momentos de todos os dias, de todos os modos esse seria o último.

— Minha vida será como eu a faça — lhe disse. — Isso é certo para todos, sempre. Não podemos saber o que nos trará o futuro nem como nos farão sentir os acontecimentos do futuro. Nem sequer podemos fazer planos nem sentir nenhuma certeza de que vamos por obra nossos planos mais elaborados. Poderia haver predito eu o que me ocorreu na Península? Você poderia haver predito o que lhe ocorreu na Cornualles? Mas essas coisas nos ocorreram de todos os modos. E trocaram tão radicalmente nossos planos e sonhos que aos dois nos poderia desculpar se tivéssemos renunciado se nunca houvéssemos tornado a fazer planos ou a sonhar, se não tivéssemos continuado vivendo. Isso também é uma decisão que todos temos que tomar. Serei feliz aqui? Farei todo o possível por sê-lo, quer dizer, se Bewcastle estiver disposto a me vender esta casa.

— Quais eram seus sonhos?

Ele girou a cabeça até que pôde vê-la. Estava sentada ligeiramente de lado na poltrona do terraço, com o rosto para ele, olhando-o com seus grandes olhos, que se viam esfumaçados por efeito de suas largas pestanas e a sombra da aba do chapéu. Teve a impressão de que lhe olhava de propósito o lado mau. Poderia lhe haver sugerido que trocassem de assento, mas não quis fazê-lo. Assim haveria menos risco. Seria um constante aviso de que ela se separou dele com repugnância quando estava na escada da cerca, porque sim, isso foi exatamente o que fez, e de que não devia permitir que seus sentimentos saíssem dos limites da amizade.

— Eram bastante modestos — disse. — Desejava pintar. Desejava ter uma casa própria, mulher e filhos. Não, devo ser totalmente sincero. Desejava ser um grande pintor; desejava ter meus quadros pendurados na Royal Academy. Mas havia outras ambições, sempre as há. Também desejava que outros vissem que era tão valente e tão viril como meus irmãos. Assim, convenci a meu pai de que me comprasse uma comissão. E quanto mais protestava minha família que essa não era uma vida para mim, com mais obstinação eu insistia em que sim o era. Agora devo viver com as conseqüências da decisão que tomei. E não vou chamar a decisão errônea. Isso seria estúpido e sem sentido. Essa decisão me levou a tudo o que ocorreu após, incluído este preciso momento, e as decisões que tomei hoje, amanhã ou na próxima semana me levarão aos seguintes momentos presente de minha vida. Tudo é uma viagem, senhorita Jewell. Cheguei a compreender que isso é a vida, disso vai, é uma viagem, e é o valor e a energia para dar sempre o seguinte e o seguinte passo sem fazer

julgamentos a respeito do que fizemos bem ou no que nos equivocamos.

— Era assim de sábio antes de receber essas feridas?

— Não, claro que não. E dentro de dez ou vinte anos, se continúo vivo, as palavras que acabo de dizer me parecerão tolas, ou pelo menos superficiais. A sabedoria vem da experiência, e até o momento só tenho vinte e oito anos de experiência.

— Um a menos que eu. É mais jovem que eu.

— E quais eram seus sonhos?

— me casar com alguém por quem pudesse sentir afeto. Ter filhos. Uma casa modesta no campo. Uma parte de meu sonho se fez realidade. Tenho ao David.

— E tinha um possível marido eleito?

— Sim.

Ele não fez a seguinte pergunta. A resposta era evidente. O homem, quem fora, abandonou-a quando descobriu que estava grávida de outro.

Seria um homem da Cornualles?

— Mas tem razão. — disse ela. — Temos que continuar a viagem da vida. É muito terrível contemplar a alternativa.

Ele se sentiu incômodo no silêncio que seguiu. Não a havia sentido mover-se, portanto tinha que seguir aí sentada de lado olhando-o. Poderia levantar-se, é obvio. Ainda não a tinha levado a ver o interior da casa. Mas sua parte teimosa o manteve onde estava. Que o olhasse até fartar-se; ao fim e ao cabo já o tinha visto antes.

— Não é uma vista bonita, verdade? — disse ao fim, em tom abrupto.

Então se teria mordido a língua. O que podia lhe dizer ela em resposta a essas lastimável palavras além de precipitar-se a lhe dizer alguma idiota mentira para consolá-lo?

— Não, não o é — disse ela.

Essa resposta o assombrou, em lugar de feri-lo. Voltou a girar a cabeça para lhe sorrir.

— Mas é parte de quem é para aqueles que lhe conhecem — continuou ela. — Isso não se pode evitar verdade? A não ser que se converta em um ermitão ou leve uma máscara. Encontro terrível que seja cego de um olho, que lhe falte um braço, que não possa fazer muitas coisas que antes fazia sem pensá-lo. E tem que ser terrível olhar-se no espelho e recordar como era antes, e saber que nunca voltará a ser assim. Era muito bonito, verdade? Extraordinariamente formoso. E segue sendo-o. Mas as pessoas que o vêem, em especial, suponho, as que não lhe conheceram antes, não demoram a se acostumar a vê-lo como é agora. O lado direito de seu rosto não é bonito, mas tampouco é feio. De verdade que não. Deveria sê-lo talvez, mas não o é. É parte de você, e você é um homem digno de conhecer.

Ele riu, ainda com o rosto voltado para ela. Embora, embora seja a verdade, sentia-se profundamente comovido. Pressentia que ela não dizia isso somente para consolá-lo.

— Obrigado, senhorita Jewell. Em todos os anos transcorridos desde que me ocorreu isto, nunca encontrei a ninguém, nem sequer em minha família, quer dizer, muito menos em minha família, disposto a me falar francamente de minha aparência.

De repente ela se levantou e caminhou até uma das grades em que subiam as roseiras. Inclinou a cabeça para aspirar ao aroma de uma rosa vermelha particularmente perfeita.

— Lamento o que ocorreu antes. — disse.

Tinham ocorrido um bom número de coisas antes, mas o entendeu a que se referia.

— Foi minha culpa. — disse — não deveria ter pensado em beijá-la.

Mas não o tinha pensado; esse era o problema. Se o tivesse pensado não teria estado tão perto de fazê-lo.

Lhe teria soltado a mão logo que ela recuperou o equilíbrio, apartando-se dela.

Ela girou a cabeça para olhá-lo.

— Mas é que fui eu a que estive a ponto de beijá-lo — disse, e lhe acenderam as bochechas.

Ah, pensou ele, não se tinha dado conta disso. Mas ela se refreou, e agora acreditava que lhe devia uma desculpa. Baixou a cabeça e se tirou uma bolinha de pó das meias.

Uma tarde fazia umas três semanas, lhe pôs as gemas dos dedos na bochecha, e logo retirou a mão como se a tivesse queimado. Esse dia tinha estado a ponto de beijá-lo, e logo se apartou bruscamente.

De repente se deu conta de que ela estava de pé diante dele. Levantou a cabeça, preparado para lhe sorrir e convidá-la a ver a casa por dentro. Mas ela o estava olhando com esses olhos grandes, penetrantes, e teve a impressão de que lhe via até o fundo da alma. Então ela voltou a pôr as gemas dos dedos em sua bochecha, tal como o fizesse aquela vez.

— Não é feio, senhor Butler — lhe disse. — Não o é. De verdade que não o é.

Dizendo isso inclinou a cabeça e posou os lábios no lado esquerdo de sua boca. Ele notou que lhe tremiam os lábios e sentiu seu fôlego na bochecha, como se tivesse a respiração agitada. Mas ela não se limitou a lhe dar um beijo rápido, para demonstrar que tinha a coragem para fazê-lo. Manteve os lábios aí um momento, o suficiente para que ele a saboreasse desejasse-a com um desejo tão intenso que teve que apertar o braço da poltrona com tanta força que tivesse deixado afundada a madeira.

Quando levantou a cabeça, voltou a olhá-lo com esse olhar tão dela, os olhos enfocados nos dois lados de seu rosto. Tinha os olhos empanados de lágrimas, observou.

— Não é feio — repetiu, quase com veemência, como se quisesse, talvez, convencer-se a si mesmo.

— Obrigado. — obrigou-se a sorrir, inclusive a rir. — Obrigado, senhorita Jewell. É você muito amável.

Entendia absolutamente o que devia lhe custar tocá-lo assim. Mas era uma mulher compassiva. Não era culpa dela que ele se sentisse mais triste do que se sentiu em muito tempo.

Tinha sabor de sol, a mulher e a sonhos.

— Permite-me que lhe ensine a casa? —perguntou-lhe levantando-se.

— Sim, por favor. Estive esperando isso todo o dia.

Então ele fez algo terrivelmente penoso, algo que não fazia desde fazia tempo. Ofereceu-lhe o braço direito para que se agarrasse.

E claro, não ocorreu nada. O braço não existia.

Ela pôs-se a caminhar a seu lado sem sequer inteirar-se de que tinha feito esse gesto.

Por um instante se esqueceu de que só era uma metade de homem.

Capítulo 10

Anne se sentia tremendamente consciente dele quando entraram na fresca e silenciosa casa e foi mostrando cada uma das habitações de acima e de abaixo. Estava consciente dele como homem, como um ser sexual ao que seu corpo de mulher desejava tremendamente.

Esse desejo a aterrava e fascinava ao mesmo tempo.

Quando o beijou teve bom cuidado de não lhe tocar o lado direito do rosto, temendo que levantaria a mão e o tocaria aí de todos os modos, mais ou menos como as pessoas que têm medo às alturas sentem a vertigem e as aterra pensar que vão saltar de uma torre ou um escarpado.

Mas não era seu lado direito o que mais temia.

Enquanto o beijava também sentiu sua masculinidade, o ato íntimo que estava aí a um batimento do

coração de distância, mesmo que ele não moveu os lábios sobre os dela nem a tocou com a mão.

Era sua masculinidade o que mais temia.

Ou, melhor dizendo, sua própria feminilidade deteriorada.

— É formosa a casa — disse, passado um momento. — Agora entendo por que lhe tem tanto carinho. As habitações são quadradas e de forro elevadas; são quase majestosas, verdade? E as janelas as alagam de luz.

As janelas de trás davam ao pomar e ao bosque em suave pendente, e as da parte dianteira ao jardim e ao resto do parque. A casa estava rodeada por beleza, pura beleza. Mas o esplendor do mar e a costa estavam a uma milha ou algo assim de distância.

— Apaixonei-me por ela a primeira vez que vim aqui de visita — explicou ele. — Existem lugares assim, embora não sempre há uma explicação racional de por que se apoderam do coração quando outros lugares, igualmente formosos ou inclusive mais, não. Tenho- muito carinho por Glandwr e à casa onde vivo agora, mas não me gritam a palavra «lar».

Nenhum lugar lhe tinha gritado isso a ela, embora tinha sido feliz na casa de seus pais em Gloucestershire, e a casinha onde viveu em Lydmere lhe tinha parecido um bendito refúgio. Adorava a escola da Claudia, onde estava vivendo. Mas não era «lar». Novamente lhe invejou ao senhor Butler que tivesse Ty Gwyn, e desejou que o duque do Bewcastle aceitasse vender-lhe Ty Gwyn era um lugar onde uma pessoa poderia jogar raízes que durariam gerações e gerações. Era um lugar onde a gente poderia ser feliz, criar filhos, onde poderia...

Mas o senhor Butler viveria sozinho ali.

E ela nunca viveria ali. Não tinha nenhum sentido fazer-se ilusões ou forjar-se sonhos com essa casa.

— A casa está maravilhosamente fresca — disse ele quando já tinham visto todas as habitações e estavam novamente no vestíbulo ladrilhado. — Lanchamos aqui? Ou preferiria que nos sentássemos fora na erva?

— Aqui. Me deixe que vá procurar o cesto.

— Vamos os dois e cada um agarra uma aba.

Deveria ter optado por um lugar na erva, pensou Anne dez minutos depois, quando já tinham disposta o lanche na pequena mesa da sala de estar de amanhã. Claro que o sol os teria acalorado muito. Mas ao ar livre havia mais sons da natureza e mais coisas para olhar, para distrair a atenção da percepção de que eram um homem e uma mulher juntos e sozinhos, e de que estava ocorrendo algo entre eles, algo que os dois sabiam e que os fazia sentir-se incômodos.

Algo que gerava uma tensão quase rangente no ar que os rodeava.

A cozinheira dele lhes tinha preparado empanados de carne, pequenos sanduíches de pepino e um bolo de maçã; além disso, havia posto generosas fatias de queijo e a inevitável limonada. Ela dispôs tudo na mesa, com os pratos e copos que também vinham no cesto, e serviu a bebida.

Comeram quase em silêncio, e quando falavam, tratavam dos temas intracindistes que teriam elegido dois estranhos. Estiveram seus bons dez minutos inteiros falando de quanto acreditavam que duraria a rajada de tempo ensolarado.

— Depois do serviço na capela no domingo passado —-disse ele piscando os olhos o olho — ouvi um dos paroquianos comentar a outro que seguro que depois teremos que suportar um tempo terrível para pagar por todo este sol e calor. O eterno pessimista, diria eu.

Esse domingo ela tinha acudido outra vez com ele.

— Mas se falavam em galés!

Ele pareceu impressionado um momento.

— Pois sim. Talvez entendo mais o idioma do que acreditava. Bom Deus, logo serei um galés feito. Dentro de pouco estarei tocando a harpa. Mas não — acrescentou, olhando-a manga vazia. — Talvez isso não.

Os dois riram e se dissipou um pouco a tensão.

Finalmente falaram da casa.

— Se consegue comprá-la, deixará-a tal como está?

Estava totalmente mobiliada.

— Por um tempo, sim — respondeu ele, reclinando-se, enquanto ela retirava as sobras e guardava tudo no cesto para logo ir olhar à janela. — Apaixonei por ela tal como está, e seria idiota se trocasse tudo simplesmente porque poderia. Iria fazendo mudanças pouco a pouco, quando estivesse convencido de que desejo algo distinto. Por exemplo, os marrons do vestíbulo podem resultar lúgubres um dia cinza de inverno. Poderiam ser os primeiros em desaparecer.

Ela olhou para as ovelhas que pastavam no prado e sentiu oprimido o peito pela dor de um desejo inominável. O desejo de ver o vestíbulo como seria, talvez? E o conhecimento certo de que nunca o veria.

— O que trocaria se fosse sua? — perguntou então ele.

— Não muito. Mobiliaram-na bem e com gosto. Mas talvez substituiria os vermelhos desta sala por amarelo prímula. É a sala de estar de manha, com janelas que dão ao sul e ao leste. É a habitação em que alguém teria que poder começar o dia com o ânimo alegre, inclusive um tormentoso dia de janeiro.

— Então, talvez — disse ele rindo — troque as cores predominantes desta sala por amarelo prímula. Quer dizer, se é que a casa chegara a ser minha.

Levantou-se e estava justo detrás de seu ombro direito, notou ela. Girou a cabeça e lhe sorriu e então viu que estava mais perto do que tinha pensado. Tragou saliva e voltou a olhar pela janela. Mas esta vez não havia nenhum escarpado para subir nem ladeira de colina para baixar, para romper a tensão.

— Deve estar esperando com ânsias sua volta a Bath — disse ele.

— Sim.

Vibrou o desconforto no silêncio que seguiu.

— E você deve estar esperando com ânsias poder reatar sua vida tranqüila e silenciosa em Glandwr.

— Sim.

Fez-se outro silêncio no que inclusive respirar era aborrecido porque ouviam suas respirações.

Ela se girou resolutamente a olhá-lo. Pensou que ele retrocederia um passo, posto que ela não podia retroceder a não ser que saísse pela janela, mas ele continuou onde estava.

— Quero que saiba. — lhe disse — que você não é feio. Sei que às vezes as pessoas retrocedem ou encolher-se quando o vêem pela primeira vez. Eu fugi de você. Mas isso se deve a que a pessoa compreende imediatamente que você sofreu algo indescritivelmente doloroso do que não estará nunca livre. Quando as pessoas lhe vêem pela segunda, terceira ou trigésima vez, já não vêem isso. Você é você, e o brilho da pessoa se abre passo através de sua aparência.

Então se sentiu horrorosamente inibida e desejou que ele retrocedesse ou se girasse.

— Oxalá — disse ele então — vivêssemos em uma sociedade que não seja tão propensa a julgar a alguém por um só feito de sua vida. Oxalá você não fora julgada por ser mãe solteira sem ter nenhuma culpa. Oxalá não estivesse tão sozinha.

— Ah, não o estou — protestou ela, sentindo subir o calor às bochechas. — Tenho amigas, tenho a meu filho, tenho...

— Muito tarde. Faz umas semanas reconheceu ante mim que se sente sozinha.

Tal como ele reconheceu isso ante ela, pensou Anne. Fez uma lenta inspiração.

— Durante dez anos — continuou ele — não houve nenhum homem em sua vida, simplesmente porque um canalha a violou, destruindo seus sonhos antes de morrer. Alguém se sente vazio, verdade? Ao saber-se intocável, mas desejando que lhe toquem.

Era pior ainda ter medo de que a tocassem, pensou ela, mas não podia dizer isso. E talvez existia uma

maneira de superar esse medo. Era possível que o houvesse.

Pestanejou para conter as lágrimas, e tragou saliva para dissimular o delatador gorgoteio que sentiu na garganta.

— Você não é intocável. — disse.

— Tampouco o é você.

— O... Recordarei-lhe quando já não estiver aqui.

— E eu a você.

Ela voltou a tragar saliva. Ele continuava olhando-a fixamente. De repente fechou fortemente os olhos e se armou de temerário valor.

— Não quero seguir me sentindo reveste — disse quase em um sussurro. — Não quero que você siga sentindo-se sozinho.

Continuou com os olhos fechados esperando que ele respondesse. E ele respondeu também quase em um sussurro:

— Não posso te consolar, Anne. Pode me olhar sem repugnância talvez, mas... Mas estamos falando de uma relação íntima. Não posso te fazer isso, faria-te mal.

Ela abriu os olhos e o olhou. Como saber se ele tinha razão? Como poderia saber como era ser tocada por um homem, mas em especial por ele?

Levantou a mão com a intenção de lhe tocar o lado direito do rosto, mas então a pôs aberta sobre seu ombro, e inclusive nesse momento pensou o que outras desfigurações teria sob a roupa. Mas sentia algo mais potente que a repugnância física a tocá-lo, ou a que a tocasse ele.

Com muita freqüência, compreendeu, a vida se converte em um resolvido e implacável impedimento do sofrimento, do próprio e do de outros. Mas às vezes é necessário reconhecer a dor e inclusive tocá-lo para poder passar através dele e deixá-lo atrás. Ou ser destruída por ele.

— Eu também sou uma pessoa que inspira repugnância — disse. — Fui violada, pari o filho de um homem sem ter estado casada com ele. Não sou uma mulher virtuosa ante a sociedade. Vi a homens retroceder espantados quando descobrem essa verdade.

— Anne — disse ele, com o olho brilhante por lágrimas contidas. — OH, Anne, não. Mas sabe que a conseqüência poderia ser a mesma. Embora eu me casaria contigo, é obvio. Imagine se quiser que horroroso destino seria isso para você.

— Não, não se menospreze dessa maneira.

— Não pode fingir que desejaria estar atada a mim por toda vida.

Ela não tinha falado de matrimônio, e nem sequer lhe tinha ocorrido, como tampouco, estúpida que era que poderia ficar novamente grávida. Tampouco queria pensar nisso. Dentro de uma semana já estaria de volta á Bath com o David, reatando sua vida e seu trabalho na escola, mesmo que ainda não teriam terminado as férias escolar. E o senhor Butler estaria aí sozinho, porque todos outros partiriam também.

Estaria absolutamente sozinho.

E ela também o estaria, embora rodeada por pessoas, por amigas.

Mas estava esse dia. Estava o agora, o presente.

— Só desejo não seguir me sentindo única — repetiu. — E não quero que você se sinta sozinho. Desejo que a lembrança desta maravilhosa tarde e de todo este mês seja completo.

— Anne, Anne.

Só então se deu conta de que a chamava por seu nome de batismo, que antes a havia tateado. Esquentou-lhe o coração ouvi-lo chamá-la assim.

Ele levantou a mão e lhe pôs a palma na bochecha, lhe levantando o cabelo com os dedos. Ela inclinou a

cabeça para lhe pressionar a mão com a bochecha e voltou a fechar os olhos.

— me perdoe. Por favor, me perdoe. Estou tentando seduzi-lo e demonstrando que de verdade sou o que muitas pessoas me chamam.

Ele demonstrou então o que ela tinha observado antes, que seu braço esquerdo era tão forte como os dois braços de muitos outros homens. Rodeou-lhe a cintura com esse braço e a estreitou fortemente, emitindo um som muito parecido a um grunhido. Ela se apertou a ele, com o rosto apoiada em seu ombro esquerdo.

— Isto não tem nada que ver com sedução. — lhe disse ele ao ouvido em voz desce. — Por parte de nenhum dos dois. Bom Deus, Anne, tem que saber que te desejo tanto ou mais do que poderia me desejar você. E tampouco quero seguir me sentindo sozinho. Nos eliminemos mutuamente a solidão, pois, ao menos por esta tarde, para assim, talvez, fazê-la perfeita.

Rodeou-lhe a cintura com os braços.

Perfeita.

«... "Para assim, talvez, fazê-la perfeita.»

Meu Deus rogo-lhe isso... Rogo-lhe isso.

O dormitório principal, o do senhor, tinha as paredes revestidas em brocado verde e um friso dourado sob o teto. Grosas cortinas de veludo cor vinho penduravam a ambos os lados da janela larga, do friso ao chão. As cortinas da enorme cama de quatro postes com dossel eram de cores vinho e verde. Uma colcha a jogo cobria a cama. A maior parte do chão estava coberta por um tapete persa e nas paredes penduravam quadros com marco dourado com cenas de cavalos.

Não era uma habitação bonita, mas antes, quando a viu, Anne tinha pensado que sim tinha caráter e que era um verdadeiro dormitório do amo. Seguro que o senhor Butler dormiria aí se comprava Ty Gwyn, tinha pensado também.

Pela janela se via do prado até as árvores da baixa ladeira de frente. Quando olhou por ela ao entrar na habitação viu na distância a porta de madeira com cinco travessas e a escada para passar por cima da cerca.

A escada..., ali foi onde começou tudo.

Estremeceu-se ligeiramente. Mas não ia permitir que seus pensamentos lhe falassem em voz muito alta. Embora sim sabia que tinha desejado isso quase do começo da amizade entre eles. Talvez do momento em que os dois reconheceram mutuamente sua solidão.

Nesse momento os impulsionava uma solidão comum. Não era uma má motivação, seguro, para o que foram fazer. Há compaixão e certa ternura em compartilhar e aliviar a solidão de outro.

Sentia uma ternura avassaladora pelo Sydnam Butler, que tinha demonstrado ter um valor incrível e tinha sofrido tanto, e, entretanto tinha refeito sua vida com resolução e dignidade ainda quando se acreditava intocável após.

Agora, pois o tocaria e acariciaria, lhe demonstrando que estava equivocado a respeito a ele. E ele a tocaria e acariciaria e ela voltaria a sentir uma mulher desejável. Talvez.

Meu Deus rogo-lhe isso.

Girou-se quando o sentiu fechar a porta, e o olhou indecisa. Mas sua resolução não se debilitou no trajeto da sala da manhã ao dormitório. Desejava-o tanto que sentia fracas as pernas.

— Por favor — disse ele sorrindo e cruzando a distância que os separava — permite-me que eu seja o que te solte o cabelo? Você o faria dez vezes mais rápido que eu com suas duas mãos, seguro, mas posso fazê-lo eu?

Sorriu-lhe e ficou quieta enquanto ele movia torpemente os dedos lhe tirando as forquilhas que lhe recolhiam o cabelo. Não deixou de olhá-lo ao rosto enquanto ele fazia essa tarefa. Ainda não sabia, compreendeu o que havia atrás do emplastro negro. Mas novamente a impressionou a extraordinária beleza

do lado esquerdo de seu rosto. Tinha vinte e oito anos, um ano menos que ela. Nunca poderia ter sido um descarado, pensou, embora não lhe tivesse ocorrido isso. Era um homem sério, bom, afetuoso. Já estaria casado, com uma mulher bela e de fila social igual ao dele. Teria filhos. Teria uma família para trazer com ele a Ty Gwyn.

Mas não, não teria tido que vir ao Gales se não tivesse ido também a Espanha, desobedecendo aos conselhos de todos os que o conheciam e queriam.

Ela não o teria conhecido.

E se a ela não a tivessem violado, estaria casada com o Henry Arnold e vivendo em Gloucestershire. Não estaria aí, no dormitório principal de Ty Gwyn, deixando-se soltar o cabelo por um homem de um só braço que se converteu em um ser precioso para ela.

Que estranhas as rotas do destino.

Mas estava tagarelando mentalmente, pensou, quando o cabelo lhe caiu em cascata sobre os ombros e ele moveu o braço para trás para deixar as forquilhas em uma mesa, sem deixar de olhá-la.

Então desapareceram de sua cabeça todos os pensamentos, e se sentiu horrorosamente vulnerável, não porque não se acreditasse formosa a não ser justamente porque sabia que o era. A beleza podia cegar a todo o resto ao que a olhava inclusive a sua personalidade. E em seu olho via que ele a encontrava formosa.

Sou Anne, desejou lhe gritar. Não se esqueça de que sou Anne.

E por favor, não me diga que meu cabelo é minha glória suprema.

Ele se inclinou e a beijou na boca com os lábios fechados. Então a percorreu o desejo como um raio, e quase lhe dobraram os joelhos. E com o desejo voltou o pensamento racional.

Tudo iria bem. Com certeza que sim.

— Anne — murmurou ele, em voz tão baixa que quase não o ouviu.

Depois se apartou, tirou-se a jaqueta, sentou-se na cama e começou a tirar as botas de cano alta. Era difícil fazê-lo com uma mão, comprovou ela. Claro que em sua casa isso o fazia sua ajudante de câmara. Não soube se deveria lhe oferecer ajuda, mas não a ofereceu, e ele as arrumou. Estava claro que ele as arrumava para fazer muitas coisas que uma pessoa com os dois braços encontraria impossível fazer com uma só mão.

A manga da camisa a tinha presa ao flanco, igual à da jaqueta.

Esperou tensa.

Mas quando ele se levantou, jogou atrás as mantas da cama, logo se girou e lhe estendeu a mão, e ela compreendeu que não pensava tirar o resto da roupa.

— Anne, poderia te tirar o vestido você sozinha, por favor? Eu demoraria muito.

Não deixou de olhá-la até que ela ficou ante ele somente com a regata e as meias. Ela se sentou na cama para tirar as meias, mas ele se ajoelhou ante ela e as tirou, uma a uma.

— Aah — exclamou depois, sentando-se nos talões e levantando a cabeça para olhá-la — é incrivelmente formosa, Anne. Não sabe quanto o sinto, OH, quanto lamento...

— Não — o interrompeu ela, inclinando-se e lhe pondo as mãos nos ombros, e o cabelo lhe caiu para frente lhes emoldurando o rosto dos dois. — Não o sinta, por favor. Não. Eu não te teria conhecido se não estivesse assim. Não estaria aqui contigo. E tampouco estaria aqui se não fora o que for. Desejo estar aqui contigo. E se você disser que o lamenta, eu devo dizê-lo também. Não quero que nenhum dos dois lamente nada desta tarde.

— Anne, não tenho muita experiência. Não tive nenhuma experiência desde... Desde isto.

Em certo modo a tranqüilizou saber que ele sentia insegurança e ansiedades igual a ela. Talvez por isso tinha encontrado o valor para chegar até esse momento.

— Eu tampouco tenho experiência — disse, sorrindo.

Ele aproximou o rosto e a beijou na boca, e esta vez o beijo foi profundo; separou os lábios e lhe passou a língua pelos lábios até que ela abriu a boca; então lhe introduziu a língua cálida. Jogou os braços ao pescoço e subiu os dedos por entre seu cabelo, emitindo um som de prazer que lhe saiu do fundo da garganta.

Ou talvez foi ele quem emitiu o som.

— Se deite — lhe sussurrou ele sobre a boca e logo levantou a cabeça.

— Tira a regata? Mas só se não te incomoda fazê-lo.

Ela cruzou os braços, agarrou o bordo e a tirou pela cabeça. Depois se estendeu na cama e se moveu para um lado para fazer espaço a ele. E, curiosamente, não se sentiu incômoda, mesmo que ele ficou de pé olhando-a de cima abaixo um bom momento. Havia-lhe dito que era formosa e que a desejava. Mas também a chamava por seu nome de batismo, e por seu olhar, embora via o desejo em seu olho, era a ela a quem via, não só sua voluptuosa beleza. Olhar para ele podia sentir-se simplesmente ela mesma.

E isso era pelo menos algo novo. Jamais tinha estado nua com nenhum homem.

Vibrou-lhe todo o corpo de desejo.

Ele se estendeu na cama então, de cara a ela, sobre seu lado direito e deslizou a mão por seu corpo, sua mão cálida, sensível, e tremente. Girou-se para ele, sorriu-lhe e o acariciou por cima de sua roupa, pelo lado esquerdo.

Todo ele era masculinidade pura, quente, músculos duros. Apalpou os músculos de seu braço e ombro e baixou a mão por suas costas, sentindo as ondulações dos músculos. Sentiu os músculos de sua nádega quando deteve a mão aí, fechando os olhos e lambendo-os lábios. Estava-lhe fazendo coisas deliciosas com o polegar e o índice no mamilo de um peito e logo no outro.

Curiosamente, o roce de sua roupa na pele a excitava tanto como se ele tivesse estado nu. Talvez mais.

O desejo foi acumulando ardente e forte na virilha. Apertou-se mais a ele, pressionando os peitos contra sua camisa enquanto ele deslizava a mão para baixo acariciando-a. Então introduziu a mão por entre suas coxas, procurou o lugar do desejo e o acariciou.

Novamente a beijou na boca, introduzindo a língua, movendo-a em círculos ao redor da língua dela e logo sobre o paladar.

— Ponha de costas — lhe sussurrou com a boca pega a dela.

Então ela caiu na conta de que ele se desabotoou o cós das meias e se estava abrindo a braguilha.

Quase se esqueceu de suas descapacidades quando ele montou sobre ela e sentiu a pressão de suas pernas entre as dela, separando-lhe até que, por impulso, levantou as pernas e rodeou com elas as potentes coxas dele, sentindo o roce do cálido tecido de suas rodeadas meias. E pesava o seu. Quando o sentiu posicionar-se e logo a pressão de seu membro tocando a sensível abertura de seu centro do desejo, cavou as Palmas em suas nádegas ao tempo que ele passava sua mão por debaixo dela.

Então a penetrou, lentamente, duro, até o fundo.

E uma lembrança lhe invadiu até o último rincão seu corpo, como uma enchente.

Não gritou nem tentou empurrá-lo para que se apartasse não se debateu. Sua mente lhe enviava uma mensagem muito diferente ao que lhe enviava seu corpo. Sua mente lhe dizia que ele era Sydnam Butler, que a estava enchendo, introduzido nela, porque isso era algo que os dois desejavam, que até o instante mesmo da penetração a tinha cheio de maravilha e prazer e o desejo de algo mais.

Notou que tinha o corpo rígido de tensão, e que o dele pesava muito. Ele se tinha ficado muito quieto, com o membro introduzido até o fundo.

— Anne? Anne?

— Sydnam. — Nunca o tinha chamado por seu nome de batismo, nem sequer em seus pensamentos; mas nesse momento a salvava dizê-lo, salvava-a saber, que era ele. — Sydnam, tudo está bem. Tudo está bem.

Não pares.

Subiu as mãos por seus flancos, e ao chegar à altura dos braços novamente sentiu o horror: faltava um braço.

Mas nesse mesmo instante ele se moveu, retirou-se até a abertura e voltou a penetrá-la, seu membro suave, duro, deslizando-se por sua cavidade.

Tudo terrivelmente carnal, aterradoramente íntimo.

Seu corpo e sua mente lutaram uma batalha, e os dois ganharam, e os dois perderam. Sabia que era Sydnam, reconhecia a beleza do que lhe estava fazendo, seguia desejando-o, por isso se relaxou e se abriu a ele.

Mas fisicamente, sexualmente, não sentia nada. Nem medo nem prazer. Só sentia a satisfação mental de que isso lhe estava ocorrendo outra vez e que possivelmente sua lembrança substituiria a anterior.

Lhe agarrou a mão direita, com sua única mão esquerda, entrelaçou os dedos com os dela e levantou as duas mãos unidas até as apoiar no travesseiro por cima de sua cabeça, e continuou movendo-se uns quantos minutos até que, finalmente, exalou um suspiro com a boca apoiada em um lado de seu rosto, e ela sentiu a explosiva saída do líquido, que a alagou até seu mesmo centro.

Ele afrouxou a pressão de seus dedos nos dela.

Então Anne sentiu desejos de chorar. Tinha sido algo formoso, mas ela se perdeu o sentir essa beleza. Tinha sido uma união íntima, mas ela não tinha participado, recuou, escondendo-se em alguma parte secreta muito ao fundo de seu ser. Poderia ter compartilhado com ele um pouco mais profundo que a união de seus corpos, mas se sentia muito separada dele.

Ele rodou para seu lado quase imediatamente, baixou as pernas da cama e ficou sentado no bordo, lhe dando as costas, evitando olhá-la. Abotoou-se a braguilha, levantou-se e caminhou até a janela, onde ficou olhando para fora.

Que formoso é, pensou ela, contemplando seus largos ombros, sua estreita cintura, suas firmes nádegas, suas largas e muito musculosas pernas. E acabava de estar dentro de seu corpo; tinha-lhe feito o amor.

E sabia que ela não havia sentido nenhum prazer.

E ela sabia a que atribuiria isso ele.

Abriu a boca para lhe assegurar que não tinha estado tão mal e que suas desfigurações não tinham nada que ver com que ela não houvesse sentido nenhum prazer.

Mas como expressar isso? Que consolo ou tranqüilidade podia lhe dar com essas palavras?

E como lhe dizer a verdade, que a sombra de outro homem se havia interposto entre eles no momento de sua união, e que nesse momento havia sentido uma repugnância tão grande que quase lutou com ele para rechaçá-lo, com um terror espantoso, vizinho a loucura?

Como lhe dizer que por um momento ele se transformou no Albert Moore para ela?

O que podia lhe dizer?

Não disse nada. Ao fim e ao cabo não o tinha rechaçado, não se tinha debatido para combatê-lo, nem dito nem feito nada que demonstrasse franca repugnância. E já antes lhe havia dito que não tinha experiência.

Talvez para ele essa relação sexual não tinha demonstrado outra coisa que essa realidade.

Mas tanto que tinha desejado que a tarde fora perfeita.

Quanto o tinha desejado. Ah, Senhor, tinha-o desejado tanto.

Capítulo 11

Sydnam estava olhando pela janela do dormitório. Só era a última hora da tarde. Provavelmente não tinha transcorrido mais de meia hora desde que subiram ali.

Não sabia se Anne Jewell estava dormindo na cama detrás dele. Não queria olhar para comprová-lo. Mas o duvidava.

Sentia-se satisfeito sexualmente, e isso deveria ser uma sensação maravilhosa para ele, depois de tanto tempo de abstinência. Mas, a verdade, sentia uma profunda sensação de fracasso. Não acreditava que isso se devesse a sua pouca perícia nas técnicas sexuais, sobre tudo com uma mulher que não tinha nenhuma experiência. Não, era outra coisa a causa de que ela recuou logo que chegaram ao momento de verdadeira união íntima.

É que tinha esperado que ela o encontrasse formoso, que encontrasse formosa a experiência?

Não se tinha dado conta no momento em que ela o beijou no caramanchão de que se armou de coragem para lhe manifestar compaixão, para lhe assegurar que a seus olhos ele era um homem normal? Não tinha compreendido que seu oferecimento de entregar-se a ele nascia de sua terrível solidão? Ela deveria haver-se casado fazia anos com o homem eleito, mas circunstâncias que escapavam a seu controle a tinham feito virtualmente in casável.

Talvez os dois tinham obtido o que se mereciam por ter dado esse imprudente final a sua tarde juntos, e a sua amizade. A solidão não é nunca um bom motivo para fazer o que acabavam de fazer; e não podia sê-lo quando os dois estavam sozinhos obrigadamente, e de modo permanente. Para eles era impossível comprometer-se e permanecer juntos.

Acabavam de fazer isso dolorosamente evidente.

Desejou que não tivessem posto a prova esse assunto.

Muito tarde compreendia que a relação sexual não elimina a solidão. Provavelmente a piora. Nos próximos dias lhe revelariam se era certo isso, pensou.

Não queria voltar a cabeça para olhá-la, porque poderia descobrir que Anne Jewell, a mulher da que se permitiu apaixonar-se durante essas semanas, partiu-se, deixando em seu lugar a uma desconhecida com a que se sentiria incômodo porque tinham tido uma relação íntima quando em realidade não havia nenhuma intimidade entre eles.

E ela partiria, de verdade, fisicamente, ao dia seguinte. A próxima vez que viesse a essa casa subiria a essa habitação e estaria ali onde estava nesse momento simulando que podia virar-se e a veria dormindo na cama.

Ou talvez não. Talvez estaria aí desejando esquecer que ela tinha estado com ele no Ty Gwyn.

Girou-se. Ela estava deitada com as mantas subidas até os braços, os braços e os ombros nus e seu maravilhoso cabelo cor mel em um brilhante enredo ao redor de sua cabeça, sobre seus ombros e o travesseiro. Sua glória suprema pensou, embora não o disse; era uma frase muito manjada. E já tinha passado o momento para dizer essas palavras, em todo caso.

Estava-o olhando fixamente, com uma expressão indescritível. Provavelmente desejava que ele não tivesse notado que a relação sexual não lhe tinha dado nenhum prazer.

Sorriu-lhe e lhe disse algo que não sabia que lhe ia dizer, embora era algo, compreendeu que devia dizer mais tarde ou mais cedo.

— Se quiser Anne, casaremo-nos.

Isso não era uma proposta de matrimônio acertada, compreendeu quando já o havia dito. Mas como poderia pedir de outra maneira? Como poderia lhe impor uma obrigação falando de emoções que sem dúvida a sobressaltariam ou inclusive a consternariam? Não desejava sua lástima, certamente.

— Sou muito capaz de te manter — acrescentou — e a seu filho. Eu o encontro uma boa idéia. Você não?

Então lhe ocorreu que era possivelmente a pior idéia do mundo.

Ela esteve um bom momento olhando-o sem responder.

— Acredito — disse ao fim — que a amizade, a necessidade e a atração mútua justificam plenamente o que temos feito. Mas não justificam um matrimônio.

Ele sentiu uma pena terrível, e um enorme alívio também.

— Não? Nem sequer a amizade? Não é desejável que marido e mulher simpatizem e encontrem fácil conversar, falar entre eles? Rir juntos?

—- Sim, mas deveria haver muito mais que isso.

Amor? Pensou ele. Essa era uma palavra muito usada, assim que definida. O que significava? Mas não acreditava que ela se referisse ao amor. Tinha que haver atração física entre marido e mulher, isso era o que ela queria dizer. Ou como mínimo, não haver repugnância.

Não lhe seria possível casar-se com ele, compartilhar uma cama com ele o resto de sua vida. Mas ele sempre tinha sabido que isso não lhe seria possível a nenhuma mulher.

Se ela houvesse dito sim a sua desajeitada proposta de matrimônio, ele teria seguido adiante falando de planos para as bodas. Se ela tivesse vacilado como se desejasse dizer sim, ele poderia lhe haver dito que tinha sentimentos por ela, que não fazia a proposta simplesmente por honradez, porque se tinha deitado com ela.

Mas ela nem disse sim nem vacilou.

E uma parte dele se sentia aliviada. Desde sua chegada a Glandwr se retirou a uma vida muito privada, e em geral tinha sido feliz com essa vida.

Voltou a lhe sorrir.

— Não direi nada mais sobre o tema, então. Mas deve me prometer, Anne, por favor, que me comunicará isso sem tardança se a sua volta a Bath descobre que está grávida. E também deve me prometer que me permitirá me casar contigo se o estiver.

Ela o olhou em silêncio.

— Promete-me isso?

Ela assentiu.

Talvez deveria haver pedido de outra maneira, pensou já tarde, quando se agachou a recolher a jaqueta e a afirmou sob o braço para poder agarrar as botas. Talvez deveria ter posto todo o coração na proposta, e crédulo em que ela tomaria sua decisão sem lástima. Mas já era muito tarde. Ele tinha pedido e ela se negou.

Sim, era certo, a relação sexual piora a solidão. Já sentia a sua como uma dor em carne viva.

— Deixarei-te sozinha para que te vista — disse, dirigindo-se à porta, levando sua roupa, mas claro, ao chegar à porta teve que deixar as botas no chão para poder abri-la — vemos abaixo, então.

— Obrigado — disse ela.

O cabrioli foi dando saltos pelo caminho com sulcos até virar para tomar o caminho estreito que os levaria até o povo para continuar para as portas de Glandwr. O céu seguia espaçoso e o sol de última hora da tarde ainda esquentava.

Anne ia sentindo no corpo as conseqüências inesperadamente agradáveis do amor, a ligeira frouxidão, a sensibilidade nos peitos, a vibração na virilha, a leve irritação mais dentro: Tratou de concentrasse na beleza do ocorrido. Foi inegavelmente formoso; formoso, sim.

Deveria ter sido o final perfeito de um dia perfeito, e de umas férias perfeitas.

O virar em uma curva do caminho a fez deslizar-se bruscamente no assento e seu ombro se chocou com o do Sydnam. Olhou-o enquanto voltava a pôr um pouco de distancia entre eles. Estava a sua esquerda e lhe via esse lado do rosto, maravilhosamente bonita, embora, a verdade, já não encontrava feio o lado direito. Tal como lhe dissesse antes, era simplesmente uma parte dele.

— Espero que o tempo se mantenha bom para sua viagem. — disse ele.

— Sim.

Assim voltavam a recorrer a falar do tempo, né?

Ao dia seguinte há essa hora já estaria muito longe de Glandwr. O terror lhe atendeu o estômago.

Não apartou a vista dele. Sabia que nos dias vindouros, até que a lembrança começasse a remeter o que ocorreria indevidamente, tentaria com desespero recordá-lo tal como estava nesse momento, e com igual desespero tentaria dizer-se que o ocorrido entre eles foi, e o sentiu tão formoso como sua mente lhe assegurava nesse momento.

Mas por cima de todo o resto eram amigos, e sua amizade lhe era algo muito querida.

Não deveria haver-se voltado a ele essa tarde. Isso foi um terrível engano. A solidão e a compaixão não bastam como tampouco o desejo ou a necessidade sexual. Mas ainda não se atrevia nem a tentar explicar- a ele. Isso só pioraria as coisas. Além disso, nenhum dos dois havia dito nada a respeito de que não tivesse sido totalmente perfeito. Talvez para ele foi.

Tinha rechaçado sua proposta de matrimônio, disse-se. Tinha rechaçado a um homem que gostava ao que lhe tinha afeto, respeitava e admirava um homem que, além disso, tinha os meios e a disposição para mantê-la, lhe dar comodidades, a «ela», que tinha pensado que nenhum homem lhe faria uma proposta de matrimônio jamais. Por que disse que não?

«Se quiser, Anne, casaremo-nos.»

Palavras amáveis, ditas com cortesia e por obrigação, porque se tinha deitado com ela.

Ele não desejava casar-se com ela.

E ela não podia casar-se com ele, nem mesmo no caso de que ele o desejasse; não podia casar-se com nenhum homem. Suas feridas do passado seguiam sendo muito profundas. Ante qualquer indício de contato íntimo, imediatamente se refugiava em sua mente, onde estava a salvo de suas emoções.

Não podia impor ao Sydnam um corpo frígido como um bloco de gelo; ele merecia muito mais.

Não seria suficiente lhe oferecer amizade; só o amor poderia sê-lo, mas ela não sabia o que era o amor, pelo menos o amor sexual, conjugal. Fechou os olhos para recordar o que disse lady Rosthorn essa manhã que esteve pintando no escarpado.

«... O verdadeiro significado das coisas está no interior, no profundo, e o verdadeiro significado das coisas sempre é formoso porque é simplesmente amor.

Mas ela não se confiava em amor. O amor lhe tinha falhado sempre, em toda ocasião, com sua mãe, com o Henry Arnold, com seu pai, com sua irmã. E o carinho por sua aluna, Prue Moore, tinha-a levado ao desastre. O amor não lhe tinha causado outra coisa que sofrimento, dor. Dava-lhe medo amar ao Sydnam e ser amada por ele. Em realidade estava bem que não houvesse nenhum assunto de amor entre eles.

— Anne — disse Sydnam, tirando a de suas divagações e voltando-a para presente — talvez amanhã pela manhã pense de outra maneira. Volto a lhe pedir isso antes que parta?

— Não — disse ela, que ao olhar à frente viu que já estavam perto da aldeia. — Foi uma tarde muito formosa, Sydnam, verdade? Simplesmente recorde mos e agradeçamos.

Encerra-a, reprime-a, oculta a, enterra-a, com todas suas imperfeições e possibilidades perdidas.

— foi muito agradável — conveio ele.

«Mas deve me prometer, Anne, por favor, que me comunicará isso sem tardança se a sua volta a Bath descobre que está grávida. "E também deve me prometer que me permitirá me casar contigo se o estiver.»

Anne sorriu quando ao entrar na aldeia ele saudou um ancião que estava sentado em uma velha cadeira fora da porta de sua casa, fumando um cachimbo.

— Falou-lhe em galés — comentou quando reataram a marcha.

Ele girou a cabeça para lhe sorrir.

— Sim, dei-lhe as boa tarde e lhe perguntei como estavam ele, sua filha e seu genro. Impressionei-te?

— Imensamente.

Os dois riram.

Então ela caiu na conta de que não só sentiria falta dele; sentiria falta desse lugar; sentiria falta de Gales. Não a surpreendia absolutamente que esse lugar se converteu no lar dele, em seu terrão, e que tivesse a intenção de passar o resto de sua vida aí.

Invejou-o.

Talvez se ela...

Não, não, não devia nem sequer pensá-lo.

Mas, ai, a ele sim que o sentiria falta. E de repente sentiu um imenso desejo de poder voltar para Ty Gwyn para arrumar o que tinha ido mal aí. Mas só ficava o futuro, do qual não compartilhariam quase nada, e o pouco que compartilharia seria um sofrimento. Desejou poder fazer estalar os dedos e encontrar-se em sua vida já transcorridas duas semanas, com a pena de sua marcha ao dia seguinte incrustada já no passado.

Novamente se voltou para ele para olhar seu perfil e gravar-lhe na memória.

Sydnam levou o cabrioli diretamente ao estábulo. Ali uma moço lhes disse que os outros ainda não haviam retornado de sua excursão.

Portanto, em lugar de caminhar a curta distância até a casa e despedir-se dentro de uns minutos, afastaram-se da casa, e seus passos os levaram como movidos por vontade própria em direção à colina a cujo topo subiram aquela noite do baile. Voltaram a subir e uma vez no topo se detiveram ali a contemplar o mar, que se via de um azul vivo à luz do entardecer, enquanto a terra estava banhada pela luz dourada do sol que estava começando a afundar-se no horizonte, para o oeste.

Estavam a uns três palmos de distância, como dois simples desconhecidos que estiveram deitados juntos só fazia uma hora ou algo assim.

Isso tinha sido um engano, mas já não ficava mais tempo para estar juntos e lamentá-lo.

Ouviu-a tragar saliva; ouviu o som em sua garganta. E compreendeu que mesmo que se havia recuado em si mesmo durante a relação sexual com ele, tinha-lhe simpatia, tinha-lhe carinho, e lhe resultaria difícil deixá-lo. Era sua amiga; isso era um presente que devia lhe bastar.

—Te sentirei falta. — lhe disse.

— E eu a ti — disse ela, com a voz, embora firme, mais aguda do habitual. — Eu não queria vir, sabe? Parecia-me horrorosamente atrevido vir só pelo convite de lady Hallmere. Quando o carro se ia aproximando de Glandwr, faria algo por voltar para Bath. Mas agora me custa partir.

Não tinha por que partir pensou ele. Poderia ficar aqui com ele o resto de sua vida. Mas não o disse. Sabia que isso era impossível. E ela já tinha tomado sua decisão em Ty Gwyn. Havia dito não.

— Talvez volte outro ano. — disse.

— Talvez. — conveio ela.

Mas os dois sabiam que não voltaria. Os dois sabiam que uma vez que ela partisse pela manhã, não voltariam a ver-se nunca mais.

E se era certo que eram somente amigos, que só foi a solidão a que os uniu e manteve juntos, não importaria que não voltassem a ver-se nunca mais. Não importaria. Não demorariam a esquecer-se e reatar as atividades normais de sua vida.

Mas ele sabia que não a esqueceria.

Perder a Anne Jewell seria uma das experiências mais atrozmente dolorosas de sua vida.

Agarrou-lhe a mão e ela a fechou fortemente ao redor da dele.

— foi um prazer te conhecer, Anne Jewell.

— E para mim te conhecer, Sydnam Butler.

Talvez havia uma possibilidade. Talvez se ela tivesse tempo para…

Mas ela retirou bruscamente a mão, justo no momento em que ele abria a boca para falar, e apontou para a casa e o caminho de entrada.

— Aí vêm — exclamou. — Devo estar ali quando David chegar. Estive separada dele todo o dia. Ai espero que não se fez mal.

Uma fileira de carros ia avançando pelo caminho de entrada.

— Vá — disse ele — pode estar aí na terraço esperando quando ele chegue.

Ela girou a cabeça para olhá-lo.

— Vá. Eu tomarei o atalho para voltar para minha casa.

Ela vacilou um momento, e em seu rosto se refletiu a indecisão, mas logo pôs-se a correr descendo pela colina igual como o fizera aquela noite, quando ele correu a seu lado e logo a adiantou para chegar abaixo antes que ela.

Ele continuou aí olhando-a, pensando se sentia triste ou contente por não ter podido falar, lhe suplicar que o reconsiderasse.

Chegou à conclusão de que estava contente.

Ou o estaria na próxima semana.

Ou o próximo ano.

Ou em sua próxima vida.

Anne estava quase a ponto de chorar quando chegou ao terraço, justo no momento em que se detinha ante a porta o primeiro dos carros. Estava desesperada por ver seu filho, ouvir sua voz, abraçá-lo. Mas ao mesmo tempo estava muito consciente de que acabava de deixar ao Sydnam, sem sequer uma curta despedida, e que com toda probabilidade, não voltaria a vê-lo.

Mas odiava as despedidas. Odiava-as. Era melhor assim.

David desceu de um salto do segundo carro no instante em que a viu no terraço, e pôs-se a correr para ela, com os olhos brilhantes, movendo a boca, gritando com sua voz de soprano a um volume ensurdecedor. Rindo, ela o agarrou nos braços, levantando-o, abraçando-o fortemente, e logo lhe beijou a cabeça.

— Deveria ter ido, mamãe... O primo Joshua... E deveria me haver visto... Davy... E depois fomos... Lorde Aidan... Ah, foi divertidíssimo... O primo Joshua... Becky e Marianne tinham medo de subir pela escada de caracol, mas eu as ajudei, e lady Aidan me disse que eu era um perfeito cavalheiro E... Alexander... O primo Joshua e Daniel... Os pequenos... Oxalá tivesse estado aí, mamãe, para ver...

Anne voltou a rir quando foram subindo a escada para os aposentos dos meninos. Perdeu-se quase todos os detalhes do que lhe contava, mas ao parecer não lhe importava.

— Parece, então, que o passou muito bem - lhe disse.

— Melhor que nunca. Mas Oxalá pudesse ter visto o castelo, mamãe. Te teria encantado.

— Seguro que me teria encantado.

— Você gostou do lugar onde te levou o senhor Butler?

— Ty Gwyn? Muitíssimo.

— Mas de verdade deveria ter ido conosco. Teria-te divertido muito mais. O primo Joshua...

E continuou com sua história.

Era maravilhoso vê-lo tão feliz e animado, seu rosto bronzeada pelo sol.

Mas a excursão o tinha cansado. Quando Anne foi vê-lo depois de ter ido a sua habitação a trocar-se para a noite, encontrou-o somente em sua habitação, sentado em sua cama em camisola, rodeando-se com os

braços os joelhos levantados. Via-se lânguido, deprimido, ou algo, mas não feliz.

— Está cansado? — perguntei-lhe, inclinando-se a lhe jogar atrás uma mecha e beijá-lo na testa.

— Amanhã iremos a casa.

Seu baú estava quase totalmente preparado ao pé de sua cama. Anne sentiu os joelhos débeis ante a idéia e se sentou ao lado dele.

— Sim — disse. — Já é hora. Estivemos aqui todo um mês.

— Não vejo por que todos temos que voltar para casa quando estamos passando tão bem aqui — disse ele em tom muito aflito.

— Mas o problema destes tempos de diversão, é que se continuarem eternamente deixam de ser divertidos e se fazem simplesmente tediosos.

— Não, nunca seriam tediosos.

E talvez ele tinha razão, pensou ela. E a quem lhe ocorreu formular essa frase de tão duvidosa sabedoria?

— Todos os outros foram mamãe, menos você. — disse ele então, a fervuras.

David não era dado ao mau humor. Anne se sentiu consternada... E culpado.

— Perguntei-te se te importava que não fora — disse —, e disse que não. Teria ido se...

— E foram os papais de todos também. Bom, o do Davy não, porque morreu. Mas tem a seu tio Aidan, que é como se fora seu papai, porque Davy vive com ele e fazem coisas juntos. Vão cavalgar, a pescar, a nadar e a outras coisas.

— Ai, David.

— E Daniel vive com o primo Joshua — continuou ele. — O primo Joshua é seu papai. Leva-o ao povo onde vivíamos antes e saem a pescar em barco. E o sobe aos ombros e deixa que lhe atire do cabelo e lhe faça todo tipo de coisas.

— David...

— Eu tinha um papai, verdade? Você me disse que não, mas Davy diz que todo mundo tem que ter um papai, embora se tenha morrido. Meu papai morreu?

Anne fechou os olhos um momento. Por que todas as crises da vida têm que apresentar-se justo quando a gente está menos preparado para as enfrentar? Seguia angustiada por um adeus que não se disse. Mas isto era mais importante. Tratou de concentrar-se.

Era certo que quando David era menor, sempre que lhe perguntava por que não tinha pai, lhe dizia que ele era um menino especial e só tinha mamãe, que o amava o dobro do que qualquer outra mamãe amava a seu filho. Essa era uma resposta estúpida, inclusive para um menino pequeno, e sabia que algum dia teria que lhe dar uma resposta melhor.

Mas Oxalá isso não tivesse ocorrido essa noite justamente.

— Sim, David. Morreu. Afogou-se. Foi nadar de noite e se afogou. Sinto muito.

Preparou-se para a pergunta sobre a identidade de seu pai, que seguro seria a seguinte. Mas ele tinha outra mais importante que fazer primeiro.

— Queria-me? — perguntou, com os olhos grandes e escuros como se fossem roxos, em seu rosto tão branca. — Fazia coisas comigo?

— Ah, meu carinho — disse ela, lhe acariciando a bochecha com o dorso da mão. — Te teria amado mais que a ninguém no mundo. Mas morreu antes que você nascesse.

— Como pôde ser meu papai, então? — perguntou ele, carrancudo.

— Mmm... Você é o presente que me fez antes de morrer, e eu te tive segurado até que nasceu. Algum dia lhe explicarei isso tudo melhor, quando for um pouco maior. Mas vejo que te custa ter os olhos abertos, e amanhã será um dia muito exaustivo. Te coloque na cama e eu te contarei um conto, cobrirei as mantas e te

darei um beijo de boa noite.

Dez minutos depois a olhou com os olhos sonolentos e logo sorriu peralta.

— Alegra-me que não tenha ido ao castelo. Assim terei que contar-lhe tudo eu sozinho ao senhor Keeble, a senhorita Martin e a governanta.

Ela riu.

— Aah, e as partidos de criquet, os passeios em barco, os jogos de piratas e as saídas a pintar. Prometo-te que te deixarei contá-lo tudo sozinho. Será agradável voltar a ver todos, verdade?

— Mmm.

E assim, à maneira dos meninos, ficou dormido.

Anne ficou sentada a seu lado até que um momento depois entraram Davy e Alexander nas pontas dos pés.

Muito em breve David pensaria nas perguntas que não lhe tinha feito essa noite e ela teria que lhe dar respostas. Ia ter que lhe dizer o do Albert Moore. Seu pai.

Estremeceu-se.

Glenys, sorvendo pelo nariz como se tivessem sido senhora e donzela durante muitos anos, tinha insistido em lhe fazer ela a bagagem. Portanto não tinha nada que fazer, além de baixar ao salão a ser sociável uma ou duas horas. E devia ser sociável. Ninguém devia suspeitar que a visita a Ty Gwyn tinha sido algo mais que uma prazerosa saída pela tarde.

Mas esses momentos que passou na cama com o Sydnam Butler fazia, contou com os dedos as horas transcorridas após, foram muito agradáveis. Sabia que o foram. Talvez se pudesse voltar a ocorrer, seu corpo já saberia igual a sua mente.

Estava tão absolutamente louca para ter rechaçado sua proposta de matrimônio?

Mas como poderia ter aceitado? O que tinha para lhe oferecer?

E o que tinha ele para lhe oferecer a ela além de sua honorável disposição a assumir as conseqüências do que tinham feito?

«Se quiser, Anne, casaremo-nos.»

Capítulo 12

Sinceramente, este deve ser um dos lugares mais belos da terra — disse a duquesa do Bewcastle, suspirando satisfeita e inclinando a cabeça para apoiá-la no ombro de seu marido. — Tinha toda a razão nisso, Wulfric. Ver a lua na água assim quase me faz chorar de reverência.

— É de esperar, meu amor — disse sua excelência, irônico — que resista esse desejo. Já me molhei as botas este mês, por não falar dos inomináveis. Tinha a esperança de salvar minha gravata de um destino similar.

Ela riu e ele aumentou a pressão de seu braço sobre seus ombros.

Foram caminhando pela praia, perto da borda do mar, como estavam acostumados a fazer tarde de noite, depois que lhe tinha dado de mamar ao James e todos os outros se foram a deitar e podiam estar seguros de ter um tempo para eles a sós.

— De todos os modos, fará-me muito feliz voltar a estar em Lindsey Hall — disse ela.

— Sim?

— É nosso lar — suspirou ela. — Me alegrará estar em casa.

— Sim? — repetiu ele, e se deteve para beijá-la muito concienzudamente e sem pressas.

— Vai vender a casa Branca ao senhor Butler? — perguntou-lhe ela quando já foram caminhando outra vez.

— Em realidade não é uma casa Branca, meu amor. Deveria te haver levado ali para lhe mostrar isso — Mas isso é o que significa seu nome em galés. A venderá?

— Meu avô a comprou quando era muito jovem. Ao parecer muito em breve se correu o rumor pelos salões elegantes de que ele alojava a sua querida ali, mas resultou que, embora isto não se soube antes que minha avó lhe tivesse deixado os dois olhos roxos ao homem que cometeu a idiotice de lhe fazer uma maliciosa advertência, a que estava refugiada ali era uma amiga muito especial dela, uma mulher muito maltratada por seu marido. Meu avô matou ao marido quando este o desafiou a duelo por causa dos falatórios, incidente que foi eficientemente silenciado, por certo, como o eram normalmente essas coisas nesse tempo. Era um homem pitoresco meu avô, e minha avó não menos. Os homens Bedwyn, logicamente, jamais têm queridas depois que se casaram.

A duquesa riu brandamente.

— Eu acredito que renunciaram a essa perigosa prática depois que uns quantos deles adquiriram esposas como sua avó.

O duque emitiu um de seus excepcionais latidos de risada.

— Suponho que venderei Ty Gwyn ao Sydnam — disse ele, depois de uns quantos minutos de caminhar em silencio. — Em realidade a venderei, sem dúvida, posto que sei que passara a muito boas mãos. Mas tenho que estar à altura de minha fama de não ceder muito facilmente, sabe? O direi antes de partir daqui.

— Que desilusão foi que não tenha ocorrido nada entre ele e a senhorita Jewell depois de todos nossos esforços. Estava convencida de que parecem um para o outro. Todos os estávamos.

— Estremece-me pensar que toda uma geração de Bedwyn e seus respectivos cônjuges tenham caído tão baixo dedicando-se ao ignóbil esporte de armar casamentos. E isso me faz perguntar seriamente no que me equivoquei com eles. Parecem ter a extraordinária convicção de que contribuíram a que nos casássemos Christine.

— Ele necessita a alguém — continuou ela, como se não o tivesse ouvido —, e ela também. E sempre que os vimos juntos nos pareceu que se entendem, que formam um casal perfeito. Te ocorreu pensar, Wulfric, que ela poderia ser a marquesa de Hallmere se o primo do Joshua se casasse com ela, e que Joshua poderia ser o simples senhor Moore?

— Imagino que a Freyja não teria gostado de nada ser a simples senhora Moore.

— E os dois eu gosto extraordinariamente — disse ela — claramente referindo se a Anne e ao Sydnam.

— Parece que a lógica aponta à conclusão de que, portanto são um para o outro, e se essa lógica prevalecesse sempre, que demônios fazemos você e eu juntos?

—Tinha-me forjado tantas esperanças — continuou ela. — Quando soube que ele a levaria a ver a casa Branca enquanto todos estávamos no castelo Pembroke, pensei que quando voltássemos nos inteiraríamos de que lhe tinha proposto matrimônio e terei que celebrar um compromisso. Até tinha feito planos para convencer a todos de que ficassem um ou dois dias mais para fazer uma grandiosa festa de celebração. Mas esta noite a senhorita Jewell não há dito nenhuma só palavra a respeito do Ty Gwyn, só que desejava sabê-lo tudo sobre o Pembroke. E não deixou de sorrir em toda a noite, fixou-te? Aah, mas claro, deveria havê-lo entendido antes... Esse foi o problema, verdade? Para que ia estar tão sorridente toda a noite se não era para se proteger e cuidar de um coração quebrado? O mais seguro é que simplesmente ele não teve a coragem para lhe fazer a proposta. Suponho que se crê insuportavelmente feio, o homem tolo. Oxalá o tivesse convidado esta noite, mas não sabia a que hora voltaríamos. Wulfric, você crê...?

— Christine — disse sua excelência em tom severo, detendo-se e girando-a para pôr a de cara a ele e olhá-la com esses olhos que semelhavam a luz da lua. — Não te trouxe aqui para falar do triste estado da vida amorosa do Sydnam Butler, nem do da senhorita Jewell.

— Perdoa — disse ela, suspirando. Mas imediatamente lhe sorriu e lhe pôs as mãos sobre os ombros, ao parecer nada castigada pela recriminação. — Para que me trouxeste aqui?

Esta vez o beijo não só foi consciencioso, mas também duro implacável.

Sua excelência não disse nenhuma só palavra mais a respeito da Anne Jewell e Sydnam Butler.

Finalmente parecia que chegava a seu fim a larga rajada de calor e tempo seco. O céu estava coberto por nuvens escuras e baixas, e garoava, quando Sydnam tomou o caminho de entrada em direção à casa principal. O tempo lhe parecia apropriado para a ocasião.

Não era absolutamente necessário que fora, posto que Bewcastle com a duquesa ficariam outros dois dias, e em realidade os únicos que partiam esse dia eram os Hallmere e os Rosthorn. Mas seria um bom ato de cortesia ir despedir se e apresentar seus respeitos a Freyja e ao Morgan.

Mas, a verdade, não era nada bom para enganar-se a si mesmo.

Esse dia também partia Anne Jewell, e sentia o coração pesado. Não se atrevia nem a pensar como seria sua vida sem ela.

Talvez deveria haver ficado em sua casa essa manhã. Já se tinham despedido na tarde anterior, embora a entrada dos carros procedentes de Pembroke lhe impediu de dizer o que ia dizer. O mais provável era que fora melhor que não o houvesse dito.

Mas embora tinha estado de pé da alvorada passeando-se pela casa e trocando de decisão a cada minuto, já desde o começo sabia que iria.

Os adeus por dolorosos que sejam, devem ser ditos.

Ao final de cada história terá que escrever a palavra «Fim»

E por isso ia em direção à casa Glandwr.

A meio caminho caiu na conta de que ia coxeando, por isso imediatamente afirmou o passo.

Já havia vários carros no terraço. Baixou-se a aba do chapéu para proteger o rosto da fina chuva.

Quando deu a volta aos carros e olhou para a porta principal teve a impressão de que estavam todos os Bedwyn no vestíbulo, com seus cônjuges e filhos e outros hóspedes. Havia aí muitíssimo bulício e movimento.

Ficou no terraço esperando. Finalmente saiu Rosthorn, estreitou a mão dele e logo ajudou às babás a subir a um carro aos meninos para que não se molhassem muito. Depois saiu Freyja, entre Alleyne e Rannulf. Freyja lhe estreitou a mão e lhe disse, com sua franqueza acostumada, e sem explicar por que, que nunca antes o tinha acreditado tão tolo. Hallmere a ajudou a subir ao carro enquanto os outros dois o olhavam, Ralf sorrindo e Alleyne agitando as sobrancelhas.

Então saiu Morgan, abraçou a seus irmãos e ao ver que ele estava com eles, abraçou-o fortemente também apesar de que tinha a roupa muito mais molhada que eles.

— Sydnam — lhe disse, olhando-o ao rosto, e ele poderia ter jurado que tinha lágrimas nos olhos. — OH, meu querido Sydnam, quanto desejo que seja feliz.

— Mas sou feliz, Morgan - protestou ele.

— Falta-nos Anne — disse Hallmere.

— A senhora Pritchard lhe está chorando em cima — explicou Rannulf sorrindo — e ainda falta que se despeçam dela Judith e Christine, que estão esperando seu turno.

— Vamos, cherie — disse Rosthorn ao Morgan — subamos rápido, não sigamos nos molhando.

— Será melhor que todos deixemos de nos molhar — disse Rannulf.

Ele e Alleyne entraram quase ao mesmo tempo na casa enquanto Hallmere e Rosthorn subiam a seus

respectivos carros detrás de suas mulheres.

E assim, de repente, Sydnam ficou sozinho no terraço, somente com Anne Jewell, que acabava de sair a toda pressa levando da mão a seu filho.

Aidan, que ia saindo com eles, viu-se detido bruscamente pela mão de alguém em seu braço e foi puxado de volta ao vestíbulo.

Ah, pensou Sydnam, os Bedwyn querem ser discretos, né?

Ela levantou a cabeça quando estava a não mais de uns três palmos dele, e o olhou surpreendida.

Pareceu-lhe que estava pálida, embora talvez só fora a falta de luz do sol a que lhe dava esse aspecto.

— vim me despedir de todos - disse.

David lhe sorriu, embora seus olhos revelavam que tinha estado chorando.

— vou perguntar ao senhor Upton sobre a possibilidade de pintar ao óleo lhe disse.

Sydnam lhe sorriu.

— David — disse Anne, sem deixar de olhar ao Sydnam — te despeça do senhor Butler, por favor, e sobe em seguida ao carro, para não te molhar.

— Adeus, David — disse Sydnam—, e obrigado por me permitir ver um de seus quadros.

— Adeus, senhor — disse o menino, lhe fazendo uma rápida vênia em gesto de respeito, e imediatamente quase se lançou de cabeça dentro do carro, para livrar-se da chuva.

E assim ficaram sozinhos pela última vez ele e Anne Jewell, observados pelas pessoas que estavam no vestíbulo por um lado e pelas que estavam dentro dos carros pelo outro. Não poderia ter sido mais público esse último encontro.

Mas ele se desentendeu de tudo e concentrou a atenção na mulher que tinha diante.

Anne, que gostava muitíssimo, a que talvez amava.

Não, a que amava.

Ela partia. Não voltaria a vê-la nunca mais, mesmo que seu corpo sentia como uma surda dor seu conhecimento do dela.

E seu coração? Bom, sentia-o como se lhe atirassem pesos de chumbo para o chão.

— Recordará sua promessa? —perguntou-lhe, lhe tendendo a mão.

— Sim.

Estava-lhe olhando o queixo. Mas pôs a mão esquerda na dele. Ele se inclinou, lhe levantando a mão e posando os lábios sobre ela, onde os deixou um momento. Estava terrivelmente consciente de que tinham público, e era muito possível que estas pessoas houvessem tornado coletivamente sua atenção a outra parte, posto que, sem dúvida, tinham organizado coletivamente esse último e breve encontro entre eles.

Quando ele levantou a cabeça e lhe soltou a mão, ela o olhou ao rosto, e ele viu as gotas de chuva em suas bochechas e pestanas. Tinha uma ruguinha na testa.

— Adeus - disse ela, com uma vozinha débil que logo que era um sussurro.

— Adeus — disse ele, e as arrumou para lhe sorrir.

Então ela se deu meia volta e subiu os degraus do carro dos meninos antes que ele alcançasse a lhe oferecer ajuda, e imediatamente teve que ocupar-se da filha pequena da Freyja, que lhe abriu os braços para que a agarrasse.

O chofer levantou os degraus e fechou a portinhola, logo subiu à boléia e o carro ficou em marcha. Quase imediatamente virou para seguir ao carro de Hallmere pelo caminho de entrada.

Ela não olhou pelo guichê.

Sydnam não se deu nem conta de que tinham saído várias pessoas ao terraço a se despedir dos viajantes agitando as mãos.

Não recordava haver-se sentido mais só em toda sua vida.

Justo há essa hora, no dia anterior, tinha olhado com satisfação o céu espaçoso pensando iludido que passaria toda uma tarde a sós com ela em Ty Gwyn.

Só ontem.

E agora ela já não estava.

Sentiu o peso de uma mão no ombro e ao levantar a vista viu o rosto impassível e austero do Bewcastle.

— Retiraremo-nos à biblioteca, Sydnam, posto que está aqui, para falar do que vai ser de Ty Gwyn.

Quando chegaram a Bath, Anne já estava esgotada de tanto jogar. O enjôo da babá foi pior ainda na viagem de volta, portanto ela pôs toda sua energia em entreter aos meninos com jogos vigorosos para que não ficassem irritáveis pelo tédio de passar tantas horas encerrados no carro.

Nas paradas para comer e passar a noite mostrou-se resolutamente alegre e corajosa quando conversava com o Joshua e lady Hallmere. Não queria que nem por um momento acreditassem que estava com o ânimo baixo, embora em realidade, mais deprimida não podia estar.

Que idiota foi acreditar que poderia deitar-se com um homem e logo simplesmente esquecê-lo.

Que idiota foi acreditar que poderiam eliminar-se mutuamente a solidão durante uma hora e logo recordá-lo com gratidão.

E que idiota foi ter esperado que poderia deitar-se com o Sydnam e obter prazer da experiência como se fora uma mulher normal.

A lembrança era como uma ferida em carne viva que se ia agravando com cada hora que passava.

Tinha-o «conhecido» no sentido bíblico. Ele tinha conhecido ela. E, entretanto seu corpo se havia recuado, mantendo-se distante dessa maravilha.

Tinha tido um medo terrível de que ele não fora a despedir-se. E um medo terrível de que fora.

E quando ele foi, quando lhe olhou pela última vez seu formoso rosto desfigurado, só sentiu dor.

A terrível tentação de lhe dizer que tinha trocado de decisão Mas não o disse.

Durante esse mês se haviam sentido mutuamente atraídos e passado tempo juntos, ah, sim, e deitado juntos, simplesmente porque os dois se sentiam sozinhos.

Mas essa explicação estava perdendo força.

Porque não podia ser que só o saber que voltava a estar sozinha, sem um homem em sua vida, causasse-lhe a aguda dor que lhe oprimia a garganta e o peito, verdade?

Sim, possivelmente se tinha apaixonado ligeiramente por Sydnam Butler; ou talvez se apaixonou por tudo dele.

Apaixonou-se por um impossível.

Os carros se detiveram diante da casa de lady Potford no Great Pulteney Street, já que Joshua com sua família iriam ficar um par de dias ali antes de voltar para a Cornualles. O carro em que foram Anne e David devia continuar seu caminho até o Daniel Street para lhes levar as bagagens, já que eles preferiram ir-se a pé para estirar as pernas. Joshua insistiu em acompanhá-los, ofereceu- o braço a Anne, e David ficou a seu outro lado.

— Anne, o mês foi agradável, verdade? —disse-lhe.

— Sim, muito agradável em realidade. —respondeu ela. — Te agradeço muitíssimo que te tenha ocorrido nos convidar.

— E, entretanto os dois têm cara de sexta-feira, quando só estamos na terça-feira.

— Não, eu não... —começou a protestar Anne.

— Oxalá eu tivesse podido ficar ali para sempre, para sempre - exclamou David com veemência.

O menino tinha estado a ponto de tornar-se a chorar outra vez quando se despediu do Daniel e Emily e lhe

estreitou a mão lady Hallmere.

— Sim — conveio Joshua —, isso teria sido desejável. Mas todas as coisas boas têm seu fim, moço. Se não o tivessem, não teríamos coisas boas para esperar. Se a senhorita Martin pode prescindir de você, Anne, talvez os dois poderiam passar os natais deste ano conosco em Penhallow. Isso dará a todos algo novo que esperar com ilusão.

Então Anne se fixou em que David ia pego da mão do Joshua, quando normalmente considerava isso muito por debaixo de sua dignidade de menino de nove anos.

Quando foram pelo Sutton Street, aproximando-se da escola, Joshua se girou para ela:

— Anne, lamento que Sydnam Butler não viva mais perto de Bath. Todos observamos com interesse sua relação de amizade.

A alegrou não haver-se dado conta disso.

— Só foi amizade. — disse muito séria.

— Sim? — perguntou ele, lhe escrutinando o rosto.

Mas nesse momento já tinham entrado no Daniel Street, e Claudia e Susanna, avisadas pela chegada do carro com as bagagens, estavam na porta da escola, olhando para a esquina para vê-los aparecer. Imediatamente se armou o alvoroço e Anne se viu envolta em abraços, saudações e risadas. E justo quando acabava de abraçar a sua duas amigas, olhou para a porta e viu ali a outra dama, alta, morena, esbelta, vestida exquisitamente na moda, sorrindo alegremente.

— Frances! — exclamou, correndo para seus braços abertos.

— Lucius e eu acabamos de chegar do Continente — lhe explicou Frances, a condessa de Edgecombe —, e de caminho a casa decidimos passar por Bath para ver se uma de vocês queria passar as últimas duas semanas de férias conosco no Barclay Court. Virá Susanna. Anne, não sabe quanto me alegra que tenha chegado bem a tempo para verte. Nunca deixo de te jogar de menos. E te olhe, noto o bronzeada que está!

Frances tinha encontrado o amor durante uma tormenta invernal, quando o carro em que ia ficou apanhado em um montão de neve por causa da temeridade do conde e seu chofer ao adiantá-lo. Entre o conde e ela foi ódio a primeira vista e logo amor para sempre. Depois das bodas de Frances, as três amigas que ficaram na escola olharam a vida com mais esperança durante um tempo, embora nenhuma delas disse nada disso às outras duas.

— O que me teria vexado não te haver visto - disse Anne. — Ah, Frances, e olhe você.

Antes de voltar-se para a porta para entrar, Anne olhou para o curto caminho de entrada e viu que David estava pendurado do pescoço do Joshua com a cabeça afundada em seu ombro. Joshua o tinha levantado do chão e com a palma apoiada na nuca lhe estava beijando um lado da cabeça.

As lágrimas a cegaram e teve que pestanejar para as conter. Por que todo o maravilhoso tem que ficar atrás? Pensou. Por que tinha que haver tantos adeus na vida?

Então Joshua deixou ao David no chão, emoldurou-lhe o rosto com as mãos, beijou-o na testa e se voltou para ela.

— Criaste-o muito bem, Anne — lhe disse lhe tendendo a mão direita. — É um moço fabuloso. Escrever-lhe desde Penhallow.

Estreitou-lhe a mão, enquanto David entrava correndo na escola sem deter-se saudar nenhuma das damas e nem sequer ao Keeble, que era uma de suas pessoas favoritas.

— Obrigado, novamente.

— Anne. — disse ele, em voz mais baixa e lhe apertando mais a mão — criaste-o muito bem, mas o moço necessita uma família. E na Cornualles há uma desejosa de reconhecê-lo como familiar: Prue e Ben, Constance e Jim Saunders, Freyja e eu. E Chastity e Meecham também, embora não vivam ali. David tem tias, tios e

primos, mesmo que tenha nascido fora do matrimônio. Deve pelo menos pensar em lhe dizer algo a respeito de sua linhagem. Fará-o?

— Eu posso cuidar de meu filho, Joshua — disse ela, tensa, retirando a mão da dele. — Mas obrigado por ser tão bom com ele.

— Escreverei. — disse ele, sacudindo a cabeça, frustrado. — Adeus, Anne.

— Adeus.

Ficou olhando-o até que ele deu a volta à esquina e se perdeu de vista.

Mas há diferentes tipos de adeus, pensou. Esse não tinha sido terrivelmente doloroso para ela, embora estava claro que para o David sim. Voltaria a ver o Joshua, talvez já para Natal.

Ao Sydnam não voltaria a vê-lo nunca mais.

Jamais.

Susanna se agarrou a seu braço e entrou na escola com ela a reunir-se com suas outras duas amigas.

Estava de volta em casa e era agradável estar aí.

Mas nunca se havia sentido tão horrivelmente mal, desde fazia muito, muito tempo.

Capítulo 13

Quando David foi se deitar essa noite, Anne já tinha conseguido convencer o de que não faltava muito para Natal. Além disso, o tinha consolado em parte o interesse que mostraram a governanta e algumas meninas por saber como tinha passado suas férias. Obsequiou-as com histórias sobre o lugar onde esteve e o que tinha feito.

Quando ela terminou de lhe contar outro episódio do conto de nunca acabar que lhe explicava para fazê-lo dormir e estava lhe remetendo as mantas, disse-lhe:

— Mamãe, alegra-me estar de volta. Eu gosto de ter minha pequena habitação toda para mim.

Sim. Era agradável estar de volta. E haveria muitíssimo que fazer-nos próximos dias. Susanna iria passar duas semanas em Barclay Court com Frances e o conde de Edgecombe, portanto só estariam ela e Claudia para entreter as meninas. E deveria preparar as aulas para o ano escolar que estava próximo a começar. Além disso, teria que escrever cartas de agradecimento à duquesa do Bewcastle, de amizade lady Aidan e a sua tia, lady Rosthorn, à senhorita Thompson e às demais esposas Bedwyn.

Sim, era agradável estar de volta em casa.

Cansada como estava depois da longa viaje e as muitíssimas emoções com as que deixassem atrás Glandwr, esteve até tarde na sala de estar da Claudia, o quarteto completo novamente com a volta dela e a visita da Frances. Frances ficaria a passar a noite na escola, mesmo que o conde tinha reservadas habitações no Royal York Hotel. Essa noite ele esteve no jantar, mas logo partiu, lhes explicando que compreendia que sua presença estaria de sobra o resto da noite e que, além disso, devia cuidar de seu aspecto dormindo um pouco, já que elas estariam conversando como mínimo até meia-noite.

A Anne caía muito bem o conde. A todas caía bem, e estavam contentes pela felicidade de Frances.

A conversação versou a respeito das viagens de Frances e de seus êxitos em sua excursão de recitais de canto pelo Continente; das férias dela em Gales, embora Anne evitasse toda referência ao Sydnam Butler; das atividades de férias das internas da escola, e de muitos outros temas. As quatro sempre tinham podido falar de algo e de tudo, e entre elas a relação era mais de irmãs que de simples amigas. Seguiam sentindo falta da constante presença da Frances entre elas, mesmo que já fazia dois anos que se partiu.

Sim, era muito agradável estar de volta.

À manhã seguinte, Anne e Claudia se despediram da Susanna e Frances com fortes abraços quando chegou o conde em seu carro às recolher, e logo as duas ficaram na calça agitando as mãos. Quando o carro se perdeu de vista, sorriram-se e entraram na escola a organizar as meninas para a caminhada e lanche que tinham programado fazer no Sidney Gardens, que estava muito perto.

As duas semanas seguintes, Anne as passou ocupadíssima nas atividades de férias: passeios e lanches campestres, jogos esportivos no prado vizinho e a busca de um tesouro na própria escola. Às vezes passava largos momentos sentados com as meninas na sala ou o dormitório comuns falando com elas, as escutando, com o fim das fazer sentir que pertenciam a uma família, que compreendessem que havia adultas aí que as queriam.

Mas o começo das aulas se aproximava inexorável. Chegaria um bom número de alunas novas esse ano, aumentaria grandemente o total delas, tanto em internas como em externas, porque a escola prosperava. Lilás Walton, prometedora aluna do último curso o ano passado, ficou-se passando parte das férias aí para preparar-se para ser professora dos primeiros cursos, tal como fez Susanna quatro anos antes. Portanto Anne passava várias horas com ela cada dia ajudando-a a preparar-se.

E finalmente chegou o dia da volta da Susanna, que chegou relaxada, bronzeada e a transbordar de energia, e de histórias de suas férias em Barclay Court.

Essa noite Claudia estava convidada para jantar com os pais de uma das alunas novas externas, de modo que quando já todo mundo se foi a deitar, Anne e Susanna se instalaram na habitação da Anne, Susanna sentada em cima da cama com os braços ao redor dos joelhos levantados, e Anne na cadeira de seu pequeno escritório.

— Detestei perder a Frances quando se casou com o conde faz dois anos e partiu daqui - disse Susanna, suspirando. — Mas, ah, tomou a decisão correta, Anne. E lhe tenho muita inveja. O conde é encantador e se sente muito orgulhoso dela. Não lhe incomoda no mais mínimo ter que viajar tão largas distâncias para que ela possa cantar. A verdade é que acredito que se sente feliz por sua fama.

— E está tão apaixonado por ela como o estava quando a perseguia sem lhe dar trégua - acrescentou Anne. — Isso se viu muito claro quando esteve jantando conosco.

Susana voltou a suspirar.

— Não encontra que seu romance foi como o de um conto de fadas? Ele não a deixou a sol nem a sombra até que se casou com ele, mesmo que era visconde Sinclair e herdeiro do condado, e ela era uma humilde professora aqui na escola. Mas é que é tão formosa. E agora está mais bela ainda. É evidente que o matrimônio, as viagens e sua carreira de cantora lhe sentam muito bem.

Estiveram em silêncio um momento, as duas contentes pela felicidade de Frances e as duas tristes pela sorte delas.

— E você? —perguntou Anne de repente. — O passou bem, bem? Conheceu alguém interessante?

Susanna se pôs a rir.

— Como, por exemplo, a um duque, que me apaixonasse e me levasse a seu castelo como a sua esposa? Não, ai de mim. Mas Frances e o conde se comportaram maravilhosamente comigo. Esforçaram-se em organizar festas, passeios e reuniões quase todos os dias, para me entreter, mesmo que estou segura de que lhes teria encantado estar relaxados e tranqüilos juntos em sua casa depois de ter estado longe tanto tempo. Estive com pessoas amáveis e interessantes, a muitas das quais já conhecia de antes, claro.

— Mas não conheceu ninguém especial?

— Não, a ninguém. Anne arqueou as sobrancelhas.

— Só a um cavalheiro — disse então Susanna — que me deixou muito claras suas intenções, e estas não

eram nada decentes. Foi à velha história, Anne. Mas era muito bonito e foi muito amável. Que mais dá. E você? Essa noite antes que eu partisse falou muitíssimo de suas férias em Gales, mas nada muito pessoal. Conheceu alguém interessante?

— Aos Bedwyn — respondeu Anne, sorrindo. — Todos são absolutamente fascinantes, Susanna. O duque do Bewcastle é tão formidável como dizem. Tem os olhos prateados e uns dedos largos que sempre se estão fechando ao redor da manga de seu monóculo. É francamente aterrador. Mas comigo sempre foi muito cortês. A duquesa é um encanto, e não tem nada de arrogante nem de estirada. E está muito claro que ele a adora, embora jamais lhe faça nenhuma demonstração em público. O duque também adora a seu filho, que é um bebê chorão e exigente, a não ser que esteja nos braços de seu pai. E ele o leva nos braços com bastante freqüência. É um homem estranho, misterioso, fascinante.

Susanna apoiou o queixo nos joelhos.

— Todo esse bate-papo sobre duques casados me deprime — disse, embora fazendo uma piscada travessa. — Não havia nenhum homem solteiro?

— Nenhum duque.

Anne sorriu também, mas porque lhe veio à repentina lembrança dela sentada no alto da escada da cerca no Ty Gwyn, sorrindo ao Sydnam e pondo a mão na dele para baixar os degraus. E a lembrança do entorno esse dia do verão perfeito. Susanna a estava olhando fixamente.

— Vamos, Anne. A quem conheceu?

— A ninguém em realidade. — se apressou a dizer, trocando de posição no assento. Imediatamente se arrependeu — OH, que horrível dizer isso de um ser humano. Decididamente é «alguém». É o administrador do duque em Glandwr. Estava sozinho e eu estava sozinha, portanto era do mais natural que saíssemos a passear juntos ou nos sentássemos juntos as noites em que o convidavam para jantar. E isso é tudo — acrescentou, ordenando-se não ruborizar-se.

— Tudo. — repito Susanna sem deixar de olhá-la fixamente. — E era alto, moreno e bonito, Anne?

— Sim, as três coisas.

Susanna continuava olhando-a.

— Fomos simplesmente amigos.

— Sim? — perguntou Susanna, em voz mais baixa.

— Sim — afirmou, mas não conseguiu esboçar um sorriso.

E tampouco pôde ficar sentada nem quieta. Levantou-se e caminhou até a janela. Abriu uma cortina e olhou a negrume da pradaria.

— Fomos muito... Queridos amigos.

— Mas não te propôs matrimônio — disse Susanna. — Anne, quanto o sinto.

A isso seguiu um comprido silencio, durante o qual Anne não contradisse a seu amiga.

Susanna rompeu o silêncio ao fim:

— Crê que a vida seria mais fácil, Anne, se a gente tivesse pais e familiares que nos levassem de visita ou a reuniões sociais, ou se ocupassem de que alguém conhecesse pessoas convenientes entre as que pudesse haver um bom pretendente? Seria mais fácil que viver em uma escola de meninas como uma das professoras?

— Não acredito que a vida seja nunca fácil. — disse Anne fechando a cortina. — Com muita freqüência garotas e mulheres fazem matrimônios desastrosos até estando rodeadas por familiares que as orientam na eleição ou inclusive lhes escolhem o marido. Acredito que posta a escolher entre um mau matrimônio e a vida aqui, escolheria estar aqui. De fato, estou segura que escolheria isto.

Esteve um momento com a testa apoiada na cortina e logo se voltou para a habitação.

— Que ingratidão a minha ao fazer essa pergunta — disse Susanna — À sorte me sorria quando enviaram a

esta escola, e quase não podia acreditar em minha sorte quando Claudia me ofereceu um posto entre seu pessoal docente. E encontrei tão boas amigas aqui. Que mais posso pedir à vida?

— Ah, mas somos mulheres além de professoras, Susanna — disse Anne, voltando para seu assento.

— Temos necessidades que nos deu a natureza para a conservação da espécie.

Necessidades que às vezes podem estar horrivelmente danificadas, mas não destruídas, pensou.

Susanna a olhou em silêncio um bom momento.

— E às vezes é muito difícil desentender-se delas — disse ao fim — Eu me senti muito tentada este verão, Anne, de me converter na amante de um homem. Uma parte de mim ainda não está convencida de que tomei a decisão correta. E serei capaz de tomar à mesma decisão a próxima vez? E a seguinte?

— Não sei. — respondeu Anne, sorrindo tristemente.

— Vá Por Deus, o que duas solteironas mais lastimosas e tristes somos. — disse Susanna, rindo e baixando-se da cama. Alisou-se as rugas da saia. — Vou a minha cama solitária. Estou cansada pela viagem. Boa noite, Anne.

Três dias depois chegaram todas as alunas internas, as antigas muito animadas e buliçosas, saudando-se entre elas e às professoras e falando com gritos de suas férias, e as novas com os rostos tensos e assustados, em especial as duas meninas para regime gratuito, que chegaram sozinhas, sem o consolo de seus pais, enviadas pelo senhor Hatchard, o agente da senhorita Martin em Londres. A uma delas lhe pagava a escola lady Hallmere, embora Claudia não sabia que ela era sua benfeitora.

Anne tomou sob suas asas a estas duas meninas e observou quase imediatamente que uma delas ia necessitar aulas extras de dicção, já que falava o dialeto cockney, por isso sua pronúncia era virtualmente ininteligível, e à outra terei que lhe ensinar, com firmeza, paciência e grandes dose de carinho, para dominar sua belicosa tendência a alardear.

À manhã seguinte chegaram às alunas externas e começaram as aulas.

Esse mês foi de muito trabalho. Anne cumpria todos seus deveres docentes e dava especial atenção às alunas novas em regime gratuito. Seu tempo livre o passava principalmente com o David, que estava entusiasmado pela promessa que lhe fez o senhor Upton de que introduziria pinturas a óleo nas aulas de arte passadas as férias de Natal. Escreveu e recebeu várias cartas das senhoras Bedwyn e do Joshua, e ajudou ao David a responder as cartas que lhe escreveram Davy, Becky e Joshua.

Em realidade a vida seguia seu curso com extraordinária normalidade, tomando em conta que a Anne ia fazendo cada vez mais evidente que não havia nada normal em sua vida. Quando não lhe veio à regra antes que começassem as aulas, tratou de convencer-se, desesperada, de que isso só se devia aos transtornos que houve em sua vida o mês de férias. Continuou esperando a ter, de verdade, a próxima regra, inclusive quando começou a sentir ligeiras náuseas logo que se levantava pela manhã, tal como lhe ocorresse dez anos atrás.

Quando tampouco lhe veio à regra a fins de setembro (mas claro, é que tinha estado esperando um milagre?), recordou o que lhe dissesse Sydnam Butler uma vez a respeito das eleições e decisões. Um mês e meio antes ela decidiu deitar-se com ele porque o desejava e ele desejava a ela, e era o último dia que estariam juntos. E essa decisão lhe tinha trocado a vida para sempre.

A perspectiva era aterradora.

Mas já não podia fazer nada para trocar a decisão nem evitar as conseqüências. Só se pode avançar na vida, não retroceder.

Uma fria manhã de um sábado esperou a que Susanna saísse com a maior parte das meninas e com o David a jogar na pradaria, e foi golpear a porta do despacho da Claudia, que em seguida lhe disse que entrasse.

— Posso interromper seu trabalho? — perguntou-lhe.

A noite anterior tinham estado ela, Susanna e Lila na sala de estar da Claudia tomando chá e conversando

de diversos temas, e quando as outras duas partiram a deitar-se poderia haver ficado aí, a sós com a Claudia. Mas intuiu que necessitava um ambiente mais formal para dizer o que tinha que lhe dizer.

Claudia levantou a vista de seu escritório.

— Acaba de pagar a última das inadimplentes. — disse. — Acredito que este ano vai muito bem economicamente, Anne. Dentro de dois ou três anos espero poder dizer ao senhor Hatchard que já não necessitamos a ajuda de nosso benfeitor. — Deixou a pluma e lhe indicou a poltrona do outro lado do escritório para que se sentasse. — Levou muito bem de manhã o da Agnes Ryde no café da manhã, Anne. Apaziguou uma situação que poderia ter sido explosiva. Tem um imenso dom para tratar às meninas difíceis.

— O único que lhe acontece é que ainda está um pouco desconcertada por seu novo ambiente. Sua experiência da vida lhe ensinou que quando sente medo deve lutar com a língua se não com os punhos. Mas tem um coração afetuoso e uma mente aguda, Claudia. Espero que a respire e nutra em ambas as coisas enquanto esteja aqui, e estou segura de que assim se fará. Esta é uma escola muito boa. Todas as meninas que têm o privilégio de vir aqui só podem sair melhores do que eram por ter estado aqui.

Claudia inclinou a cabeça e se tornou para trás, apoiando as costas no respaldo de sua poltrona. Olhou-a em silêncio um momento.

— O que te passa Anne? Há um tempo noto algo em você que não consigo discernir. Está tão diligente, corajosa e paciente como sempre, mas há algo que... mmm. É como se tivesse perdido a serenidade, se é que essa é a palavra correta. Isso me teve preocupada. Sente-se mau? Quer que chame o doutor Blake?

O senhor Blake era o médico que vinha à escola sempre que alguma das internas se sentia indisposta.

— vou ter que partir daqui, Claudia — disse, sem preâmbulos.

E teve a estranha impressão de que ela estava detrás de sua poltrona, ouvindo consternada, como se essas palavras as houvesse dito outra pessoa. Estas tinham saído por fim. E eram certas e irrevogáveis.

Claudia a olhou fixamente, mas não fez nenhum comentário.

Anne fechou os olhos e os manteve fechados um momento.

— Acredito que vou casar. — disse então.

Tinha ensaiado toda a semana o que diria nesse encontro, da manhã do sábado anterior, quando foi ao centro de Bath a jogar sua carta para Glandwr ao correio. Mas até esse momento não havia dito nada do que tinha ensaiado. E tampouco tinha sorrido nem posto cara alegre e feliz, como tinha pensado.

— te casar?

Notou que Claudia só dizia essa palavra.

— Conheci-lhe em Gales, este verão. — explicou. — Me pediu que casasse com ele, e agora decidi aceitar. Já lhe tenho escrito.

— Minhas felicitações. — disse Claudia, olhando-a com certa severidade, com as costas reta como uma vara. — E me está permitido saber seu nome?

Anne exalou um suspiro e se afundou na poltrona.

— Não posso fazer isto. — disse — como se você fosse uma simples diretora, minha empregadora, e eu só uma professora. Ou como se isto fora algo que estive pensando em segredo dois meses e só agora tomasse a decisão. Devo-te algo melhor. Sinto-o muito, Claudia, contei-lhes tudo a respeito de minha estadia em Gales, mas omitindo a parte mais importante. Chama-se Sydnam Butler, é o filho menor do conde de Redfield e o administrador do duque do Bewcastle em Glandwr.

— Sydnam Butler — disse Claudia — do Alvesley, a propriedade vizinha a Lindsey Hall? Recordo-o. Era um menino extraordinariamente bonito.

— Estou grávida dele. — disse Anne francamente.

Claudia a olhou fixamente e apertou as mandíbulas.

— Violação?

— Não! — exclamou Anne, aumentando os olhos. — Não, não, Claudia, nada disso. Eu fui uma participante muito bem disposta. Ele me propôs matrimônio, mas eu declinei. Mas sim lhe prometi que o comunicaria se estava grávida e lhe permitiria casar-se comigo. Enviei-lhe uma carta faz uma semana.

Claudia esteve em silêncio um momento.

— Mas não deseja te casar com ele? —perguntou ao fim.

— Não, a verdade é que não.

Mas o tinha sentido falta muito mais do que se imaginou. Inclusive antes de começar a suspeitar a verdade pelas faltas em sua menstruação e as náuseas matutinas, ele tinha dominado seus pensamentos durante o dia e seus sonhos de noite. E tinha pensado se sua resposta teria sido distinta se não houvesse sentido um repentino medo e lhe tivesse feito a proposta de outra maneira.

«Se quiser, Anne, casaremo-nos.» Umas palavras amáveis, ditas pela honra, tão em falta de paixão.

Agora se viam obrigados a casar-se. Ela devia aceitar sua honrosa disposição a arrumar tudo, e ele devia aceitar que ela tinha cumprido com sua promessa, mas que nunca poderia ter uma esposa que pudesse lhe oferecer calor físico.

Uma parte dela ansiava estar com ele, desejava-o. Outra parte estava aterrada. E toda ela detestava as circunstâncias que os empurravam ao matrimônio. Ele detestaria essas circunstâncias.

— Então não deve te casar, Anne — disse Claudia. Apoiou as mãos no escritório e se inclinou para ela, e continuou com a voz e o rosto firmes. — É o filho de um conde, um privilegiado, filho da riqueza, e é tão absolutamente bonito que isso não pode ser bom para ele, nem para você. E está associado com o duque do Bewcastle. Vais ser muito desgraçada.

— E qual é a alternativa, Claudia? Continuar aqui na escola? Sabe que isso será impossível.

Viu como se apagava a feroz luz nos olhos da Claudia.

Uns anos atrás vários pais tinham feito pergunta e manifestado preocupação quando a senhorita Martin empregou de professora a uma mãe solteira, e essa professora teve o descaramento de trazer seu filho bastardo com ela. Inclusive uma menina se retirou da escola em sinal de protesto.

— Além disso. —continuou — aquela vez eu não tinha outra opção para o David, Claudia, e a conseqüência disso a vida foi difícil para ele e continuará sendo-o. Não quero fazer o mesmo com outro filho, quando esta vez sim tenho uma opção.

— E ele se casará contigo?

— Sim.

Em seu coração estava total e absolutamente segura disso; ele chegaria qualquer dia a partir desse momento. Mas em sua cabeça não deixava de surgir de tanto em tanto uma dúvida, que quase a aterrava: E se não vinha?

— Uy, Anne — disse Claudia, suspirando e afundando-se na poltrona. — Como pôde ser tão... Tola?

Sim, claro foi muito idiota o que fez. Mas já não tinha nenhum sentido lamentá-lo. Já parecia.

— Deveria haver dito isso antes, em lugar de esperar a estar totalmente segura, e esperei mais ainda, dando tempo para que chegasse minha carta a Gales. Terá que me substituir muito em breve. Este mês passado Lila tem feito pouco mais que trabalho de aprendiz, mas promete muito, Claudia. Igual a Susanna, parece-me capaz de ganhar o respeito das meninas que só faz uns meses eram sua companheiras, e é muito popular entre as novas. Além disso, é francamente brilhante em matemática e sempre tirou as melhores nota em geografia os anos que eu fui sua professora. Se decide ascendê-la, acredito que não te falhará.

Claudia a olhou um bom momento e finalmente se levantou e foi agarrá-la em seus braços.

— Anne, Anne, deveria te sacudir até te tirar o último fôlego de vida, mas... Ai, carinho, me diga de que

maneira posso te ajudar. Existe alguma possibilidade, embora seja a mais mínima, de que possa sentir verdadeiro afeto pelo senhor Butler?

Anne se relaxou em seus braços, agradecida. Tinha temido perder a suas amizades da escola, e a que mais tinha temido perder era a da muito disciplinada Claudia. Uma mulher que ficou grávida duas vezes sem estar casada não pode exigir a compreensão de suas amigas como um direito.

— Não me haveria... Não teria feito o que fiz com ele se não lhe tivesse um profundo afeto. Não houve sedução, Claudia, e de maneira nenhuma foi violação. Deve me acreditar isso, por favor. Houve afeto por ambos os lados.

Claudia se apartou para olhá-la, mas sem soltá-la.

— Mas rechaçou sua proposta de matrimônio. É que simplesmente é tola ou não entendi algo?

— Nesse momento o matrimônio me pareceu um engano. —explicou Anne—, por ele e por mim, e por motivos que poderia ser difícil expressar com palavras. Mas agora vem em caminho uma terceira pessoa, e um matrimônio entre nós é o único correto.

Claudia voltou a suspirar.

— Sente-se. — disse, atirando do cordão para chamar que pendurava sobre o escritório. — Pedirei que nos tragam uma bule com chá. Todas as coisas se vêem mais claras, e com mais calma, com uma taça de chá na mão. Se meus ouvidos não me enganarem, acredito que retornaram as meninas de seus jogos. Ah, olhe, está chovendo. Isso o explica. Convidarei a Susanna a reunir-se conosco, se quiser. Somos como irmãs, não? Minha queridíssima Anne. —Deu as ordens pertinentes à criada que foi ao som da campainha.

— Em realidade há uma quarta pessoa envolta nisto, Anne, verdade? O senhor Butler será um bom pai para o David? Perdoarei-lhe um sem-fim de pecados se a resposta for sim.

E ainda sinto terrivelmente falta de Frances. E quanto vou sentir falta da ti. Esse era um assunto que preocupava a Anne mais que qualquer outro. David necessitava e ansiava ter um pai. Mas sua idéia de pai desejável era o atlético Joshua, de físico perfeito, ou lorde Alleyne ou lorde Aidan. De todos os modos, David conhecia o Sydnam, e reconhecia nele a um colega pintor. Não parecia lhe ter nenhum tipo de aversão.

Mas como se sentiria com o Sydnam como pai? Como marido dela?

— Será muito bom com o David. — disse.

Disso ao menos estava absolutamente segura.

Capítulo 14

Tinham caído chuvas torrenciais durante várias semanas, fazendo lentos e perigosos os caminhos principais, e às vezes inclusive intransitáveis. Sydnam levava uns dias esperando impaciente uma carta do duque do Bewcastle e de seus advogados, que seria a última gestão legal para poder chamar oficialmente sua a propriedade Ty Gwyn.

Estava encantado quando por fim chegou e a abriu antes de olhar o resto de sua correspondência, embora alcançasse a ver que era uma carta de sua mãe a que estava em cima de todas.

Deteve-se em meio de seu escritório, olhando os documentos legais, tratando de sentir a muito esperada euforia ao saber que seu sonho se fazia por fim realidade. Era latifundiário por direito próprio. Possuía uma casa e terra em Gales, país ao que tinha chegado a amar profundamente. Agora esse era seu terrão, sua casa, seu lar. Era daí. Depois deveria ir visitar Tudor Rhys para celebrá-lo juntos.

Mas lhe resultava difícil sentir euforia ultimamente.

Estava fazendo redecorar o vestíbulo e a sala de estar de amanhã, posto que, além da escritura, a venda já estava decidida desde fazia mais de um mês. Mas não tinha ido fiscalizar nem a olhar as obras. Não tinha

estado ali desde fazia quase dois meses. Desde...

Bom, “após» não tinha estado aí.

Não tinha conseguido armar-se de coragem para ir. Teria que passar pela porta, passar junto à escada para subir a cerca. Teria que passar perto do caramanchão com roseiras. Teria que entrar na casa vazia, só ocupada pelos trabalhadores. E as lembranças...

Ainda não tinha enfrentado a absurda possibilidade de que nunca iria se viver em Ty Gwyn, mas sim continuaria vivendo indefinidamente na casinha do interior do parque de Glandwr, com o pretexto de que estava mais cômodo aí, mais perto de seu trabalho.

Agarrou a carta de sua mãe e lhes jogou um rápido olhar às demais. Todas eram de assuntos de trabalho, à exceção de uma muito magra escrita com uma elegante letra que parecia feminina. Não era a letra de Lauren. Deixando sem abrir a carta de sua mãe, agarrou-a e imediatamente viu que vinha de Bath.

Olhou-a um momento, notando que lhe ressecava a boca. Fazia semanas que tinha deixado de esperar carta dela, por isso o agarrava totalmente despreparado. Embora, claro, não sabia qual seria o conteúdo e nem sequer estava seguro de que fora dela.

Mas quem, se não, poderia lhe escrever de Bath?

E do que, se não, poderia lhe escrever?

Rompeu o selo com o polegar e abriu a única folha de papel.

Olhou primeira a assinatura.

Ah, não se tinha equivocado.

Leu as palavras, e sua mente às decifrou, uma a uma e em pequenas frases. Seu significado em conjunto não parecia lhe golpear o coração.

Estava grávida. Tinha-lhe prometido comunicar-lhe Enviava-lhe suas mais carinhosas lembranças. Tudo expresso em frases breves e formais.

Estava grávida.

Dele, de um filho dele.

Dele e da Anne.

Estava grávida, mas não casada.

Então caiu na conta, por fim.

Não estava casada.

Devia acudir imediatamente a seu lado. Não devia haver nem um só momento de tardança. De repente sua vida tinha um valor precário e infinito. Só estava sua vida entre a Anne e uma terrível desonra, entre seu filho e uma terrível desonra. Devia dar-se pressa.

Dobrou a carta, a meteu no bolso e saiu correndo do despacho, subiu correndo até seu dormitório e atirou do cordão para chamar a sua ajuda de câmera. Pobre Anne, não havia tempo que perder.

Mas claro, compreendeu, inclusive antes que chegasse sua ajuda, surpreso de que o chamasse no meio da tarde, ir resgatar a não era algo tão singelo como colocar as botas e a jaqueta de montar, subir ao cavalo mais próximo e sair ao galope em direção a Inglaterra e a Bath.

A data da carta viu quando a tirou do bolso e a estendeu sobre a cama para voltar a lê-la, era de fazia mais de uma semana. Tinha demorado o dobro do que estavam acostumados a demorar as cartas normalmente. Claro, os caminhos! Haviam-lhe dito que estavam virtualmente intransitáveis. E seguia chovendo muito, quase todos os dias. Em todo caso, ele não era dono de si mesmo, não estava livre; era o administrador do Bewcastle, tinha responsabilidades e obrigações que cumprir. Teria que encarregar-se de umas quantas tarefas urgentes antes de ir a qualquer parte, e teria que falar com o homem que o substituía quando tinha que ausentar-se de Glandwr por um período comprido, para lhe dar as instruções.

— Partiremos a Inglaterra dentro de um par de dias — disse a sua ajudante de câmera, quando tinha pensado lhe dizer que sairiam dentro de uma hora. — Tenha toda minha bagagem preparada, Armstead, por favor, para que possamos partir logo que seja possível.

Mas uma vez transcorridos os dois dias, e quando por fim já tinha tudo arrumado para poder partir, caiu na conta de que não podia ir diretamente a Bath a resgatar a Anne. Primeiro tinha que ir a Londres.

O tempo não tinha melhorado durante esses dois dias. Os caminhos enlameados e escorregadios, com os buracos tão cheios de água que mais pareciam lagos de aldeia, fizeram grandemente lenta sua viagem a Londres. E quando por fim chegou aí, descobriu que as rodas da maquinaria burocrática avançavam com insuportável lentidão.

Já tinham transcorrido três semanas desde o dia em que Anne lhe enviou a carta, quando Sydnam, sentindo-se terrivelmente nervoso, apresentou-se na escola da senhorita Martin no Daniel Street, no meio da tarde.

Um ancião porteiro abriu a porta, meio espantado ao vê-lo e estava a ponto de voltar para fechar quando pareceu que se fixava em que o visitante vestia como um cavalheiro. Finalmente ficou muito erguido em meio da porta, olhando-o com os olhos entrecerrados, sem dissimular sua desconfiança e hostilidade. Passado um instante lhe perguntou o que lhe oferecia.

— Desejo falar com a senhorita Jewell — disse Sydnam. — Acredito que me está esperando.

— Está em classe — disse o porteiro — e não a pode interromper.

— Então esperarei a que tenha acabado suas aulas — disse Sydnam em tom firme. — Comunique-Lhe que Sydnam Butler deseja falar com ela.

O porteiro franziu os lábios, com o aspecto de desejar lhe fechar a porta no nariz, por muito cavalheiro que fora, e sem dizer uma palavra, deu-se meia volta e o conduziu ao salão para as visitas, fazendo ranger os saltos de suas botas todo o caminho. Uma vez aí, fez-o passar ao salão e fechou firmemente a porta. Sydnam quase esperou para ouvir girar a chave na fechadura.

Deteve-se em meio da sala, observando seu pulcro refinamento e seu ar ligeiramente pobre, e escutando as distantes vozes de meninas cantando algo ao uníssono, o canto interrompido por ocasionais estalos de risadas, e os sons de um piano esmurrado por alguém.

Não tinha idéia da que hora terminavam as aulas. Era muito possível que o porteiro tivesse esquecido que ele estava aí, ou que de propósito tivesse descuidado dizer a Anne que tinha uma visita.

Em algum momento poderia ter que sair desse salão a procurá-la. Mas quando levava aí uns quinze minutos, abriu-se a porta e entrou uma dama. Resultou-lhe vagamente conhecida, por isso supôs que era a famosa, ou infame, senhorita Martin em pessoa. Tinha estado com ela uma ou duas vezes quando era a governanta da Freyja, mas a história de como partiu de Lindsey Hall, fazendo figuradamente uma zombaria ao Bewcastle, era já uma lenda. Seu pai a encontrou caminhando a passo enérgico pelo caminho rural, levando sua pesada mala, e deteve seu carro e conseguiu convence-la de que aceitasse que a levasse até a parada mais próxima da diligência.

Era uma mulher bonita, em seu estilo costas muito reta e lábios rígidos.

Fez-lhe uma vênia, enquanto ela o olhava, com as mãos agarradas diante, à altura da cintura. Para ser justo com ela, dominava muito bem suas reações ante sua vista. Ou talvez Anne já a tinha advertido do que devia esperar.

— Senhorita Martin? — disse. — Sou Sydnam Butler. Vim a falar com a senhorita Jewell.

— Virá dentro de um momento. Enviei ao Keeble a lhe comunicar que está aqui. A senhorita Walton continuará sua classe de matemática.

— Obrigado, senhora. — disse Sydnam, voltando a lhe fazer uma inclinação da cabeça..

— Se sua tardança em vir aqui é indício de seu desejo de cumprir com seu dever, senhor Butler — disse ela, surpreendendo-o, sem trocar sua postura nem sua expressão severa — me permita que o relatório que a senhorita Jewell tem amigas que estão dispostas e podem lhe oferecer apoio todo o tempo que os necessite. As mulheres têm certo poder quando nos mantemos unidas, sabe?

Ele começou a compreender por que essa mulher não se intimidou nem se desmoronou ante o Bewcastle.

— Obrigado, senhora, mas eu também estou disposto, posso e «desejo» lhe procurar comodidade, segurança e felicidade à senhorita Jewell.

Olharam-se, medindo-se.

A ele não pôde cair mal à mulher. Agradou-lhe saber que Anne tinha uma amiga assim. Era evidente que a senhorita Martin sabia a verdade, mas muito longe de jogar Anne à rua, escandalizada por esse delito contra a moralidade, estava disposta a lhe oferecer casa e apoio econômico se era necessário.

— Suponho. — disse ela — que deve valer «algo» se tiver sido capaz de levar o cargo de administrador a satisfação do duque do Bewcastle em que pese a suas visíveis descapacidades.

Sydnam quase sorriu, enquanto ela o olhava da cabeça aos pés, sem dissimulação e com olho crítico, em especial seu lado direito. Mas não sorriu. Compreendia que estavam encetados em uma batalha de vontades, embora para ganhar o que, não sabia. Quão único sabia era que não ia perder essa batalha.

Antes que nenhum dos dois pudesse dizer outra palavra, abriu-se a porta detrás da senhorita Martin.

Anne Jewell.

Estava pálida e parecia indisposta, pensou Sydnam. Parecia ter emagrecido. Além disso, estava ainda mais formosa do que recordava.

Depois de uma ou duas semanas de sua marcha, tinha passado por um período em que tratava uma e outra vez de recordar seu rosto, sem consegui-lo. Depois veio o período em que se haveria sentido feliz se a esquecia, seu rosto e a ela. Recordá-la tinha sido muito doloroso e terrivelmente deprimente. E sua agradável solidão, a que tanto lhe incomodou renunciar quando chegaram ela e os Bedwyn, lhe converteu em uma solidão inegavelmente triste, dolorosa, depois que todos partiram.

E em uma profunda infelicidade.

Seus olhares se encontraram e lhe fez uma vênia formal, como se ela não levasse a seu filho no ventre.

Golpeou-o essa verdade, enjoando-o ligeiramente.

— Ah, já chegou à senhorita Jewell — disse energicamente a senhorita Martin, sem nenhuma necessidade.

— Obrigado, Claudia. — disse Anne, sem deixar de olhá-lo.

Um nome apropriado para a diretora da escola pensou Sydnam. Claudia, um nome forte, intransigente. Ela voltou a olhá-lo severo, olhou a sua colega professora com um olhar mais doce e, sem mais, saiu da sala.

Anne Jewell e ele ficaram sozinhos.

E, portanto os adeus não foram adeus depois de tudo, pensou.

Estava tremendamente contente de vê-la.

E tremendamente consciente do motivo.

— Deve acreditar que eu não viria - disse.

Estava a um lado da porta a meia sala de distância dele. Essas três semanas deveriam lhe parecer intermináveis, pensou. Estava solteira e grávida, pela segunda vez.

Detestava pensar que isso, em certo modo, punha-o a um mesmo nível com o Albert Moore.

— A chuva atrasou sua carta e fez muito lenta minha viagem a Londres. — explicou. — Sinto muito minha tardança, Anne, mas deveria ter sabido que podia confiar em mim.

— Acreditava que podia. — disse ela — mas você não vinha.

— Jamais te falharia — disse ele — e jamais abandonaria a meu filho.

Esse pensamento lhe havia martelado no cérebro durante toda a viagem a Londres e a volta a Bath. Tinha engendrado um filho.

Ia ser pai.

Ela suspirou e lhe relaxou a postura. Ele compreendeu que sua explicação a tinha convencido e o tinha perdoado.

— Sydnam, lamento muito...

— Não! — o interrompeu, levantando a mão e avançando para ela. — Não deve dizer isso nunca, Anne. Tampouco devo eu. Lamenta-se me haver chamado por isso, e se eu lamento te haver feito necessário fazê-lo, então lamentaríamos também o que fizemos essa tarde em Ty Gwyn. Então os dois acordamos que isso era o que desejávamos. E se o lamentamos, também lamentamos que fosse chegar um filho. Se o lamentamos dizemos que é indesejado e que há algo mau nele ou ela. Só pode ser tudo bom e correto no mundo a respeito a qualquer filho. E este é teu e meu, e deve ser recebido com alegria pelos dois. Não diga, por favor, que o lamenta.

Ela o olhou muda um momento, e ele recordou que suas largas pestanas lhe davam um aspecto esfumaçado a seus olhos azuis.

— Londres? — disse ela então. — Estiveste em Londres?

— Para procurar uma licença especial — explicou ele. — Devemos nos casar sem tardança, Anne. Deve ter o amparo de meu sobrenome.

Ela se mordeu o lábio inferior.

— Se de verdade quiser que se leiam as admoestações para que nossos familiares tenham tempo para vir a nossas bodas, respeitarei seus desejos. Mas inclusive estas três semanas de atraso me inquietam muitíssimo. Só minha vida se interpõe entre você e algo horroroso, apesar da resolução da senhorita Martin de cuidar de ti se não o fizer eu.

— Não tenho nenhum familiar.

— Então nos casaremos amanhã pela manhã. Eu me encarregarei de dispô-lo tudo.

De repente recordou algo, enquanto ela o olhava. Inclusive os lábios os deixava pálidos, observou. Recordou a muito inapropriada proposta de matrimônio que lhe fez depois de deitar-se com ela; depois de deixá-la grávida, como resultou. «Se quiser, Anne, casaremo-nos.»

É que ela não ia ouvir alguma vez algo melhor dele? Ia ver-se precipitada ao matrimônio porque era necessário e toda a vida se sentiria defraudada pela falta de uma verdadeira e galante proposta?

— Anne. — disse lhe agarrando a mão esquerda e fincando o joelho direita no chão (para poder incorporar-se depois, com o impulso da esquerda, que era mais forte). — Anne, minha querida, fará-me a imensa honra de ser minha esposa?

Levantou-lhe a mão para levar-lhe aos lábios, mas alcançou a ver que ela tinha os olhos aumentados e cheios de lágrimas. Então ela se inclinou e ele sentiu no cocuruto o ligeiro contato de sua mão livre.

— Sim. — disse ela — e sempre farei todo o possível para te dar comodidade, agrado e companhia, Sydnam, e serei a melhor mãe possível para seu filho, para nosso filho.

Ele se incorporou e a atraiu para ele. Ela inclinou a cabeça e a apoiou em seu ombro esquerdo, com as mãos colocadas entre eles, abertas sobre o peito dele.

Então ele desejou ter os dois braços, para rodeá-la bem, para estreitá-la, envolvê-la neles, para tê-la segura e protegida. E desejou ter os dois olhos para vê-la. E desejou. Mas estava vivo. Tinha aprendido a arrumar-lhe com as condições trocadas de sua vida. E agora ia ter esposa e companheira. Haveria um bebê no berço de Ty Gwyn pouco depois que se transladassem ali. Poderia começar a pensar em sua vida em plural: «minha mulher, meu filho ou minha filha e eu». Não sabia por que, acreditava que seria uma menina. Teria uma filha.

Ou um filho.

Não devia lhe dar muitas voltas a que não tinha nem braço nem olho direitos, que nunca poderia lhe oferecer a Anne um homem completo. Não devia pensar em como ela recuou quando ele entrou em seu corpo. Não devia temer a perda de sua mais profunda intimidade.

Devia lhe dar o que podia o amparo de seu sobrenome, sua amizade, lealdade, amabilidade e afeto. E talvez com o tempo...

Ela levantou a cabeça e o olhou à cara.

— Tudo irá bem. — lhe disse ele. — Tudo irá bem.

Ela esboçou um sorriso e ele compreendeu que seus pensamentos eram similares aos seus, que isso não deveria estar ocorrendo, mas o estava, e que quão único podiam fazer era aproveitar para fazê-lo o melhor possível.

Suas perspectivas não eram absolutamente tristes. Gostavam-se, ele sabia que gostava. Ele estava apaixonado por ela, talvez inclusive a amava.

Tinham o resto de sua vida juntos para trabalhar no tipo de relação conjugal amorosa com a que sempre tinha sonhado.

— Anne. — disse — e seu filho? Sabe?

Ela negou com a cabeça.

— Enquanto não viesse, não sabia o que lhe dizer.

— Manterei-o, cuidarei dele, educarei-o e o amarei como se fora meu. Darei-lhe meu sobrenome, se quiser Anne, e se ele quiser. Mas me aceitará?

— Não sei o que pensará nem o que sentirá. — disse ela. — Deseja ter uma figura paterna em sua vida, mas... — mordeu-se o lábio.

Mas seu desejo era de um homem completo e perfeito, como Hallmere, Rosthorn ou qualquer dos Bedwyn, pensou ele.

— Chama-o agora e o falaremos juntos? — perguntou. — Ou prefere dizer-lhe você sozinha primeiro?

Ela fez uma funda inspiração e deixou sair o ar lentamente.

— Irei buscá-lo. Amanhã sua vida vai trocar drasticamente. Precisa sabê-lo quanto antes e precisa verte cara a cara.

A ele lhe veio o coração ao chão logo que ela saiu do salão. «Amanhã sua vida trocará.» A vida dos três trocaria amanhã. E trocaria irrevogavelmente e para sempre. Não eram somente ele e Anne os envoltos em tudo isso. Chegaria outro filho, ao que já amava com uma ternura feroz, quase dolorosa. E estaria o menino David Jewell, ao que tinha prometido amar, embora não sabia se isso lhe resultaria fácil nem se o menino estaria disposto a lhe corresponder esse amor.

E quem poderia culpá-lo se não o correspondia? Que menino escolheria um pai torto e com um só braço ao que a maioria dos meninos, e inclusive alguns adultos, temiam como a um monstro?

Eleições, decisões.

Ele e Anne Jewell tinham decidido fazer amor essa tarde em Ty Gwyn, e isso lhes tinha trocado a vida e ao David, e para sempre.

Só o tempo diria se a vida lhes tinha trocado para o bem ou para mau. Embora isso não importasses. Só podiam continuar caminhando pelo caminho de suas vidas até o final, e no momento ao menos, seus caminhos convergiam.

Era sábado novamente, brilhava o sol e o dia estava relativamente temperado para ser outubro. Mas embora as internas e umas quantas externas da escola da senhorita Martin estavam jogando na pradaria como todos os sábados, era Lila Walton a que fiscalizava o jogo em lugar de Susanna Osbourne.

Susanna estava na habitação da Anne Jewell, morta de risada tratando de lhe passar pelo cabelo um colar de pérolas diminutas, depois de haver o recolhido, com muito êxito, em um estilo mais elegante que o habitual.

— Já está. — disse, retrocedendo para ver os resultados de sua obra no espelho.

— Agora parece uma verdadeira noiva.

Anne se tinha posto seu melhor vestido, o de seda verde. Claudia estava em silêncio perto da porta, com as mãos agarradas, como sempre, à altura da cintura.

— Anne. — disse então, olhando os olhos de seu amiga no espelho — está total, totalmente segura?

Era uma pergunta estúpida, claro. Quando uma mulher está grávida e o pai vai chegar dentro de cinco minutos para casar-se com ela, não importa se estiver segura ou não.

— Sim. — respondeu Anne.

— Era tão lindo — comentou Claudia, suspirando.

— Segue-o sendo — disse Anne, sorrindo ao espelho.

— Disse-me que era alto, moreno e bonito, Anne — disse Susanna. — Mas não me disse nada das feridas recebeu na guerra.

— Porque não importam. — disse Anne. — Também te disse que fomos amigos. Fomos e o somos.

— Não vejo as horas de conhecê-lo - disse Susanna. Mas nesse momento Claudia se girou a abrir a porta, que acabava de golpear Keeble.

— Estão abaixo. — anunciou ele, como se tivesse subido a lhes dizer que o diabo e seu principal ajudante acabavam de entrar na escola. Até sendo homem, o senhor Keeble sempre vigiava escrupulosamente seu domínio para protegê-lo do malvado mundo masculino de fora. Olhou a Anne, que se estava levantando da banqueta. — Está bonita para comer-lhe senhorita Jewell.

— Obrigado, senhor Keeble. — Sorriu-lhe, embora se sentisse como se tivesse o coração agasalhado nas reveste dos sapatos.

Sydnam tinha chegado com o padre que os ia casar. As bodas se celebraria na sala de estar particular da Claudia, porque as três encontraram muito lúgubre o salão para as visitas.

Era seu dia de bodas, seu dia de «bodas», e, entretanto sentia o coração pesado. Tinha-lhe afeto, e tinha afeto a ela, mas não tinham tido a intenção de casar-se, e não sabia por que encontrava pior casar-se com o Sydnam que com um homem ao que não lhe tivesse nenhum afeto. Que idéia mais idiota.

Deveria poder lhe oferecer tudo, mas não acreditava ter nada para lhe oferecer, além de seu afeto.

E ele deveria poder oferecer tudo a ela. Mas nunca tinha falado de amor. Duas vezes lhe tinha proposto matrimônio, na tarde anterior de uma maneira comovedoramente romântica, mas as duas vezes o tinha feito por obrigação, não por amor. Mas isso teria que lhe bastar. Era um homem bom, amável. Tomaria a sério suas responsabilidades.

Ah, mas uma noiva deveria sentir-se muito diferente o dia de suas bodas, pensou entristecida.

— irei procurar ao David — disse.

— Deixa que eu vá. — se ofereceu Susanna.

Anne negou com a cabeça.

— Não. Mas obrigado, Susanna. E obrigado, Claudia, por tudo.

Keeble já tinha desaparecido, embora ainda se ouvissem os rangidos de suas botas na escada.

Deu-lhes um rápido abraço as duas e subiu à pequena habitação, contigüa a da governanta, que sempre tinha sido a do David. Encontrou-o sentado na cama, com suas melhores roupas e muito bem penteado.

— É hora de baixar. — lhe disse.

Ele a olhou e se levantou.

— Eu gostaria que meu papai não tivesse morrido. — disse. — Oxalá não tivesse morrido. Teria jogado críquete comigo como o primo Joshua, me teria ensinado a montar a cavalo, como lorde Aidan ensinava ao Davy, e teria subido às árvores comigo como lorde Alleyne, e me teria levado em barco como lorde Rannulf. Me teria feita piscadas e chamada com ápodos divertidos em francês, como lorde Rosthorn. Me teria tido em braços quando era bebê, como o duque do Bewcastle com o James. Te teria mantido longe de... "Dele», e nos teria amado aos dois.

Não era uma diatribe a gritos. Falava em voz baixa, mas com muita claridade. Anne esmagou a raiva e concentrou a atenção em escutá-lo.

— David. — lhe disse como já lhe tinha repetido várias vezes na tarde anterior — depois desta manhã não te vou amar nem um ápice menos do que te amei toda sua vida. A única diferença será que não terei que dar aulas aqui e, portanto terei mais tempo para estar contigo.

— Mas vais ter um bebê. — disse ele.

Sorriu-lhe.

— Sim, e isso significa que vais ter um irmão ou uma irmã. Uma pessoinha que te admirará e te considerará um grande herói, seu irmão maior, tal como faz Hannah com o Davy. O bebê será alguém que te amará e que você amará. Eu seguirei te querendo tal como te quero agora. Não terei que dividir pela metade meu amor entre você e o bebê. Meu amor será o dobro.

— Mas ele vai amar ao bebê.

— Porque será seu papai. Também o será teu se você quiser. Isso me disse e depois lhe disse isso. Também te disse que só será seu amigo se você o preferir. Não é seu inimigo, David. É um homem muito bom e honrado. Lorde Alleyne, lorde Aidan e outros lhe falaram muitíssimo dele, verdade? É muito amigo deles. Eles o querem e o admiram. Foi muito amável contigo quando te comentou sua pintura e te caiu bem quando te elogiou e te sugeriu que provasse a pintar com óleos. Vai tratar de que você goste agora também?

— Não sei. — disse ele, muito sincero. — E não sei por que necessita a alguém fora de mim, mamãe, sobre tudo a ele. Alexander pensava que era um monstro. E não entendo para que queira outro bebê. Não te basta ter a mim?

Ela se agachou a abraçar seu magro corpinho, sentindo sua pena e seu desconcerto, compreendendo seu medo a perder tudo o que lhe tinha dado forma e segurança a sua curta vida. Sempre tinha tido sua atenção e amor indivisos. E sempre tinha sido um menino alegre e bom. Doía-lhe vê-lo irritado, mal-humorado, e saber que ela era a causa.

— A vida troca, David. À medida que vá sendo maior irá compreendendo isso. A vida sempre troca, como trocou aos dois quando viemos da Cornualles. Mas uma coisa sempre continuará igual em sua vida. Isso lhe prometo, absolutamente. Sempre te amarei com todo meu coração.

— Será melhor que baixemos. — disse ele — se não, chegaremos tarde.

Ela se endireitou e voltou a lhe sorrir.

— Sim. Está muito bonito hoje.

Quando foram baixando a escada lhe disse:

— Mamãe, serei amável. Não armarei uma cena. E farei todo o possível por lhe ter simpatia; ele foi amável quando comentou minha pintura. Mas nunca tente me convencer de que o chame «papai», porque não o farei. Eu tenho meu papai, mas morreu.

— Serei muito feliz, David, se o chamar «senhor Butler».

E esse seria seu sobrenome também, pensou, sentindo fraquejar as pernas. Dentro de um momento se converteria na senhora Sydnam Butler.

Embora já não servisse de nada sentir esse terror ou incerteza. Levava o filho de ambos no ventre.

Era uma noiva de caminho a suas bodas. Seu noivo a estava esperando. Uma parte dela o desejava, Eu tinha perdido ele. Dentro de um momento o veria.

Involuntariamente, um repentino entusiasmo lhe levantou o ânimo e se sentiu otimista.

Keeble lhes abriu a porta da sala de estar da Claudia com uma expressão tão lúgubre como se os estivesse fazendo passar a seu próprio funeral.

Capítulo 15

Sydnam se havia sentido terrivelmente só toda a manhã, mesmo que havia trazido com ele a sua ajudante. E seguia sentindo-se só quando já tinha ido recolher ao padre e este o acompanhava em seu carro. Estranha vez sentia falta da sua família, mesmo que os queria profundamente e escrevia a todos com regularidade: a sua mãe, a seu pai, ao Kit e a Lauren. Mas esse dia sentia falta deles com dolorosa intensidade.

E não parava de recordar às bodas do Kit e Lauren, os dois rodeados por seus familiares e amigos, a igreja abarrotada de gente, logo os dois recém casados afastando-se em seu carro especialmente adornado, logo o café da manhã de bodas, os brinde, as risadas, e a felicidade.

Verdade seja dita, reconheceu um pouco aborrecido consigo mesmo quando chegou à escola da senhorita Martin, estava bastante fundo na auto compaixão. Era seu dia de bodas e não havia ninguém que o mimasse e lhe fizesse cumprimentos.

Quando entraram na escola ele e o padre, em lugar de conduzi-los ao salão para visitas, como ele esperava, fizeram-nos subir a primeiro andar. O ancião porteiro com as botas rangentes abriu a porta de um quarto que tinha todo os traçados de ser uma sala de estar particular, uma sala de aspecto muito alegre, e inclusive elegantemente mobiliada. Não havia ninguém aí. Na pradaria que se via pela janela viu uma multidão de meninas jogando a um esporte que parecia ser muito vigoroso.

Então o padre iniciou um pomposo monólogo a respeito dos perigos que expor ao futuro da sociedade de educar as damas, e Sydnam ficou nervoso esperando a chegada de sua noiva.

Não tiveram que esperar muito. Abriu-se a porta e entraram Anne com seu filho, a senhorita Martin e outra jovem que ele supôs era a senhorita Osbourne.

Mas ele só tinha seu olho para a Anne. Levava o vestido de noite de seda verde que já lhe tinha visto em mais de uma ocasião. Levava um penteado muito bonito, adornado com pérolas, como se fora participar a um baile. E ao que ia assistir era a suas bodas.

Quando os olhos dela se encontraram com o dele, desejou mais que nunca poder estar completo para ela, ter podido lhe fazer a corte como é devido, que essas bodas fora uma alegre celebração em que participassem os familiares e amigos dos dois. Mas pelo menos era umas bodas, pensou ao fim, e isso era quão único importava nesse momento.

Quanto a sua vida conjugal e ao resto de seu futuro juntos, bom, isso dependeria deles. O futuro sempre contém esperança.

Sorriu-lhe e ela o olhou com os olhos imensos e meio lhe sorriu enquanto avançava para ele.

E nesse momento, enquanto todos ocupavam seus postos ao redor deles, teve a impressão de que nunca se encontrou com uma mulher mais formosa que Anne Jewell, nem mais desejável, nem mais amável ou digna de ser amada. E era sua noiva.

— Amados irmãos. — começou o padre, em tom sonoro e solene, como se estivesse dirigindo a uma congregação de centenas de fiéis.

E de repente a ele deixou de lhe importar que essa não fora as bodas com a que tinha sonhado. Estava-se

unindo em matrimônio com a Anne por que os dois se sentiam sozinhos e se consolaram mutuamente, abraçados e deitados juntos em Ty Gwyn e conceberam um filho. Mas a causa não tinha importância.

Estava-se casando com a Anne e de repente lhe pareceu que isso era quão único tinha desejado da vida.

Sentiu uma quebra de onda tão intensa de ternura por ela que teve que pestanejar para conter as lágrimas.

E quando ela o olhou e prometeu amá-lo, honrá-lo e lhe obedecer até que a morte os separasse, pareceu-lhe que seus olhos o olhavam com desejo, ternura e esperança.

Uma catedral cheia com mil convidados não lhe teria feitas mais reais suas bodas.

E então, repentinamente, tal como começasse, terminou o breve serviço nupcial e o padre os estava declarando marido e mulher.

Anne já era sua mulher.

Estava segura, e o filho de ambos também.

Agarrou-lhe a mão esquerda e a levou aos lábios. Sentiu a suavidade do anel novo, que havia lhe trazido na tarde anterior.

— Anne, minha amaríssima — murmurou.

— Sydnam — murmurou ela, e voltou a lhe sorrir.

Mas as bodas descobriu então, nem sequer as muito singelas e com poucas testemunhas, não dão muito tempo para estar sozinhos aos recém casados. Anne se inclinou a abraçar a seu filho, o padre estreitou a mão dele, depois a estreitou a senhorita Martin, com um firme apertão, olhando-o muito fixamente.

— Suporei que vai cuidar dela, senhor Butler — lhe disse. — Ela me é tão querida e preciosa como uma irmã. E suporei que vai cuidar do David.

Depois abraçou a Anne. Enquanto isso a outra dama se voltou para ele e lhe tendeu a mão esquerda.

— Sou Susanna Osbourne, senhor Butler — lhe disse. — Anne não disse nada que não fora certo quando me disse que você era alto, moreno e bonito. Desejo-lhes toda a felicidade do mundo.

Dizendo isso lhe fez uma piscada travessa com seus formosos olhos verdes. Era uma jovem muito bonita, miúda e de cabelo castanho avermelhado.

— Isso disse? — disse ele rindo e sentindo-se ridiculamente agradado. — Que vagabundo.

E então se encontrou cara a cara com o David Jewell, que o estava olhando muito sério e sem pestanejar. Ele tinha esperado que o menino aceitasse o matrimônio de sua mãe, mas na tarde anterior não tinha mostrado nenhum entusiasmo. Justamente o contrário, em realidade. Quando o explicaram no salão para visitas, teve a impressão de que ao menino o horrorizava a idéia. E quando lhe disseram que logo chegaria um bebê a formar parte da família, primeiro os olhou desconcertado, logo ferido e depois sem nenhuma expressão no rosto.

— David — lhe disse. — Sempre procurarei cuidar o melhor possível de sua mãe e te fazer feliz. Agora é meu enteado. Pode me chamar «papai» ou «pai», se quiser. —Tendeu-lhe a mão. — Mas só se quiser.

David pôs sua mão toda frouxa na dele.

— Obrigado, senhor — disse, sem nenhuma emoção na voz, nem de hostilidade nem de desafio.

Ah, pensou Sydnam, só nos contos de fadas um homem e sua flamejante esposa saem de suas bodas correndo para entrar no felizes para sempre.

— Anne, senhor Butler. — disse então a senhorita Martin, tomando o mando — encarreguei-me que organizar uma modesta celebração das bodas, com a ajuda da Susanna. Convidei a umas quantas pessoas a que nos acompanhem a nos servir um pouco de vinho e bolo. Espero que não lhe incomode.

Assim, já tinha passado toda uma hora quando por fim pôde finalmente partir da escola com sua flamejante esposa e seu filho. Apresentaram a outros professores, entre eles o senhor Huckerby, o professor

de baile, o senhor Upton, o professor de arte, mademoiselle Pierre, a professora de francês e de música, e a senhorita Walton, a professora nova dos primeiros cursos. Aceitou seus bons desejos e felicitações e agradeceu o brinde que beberam todos a sua saúde e a da Anne, mas se sentiu curiosamente sozinho, para ser um homem recém casado. Não havia ninguém dos seus entre os reunidos, além de sua mulher e seu enteado.

Mas finalmente estavam na calçada fora da escola, Anne já com outra roupa, acompanhados pela senhorita Martin e a senhorita Osbourne. As duas voltaram a lhe estreitar a mão e logo abraçaram a Anne e ao David. A senhorita Osbourne derramou umas quantas lágrimas em cima deles, mas sorrindo com alegre ternura. A senhorita Martin não derramou nenhuma só lágrima, mas olhou severamente a Anne com uma expressão que Sydnam deduziu que era de angustiado afeto.

Então ele ajudou a sua mulher a subir no carro que os esperava e logo subiu ele e se sentou frente a ela, dado que David já tinha ocupado o posto a seu lado. Ela tinha as bochechas avermelhadas e as mãos agarradas na saia, até que o corpo foi para diante ao ficar em marcha o carro e agitou a mão para lhes fazer um último gesto de despedida a suas amigas.

— Querem-lhe. — comentou ele.

Ela o olhou e ele viu em seus olhos a compreensão de que acabava de entrar irrevogavelmente em uma nova fase de sua vida.

— Sim. — disse — Sentirei falta delas.

Não a arrancava somente da escola e de seu posto docente, compreendeu ele, mas sim de um lar e uma família. Anne era tão querida aí como uma irmã, havia-lhe dito a formidável senhorita Martin. Por que uma mulher ao casar-se tem que deixar tudo para acompanhar a seu marido em qualquer lugar que ele dita levá-la? Pensou. Nunca antes lhe tinha ocorrido pensar nessa injustiça. Que direito tinha ele de sentir-se totalmente só esse dia, de resentir-se um pouco porque ela tinha a duas amigas e a seu filho com ela em suas bodas, e a uns quantos amigos mais na pequena celebração? Agora deixava tudo, à exceção do David.

— Aonde vamos? — perguntou ela quando o carro virou no Sidney Place para tomar Great Pulteney Street.

Parecia surpreendida, e ele compreendeu que deveu ter suposto que empreenderiam imediatamente a viagem a Gales. No dia anterior não tinha falado com ela de nenhum plano, além das bodas. Não lhe tinha ocorrido consultá-la. Sempre tinha tomado sozinho suas decisões sobre o curso que ia tomar sua vida, daí sua breve estadia na Península. Tinha todo o direito a continuar igual, logicamente, posto que ele era o marido nesse matrimônio. Mas preferiria adaptar sua maneira de ser se podia.

— Aluguei uma suíte com várias habitações no Royal York Hotel — disse — Me ocorreu que passássemos aqui uma noite.

Olhou-a aos olhos e viu que lhe subia um ligeiro rubor às bochechas; agitou-lhe a respiração, em reação, e sentiu uma opressão nas virilhas. Essa seria sua noite de bodas. Ainda não tinha captado a fundo a realidade do acontecimento dessa manhã, compreendeu.

— Quero lhes levar as compras esta tarde — disse, e olhou ao David. — Aos dois.

O menino aumentou os olhos, com interesse, mas não disse nada. Seguia sentado muito perto da Anne.

— Vi uma loja no Milsom Street que vende pinturas a óleo - continuou. — Pensei que poderíamos comprar algumas, David, já que me parece que está preparado para as usar. E se comprarmos as pinturas têm que comprar todo o resto que vais necessitar em Ty Gwyn para as usar com proveito, por exemplo, tecidos, paletas e pincéis.

David já tinha os olhos muito aumentados, o que o fazia parecer-se com sua mãe.

— Mas não sei pintar com óleos, senhor.

— Quando chegarmos a Ty Gwyn procurarei a alguém para que te ensine.

Sabia que à senhora Llwyd gostava de pintar, mas não sabia se pintava a óleo. Em caso de que pintasse, estaria disposta a dar aulas ao David. Se não, tinha que haver outra pessoa.

— A compra de pinturas será um presente extraordinariamente generoso — disse Anne. — Mas não poderia lhe ensinar algo você?

— Não! — disse ele, com muita brutalidade. Não tinha sido essa sua intenção.

Ela se afundou mais no respaldo do assento e apertou os lábios.

— O que é Ty Gwyn? — perguntou David.

— Sua nova casa. — lhe respondeu Sydnam. — São duas palavras galesas que significam «casa Branca». Não é branca, mas uma primeira versão da casa sim o era, pelo menos isso me hão dito. É maior que uma casa normal, embora nem de perto tão grande como Glandwr. Mas está perto de Glandwr e não muito longe do mar.

Há vizinhos, vários deles com filhos. Parece-me que uns quantos são mais ou menos de sua idade, e estarão encantados de ser seus amigos e companheiros de jogo. Acredito que te vais levar fabulosamente bem com os irmãos Llwyd. Vão à escola da aldeia, e você poderá ir aí também, se quiser e se quiser sua mamãe. Desejo que seja muito feliz em sua nova vida.

David o olhou e apoiou a bochecha no ombro da Anne. Dava a impressão de que estava considerando essas possibilidades e não as encontrava de tudo desagradáveis.

Sydnam olhou ao rosto de Anne. As rodas do carro rodavam estrondosas pela ponte Pulteney.

— Ty Gwyn é tua então? — perguntou ela. — Vendeu-lhe o duque?

— Sim, embora ainda não estou vivendo aí. Mudaremo-nos aí juntos.

Ao lhe sustentar o olhar, compreendeu que ela estava recordando o que ocorreu em Ty Gwyn. Foi ali onde esse dia se fez inevitável.

— Não estaremos em Bath o tempo suficiente para contratar a uma costureira. —disse. — Espero que encontremos bastante roupa feita para você nas lojas esta tarde.

Ela voltou a ruborizar-se.

— Roupa? Não preciso comprar roupa.

Esse dia e a nova relação entre eles eram tão irreais para ela como para ele, compreendeu, quando viu em seus olhos que acabava de entender que ele tinha todo o direito, e a obrigação, de vestir a de uma maneira apropriada para sua esposa. Mas lhe causar sobressalto ou inclusive moléstia estava muito longe de suas intenções.

— Um guarda-roupa novo será meu presente de bodas, Anne — disse. — Esperei isto com muita ilusão.

— Um presente de bodas — disse ela, no momento em que o carro entrava no Milsom Street e continuava em direção ao Royal York. — Mas eu não tenho nenhum para você.

— Ah, isso não é necessário.

— É-o — disse ela firmemente. — Eu comprarei algo para você também esta tarde. Todos teremos presentes.

Olharam-se. Ela foi primeira em sorrir.

Ela necessitava roupa, e muita, pensou ele. Esse verão lhe tinha ficado muito claro que ela tinha muito poucos vestidos, e esse dia se pôs o velho vestido de noite para as bodas. Aproximava-se o inverno, como também as fases mais avançadas de sua gravidez. Necessitava roupa e ele tinha toda a intenção de comprar para a senhora Sydnam Butler.

E depois da saída de compras, jantariam nas habitações da suíte, os três, e depois David iria se deitar. E então teriam a noite de bodas.

Esperava poder fazê-lo melhor do que o fez em Ty Gwyn. Esperava que ela se acostumasse a ele e encontrasse possível obter prazer na cama do matrimônio. Isso esperava, e muitíssimo.

Recordou a primeira vez que a viu no escarpado sobre a praia de Glandwr, como a beleza personificada saindo da escuridão para entrar em seus sonhos. E aí estava com ele algo mais de dois meses depois.

Já era Anne Butler.

A senhora Sydnam Butler.

David já estava muito bem disposto para ir à cama depois do jantar. Esse dia tinha sido de muitas emoções dolorosas para ele, embora também de certo entusiasmo prazeroso. Quando chegaram ao hotel depois de passar várias horas comprando, ele repartiu todos seus úteis novos instrumentos de pintura sobre uma das estreitas camas do dormitório em que ia dormir e os agarrou e examinou um a um com reverência e respeito. Anne compreendeu que estava impaciente por chegar a Ty Gwyn e conhecer o novo professor de arte que Sydnam lhe tinha prometido encontrar.

Mas ela não tinha estado menos entusiasmada e emocionada com seus presentes, e também os estendeu sobre a outra cama para admirar todos os vestidos de dia, os três vestidos de noite, um dos quais tinha posto, os sapatos, chapéus, chapéus, ridículos e outros objetos e acessórios que Sydnam tinha insistido em que necessitava. Enquanto compravam, novamente compreendeu quão rico devia ser ele. Inclusive insistiu em levá-la a uma joalheria, onde lhe comprou os brincos e o pendente de diamantes com cornetinha de ouro que também levava postos essa noite.

Lhe comprou um relógio de bolso novo, na mesma joalheria, gastando imprudentemente quase todo o dinheiro que possuía. Enquanto ela e David admiravam seus muito mais abundantes presentes, ele se manteve na porta do dormitório, observando-os e passando os dedos pelo bolso.

Todo esse tempo e durante o jantar ela tinha estado muito consciente do outro dormitório, o da cama grande com dossel, que estava ao outro lado da sala de estar-salão, onde supunha passaria sua noite de bodas com seu flamejante marido.

Embora David tinha estado todo o tempo com eles, algo na atitude do Sydnam toda a tarde e durante o jantar lhe tinha dado a entender que embora esse matrimônio tivesse sido de compromisso, ele de todos os modos a desejava e não tinha a menor intenção de que fora um simples matrimônio de conveniência.

Ela tampouco desejava esse tipo de matrimônio. Desejava ser uma mulher normal; desejava ter um matrimônio normal.

E talvez, pensava, posto que já se deitou com ele uma vez, seu corpo acreditaria o que lhe dizia sua mente. Era possível que fora uma noite de bodas mágica.

Todo o dia se sentou em parte aterrada e em parte excitada por essa idéia.

Nesse momento voltava a sentir a tensão, sentada na cama ao lado do David, lhe contando uma história, como fazia cada noite antes que ele dormisse. Como sempre, continuou a narração do ponto em que a tinha deixado a noite anterior, inventando-a à medida que a narrava, e passados dez minutos a interrompeu em um momento de especial incerteza. Também como sempre, riu do sonolento protesto do David e se inclinou a beijá-lo.

— Como vamos poder viver até a noite de amanhã sem saber o que lhe ocorre ao pobre Jim? — perguntou Sydnam da porta, onde ela havia sentido sua presença mesmo que estava de costas a ele.

— Não têm outra opção. — disse, levantando-se. — Até manhã de noite não saberei qual vai ser o destino do Jim.

Inclinou-se sobre o David para lhe tirar o cabelo da testa e alcançou a ver ressentimento em seus olhos antes que os fechasse.

«Vamos, David — lhe disse em silêncio — lhe dê uma oportunidade. Dê-lhe uma oportunidade, por favor.

— boa noite, David — disse Sydnam, sem entrar no dormitório.

— boa noite, senhor — respondeu David, e passado um instante, acrescentou — Obrigado novamente pelas pinturas.

Um momento depois Anne saiu à sala de estar detrás do Sydnam, e fechou a porta do dormitório.

— Vai querer chegar a Ty Gwyn tão rápido quanto possam rodar as rodas do carro para poder usar suas pinturas — lhe disse. — Não poderia ter lhe dado um presente que aprecie mais.

— Acredito que não iremos imediatamente ali. — disse ele. — Estamos relativamente perto de Alvesley. Quero que meus pais conheçam minha flamejante esposa. Acredito que iremos ali a passar uns quantos dias.

Anne voltou a sentar-se à mesa do salão já limpa, sentindo-se paralisada de medo, enquanto ele se sentava frente a ela e agarrava sua taça de vinho. Era estranho que durante todo o tempo que esteve esperando que ele viesse a casar-se com ela, não lhe ocorresse nenhuma só vez pensar que ao casar-se entraria em formar parte da família do conde de Redfield. O que pensariam dela seus familiares? Não se atrevia nem a pensar na resposta a essa pergunta.

— Sabem de mim?

— Não.

Pela primeira vez ela compreendeu a violenta posição em que o tinha posto ante sua família. Embora não devia começar a pensar assim. Ele tinha tanta culpa como ela do ocorrido, se é que «culpa» era a palavra correta.

— Então devemos ir a Alvesley — disse.

De repente lhe piscou os olhos e lhe sorriu, com esse sorriso enviesado.

— Diz-o como se tivesse aceitado assistir a sua execução. Você gostará Anne, e eles lhe quererão.

Ela o duvidava muito. Mesmo que podia continuar tranqüilizando-se sabendo que os dois tinham igual responsabilidade em ter concebido um filho e, portanto ter tido que precipitar-se a um matrimônio não planejado, não duvidava de que sua família veria as coisas de modo muito diferente.

— Vamos-lhes dizer... Tudo?

Ele deixou a taça sobre a mesa e começou a passar os dedos pelo pé.

— Desejo que saibam que vou ser pai — disse, sorrindo outra vez. — Mas por você não lhes direi nada de momento. O comunicarei por carta quando já estivermos em Ty Gwyn, e que eles tirem as conclusões que queiram quando o bebê nasça antes do que esperavam.

Baixou o olhar para seu abdômen e ela resistiu o desejo de colocar as palma aberta aí. Encontrava curiosamente irreal que os dois tivessem criado vida em seu ventre. Sentiu uma inesperada, mas muito agradável quebra de onda de desejo na virilha e mais dentro.

— Kit e Lauren têm três filhos — disse ele. — São muito menores que David, mas ainda assim, a ele poderia gostar de conhecer seus primos.

— adora jogar com os meninos pequenos. Acredito que é uma reação natural depois de ter passado os últimos anos entre meninas maiores. Os meninos pequenos o fazem sentir-se importante.

— Sairemos para Alvesley amanhã pela manhã, então.

Ficaram em silêncio, silêncio que poderia ter sido cômodo se não tivesse estado tão carregado de tensão sexual. Mas o desconforto pensou ela, sentindo agitada a respiração e endurecidos os mamilos, era muito agradável. Eram marido e mulher e essa noite e o resto de sua vida compartilhariam uma cama conjugal, e fariam amor sempre que o desejassem.

O medo remeteu e deu passo à esperança. Recordou o desejo, a necessidade e o prazer que sentiu aquela vez quando se aproximava a relação sexual entre eles. Tudo foi perfeitamente maravilhoso até o momento em que ele a penetrou. Mas seguro que a lembrança dele dentro dela já teria substituído a outra lembrança.

Tudo iria bem. Não se tinham casado na melhor das circunstâncias, certo; ela sabia que ele não tinha desejado fazê-la sua esposa, mas também sabia que ele trataria de tirar o melhor partido dessas circunstâncias, igual a ela.

— Anne. —disse ele então — depois de ir a Alvesley deveríamos ir a Gloucestershire para que eu conheça sua família.

— Não!

— Seria o momento oportuno. A vergonha que possam haver sentido porque teve um filho estando solteira a aliviará o conhecimento de seu recente matrimônio. E poderemos lhes assegurar que eu quero ao David como se fora meu filho, como se tivesse nascido de minha semente. É o momento...

— Não é o momento. — exclamou ela, levantando-se e caminhando até a lareira, onde ficou lhe dando as costas e olhando as brilhantes brasas, — e nunca o será. Não tenho família.

— Tem-na — disse ele tranqüilamente. — Tem um marido e um filho. Tem sogros, cunhados, sobrinhos e uma sobrinha em Alvesley. E tem pais e irmãos em Gloucestershire, meus sogros e cunhados, e os avós, tios e tias do David. Talvez inclusive tem primos. Nunca me explicaste todos os detalhes.

— Com toda intenção, porque eu mesma não conheço os detalhes. Minha família não esteve comigo para me consolar e me apoiar quando eu necessitava consolo e apoio, portanto me arrumei isso sem eles e descobri que não os necessitava absolutamente e que jamais voltaria a necessitá-los.

— Sempre os necessitamos. Algumas pobres almas não têm a nenhum familiar, e são muito dignas de compaixão. Outras pessoas lhes dão as costas a quão familiares têm e talvez são mais dignas de lástima. Mas pelo menos estas têm a oportunidade de voltar atrás.

— Não fui eu a que lhes deu as costas. — disse ela, furiosa e doída porque ele tirava esse tema quando já lhe tinha explicado seus sentimentos quando esteve em Gales. — Não tenho por que voltar atrás.

— Não estou de acordo contigo, Anne. Sei que não é uma pessoa feliz. Não acredito que possa ser feliz enquanto não tenha tentado pelo menos te reconciliar com seus familiares e procurar que seu filho, e seu marido, conheçam-nos.

— E suponho que ao bebê que vai nascer também — exclamou ela, voltando-se para olhá-lo — que será muito legítimo e muito respeitável, o neto ou a neta do conde de Redfield, nada menos. E logo estará aí David Jewell, ainda ilegítimo, ainda um bastardo.

Nunca o tinha visto zangado. Pôs-lhe branco o lado esquerdo do rosto, como cinzelado em mármore, e mais formoso que nunca. Em contraste, o lado direito se via mais imóvel ainda, e o emplastro negro no olho, quase sinistro.

— Essa é uma palavra muito feia, indigna de você, Anne. David é meu enteado. É minha intenção fazer as gestões para adotá-lo. Quero lhe dar meu sobrenome, se for possível persuadi-lo de que aceite.

— David é «meu» filho — disse ela, olhando-o furiosa e com as mãos em um punho aos flancos. — É meu. Não é teu nem de nenhum outro. É «David Jewell». E não necessita a ninguém além de mim.

Ficaram olhando-se um bom momento, os dois igualmente tensos, até que ele desviou a vista e deslizou sua taça vazia até o centro da mesa.

— Sinto-o — disse. — Desejava evitar ser um autocrata, o casal dominante em nosso matrimônio, o tipo de marido que exige obediência a sua mulher ou a espera como se fora seu direito. Minha intenção era te comunicar meu desejo de te levar a Alvesley para te apresentar a minha família e logo te dar a mesma possibilidade a você de me levar a conhecer sua família. Mas só consegui te ferir e te zangar. Perdoa.

Repentinamente a abandonou a fúria, deixando-a estremecida. Não era dada à raiva. E tinha gostado de Sydnam Butler, e seguia lhe gostando , esperava. Mas aí estavam o mesmo dia de bodas, encetados em uma briga. Só lhe tinha faltado chamá-la covarde; tinha-a chamado infeliz, dando a entender que não estava

completa, que não poderia sanar a não ser que voltasse a ver pessoas que deram as costas a ela e a seu filho, que não tinha a culpa de nada além de ser o fruto de uma horrível violação. Tinha-a arreganhado por chamar bastardo a seu filho, epíteto que sabia que empregavam algumas pessoas para chamá-lo.

E assegurava que não desejava ser um autocrata, entretanto falava de adotar ao David e de lhe dar seu sobrenome, como se toda a atenção e cuidados que ela tinha dado a seu filho durante quase dez anos e o sobrenome Jewell não fossem nada. Como se ela e David precisassem ser farelos de cereais de algo, elevados à respeitabilidade.

Compreendeu, então, que era injusta com ele, e essa compreensão não contribuiu em nada a lhe restabelecer a tranqüilidade.

— Eu também o sinto, perdoa — disse. — Não era minha intenção brigar contigo justamente hoje, nem nenhum outro dia se for possível. Suponho que só estou cansada. As últimas semanas foram bastante tensas e exaustivas.

—Talvez prefira dormir na outra cama da habitação do David esta noite. —sugeriu ele.

Essa sugestão era tão inesperada que quão único pôde fazer ela foi olhá-lo, tratando que seu rosto não revelasse a consternação que sentia. Isso não era o que queria; tinha desejado dar um resolvido passo para a normalidade essa noite. E não acreditava que isso fora o que desejava ele tampouco, não podia ser ela quão única havia sentido a tensão sexual toda essa tarde e essa noite. Mas algo se danificou, e se surpreendeu respondendo de acordo, quando o que desejava, e talvez ele também, era dizer não à sugestão:

— Sim, obrigado. Talvez isso seja conveniente. E se David acordava e se encontra em um lugar desconhecido, tranqüilizar-se-á ao ver que estou perto.

Ai, estúpida, que estúpida, pensou.

— Sim, é obvio.

Ato seguido ele se levantou, rodeou a mesa, agarrou-lhe a mão e a levou a seus lábios, com muita formalidade. Era sua mão esquerda, por isso ela viu brilhar o anel de bodas à luz das velas. Mentalmente lhe ordenou levantar a cabeça e beijá-la nos lábios, para pôr fim a essa tolice, de modo que essa noite pudesse prosseguir como devia ser como os dois deviam ter estado esperando que fora.

Mas ele se limitou a lhe sorrir afetuosamente.

— Boa noite, Anne. Espero que os dois durmam bem. Ficamos então em partir a primeira hora da manhã?

— Sim — disse ela, retirando brandamente a mão da dele e sorrindo.

— Boa noite, Sydnam.

Dez minutos depois estava deitada na estreita cama perto da do David, contemplando o dossel e desentendendo-se das quentes lágrimas que lhe desciam em diagonal pelas bochechas caindo sobre o travesseiro.

Não lhe servia de nada reconhecer a ridicularia da situação, e do comportamento dos dois.

Era sua noite de bodas e toda uma sala de estar-salão separava seu dormitório do de seu flamejante marido.

E tudo porque brigaram, embora pediram perdão.

Quanto tinha desejado que a noite de bodas os pusesse no caminho para um futuro feliz, embora não fora um felizes para sempre.

E era possível que se danificou tudo.

Ocorreu-lhe levantar-se para ir à cama dele de todos os modos. Mas foi ela, recordou a que iniciou tudo essa tarde em Ty Gwyn, e logo foi ela a que se recuou e lhe falhou. Não tinha a coragem para voltar a fazê-lo, porque era muito possível que lhe voltasse a ocorrer o mesmo.

Capítulo 16

O carro fez uma virada para passar por entre duas enormes leva de ferro forjado e continuou por um largo caminho de cascalho, com bosques a cada lado, sinal seguro de que iam pela parte mais extrema de um parque particular que rodeava a uma grande mansão. Embora a paisagem era distinta, Anne teve a potente lembrança de quando ia se aproximando de Glandwr, onde tudo começou.

Sentia-se quase igual como se sentiu então.

Ia sentada com o David no assento olhando para frente, e Sydnam frente a eles, dando as costas aos cavalos. Era impossível discernir se ele sentia entusiasmo pela perspectiva de ver sua família ou sentia certa apreensão pelo motivo de sua volta. Ia em silêncio olhando pelo guichê.

Não tinham falado muito desde que saíram de Bath, e as vezes que o fizeram foi de temas intrascendentes.

O que ocorreria entre eles essa noite? Pensou.

Mas quando viu água e extensões de grama mais à frente caiu na conta de que entre esse momento e a noite teria que enfrentar muitíssimas coisas.

— Logo veras o parque interior - disse Sydnam. — Sempre me tira o fôlego vê-lo, mesmo que o conheço.

Inclusive no tinha terminado de dizer isso quando saíram da parte rodeada por bosques e o interior do carro se alagou de luz. Então Anne viu que a água era um rio, e ao outro lado se estendia uma suave ladeira de grama, salpicada aqui e lá por antiqüíssimas árvores, que subia até uma mansão, que ainda estava a certa distância. À esquerda havia um lago, rodeado em parte por árvores.

Essa primeira vista de Alvesley e de seu parque interior lhe fez compreender ainda melhor a Anne a magnitude do que tinha feito. Casou-se com o filho do senhor dessa grandiosa e majestosa mansão. Era a nora de um conde.

O estômago lhe deu um desagradável tombo, que lhe recordou as náuseas matutinas que já fazia horas que tinham passado.

Com cada volta das rodas do carro lhe aumentava o medo. David, ao parecer preso de uma apreensão similar, aproximou-se mais a ela até pressionar o braço contra o seu. Sorriu-lhe tranqüilizadora. Nesse momento o carro ia estralando com muito ruído pela ponte de pedra coberta, uso evidente, que atravessava o rio. Depois continuou pelo caminho de entrada através do parque.

— É absolutamente magnífico. — comentou — verdade, David? Quando estavam mais perto viu que havia pessoas na esplanada de grama a que dava a fachada da casa. Eram duas senhoras, uma jovem, a outra mais velha, e dois meninos, um de uns quatro anos e uma garotinha algo menor. As duas damas estavam olhando para o carro, a maior fazendo-se viseira com a mão.

— Minha mãe e Lauren — disse Sydnam, aproximando-se do guichê. — E Andrew. A garotinha deve ser Sophie; era um bebê a última vez que a vi. Mas já há outro bebê na sala de berço; ainda não o vi.

Estava animado, viu Anne; estava feliz de estar em casa. Sentiu uma quebra de onda de ternura por ele, e uma pontada de solidão por ela.

Então, no momento em que o carro dava uma ampla volta para dirigir-se a escada de mármore do pórtico com pilares que protegia a porta principal de duas folhas, viu sair do estábulo a dois cavalheiros com trajes de montar.

— Meu pai e Kit — disse ele. — Parece que chegamos a um bom momento. Estão todos aqui, à exceção do bebê.

Anne se tornou para trás, como se assim pudesse esconder-se eternamente da terrível experiência que a

aguardava. Sydnam voltou a atenção para ela.

— O chapéu e a jaquetinha são da mesma cor de seus olhos. Está muito formosa, Anne.

Pôs-se um dos trajes novos. O vestido era uma matiz mais clara que a jaquetinha. Recordou o prazer da saída de compras por Bath e lhe sorriu.

O carro se deteve e Sydnam baixou logo que puseram os degraus. Mas não alcançou a girar-se para ajudar a baixar a Anne. Seu irmão deve havê-lo visto pelo guichê e já tinha chegado correndo a agarrá-lo em seus braços.

— Syd, vagabundo! — exclamou rindo. — O que é isto?

Não era tão alto como Sydnam, e tinha o cabelo mais claro. Tampouco era tão bonito, pensou Anne, embora se via em boa forma, ágil e seu rosto refletia bom humor.

Mas antes que Sydnam pudesse responder chegou sua mãe quase correndo e o tirou dos braços de seu irmão para abraçá-lo.

— Sydnam, Sydnam — disse, com a voz alegre, contente. — Sydnam.

— Mamãe. — disse ele, lhe dando um tapinha nas costas com sua única mão.

David escondeu o rosto no braço da Anne.

O pai estava mais à frente, em segundo plano, sorrindo afavelmente, e então se aproximou sua cunhada, a larga aba de seu chapéu de palha agitada pela brisa, com a garotinha de cabelo encaracolado no quadril e o menino pego de sua mão. Era uma formosa dama de cabelo moreno e os olhos cor violeta.

— Sydnam, que surpresa mais absolutamente maravilhosa! — exclamou.

Ah, sim, realmente eram uma família unida e feliz.

Ao parecer nenhum tinha notado a presença dela nem do David dentro do carro. Mas Sydnam não demorou a soltar-se dos braços de sua mãe e se virou a lhe sorrir.

— Há duas pessoas aqui que desejo que conheçam. — disse lhe tendendo a mão para ajudá-la a baixar. Fechou calidamente a mão sobre a dela, e todos a olharam, surpreendidos e curiosos. — Permitam-me que vos presente a Anne, minha esposa, e ao David Jewell, seu filho. Anne, David, quero que conheçam conde e condessa de Redfield, meu pai e minha mãe, a Kit e Lauren, visconde e lady Ravensberg, meu irmão e minha cunhada. E ao Andrew e a Sophia, seus filhos, suponho.

Anne flexionou os joelhos e fez sua reverência. David, que tinha baixado sozinho os degraus, inclinou a cabeça em uma vênia algo brusca e ficou ao lado da Anne, virtualmente pego a ela.

— Sua esposa?

— Syd, demônio.

— OH, Sydnam, que maravilhoso!

Todos falaram ao mesmo tempo. Mas por surpreendidos ou comocionados que estivessem que seguro o estavam não pareciam horrorizados. Ainda.

O garotinho olhou ao Sydnam e começou a lhe golpear a perna de seu pai até que este o agarrou em braços. A garotinha escondeu o rosto no ombro da viscondessa.

A condessa, régia e bonita, voltou toda sua atenção a sua nova nora e lhe sorriu.

— Anne, minha querida. — disse lhe agarrando as duas mãos e apertando-lhe fortemente — meu filho se casou contigo sem sequer nos informar? Como pôde ser tão negligente? Teríamos-lhes organizado umas grandiosas bodas. Ah, que pesado é, Sydnam.

— Mau feito, Syd, meu velho — disse o visconde — Anne, permite-me que lhe tutele? Tenho prazer em conhecê-lo.

Também lhe sorriu, e lhe formaram atrativas ruguinhas nas comissuras dos olhos, e lhe estendeu a mão livre.

— Encantada. — disse ela, lhe estreitando a mão.

— Não te lembra do tio Syd, Andrew? — perguntou ele, olhando a seu filho.

— O cirurgião do exército te cortou o braço com uma enorme faca. — disse o menino, olhando ao Sydnam e fazendo o movimento do corte com o canto da mão. — Papai me disse isso.

— E eu também estou encantada. — disse então a viscondessa aproximando-se de abraçar a Anne e apoiando uma bochecha na dela, sem ter soltado a Sophia. — Mais que encantada. E como sabemos mãe, que Anne e Sydnam não tiveram umas grandiosas bodas? Ou uma pequena igualmente formosa? Seja como for, lamento de todo coração haver perdido isso. E David — disse, voltando toda sua atenção a ele e inclinando-se a abraçá-lo ligeiramente. — Que maravilhoso ter outro sobrinho e um primo maior para o Andrew, Sophie e Geoffrey, que se está perdendo tudo por estar fazendo sua sesta da tarde na sala de berço.

— É muito bem-vinda a esta família, Anne — disse então o conde avançando e lhe estendendo uma imensa mão. — Mas Sydnam terá que dar certas explicações a sua mãe. Por que não soubemos nada de nada até este momento?

— Ontem nos casamos discretamente em Bath com uma licença especial, Milord — respondeu ela.

— Com licença especial? — repetiu o conde, olhando ao Sydnam carrancudo. — Mas por que essa pressa, filho? E por que em Bath precisamente?

— Até faz dois dias eu ensinava em uma escola de meninas de Bath explicou Anne, um pouco relaxada, embora muito pouco; dava a impressão de que toda a família estava disposta a aceitá-la em seu seio.

— Sydnam não queria atrasar as bodas.

— Não. — conveio ele. — O sin...

— Minha mãe vai ter um bebê. — disse David, com sua voz soprano muito clara, atraindo para ele a surpreendida atenção de todos.

No silêncio que seguiu, Anne fechou os olhos. Quando os abriu viu que David a estava olhando indeciso. Tentou lhe sorrir.

— Dentro de pouco mais de seis meses — disse Sydnam então. — Estamos tremendamente felizes por isso, verdade, Anne? Vou ser pai.

A atmosfera tinha experiente uma evidente mudança em menos de um minuto. O frio do outono parecia ter fatiado como uma faca o tão excepcional calor desse dia.

— E faz muito tempo que morreu o senhor Jewell? — perguntou a condessa, sua atitude repentinamente rígida e formal.

Ah, já estava destroçada a apresentação gradual que pensava fazer Sydnam a sua família.

— Não estive casada antes de ontem, senhora - respondeu.

— David Jewell! — exclamou então a condessa. — Mas claro! Senhorita Jewell. Este verão esteve na propriedade do duque do Bewcastle em Gales, Anne. Christine nos falou que você. Dizia que foi amiga do Sydnam.

Novamente se fez um incômodo silêncio, durante o qual todos deviam estar pensando que os dois foram mais que amigos esse verão.

— Bom. — disse o visconde, com forçada alegria — se continuarmos no terraço muito tempo mais nos vai cair em cima a escuridão. Eu estou por meu chá, e seguro que Anne e Syd devem ter apetite depois da longa viaje desde Bath. Entramos? David, meu moço, quer vir com o Andrew e comigo para te buscar uma habitação que esteja perto da dele? Que idade tem?

— Nove anos, senhor. — respondeu David. — E vou para dez.

— Nove anos! E indo para dez! Um primo maior, sim. E eu prefiro ser o tio Kit para você, posto que isso é o que sou. Para que é bom? Para as matemática? Para o criquete? Para fazer o pinheiro?

Dizendo isso deixou ao Andrew no chão e tirou a Sophia dos braços a sua mulher. Rindo, David se separou da Anne e, deixando o desastre detrás, foi com eles caminhando com nova energia no passo. Andrew já ia olhando com adoração.

A viscondessa se agarrou do braço da Anne e juntas subiram a escada e entraram na casa, seguidas pelo Sydnam, entre sua mãe e seu pai.

O silêncio era horroroso e pesado depois da alegre gritaria com que todos saudaram o Sydnam a sua volta a casa e receberam o anúncio de que estava casado.

— Meninos! — disse a viscondessa em voz baixa, claramente compadecida. — Te deixam pendurada tirando os trapos ao sol em toda ocasião, verdade? Inclusive quando já têm nove anos. Ou talvez especialmente quando têm nove anos.

O resto do dia não foi mais fácil para a Anne. Continuou com sua segunda briga com o Sydnam, e levavam um dia casados.

Quando já estavam nos aposentos dele de sempre e os deixaram sozinhos para que se lavassem e refrescassem antes de baixar ao salão a tomar o chá, disse:

— Que feliz teria sido se tivesse aberto um buraco negro no terraço e me tivesse tragado para que não voltasse nunca mais.

— Não te zangue com o David — disse ele. — Simplesmente queria participar da conversação como membro de nosso grupo. De todos os modos, Anne, não crê que foi melhor que a verdade saísse agora, ao começo?

— O que devem pensar de mim? — disse ela tirando o chapéu e atirando-o sobre a cama. —Apresenta a mim e a meu «filho» — começou a contar com os dedos, golpeando-lhe logo se inteiram de que nos casamos depressa sem sequer comunicar a eles; e então vão e se inteiram de que estou grávida, e logo tem que sair, a saber, de que não tinha estado casada antes. Mas talvez o que pensem não é mais que a verdade. Eu não tinha direito a me casar com o filho de...

— Anne! Não, por favor. O que seja que pensem desta gravidez têm que pensar de mim também. Necessariamente tivemos que participar os dois para fazer ao filho.

— Ah, não. Não o entende, verdade? Sempre é a mulher a que tem a culpa, inclusive quando a violam.

— Quer dizer que eu te forcei em Ty Gwyn? — perguntou ele, agarrando do poste da cama, com o lado esquerdo do rosto vermelho.

— Não, é obvio que não. Em realidade sua família o vai ver de outra maneira muito distinta. Eu serei a que te seduziu.

— Que tolice! Vão-lhe querer logo que lhe conheçam um pouco mais e logo que vejam o muito que significa para mim.

Ele não o entendia. Estava em sua casa com seus familiares, seguro de seu amor, em seu lar, seguro em seu ambiente e a conhecida presença deles. Ele não podia ver pelos olhos deles, nem ver a situação com os olhos dela.

— me diga onde posso me arrumar um pouco o cabelo e me lavar as mãos — disse. — Nos estarão esperando.

— Seu problema, Anne — disse ele, quando já estavam a ponto de sair da habitação—, é que não confia em ninguém mais que do que a você mesma e de seu pequeno círculo de amigas.

— Meu problema — replicou ela, asperamente — é que não acreditei que o desastre pudesse me golpear pela segunda vez. Sou lenta para aprender, parece.

— É um desastre nosso filho, então? —perguntou ele em voz baixa, embora ela notou a raiva no tremor de sua voz. — É um desastre David?

— E seu problema. — exclamou ela, quase sufocada pela raiva — é que não briga limpo, Sydnam Butler. Não foi isso o que quis dizer. Sabe muito bem que não foi isso o que quis dizer.

— Não tem por que gritar. Não tem por que anunciar a toda a casa que estamos discutindo. O que quis dizer?

Normalmente ela era equânime; na escola tinha fama por isso. Pelo geral, era sensata e justa também. Não sabia o que lhe passava. Inclusive lhe resultava novo esse tom de amargura em sua voz. Tal como a noite anterior, abandonou-a a raiva, a que não estava acostumada.

— Não sei o que quis dizer. — disse. — Só sei que quero ir a casa.

Mas claro, não sabia onde estava sua casa. Fazia muitíssimo tempo que não estava na casa de Gloucestershire. Já não pertencia à escola de Bath. Em Ty Gwyn só tinha estado uma vez, naquela memorável ocasião. Não tinha casa, uma casa segura aonde ir.

Talvez Sydnam estava no certo. Não se confiava, não confiava não se encontrava em sua casa em nenhuma parte. Mas esta vez sua situação era totalmente culpa dela.

— Levarei-te aí logo — disse ele, também suavizando-se. — Mas posto que viemos aqui, bem poderíamos ficar uns quantos dias, não te parece?

— Sim — disse ela. — Sim, claro.

Abriu a porta e saiu diante dele ao corredor. Quando chegaram à escada lhe ofereceu o braço e ela se agarrou. Mas entre eles se elevava a sombra escura de uma briga não resolvida e um matrimônio de começo incerto. Não lhe servia de nenhum consolo reconhecer que tinha mostrado mal humor e lástima de si mesmo. Depois de tudo não sabia o que pensavam dela os familiares dele, verdade?

Todos foram extraordinariamente amáveis durante o chá e logo durante o jantar. A conversação não decaiu em nenhum momento. Mas tinha desaparecido totalmente a cálida alegria com que foram recebidos Sydnam e ela a sua chegada.

O conde lhe fez perguntas e se inteirou de que seu pai era um cavalheiro, que tinha uma irmã mais nova e um irmão mais velho, que os gastos por enviar a seu primeiro irmão a Eton e logo a Oxford tinham reduzido tanto o peso do moedeiro de seu pai que ela se ofereceu a procurar emprego como governanta uns anos antes que pensasse casar-se.

A condessa lhe fez perguntas e se inteirou de que tinha sido governanta antes que nascesse David, e que depois viveu uns anos em uma aldeia da Cornualles dando aulas a uns poucos meninos, até que teve a sorte de que a recomendassem para o posto de professora de matemática e geografia na Escola de Meninas da Senhorita Martin em Bath.

— Senhorita Martin? — disse Kit sorrindo (já lhe tinha pedido que o tutela e o chamasse por seu nome de batismo, como também sua mulher). — A famosa senhorita Martin, que deixou seu posto em Lindsey Hall depois de tentar ensinar a Freyja e rechaçou a carta de recomendação que lhe ofereceu Bewcastle?

— Sim, essa senhorita Martin.

Então Kit lhe fez mais pergunta e se inteirou de que a tinham convidado a Glandwr porque o marquês de Hallmere tinha sido amigo dela na Cornualles e lady Hallmere foi a que a recomendou para a escola.

— É de esperar que a senhorita Martin não saiba esse suculento detalhe. — comentou ele rindo.

— Sabe, mas não sabia quando me contratou.

Então o conde, com uma só pergunta, inteirou-se de que estava distanciada de sua família desde fazia dez anos. Ninguém perguntou por que. O motivo era óbvio.

No jantar, Lauren se inteirou de que o vestido de seda com sobre saia de encaixe que acabava de admirar era um presente de bodas do Sydnam, e que formava parte de todo um guarda-roupa novo que lhe tinha comprado em Bath no dia anterior. E quando a condessa fez um comentário sobre o diamante e a cornetinha

de ouro de seu pendente e os brincos, inteirou-se de que também eram um presente de bodas.

— Não te parece que tenho um gosto excelente, mamãe? — disse Sydnam, sorrindo a Anne. — E não é que a beleza de minha mulher requeira adornos.

Anne desejou haver colocado seu velho vestido de seda verde e nenhuma jóia.

Porque à medida que transcorria a noite via com absoluta claridade como deviam vê-la aos olhos deles: uma jaqueta caçadora de fortuna. Era evidente que não era uma mulher muito jovem: tinha um filho de quase dez anos; nunca tinha sido rica: viu-se obrigada a trabalhar para viver devido a seu pai estava escasso de recursos; seu filho era ilegítimo; suas perspectivas para o futuro não eram brilhantes, já que podia esperar terminar seus dias como professora de escola solteirona. Seu único bem era sua beleza, e, portanto esse verão tinha usado sua beleza, quando lhe apresentou a oportunidade, para caçar um marido, um homem de alta classe e fortuna cujas perspectivas para o futuro eram tão tristes como as dela embora por diferente motivo: estava tão mutilado que só podia esperar solidão o resto de sua vida. E seu plano tinha tido um êxito extraordinário: ao fim do verão estava grávida, de um cavalheiro cuja honra lhe importava mais que a vida; seu corpo mutilado o demonstrava.

Assim era como deviam vê-la.

E como não? Os fatos pareciam falar por si só.

O retrato era muito condenador.

Eram amáveis com ela porque era hóspede na casa e a mulher do Sydnam; estava muito claro que todos o adoravam.

Quando chegou à habitação a deitar-se, estava totalmente esgotada. Agradecia que Sydnam ficou um momento mais no salão para terminar uma conversa com seu irmão; estavam falando de terras, cultivos e gado.

Embora os aposentos constavam de uma sala de estar e um enorme closet, só havia um dormitório e nele uma só cama.

Depois de despir-se, lavar-se e colocar uma camisola, escovou-se o cabelo o mais rápido que pôde e se meteu na imensa cama, situando-se bem na beirada, cobriu-se com as mantas até as orelhas, e fechou os olhos.

Então lhe ocorreu que talvez essa era a cama em que Sydnam passou meses recuperando-se de suas experiências à mão de seus torturantes. Então poderia ter chorado, mas não porque tivesse perdido a intimidade de uma habitação para ela.

A noite anterior, a de bodas, foi um engano, pensou. Tinha esperado que talvez poderiam arrumar as coisas essa noite, mas estava tão cansada que só poderia chorar pelo homem que devia ser Sydnam antes da tortura.

O homem ao que não teria conhecido nunca.

Quando talvez quinze minutos depois sentiu entrar Sydnam nas pontas dos pés na habitação, fingiu estar dormindo.

Capítulo 17

Os pesadelos quase sempre seguiam o mesmo padrão.

Nunca sonhava com as torturas físicas propriamente ditas. Sonhava com os intervalos entre sessão e sessão, com a espera, com a experiência de não saber nunca em que momento seria a seguinte, embora sim sabia como seria. Sempre o diziam com antecipação, com todos os detalhes, e detalhe gráficos. E com a

tentação, a terrível, quase irresistível tentação, de lhes dizer o que desejavam saber, de vender ao Kit, trair a seu país e seus aliados para que lhe concedessem a bendita liberação da morte.

— Não. — Não falava com eles, falava-lhe com a tentação. — Não. Não! Não!

Não queria gritar. Esforçava-se denodadamente em não gritar. Jamais gritava durante as sessões. Não lhes dava essa satisfação. Mas inclusive nos momentos entre sessões poderiam ouvi-lo, portanto tratava de não gritar. Mas às vezes...

— Nãooooo!

Como sempre, despertou com o grito. Sentou-se bruscamente na cama, suado, jogou atrás as mantas, mas de todos os modos se enredou nelas ao baixar-se, porque as tinha jogado atrás com a mão «direita», e tratou de inspirar ar a baforadas, como se estivesse estado afogando.

Quase imediatamente se deu conta de que Anne estava sentada na cama alargando os braços para ele, embora ele já estava muito longe dela. Mais da metade dele seguia imersa no pesadelo e continuaria imersa um bom momento, isso sabia por larga experiência. Seu corpo e sua mente estavam tão embotados pelo passado que era incapaz das ver-se com o presente, nem sequer para mostrar a cortesia normal.

— Vai. — lhe disse. — Sai daqui.

— Sydnam...

— Fora!

— Sydnam...

Ela já desceu da cama e estava rodeando-o para aproximar-se dele. A teria ameaçado golpeando se tivesse tido o braço direito para fazê-lo.

Soou um golpe na porta, que mais bem foi como uma martelada.

— Syd? — disse a voz do Kit. — Syd? Anne? Posso entrar?

Trocando de direção, Anne se dirigiu à porta, que se abriu justo antes que chegasse a ela.

— Syd? — repetiu Kit. — Segue tendo os pesadelos? Me deixe te ajudar. Anne...

— Saia! Fora daqui!

Estava quase gritando. Logo começariam os tremores. Detestava essa debilidade mais que qualquer outra coisa. Detestava que alguém a visse.

— Anne. — repetiu Kit, em um tom parecido ao do oficial do exército que ele foi por pouco tempo. — Vá fora com Lauren. Mãe está aqui também. Vá com elas. Eu me ocuparei disto.

— Fora! Fora daqui todos!

— teve um pesadelo — disse Anne, em voz baixa, mas firme. — Eu o atenderei, Kit, obrigado.

— Mas...

— É meu marido. Deseja estar sozinha. Voltem para a cama. Eu me ocuparei dele.

Fechou a porta e foi ficar ao lado dele. Ele começou a tremer, parecia que lhe tremiam todas as células do corpo. Quão único podia fazer era aferrar-se fortemente ao poste da cama e apertar os dentes, tratando de respirar, embora fora em fôlegos.

— Sente-se disse ela de repente, passado um momento indeterminável, lhe agarrando o braço com uma mão e lhe rodeando a cintura com o outro braço, desde atrás.

Ao sentar tirou o chapéu que havia numa cadeira detrás dele. Caiu-lhe em cima uma manta da cama, com a que ela o rodeou bem, remetendo-lhe sob o queixo e pelas costas, até que de repente ele se sentiu metido em um casulo, brando e abrigado. Pareceu-lhe que se ajoelhava diante dele. Então ela apoiou a cabeça em suas coxas, girou-a e lhe rodeou a cintura com os braços.

Depois disso ela não voltou a mover-se nem disse uma só palavra, enquanto ele tremia e suava. Finalmente sentiu o calor do casaco de manta e do peso da cabeça dela sobre suas coxas e de seus braços ao

redor dele.

Sua mãe, seu pai, Jerome, suas diversas enfermeiras, sua ajudante de câmera antes que se fora com ele a Gales, todos tratavam de lhe falar para tirá-lo desse final do pesadelo, mas só conseguiam alargá-lo mais.

Agradecia seu silêncio mais do que poderia expressar com palavras. E agradecia sua presença muito mais do que poderia haver-se imaginado.

— Sinto-o muito. — disse ao fim.

Tinha a mão debaixo da manta; se a tivesse tido livre a teria posto sobre a cabeça. Mas ela levantou a cabeça e o olhou, e a tênue luz da lua que entrava pela janela, pareceu-lhe que nunca a tinha visto mais bela.

— Eu também. — disse ela. — Sydnam, carinho, sinto-o muito. Precisa falar disto?

— Bom Deus, não! Me desculpe Anne, mas não, obrigado. É meu demônio pessoal que estará comigo para sempre, acredito. Não se pode experimentar algo assim e esperar que as cicatrizes só fiquem no corpo. Tal como nunca voltará a estar completo meu corpo, tampouco voltará a está-lo minha mente. Já aceitei isso. Os pesadelos já não são tão freqüentes como antes, e quando as tenho parece que posso me liberar delas mais rápido, a maioria das vezes. Mas lamento a moléstia que te causou esta e a que lhe causarão as que tenha no futuro.

— Sydnam — disse ela, e ele notou que tinha os braços lhe tocando a parte exterior das coxas. — Me casei «contigo», com todo você, com todo seu ser. Sei que não posso compartilhar sua dor, mas não deve te sentir obrigado a me proteger dele nem tentar lhe subtrair importância. Doeria-me se o fizesse. Fomos amigos quase desde que nos conhecemos, verdade? Mas agora somos mais que amigos, face ao incerto que foi o começo de nosso matrimônio. Somos marido e mulher. Somos... Amantes.

Tinham sido amantes, uma vez, pensou ele. Mas essa vez engendrou vida em seu ventre e os atou para sempre. Não podia lamentar que isso tivesse ocorrido mesmo que tinha visto a aflição dela a noite anterior e esse dia, e se havia sentido um pouco culpado por havê-la afastado das pessoas e do entorno que ela amava. Esses dois dias deveria lhe haver devotado somente prazer e consolo, não ter brigado com ela nem carregá-la em cima com um de seus pesadelos.

Baixou a manta e lhe passou a mão pelo braço.

— Suponho que sou um presunçoso e um vaidoso. — disse. — Não suporto que veja minha debilidade.

— Acredito que é a pessoa menos fraca que conheci em toda minha vida, Sydnam Butler.

Sorriu-lhe.

— É certa a história que conta Andrew? Foi um cirurgião do exército o que te amputou o braço?

— Sim, foi um cirurgião britânico, depois que Kit e um grupo de guerrilheiros espanhóis me resgataram. Era impossível salvá-lo.

— Sydnam, preciso verte.

Era impossível não entender o que queria dizer.

Deitou-se com a camisa e as meias, ainda quando ela estava dormindo quando entrou na habitação.

Negou com a cabeça.

— Preciso — insistiu ela.

Isso era inevitável, pensou ele, a não ser que tivessem vidas separadas, de abstinência sexual, o resto de sua vida, algo que encontrava imensamente menos suportável que continuar solteiro. Cedo ou tarde teria que vê-lo.

Mas teria preferido que fora depois. Sentia-se muito esgotado.

Mas ela não esperou sua permissão. Já se tinha levantado e aceso a vela da mesinha de noite. Depois voltou a ajoelhar-se diante dele, tirou-lhe a manta e lhe tirou as abas da camisa pela cintura das calças Teria sido grosseiro por sua parte não levantar o braço quando lhe subiu a camisa para tirar-lhe pela cabeça.

Não fechou o olho. Continuou olhando-a.

O cirurgião lhe tinha amputado o braço a umas quantas polegadas por debaixo do ombro. Dado que não se livrava nenhuma batalha nesses momentos e, portanto não estava urgido pelo tempo, nem por algum soldado ferido esperando passar sob sua faca, fez-lhe um bom trabalho. O coto não era horrível de ver, como estavam acostumados a ser as amputações.

—Sigo tendo meu braço sabe? —disse-lhe, com um sorriso um pouco torcido—, e minha mão. Em minha mente, seguem aí e são muito reais. Sinto-os. Às vezes me picam. Quase posso usar a mão. Mas não estão como pode ver.

Mas não era só o coto do braço o que via ela. Todo seu lado direito era uma mancha roxa, pelas queimaduras, e as cicatrizes de feridas se viam brancas em contraste. As queimaduras lhe desciam por todo o lado e seguiam pelo lado da coxa até o joelho.

Pôs-lhe a mão no flanco justo por cima das meias.

— Ainda te dói?

Ele titubeou.

— Sim, em especial ao redor do olho, do coto do braço e do joelho, que não ficou destruído. Mas não sempre, e a dor não é insuportável. É pior quando há umidade. É algo ao que me acostumei algo que posso controlar. É possível viver com muitíssimo mal-estar e inclusive com dor, Anne. Durante uns seis meses de minha vida desejei morrer, desejei-o com todo meu coração, mas me alegra não ter morrido. A vida é muito doce, em que pese a todas as perdas que sofri. Acredito que, pelo geral, não sou um manteiga.

— Não. — conveio ela.

Então ela levantou a mão e a cavou no lado direito de seu rosto. Ele fechou o olho e inclinou a cabeça, lhe pressionando a mão. Muito poucas pessoas, além dos médicos, haviam-lhe tocado o lado direito do rosto desde que chegou a casa procedente da Península. Era como se os torturadores se adotaram um direito eterno sobre essa parte. Nem sequer se tinha dado conta do muito que tinha desejado a carícia de alguém, um contato amável, depois de tanta violência. Virtualmente sentiu como emanava cura da mão dela, sentindo que quando a retirasse sua carne estaria restaurada e sua pele sã outra vez.

Tragou saliva para desfazer o nó que lhe formou na garganta.

Então sentiu mover o polegar dela sob a fita negra que lhe sujeitava o emplastro e compreendeu sua intenção. Agarrou-lhe o pulso e abriu o olho, mas já era muito tarde. Ela deixou o emplastro no chão a um lado da cadeira.

Olhou-a horrorizado e de causar pena.

— Não passa nada. — lhe disse ela docemente. — Sydnam, é meu marido. Tudo está bem.

Mas não estava tudo bem. Faltava-lhe o olho direito. A pálpebra estava esmagada onde tinha estado o olho e a cicatriz era horrível. Dizer que não era bonito teria sido ficar muito curto.

Não queria fechar o olho. Apertou fortemente os dentes e a observou enquanto ela o olhava. Então ela se incorporou, inclinou-se sobre ele, pôr-lhe as mãos nos ombros e lhe beijou a comissura da pálpebra.

Ele teve que conter as lágrimas que sentiu subir pela garganta.

Então ela o estava olhando, sorrindo.

— Parece menos pirata sem o emplastro. — disse.

— E isso é bom ou mau?

— Acredito que algumas mulheres encontram absolutamente irresistíveis aos piratas.

— Então, talvez me deveria voltar a pôr isso.

— Será melhor que não me tente. Sou uma mulher casada.

— Ah, que lástima.

— Para mim não. — disse ela. — Verá, não necessito a nenhum pirata. Encontro irresistível a meu mando.

Ele sorriu e ela também.

Mas o ar já rangia entre eles, e o assombrou comprovar que o tinha abandonado o cansaço, substituído por um intenso desejo. E estava muito claro que esta vez ela o estava seduzindo descaradamente.

— Acredito que será melhor que comprove se isso é certo. — disse, levantando-se.

— É claro que sim. — disse ela.

Dizendo isso lhe aproximou e, colocando a mão sob a cintura de seu cós, desabotoou-lhe a braguilha e o despiu até que ele ficou nu ante ela. Então lhe olhou todas as cicatrizes até o joelho.

— Anne, talvez seu estado...

— Estamos casados, Sydnam. Casamo-nos ontem. Casamo-nos devido a meu estado, claro. Havíamo-nos dito adeus. Não teríamos nos tornado a ver. Mas estamos casados. Desejo estar casada contigo em todo o sentido da palavra, e acredito que você também o deseja. Deseja-o, verdade?

Isso não era exatamente uma declaração de amor, pensou ele, a não ser somente uma aceitação prática da relação em que se encontravam devido a seu estado, mas no momento lhe bastava. Ela estava olhando seu corpo nu e desfigurado e de todos os modos desejava a consumação de seu matrimônio. Por essa noite, no momento, isso era um presente suficiente.

— E o bebê?

— Eu perguntei ao médico que vi por insistência da Claudia, já que estava segura de que viria a te casar comigo. Disse-me que não haveria nenhum desconforto nem perigo até o último mês mais ou menos.

A brilhante luz da vela ele viu como lhe estendia o rubor pela parte do peito que lhe via e lhe subia pelo pescoço até as bochechas. Então tinha perguntado ao médico? Sorriu-lhe.

— Bom, então, por que seguimos aqui de pé?

— Porque ainda não nos deitamos. — respondeu ela.

Então se cruzou de braços, levantou-se a camisola e o tirou pela cabeça em um só e fluido movimento.

Quando já estavam na cama, lhe explorou e acariciou o corpo nu com a palma, dedos e gemas dos dedos. Só quando o estava fazendo se deu conta de que tinham deixado acesa a vela. Mas a deixou estar. Já não podia seguir ocultando-se dela. Se queriam entrar totalmente nas intimidades da relação conjugal, devia entregar-se tudo inteiro a ela, e confiar em que ela aceitava suas deficiências.

Explorou-a e excitou com os lábios, os dentes e a mão.

Abriu a boca sobre um mamilo ligeiramente inchado, e o lambeu, sugou e mordiscou, ao tempo que lhe acariciava o lugar secreto e molhado da virilha. Ela gemeu, passando os dedos por entre seus cabelos.

E quando ele levantou a cabeça para lhe banhar de muito ligeiros beijos o rosto e lhe sugar o lóbulo da orelha, ela procurou seu membro ereto nu. Enquanto o acariciava com uma mão, com a outra lhe rodeou o membro lhe fazendo muita suaves carícias em círculo pela ponta.

Fechou o olho e fez uma funda inspiração, e logo deixou sair o ar em um suspiro audível.

Então montou em cima dela, lamentando fugazmente não ter os dois braços para afirmar-se e aliviar assim seu peso, mas ela o recebeu ansiosa, separando as pernas, movendo-se para acomodá-lo e rodeando-o com elas e com os braços e arqueando os quadris até que seu membro ficou pressionando sua abertura.

Penetrou-a até o fundo e novamente teve que fazer uma inspiração profunda para refrear a ejaculação, para lhe dar tempo para sentir o prazer.

Essa era sua verdadeira noite de bodas, pensou de repente, estava-lhe fazendo o amor a sua esposa, a Anne. Essa maravilha lhe atendeu o coração e ficou imerso no profundo dela, saboreando o conhecimento de que não era um homem que estava tendo uma relação sexual ou uma experiência sexual com uma mulher desejável e bem disposta. Estava-lhe fazendo amor a sua mulher, à mulher com a que se casou no dia anterior

e com a que compartilharia o resto de sua vida.

Retirou-se lentamente e voltou a penetrá-la, e assim continuou, a um ritmo lento, sentindo toda a deliciosa dor de postergar a satisfação de seu desejo para que pudesse ser uma experiência de prazer compartilhado.

Mas de repente notou que ela estava quieta debaixo dele, com o corpo ligeiramente tenso, embora não com a tensão do desejo sexual. Tudo era simulação, compreendeu, ou um valente intento de ser uma boa esposa para ele, de tratá-lo como se fora normal. E tinha deixado acesa a vela! Quase lhe apagou o desejo.

Mas se o deixava apagar-se e interrompia o ato ela saberia que ele sabia, e como poderiam continuar juntos, então? Ela fazia isso por ele, porque o queria. Sabia que o queria.

Acelerou o ritmo. Fechou a mente a tudo o que não fora sua própria necessidade sexual e finalmente a penetrou até o fundo e sentiu a bendita liberação da ejaculação. Quase detestou o prazer puramente físico do momento.

Quase imediatamente rodou para um lado e lhe cobriu os ombros com as mantas. Ela o estava olhando, viu a brilhante luz da vela. Desejou que tivesse os olhos fechados e simulasse estar dormida. Sorriu-lhe. Talvez ela não sabia que ele sabia. Tinha sido muito amável e boa com ele essa noite.

— Obrigado. — disse docemente.

Mas o alarmou ver que lhe enchiam os olhos de lágrimas. É que não podiam simular entre eles, então?

— Sydnam — disse ela, quase em um sussurro. — Não é por sua causa. Me acredite, por favor, não é você. Sou eu.

E a verdade do que acabava de dizer ela o golpeou como uma onda de inquietação. Mas claro, é obvio. Ele sofria de horrorosos pesadelos devido às inexprimíveis atrocidades que lhe tinham feito a seu corpo.

Anne tinha sofrido uma atrocidade pelo menos igualmente inexprimível.

Sofria de pesadelos também?

Ou seu pesadelo era a intimidade física? Um ato de intimidade física que lhe tinha ocorrido duas vezes depois dessa atrocidade, uma vez em Ty Gwyn e a outra essa noite.

Olhou-a consternado. Nas duas ocasiões ela sabia com a mente que era ele, mas seu corpo sentia que era Moore?

— Sou eu. — repetiu ela. — Tem que me acreditar, por favor, que não é você. Você é formoso, Sydnam, e é doce, bom e amável.

— Anne — disse ele, lhe beijando brandamente os lábios. — Anne, entendo-o. De verdade. Como um toco, não o tinha compreendido até agora. Mas o entendo. O que posso fazer? Quer que..., vá a dormir à sala de estar?

— Nãoo! — abraçou-o, apertando-se a ele. — Não, por favor. A menos que não possa suportar... Sydnam sinto-o tanto.

— Chhs — sussurrou ele lhe beijando o cabelo. — Não diga nada, meu amor. Me deixe que te tenha abraçada, como me teve você antes. Chss.

Beijou-lhe a têmpora e lhe cobriu com as mantas ao redor. Esquentou-lhe o corpo com o seu.

Incrivelmente, maravilhosamente, aos poucos minutos a sentiu quente e relaxada e muito pouco depois comprovou que estava dormida.

Ele não deveria haver dormido. Tinha sido uma noite de torvelinho.

E totalmente exaustiva, além disso.

Só uns minutos depois, já estava dormindo.

Anne despertou porque algo fazia cócegas no nariz e não conseguiu apartar o que fora com uns movimentos da mão, dormida. Antes de abrir os olhos compreendeu que era o dorso de um dedo humano, o

do Sydnam, para ser exatos.

Abriu os olhos.

— bom dia, senhora Butler — disse ele; — Tinha feito o plano de te levantar em algum momento do dia?

Estava estendido na cama a seu lado, mas por cima das mantas e totalmente vestido. E agora que estava acordada ouvia caminhar a sua ajudante ao outro lado da porta do closet. Nunca dormia até tão tarde.

— Barbeaste-te — disse, lhe passando a mão pela suave pele da mandíbula, pelo lado esquerdo.

— Os piratas não se barbeiam normalmente?

Ela arqueou as sobrancelhas.

— Barba Azul? Barba Negra?

Sorriu-lhe.

Nem por um instante tinha esquecido ela essa noite, nenhum detalhe. E era impossível que ele tivesse esquecido algum detalhe. Mas tinha decidido não começar o dia com uma tragédia. Por que começá-lo com uma? Os dois tinham demônios aos que combater. Por que brigar entre eles? Sorriu-lhe.

— Ontem à noite antes de subir — disse ele — acordei com o Kit e meu pai saindo a cavalgar esta manhã, a ver as granjas. Em realidade, fui o administrador de meu pai aqui uns anos depois de minha recuperação. Tinha-te contado isso? Importa-te que vá com eles?

Importava-lhe muitíssimo. Ficaria sozinha com sua mãe, Lauren e os meninos. Mas o que tinha esperado? Viver amparada sob sua sombra como uma covarde todo o tempo que ele decidisse estar aí? Essa era a família em que tinha entrado por matrimônio, portanto devia fazer tudo o que estivesse em seu poder para lhes demonstrar que não era a caçadora de fortunas sem princípios que deviam pensar que era.

E desde quando necessitava a alguém ao que aferrar-se em abjeta dependência?

— Não, não me importará. Que o passe muito bem.

Ele rodou pela cama e se baixou.

— Lauren se ocupará de você. — disse.

— Sim, muito bem, é obvio.

A viscondessa era muito formosa, muito elegante, muito correta. Além disso, tinha sido amável com ela, depois do desastroso anúncio do David.

— Quando Kit a trouxe aqui como a sua prometida — disse ele — eu estava muito afastado do Kit. Algum dia lhe explicarei isso tudo. Um dia Lauren chamou um à parte, resolvida a falar comigo; eu tinha muito claro que não me considerava a pessoa mais apreciada do mundo, mas me escutou, escutou-me de verdade. Foi a primeira pessoa que fez isso em todos esses anos de torvelinho e que compreendeu meus pontos de vista. Obrigou-nos a nos enfrentar e falar. Nenhum dos dois queria, sentíamos violentos, inibidos. Mas deu resultado. Agora Lauren é uma de minhas pessoas prediletas. Inclusive me beijou aqui uma vez. — tocou-se a bochecha direita com o índice.

— Ah, sim?

— Ciumenta?

— Mortalmente.

Sorriram-se, e Anne compreendeu que pelo menos uma coisa não tinha morrido essa noite. Ele seguia sendo seu amigo. Não era muito ao que agarrar-se, talvez, sendo os dois um casal, mas era decididamente algo. E estava totalmente resolvida há começar esse dia com otimismo.

— Se te vestir imediatamente, ou antes — disse ele — podemos baixar juntos a tomar o café da manhã.

Só quando foram baixando a escada dez minutos depois, Anne caiu na conta de que essa manhã ainda não tinha sentido náuseas. Talvez tinha estado tão preocupada com o outro que esse mal-estar não teve a oportunidade de assaltá-la.

O resto do dia transcorreu muito mais aprazível do que tinha imaginado. Os homens partiram logo da sala de café da manhã, e logo que estiveram o bastante longe para não ouvir, a condessa se dirigiu a ela:

— Ontem à noite estávamos preocupados com você também, Anne, além do Sydnam. Ah, e um pouco chateados contigo por nos haver fechado a porta no nariz, quando eu diria que não tiveste nenhuma experiência em tratar com meu filho depois de um de seus pesadelos. Mas não ouvimos nenhum outro som e esta manhã está tão alegre e cheio de energia como não o tinha visto nunca. Normalmente está cansado e apático ao dia seguinte. Como o fez?

— Simplesmente o agasalhei bem com uma manta e o mantive abraçado até que lhe passaram os tremores — respondeu Anne, sentindo arder de rubor as bochechas.

Sua sogra a olhou fixamente sem sorrir.

— Foi muito idiota — disse — foi muito idiota ao ir à guerra, só para demonstrar que era tão valente como Kit.

— E o demonstrou, tem que reconhecê-lo, mãe. — disse Lauren.

— Sim, mas a que preço tão trágico. Tinha muito talento, Anne, sabia?

— Como pintor? Sim, sabia.

— Não só tinha talento - continuou a condessa — estava, além disso, obcecado pelo sonho de converter-se em um grande pintor. Por que demônio arriscou esse sonho indo à Península é algo que não entenderei jamais.

— Às vezes — disse Anne — os homens que são sossegados e artistas sentem a necessidade de demonstrar sua masculinidade, sobre tudo quando são muito jovens, como o era Sydnam. Que melhor maneira de demonstrá-lo que indo à guerra?

As três sacudiram suas cabeças considerando essa estupidez da metade masculina da espécie. Repentinamente Anne compreendeu que sua decisão de ficar com o Sydnam essa noite lhe tinha granjeado a simpatia de sua família. Talvez era possível, depois de tudo, que chegassem a aceitá-la e compreendessem que não tinha urdido um plano para casar-se com um homem rico e bem relacionado.

— conserva algum de seus quadros ainda? — perguntou.

Lady Redfield exalou um suspiro.

— Antes penduravam por toda a casa. Mas depois que o trouxeram tão mal ferido e muito antes que pudesse sair de sua habitação, ordenou-nos que os destruíramos todos. Sim, nosso amável filho nos ordenou isso. Estão amontoados no apartamento de cobertura, junto com seus pincéis, pinturas e outros útensilios. Às vezes desejei voltar a pendurar um ou dois, agora que já não vive em Alvesley, mas não me atrevo a fazer algo que acredito iria contra seus desejos. E a verdade é que não sei se seria capaz de suportar ver algum deles depois de tanto tempo.

— Mas Sydnam não é uma figura trágica. — disse Lauren, sorrindo a Anne tem que havê-lo descoberto, Anne. Forjou-se uma vida valiosa e útil, por difícil que lhe tenha resultado por causa de suas descapacidades. E agora tem mulher e família para sua felicidade pessoal.

Seu sorriso revelava um autêntico carinho.

— Esta tarde virá conosco a fazer algumas visita, Anne — disse a condessa em um tom que não admitia negativa. — Temos que te apresentar a nossos vizinhos e explicar de algum jeito a natureza precipitada e secreta de suas bodas. Não levaremos a seu filho.

Lauren riu em voz baixa e se levantou.

— David é encantador. — disse. — Ontem à noite quando subi a lhe dar de mamar ao Geoffrey ele estava jogando com o Andrew e Sophie, e inclusive solucionou uma briga entre eles antes que eu pudesse intervir. Gostaria de subir comigo a vê-los agora, Anne?

Passaram-se aí o resto da manhã com os meninos, embora não havia nenhuma necessidade de entretê-los. Andrew estava absolutamente encantado por ter um primo maior disposto e capaz de construir um impressionante castelo com blocos de madeira pintados como se fossem tijolos, e Sophia se contentava rondando ao David, aproximando-se pouco a pouco até que pôde alargar a mão e lhe tocar o cabelo. Então David se girou a olhá-la e lhe sorriu, e lhe permitiram que lhes passasse os blocos, embora Andrew lhe proibiu tocar o castelo.

David estava simplesmente feliz.

Geoffrey, gordinho e satisfeito, passou aos braços da Anne depois de mamar, tratando de manter abertas as pálpebras para não sucumbir ao sonho. Tinha os impressionantes olhos cor violeta de sua mãe, observou Anne.

— Acredito que vai ser extraordinariamente agradável ter outra irmã. — disse Lauren, passado um momento. — E para meus filhos ter outra tia e mais primos.

— Tem irmãs, então?

— Tenho primos políticos, com os que me criei. —explicou Lauren. — Sigo considerando Irma Gwen e a seu irmão Neville meu irmão. Estive a ponto de me casar com ele uma vez. De fato, chegamos até as portas da igreja.

Anne a olhou surpreendida.

— O que ocorreu?

Então Lauren lhe contou sua história. Ela era um bebê quando morreu seu pai, o visconde Whitleaf, e sua mãe se voltou a casar, antes que tivesse passado o ano, com o irmão mais novo do conde de Kilbourne. Depois sua mãe partiu em viagem de bodas e não retornou nunca mais, embora já se reatou a comunicação entre elas. Assim são as coisas, Lauren se criou na casa do conde de Kilbourne, com seu filho Neville e sua filha Gwen, e desde que eram pequenos sempre viveram com a expectativa de que quando fossem maiores ela se casaria com o Neville. Quando este partiu à guerra disse que não o esperasse, mas ela o esperou de todos os modos, e quando ele retornou voltou a lhe fazer a corte e chegou o dia das bodas. Mas justo quando estava chegando à igreja, também chegou outra mulher, com aspecto de mendiga, que assegurou que Neville era seu marido, que tinha casado com ela na Espanha.

— E o mais horroroso foi — disse Lauren, passando brandamente a mão pela cabeça quase calva de seu bebê dormido nos braços da Anne — que a mulher dizia a verdade.

— OH. OH, pobre Lauren.

— Pensei que o mundo tinha chegado a seu fim. — reconheceu Lauren. — Quando estava crescendo, minha família adotiva não poderia ter sido mais carinhosa comigo, como se tivesse sido uma filha, mas eu sempre tinha a consciência de que não o era. Passei todos esses anos tratando de me fazer merecedora, de me fazer digna desse carinho, embora já me queriam. Quão único desejava da vida era me casar com o Neville.

A refinada e perfeita Lauren tinha conhecido também uma dor insuportável, pensou Anne. Todos sofrem em algum momento da vida. Sempre é um engano acreditar que alguém foi eleito para um sofrimento especial.

— E então. — continuou Lauren — um ano depois conheci o Kit. Nossa relação não foi o que se diria aprazível, sobre rodas, mas não me levou muito tempo compreender por que Lily voltou a aparecer na vida do Neville e por que eu tive que ficar abandonada. O destino me reservava para o Kit. Eu acredito no destino, Anne, não em um destino às cegas que não te deixa nenhuma liberdade de eleição, a não ser em um destino que dispõe um padrão para a vida de cada um e nos dá opções, numerosas opções, mediante as quais encontrar nosso padrão e ser feliz.

— Ah, eu também acredito nisso. De verdade.

— Eu acredito que o destino conduziu ao Sydnam e a ele a você. Face às aparências, me perdoe! Vejo muito claramente que lhes têm carinho.

Sorriram-se e logo a conversa tomou outros roteiros, mas Anne se sentia imensamente consolada, como se lhe tivesse concedido uma bênção. Pensava, e sentia que sua cunhada e ela seriam amigas, talvez inclusive irmãs.

E sua sogra a tinha olhado com aprovação por haver ficado com o Sydnam essa noite, e a ia levar a fazer visitas essa tarde.

Talvez as famílias não sempre rechaçam. Talvez ao menos às vezes abrem os braços para acolher. Talvez às vezes podem confiar no amor.

Capítulo 18

O dia do Sydnam começou bastante bem.

Começou com esperança. Essa manhã Anne lhe sorriu, e inclusive brincou com ele. Não voltou a lhe dizer que desejava ir-se a casa quanto antes, e não pôs nenhuma objeção a ficar só com Lauren e sua mãe. Seguiam sendo amigos. E no momento se contentava, tinha que contentar-se, com a amizade e a compaixão mútua pelas sombras tenebrosas da vida de cada um.

A manhã continuou bem, durante a cavalgada com seu pai e Kit pela granja, saudando os granjeiros e a suas mulheres, aos que não via desde fazia anos, desde que ele era o administrador ali. Tudo foi muito agradável.

Mas pela tarde se encontrou ante uma realidade que o desanimou, e que temia que pusesse outra tensão mais em seu matrimônio. Sua mãe e Lauren tinham levado a Anne a fazer visitas, por isso lhe ocorreu que durante a ausência da Anne poderia levar ao David, e aos outros meninos também, se queriam, a dar um passeio pelo lago. Mas quando subiu à sala dos meninos a sugerir-lhe encontrou-se com que já estava ali Kit, que ia levar ao Andrew a uma aula de equitação.

— Você também deve vir David. — disse Kit.

— Mas é que não sei montar a cavalo. — protestou o menino.

— Não montaste alguma vez? — perguntou Kit, lhe pondo uma mão no ombro. — Pois vamos ter que pôr remédio a isso sem tardança.

— Você me vai ensinar tio Kit? — perguntou David, com o rosto iluminada pelo entusiasmo.

— Para que sacos tios, ah? — respondeu Kit, sorrindo de orelha a orelha. — Vem você também, Sydnam?

Uns minutos depois foram todos caminhando para o estábulo, David e Andrew correndo diante e Sophia montada no braço do Kit.

Uma moço montou ao Andrew em seu pequeno pony e o tirou ao prado de trás do estábulo. Enquanto isso Kit escolheu uma égua muito mansa para o David e logo depois de lhe explicar os rudimentos básicos para montar, subiu-o na égua e o levou ao prado levando das rédeas. Passado um momento lhe permitiu dar uma volta sozinho, caminhando a seu lado e lhe dando instruções e fôlego.

David estava tão animado e entusiasmado como Sydnam o tinha visto uma ou duas vezes em Glandwr com os homens Bedwyn e Hallmere. Além disso, ria e tagarelava muito cômodo e a gosto com o Kit, chamando-o «tio Kit», como se tivessem sido os melhores amigos durante anos.

Se David já tivesse tido uma pequena experiência em cavalgar, pensava Sydnam, ele poderia ter saído a cavalgar com o menino e lhe teria ensinado os detalhes mais sutis da equitação pelo caminho. Essa atividade

juntos lhes teria dado a oportunidade de forjar uma espécie de laço familiar. Mas dadas as circunstâncias lhe tinha parecido mais prático deixar o ensino a seu irmão, mesmo que Kit o olhou interrogante antes de começar a lição.

Então decidiu fazer-se amigo da Sophia, que andava pelo prado recolhendo as margaridas que cresciam por entre a erva. Quando lhe aproximou, a pequena lhe deu um tapinha na perna e lhe ofereceu o ramo. Sydnam se abaixou para lhe dar as obrigado e embora ela olhou receosa seu emplastro no olho, não se apartou nem pôs-se a correr. Em lugar de fugir, de repente alargou a mão, tocou-lhe o emplastro com um dedinho e logo pôs-se a rir.

— Divertido, verdade? É divertido o tio Syd?

Ela voltou a rir uma risada feliz de bebê.

Há meia hora seguinte a passaram recolhendo margaridas e ranúnculos juntos.

Quando chegou o momento de que todos voltassem para a casa, e Kit a foi agarrar nos braços, Sophia negou com a cabeça firmemente, agitando seus suaves cachos, e estendeu os braços ao Sydnam. Lhe passou o buquê de flores para que o tivesse e a levantou em seu braço, e Andrew se foi trotando a seu lado lhe fazendo perguntas sobre o que passou quando lhe cortaram o braço.

Mas David se foi caminhando com o Kit, ainda animado e conversando depois dessa primeira aula. E quando chegaram à sala dos meninos e encontraram a Anne aí esperando-os, rosada e formosa com um de seus vestidos novos mais elegantes, o menino correu para ela a lhe contar o que tinha aprendido e feito, o nome «tio Kit» muito freqüente em seu relato.

Para o Sydnam foi pouco consolo que Sophia lhe desse um tapinha na perna outra vez para lhe mostrar uma de suas bonecas.

Tinha deixado passar a oportunidade de ser o tipo de pai que ansiava seu enteado. E poderia havê-lo feito. Poderia lhe haver ensinado a montar sem ter que subi-lo à cadeira. Mas se tinha permitido sentir-se inferior a seu irmão e ficado atrás. Mentalmente se deu de patadas, embora já era muito tarde.

Só podia insistir a ter paciência; talvez a próxima vez não deixaria passar uma oportunidade assim.

Esse mesmo dia foi posta a prova sua resolução, e por um momento voltou a vacilar.

Depois do jantar, Anne subiu a contar um conto ao David, como fazia sempre antes que dormisse, e lhe cobrir com as mantas e lhe dar boa noite. Sydnam vacilou um momento, recordando que a noite do dia das bodas em Bath, ao menino lhe incomodou sua intromissão no rito, mas logo a seguiu. Seu pai estava no salão lendo e sua mãe muito absorta em seu bordado. Lauren também estava acima, na sala de berço, dando o peito ao Geoffrey, e Kit estava com ela.

Sydnam entrou silenciosamente na habitação do David, logo depois de golpear a porta aberta, foi sentar em uma poltrona um pouco afastada da cama e ficou a escutar a história. Sorriu quando ela interrompeu a narração em um momento de especial incerteza. Mas esta vez não fez nenhum comentário.

— Mamãe! — protestou o menino, igual à outra vez.

— Mais amanhã de noite. — disse ela levantando-se e inclinando-se a lhe dar um beijo. — como sempre.

Kit estava na porta.

— As mães podem ser as criaturas mais cruéis do mundo, David — disse lhe fazendo uma piscada.

— Terei que as obrigar a terminar a história que começaram. Isso deveria ser uma lei. Vai cavalgar outra vez amanhã? Talvez mais à frente do prado esta vez?

— Sim, por favor, tio Kit. Mas o que desejo mais que nada é pintar. Ele... mi... O senhor Butler me comprou pinturas a óleo e um montão de outras coisas em Bath, mas não as posso usar porque não há ninguém que me ensine. Poderia me ensinar você? Poderia a tia Lauren? Por favor?

Sentou-se na cama e olhava ao Kit suplicante.

Kit olhou ao Sydnam, mais ou menos como o fiz antes no prado.

— Nunca fui pintor, David - disse. — Tampouco o é sua tia Lauren, não com óleos em todo caso. Não me ocorre ninguém que viva perto que saiba. A não ser... — Olhou ao Sydnam e arqueou as sobrancelhas.

Sydnam teve que aferrar-se ao braço da poltrona com sua mão esquerda; de repente se sentia enjoado.

E então viu que David havia retornado a atenção para ele também e o estava olhando suplicante.

— Você sim pode me ensinar, senhor — disse o menino. — Quer? Por favor?

— David... — disse Anne em tom um seco.

De repente ao Sydnam veio a lembrança de um terrível momento de sua vida quase idêntico ao do David. Tinha nove ou dez anos, e seus pais lhe tinham presenteado com pinturas no Natal e estava desesperado por usar. Mas a casa estava cheia de parentes que tinham vindo a passar os natais, e as festas e outras atividades, todas pensadas para entreter aos meninos, ocupavam-lhe todos os momentos de todos os dias. Tinham-lhe ordenado que guardasse as pinturas até que todos partissem e seu preceptor houvesse retornado de suas férias. Esses foram os natais mais largos e tristes de sua infância.

— Por favor, senhor? — repetiu David. — Já passaram dois dias completos. E vai passar muito tempo até que cheguemos a Gales e tenha a meu professor.

Sydnam se molhou os lábios ressecados.

Era ridículo, em realidade. Ridículo! Já era aficionado à pintura em sua infância e desfrutava muitíssimo pintando. Inclusive tinha obtido certa habilidade. Desde que perdeu o braço direito já não podia pintar. Isso não era grande coisa, havia muitíssimas outras coisas que podia fazer. Podia ser um pai para seu enteado, para começar. Mas...

— David, eu era destro — disse. — Já não posso pintar. Não...

— Mas pode me dizer como devo fazê-lo. Não tem por que fazê-lo por mim. Simplesmente me dizer isso Mas não se tratava disso. Não, simplesmente não era isso.

— David — disse Anne, com firmeza. — É que não vê...?

— Suponho que isso o posso fazer — se ouviu dizer Sydnam, como se sua voz viesse de muito longe.

— Posso te dizer como pintar. É bastante bom para aprender técnicas sem que eu tenha que te sustentar a mão.

— Sydnam...

David estava inclinado para ele sobre a cama, com uma expressão de impaciente entusiasmo.

— Fará-o, senhor? Amanhã? Tiraremos minhas coisas e poderei pintar?

— Amanhã depois do café da manhã — disse Sydnam, sorrindo e levantando-se. — Agora se deite e durma, não faça que os dois incorramos na ira de sua mãe.

David deixou cair a cabeça no travesseiro, com as duas bochechas avermelhadas.

— Amanhã vai ser o melhor dia. — disse. — Não vejo a hora de que chegue.

Sydnam saiu da habitação diante da Anne.

Não lhe faria nenhum dano lhe dar algumas indicações a seu enteado. Essa aversão que sentia para a pintura, inclusive pela pintura de outras pessoas, era algo que devia superar. Já começava a converter-se em uma coisa parecida a asco. Sentiu náuseas quando cheirou as pinturas da Morgan em Glandwr, e logo quando estava comprando as pinturas ao David em Bath.

Em todo caso, já se tinha comprometido. Ia fazer algo com seu enteado, porque seu matrimônio e seu compromisso com o menino eram mais importantes que seu asco particular.

Mas teve que deter um momento na escada; sentia-se enjoado.

Anne estava sentada em uma cadeira baixa em uma sala grande alagada de luz, com muito poucos móveis, da ala dos meninos. Supunha que essa era o sala-de-aula sempre que na casa havia meninos bastante grande

para necessitá-la.

No meio da sala estava instalado o flamejante cavalete do David e sobre ele um pequeno tecido. David estava de pé ante o cavalete, com sua nova paleta na mão esquerda e um de seus novos pincéis na direita. Em uma mesa a um lado estava em posição quase vertical um quadro a óleo, uma marinha, que Sydnam usava para lhe ensinar; ele estava detrás e para o lado direito do David, olhando por cima de seu ombro.

O ar estava impregnado pelo aroma de pinturas a óleo e terebintina.

Anne observava mais ao Sydnam que ao David ou a seu tecido. Estava muito pálido. Essa noite passada tinha estado muito pouco comunicativo. Depois que se deitaram, nem sequer a tocou, simplesmente ficou de lado, lhe dando as costas e bem separada e fingiu dormir imediatamente. Mas demorou muitíssimo em dormir, igual a ela, embora ela também simulou estar dormindo, com a mesma diligência que ele.

Acreditaria o que lhe disse a noite anterior, mesmo que não lhe fez nenhuma pergunta nem lhe ofereceu nenhum detalhe? Ou seguiria acreditando-se feio e intocável?

Adivinhava que ele se sentiu um fracasso na tarde anterior porque foi Kit o que deu as primeiras instruções ao David para montar a cavalo. E sabia que ele aceitou lhe dar aula de pintura para redimir-se disso e ser o pai que estava resolvido a ser. Também sabia que a pintura era algo no que ele não queria nem pensar, e muito menos ter que ver com pintura ou participar da atividade de pintar.

Mas essa era uma provocação que ele tinha decidido enfrentar, pelo David, por seu filho. Sentiu-se ainda mais apaixonada por ele observando-o. Quantos homens, no caso de que algum casasse com ela, estariam dispostos a fazer algo mais que tolerar a seu filho ilegítimo?

— Não, não — o ouviu dizer. — Segue deslizando o pincel como se estivesse pintando com aquarela. Trata de usar mais o pulso para produzir a textura dessas ondas. Flexiona o pulso e fixe um giro para fora com o pincel.

— Não posso. — exclamou David, exasperado, depois de voltar a tentá-lo. — Ensine-me isso.

Algo ocorreu então, ou melhor, dizendo não ocorreu que fez sentir um calafrio a Anne. Como soube, nunca o entenderia depois, mas «soube» que Sydnam tinha levantado a mão direita para agarrar o pincel, e claro, então descobriu que não tinha essa mão.

Cobriu-se o rosto com as duas mãos e fez umas quantas respirações lentas.

Quando voltou a olhar, Sydnam tinha o pincel na mão esquerda e estava inclinado e mais perto do tecido. Mas lhe tremia a mão e era evidente que não podia fazer a demonstração que queria. Emitiu um som rouco de chateio, baixou a cabeça para agarrar a ponta do pincel com a boca e adaptou a sujeição do pincel, encerrando-o no punho. Fez umas quantas pinceladas ousadas sobre o tecido e retrocedeu.

— Ah! — exclamou David. — Agora o entendo. Agora o vejo. Essas são ondas e não são plainas. A sim deixe que eu o tente.

Agarrou o pincel da mão do Sydnam, fez umas quantas pinceladas e logo se virou a olhá-lo com expressão triunfal.

— Sim. — disse Sydnam, lhe pondo a mão no ombro. — Sim, David. Já o tem. Note na diferença.

— Mas tudo é de uma mesma cor - disse David, voltando a atenção ao tecido. — A água não é de uma só cor.

— Exatamente. E como descobrirá muito em breve, com pintura a óleo se podem fazer muitas mais mescla para obter cores e matizes que com as aquarelas.

Anne os observava, a seus dois homens, com as cabeças inclinadas, juntas, absolutamente absortos no que faziam totalmente esquecidos de sua presença.

Ou seja, que ia haver cura depois de tudo?

Seria possível a cura quando o dano recebido foi tão grave?

Seria possível sanar de tudo, recuperar a integridade, quando a pessoa foi tão horrivelmente mutilada?

Colocou a palma aberta sobre o abdômen, onde tinha protegido ao membro não nascido de sua família.

Ao Sydnam tinha sabor de palha a comida que tinha no prato. Não conseguia tirar o aroma dos óleos do nariz nem da cabeça.

— Eles vão acompanhar Kit e Lauren a Lindsey Hall esta tarde, Sydnam? — perguntou-lhe sua mãe.

Deveriam ter ido ao dia anterior, pensou Sydnam. Tinha- escrito a Bewcastle, logicamente, para lhe comunicar que ia tomar uns dias livres, aos que lhe davam direito as cláusulas do contrato, mas sem lhe explicar o motivo. A boa educação opinava que lhe fizesse uma visita em Lindsey Hall com sua flamejante esposa antes que Bewcastle se inteirasse por outra pessoa de que estava em Alvesley. Deveriam ir essa tarde.

— Talvez você poderia ocupar meu lugar no carro, mamãe — disse. — Sinto-me indisposto. Ficarei aqui.

Anne, que estava sentada em frente, olhou-o fixamente.

— Então eu também. — disse. — Podemos ir a Lindsey Hall em outro momento.

Era impossível discutir com ela diante de todos. Mas o único que desejava era estar sozinho.

— Então nós levamos aos meninos a cavalgar, o que parece-te Lauren? — sugeriu Kit. — Acredito que David virá também, com sua permissão, Anne.

— Ah, sim, é obvio. Faz-lhe muitíssimo bem.

Não muito depois, Sydnam e Anne estavam sozinhos em seus aposentos.

— Preciso tomar ar — disse ele — e um pouco de solidão. Sairei a caminhar. Ficará aqui ou irás fazer algo com minha mãe?

—Quero te acompanhar.

— Não serei boa companhia. Sinto-me indisposto.

— Sei.

E o problema era que provavelmente sabia, pensou ele. De repente lhe ocorreu que talvez a solidão não é o estado menos desejável do mundo. Iria sentir se muito acompanhado no matrimônio? Esse era um pensamento alarmante, desagradável. Sempre tinha desejado uma esposa, uma companheira em sua vida. Mas bobamente imaginou o matrimônio como um felizes para sempre, como uma meta já fixada, não como uma nova encruzilhada no caminho da vida.

— Não me exclua de sua vida, Sydnam — disse ela, como se soubesse muito bem o que estava pensando. — Devemos tentar fazer funcionar nosso matrimônio, se pudermos. Fomos amigos em Gales, verdade? Pois, continuemos sendo amigos. Quero ir contigo.

— Vêem, então. — disse ele a contra gosto, agarrando seu chapéu e esperando que ela colocasse sua nova capa e se atasse as fitas do chapéu sob o queixo.

Saíram e puseram-se a andar pelo caminho de entrada, em silêncio e sem tocar-se, cruzaram a ponte e um pouco mais à frente ele tomou um atalho que os levou por entre as árvores até o extravagante templo de mármore situado na borda sul do lago e que dava um ar pitoresco ao lugar, olhado da borda oposta.

O dia estava frio, nublado e ventoso. O chão estava coberto por folhas caídas, embora ainda ficavam muitíssimas nas árvores. Anne foi sentar se no interior do templo e ele ficou fora contemplando as agitadas águas do lago.

Não estava acostumado a sentir-se deprimido. Não o permitia. Sempre que começava a lhe baixar o ânimo procurava mais trabalho para fazer. Tinha descoberto que o trabalho é um incrível antídoto para a depressão. Tampouco estava acostumado a ceder a auto compaixão. Entregar-se a auto compaixão o encontrava tedioso covarde e sem sentido. Preferia pensar com gratidão no que tinha que era muitíssimo. Estava vivo. Inclusive isso era um milagre.

Mas de vez em quando o assaltava a depressão ou a auto compaixão, ou as duas coisas juntas, por muito

resolvido que estivesse às manter a raia. Tinha-lhe medo desses momentos. Às vezes não lhe servia nem o trabalho nem pensar em coisas positivas.

Essa era uma dessas vezes.

O aroma dos óleos seguia em sua cabeça.

Seguia recordando o momento em que levantou a mão para agarrar o pincel do David.

A mão «direita».

E seguia recordando quando levantou a esquerda e a aproximou do tecido.

— Sydnam...

Quase se tinha esquecido-se da presença de Anne. Ela era sua mulher, sua esposa. Estava grávida de seu filho. E tinha sido imensamente boa e amável com ele, inclusive quando estava em meio de seu próprio sofrimento.

— Sydnam — repetiu ela — não há nenhuma maneira de que possa voltar a pintar?

Ah, sim, já o entendia muito bem. Olhou lúgubremente para o interior do templo.

— Já não tenho mão direita. A esquerda não faz o que lhe ordeno. Deve havê-lo visto esta manhã.

— Usou a boca e trocou a maneira de sustentar o pincel. E então deu umas pinceladas que fizeram entender ao David o que lhe tinha estado dizendo.

— Não posso produzir arte com o punho esquerdo e a boca. Me perdoe, mas não o entende, Anne. Está a visão, mas esta flui por meu braço direito, que já não tenho. É que tenho que produzir pinturas fantasma?

— Talvez te deixaste dominar pela visão em lugar de dobrá-la a sua vontade.

Estava sentada com as costas muito reta no banco de pedra do fundo do templo, com os pés juntos, as mãos sobre a saia, com as Palmas para cima, uma sobre a outra. Sua postura era muito parecida com a da professora escrupulosa que era até fazia uns dias, pensou. E estava, como sempre, deslumbradoramente formosa. Desviou a vista.

— A visão não é como um músculo que se exercita — explicou docemente. — perdi um olho além de um braço, Anne. Não vejo corretamente. Tudo trocou. Tudo se estreitou, aplanado e perdi perspectiva. Como poderia «ver» com exatidão para pintar?

— Corretamente — disse ela, repetindo a palavra que ele tinha empregado. — Como sabemos o que é visão «correta» ou «exata»?

— A que se vê com os dois olhos? —disse ele, com bastante amargura.

— Mas os dois olhos de quem? Observaste alguma vez a um ave de presa que vai voando tão alto no céu que é quase invisível ao olho humano e de repente desce em picado a caçar um camundongo que está no chão? Pode-te imaginar a visão que tem esse pássaro, Sydnam? Pode-te imaginar como será ver o mundo através de seus olhos? E viu a um gato de noite, capaz de ver o que é invisível para nós na escuridão? Como será ver como vê um gato? Como sabemos o que é visão correta? Existe isso? Devido a que só tem um olho vê as coisas de maneira diferente a como as vejo eu ou como as via você quando tinha os dois. Mas significa isso que é visão incorreta? É possível que sua visão artística seja tão fabulosa que te faça ver novos significados nas coisas, que encontre uma maneira diferente de expressar-se sem diminuir-se não ao fazê-lo. Talvez necessitou as mudanças para poder te desafiar a fazer grandes coisas que nem sequer te tinha imaginado.

Ele estava olhando o lago enquanto ela falava sua superfície cinza e agitada pelo vento, mas que refletia de todos os modos a miríade de cores das árvores no outono.

Sentiu uma dolorosa quebra de onda de amor por ela. Ela desejava ajudá-lo, desejava-o terrivelmente, tal como o ajudou essa noite depois que ele despertou do pesadelo. E ele não via a maneira de poder ajudá-la.

— Anne, não posso voltar a pintar — disse — Não posso. E, entretanto não posso viver sem pintar.

As últimas palavras lhe saíram sozinhas, sem pensar, e o horrorizaram. Nunca se tinha atrevido nem a

pensar essas palavras. E nesse momento não se atrevia a acreditar que fossem certas. Porque se o eram, não ficava nenhuma verdadeira esperança na vida.

De repente, sem aviso, tocou fundo, o fundo de seu desespero.

E voltou a horrorizá-lo o soluço forte que emitiu, e quando tratou de afogar o som, soluçou ainda mais.

E então já não pôde parar de chorar, e os soluços lhe rasgavam o peito e o envergonhavam horrorosamente. Girou-se para afastar-se, mas uns braços o rodearam, estreitando-o fortemente, e não lhe permitiram soltar-se, embora ele se teria soltado.

— Não, não passa nada — disse Anne — Não passa nada, meu amor. Tudo está bem.

Nunca tinha chorado nenhuma só vez. Gritava quando não podia evitá-lo, gemia e grunhia, e logo ficava furioso e sofria em silêncio, e o suportava. Mas nunca tinha chorado.

E nesse momento não podia parar de chorar, enquanto Anne o tinha abraçado, arrulhando-o como se fora um menino pequeno que se fez mal. E como um menino pequeno que se fez mal, encontrava consolo em seus braços e em seus murmúrios. E finalmente os soluços deram passo ao soluço.

Depois de soluçar umas quantas vezes, acabou-se tudo.

— Meu Deus, Anne — disse, apartando-se e procurando um lenço no bolso. — Quanto o sinto. Por que tipo de homem me vais tomar?

— Por um que venceu todos os aspectos de sua dor menos o mais profundo.

Ele suspirou e só nesse instante se deu conta de que tinha começado a chover.

— nos ponhamos debaixo do teto — disse lhe agarrando a mão e levando-a ao interior do templo. — O sinto muito, Anne. A experiência desta manhã me chateou muitíssimo. Mas estou contente de havê-lo feito. David estava feliz. E vai ser muito bom pintando a óleo.

Ela entrelaçou os dedos com os dele.

— Deve enfrentar a dor mais profunda, o último — disse — Não, não, é algo mais. Em realidade, acaba de enfrentá-lo. Mas o olhaste com desespero. Tem que haver esperança, Sydnam. Tem sua visão e seu talento artísticos, e está em você. Eles têm que ser suficientes para te impulsionar para frente, mesmo que não tenha nem o braço nem o olho direito.

Ele levantou suas mãos unidas e beijou o dorso da dela, logo a soltou. Tentou lhe sorrir.

— Ensinarei ao David. — disse — Serei um pai para ele em tudo o que possa. Cavalgarei com ele, farei...

— Deve pintar com ele. Deve pintar «você».

Mas embora tinha recuperado bastante a calma, ele seguia sentindo uma frieza e uma ferida em carne viva no centro de seu ser, nessas partes em que não se atreveu a entrar durante todos esses anos, desde sua volta da Península.

E de repente compreendeu algo com cegadora claridade, algo em que nem sequer estava pensando.

— E você deve ir a casa, Anne.

Desceu um tenso silêncio entre eles, só interrompido pelo ruído da chuva fora desse refúgio e o das agitadas águas do lago.

— A Ty Gwyn? —perguntou ela ao fim.

— A Gloucestershire.

— Não.

— Às vezes é necessário voltar atrás para poder seguir avançando. Ao menos acredito que deve fazer isso, por desagradável que seja pensá-lo. Acredito que os dois precisamos voltar atrás, Anne. Talvez se o fazemos, os dois, haverá esperança. Não consigo vê-lo em meu caso, mas devo tentá-lo.

Quando a olhou viu que ela o estava olhando fixamente, muito pálida e com a expressão inescrutável.

— Isso é o que desejas que faça — disse então.

— Mas... — Ela guardou silêncio um bom momento. — Não posso nem quero ir a casa, Sydnam. Isso não trocará nem solucionará nada. Está equivocado.

— Seja, pois — disse ele, lhe agarrando novamente a mão.

Continuaram sentados em silêncio, olhando a chuva.

Capítulo 19

Anne olhava os cavalos com bastante receio. Viam-se enormes e muito briosos, e pareciam encher o pátio do estábulo. Fazia tempo que não montava a cavalo, mas essa manhã o faria por uma boa causa. Olhou para o lugar onde estavam Sydnam e Kit fiscalizando enquanto montava David. Tendo conseguido montar bem, seu filho os olhou aos dois, com expressão triunfante e feliz, e logo olhou para onde estava ela.

— Me olhe, mamãe — gritou.

— Estou-te olhando.

Kit havia voltado a atenção a Lauren, para ajudá-la a montar. Depois subiu a Sophia e a sentou diante.

Sydnam já vinha aproximando-se dela a largas pernadas.

— Cavalgar não é algo que se esqueça - lhe assegurou, interpretando corretamente a expressão de seu rosto. Sorriu-lhe, com esse atrativo sorriso enviesado. — E Kit te escolheu uma boa égua.

— Quer dizer velha e coxa das quatro patas? — perguntou ela, esperançada.

Ele se pôs-se a rir.

— Apóia a bota em minha mão e estará montada rapidamente.

— Deixa que eu faça isso, Syd - se ofereceu Kit, caminhando para eles.

— Acreditei que te tinha tirado esse hábito faz anos - disse Sydnam, sem deixar de sorrir.

— De te infravalorizar? — perguntou Kit. — Adiante, então, alardeia ante sua mulher. Nos impressione a todos - acrescentou rindo.

Anne pôs o pé na mão do Sydnam e a sentiu tão sólida e firme como uma rocha. Um instante depois já estava instalada na cadeira de mulher, sorrindo, enquanto lhe arrumava a saia ao redor. Kit lhe tinha dado uma palmada no ombro e os dois se estavam rindo.

— Demonstraste-o — disse Kit — Ninguém necessita dois braços. O segundo sobra.

Só na tarde anterior Anne tinha estado afundada no mais profundo da tristeza, sentada em um extravagante templo de mármore junto ao lago observando a chuva, convencida de que tinha cometido um terrível engano ao casar-se com o Sydnam, convencida de que o que acabava de lhe dizer, tudo improvisado, sem sequer havê-lo pensado antes, tinha-o ferido incomensuravelmente, e convencida de que ele estava muito equivocado ao dizer que deviam que ela devia voltar atrás para poder seguir para frente. Ela sabia que a única oportunidade que se tem na vida é não parar de avançar, para frente.

Mas depois, quando deixou de chover, retornaram juntos à casa, seguindo o atalho entre as árvores molhadas e logo pelo comprido caminho de entrada, e quando entraram no vestíbulo se encontraram com o David, que imediatamente começou a lhes contar, fascinado, que tinha cavalgado sozinho, primeiro guiado com uma corda e depois sem nada, e tinham saído do prado e chegado até o limite do parque, onde se voltaram e s choveu antes que tivessem entrado no estábulo. «Deveria me haver visto, mamãe - exclamou. — Deveria me haver visto, senhor. O tio Kit diz que montei bem. “Isso o vi ontem», disse então Sydnam, lhe revolvendo o cabelo, e David o olhou sorrindo feliz.

E de repente se dissipou grande parte da tristeza.

E de repente, e sem nenhum verdadeiro motivo, pareceu-lhe que sim havia esperança.

Essa manhã iriam a Lindsey Hall a cavalo, a visitar o duque e a duquesa do Bewcastle. Quando falaram de seus planos na sala dos meninos depois do café da manhã, David lhes suplicou que o levassem, e logo reatou as súplicas, inclusive depois que lhe explicasse que todos os meninos com os que jogava em Glandwr tinham voltado para suas respectivas casas. «Mas estará James - lhe recordou ele. — Deixe ir, mamãe. Por favor, senhor?».

Então, logicamente, Andrew desejou ir também. E Sophia se abriu passo e se meteu no grupo e começou a sacudir as borlas das botas do Sydnam, para lhe chamar a atenção.

Sim, essa manhã, apesar de que passaram a noite cada um em seu lado da cama e ainda não se via solução a nenhum dos problemas entre eles, Anne se sentia a transbordar de esperanças. Novamente brilhava o sol em um céu espaçoso e se notava certo calor no ar.

O pony que montava Andrew ia amarrado ao cavalo do Kit por uma corda. O acordo era que o menino cavalgaria até onde pudesse e logo seu pai o montaria em sua cadeira, diante dele.

Os dois homens foram os últimos em montar.

Anne observou ao Sydnam, admirando novamente a potência dos músculos de suas pernas, e além seu equilíbrio, seu domínio sobre um cavalo que nem sequer era o dele. Uma vez que esteve bem sentado na cadeira ele agarrou as rédeas em sua mão.

— Jô! — exclamou David, admirado. — Como fez isso, senhor?

— São muito poucas as coisas que uma pessoa não pode fazer se tiver a vontade para fazê-lo. — disse Sydnam, sorrindo ao menino e olhando a Anne. — Em realidade, a gente não conduz ao cavalo com as mãos a não ser com as coxas. Ouviu quando o tio Kit te dizia isso anteontem.

— Então eu não sabia que você podia cavalgar — disse David — se o tivesse sabido você poderia me haver ensinado.

— Não poderia fazer meu trabalho em Glandwr se não pudesse cavalgar verdade? Mas agora que já sabe cavalgar poderá vir comigo sempre que quiser.

— Sim? — perguntou David, interessado.

— É obvio. É meu filho, não?

Os dois empreenderam a marcha lado a lado, detrás do Kit, Andrew e Lauren, e Anne pôs seus arreios ao outro lado da do David. Sydnam girou a cabeça e lhe sorriu, por detrás do David, e lhe correspondeu o sorriso. Havia verdadeiro carinho nessa comunicação sem palavras, pensou ela. Eram uma família.

Cavalgaram em passo muito tranqüilo todo o trajeto até Lindsey Hall, o que para a Anne foi um enorme alívio, mesmo que pensava que os homens tinham que encontrar fastidiosa essa lentidão. Quando já estavam quase a ponto de chegar, Lauren olhou para trás e gritou a Anne:

— Sempre agradeço ter ao Andrew conosco quando saímos a cavalgar. Assim há menos probabilidades de que Kit desafie a uma corrida.

As duas riram.

— Uma corrida? — atravessou Kit. — Deus nos ampare uma corrida com a Lauren significa pôr aos cavalos em um moderado trote. É para ficar a chorar, Syd, juro-lhe isso.

Mas logo a atenção da Anne se desviou para Lindsey Hall, pois já foram cavalgando por um caminho de entrada reto e bordeado de árvores, o mesmo caminho pelo que teve que passar Claudia o dia que demitiu-se de seu posto como governanta de lady Hallmere. A casa propriamente dita, elevada e muito estendida, era uma mescla de estilos arquitetônicos, testemunhos de sua antigüidade e dos intentos de duques anteriores de ampliá-la e melhorá-la. Era impressionante e assombrosamente bela. Diante se via um enorme jardim circular, ainda com coloridas flores apesar de estar já entrado o outono. No centro havia uma maciça fonte de pedra, embora os fornecedores não estavam funcionando; deviam havê-los fechado por estar tão perto o

inverno.

Uma vez que desmontaram no estábulo e entregaram os cavalos aos cuidados das moços, fizeram-nos passar à casa. Anne ficou virtualmente sem fôlego ao ver o esplendor medieval do vestíbulo ou sala grande, com sua galeria para trovadores decorada com complicadas figuras esculpidas, o enorme lar de pedra, as paredes caiadas cobertas de escudos e estandartes, e a imensa mesa de carvalho para banquetes que ocupava quase todo o espaço ao longo.

Mas não tiveram muito tempo para a contemplação. Só um ou dois minutos depois que o mordomo desaparecesse para anunciar sua chegada, apareceu a duquesa, caminhando muito depressa, com os dois braços abertos.

— Lauren, Kit — disse. — E Andrew e Sophie. Que maravilhoso prazer. E senhorita Jewell, é você. E David. E senhor Butler. OH, o que é isto? Digam-me isso. A duquesa baixou as mãos, e abaixou-se para abraçar David.

— Não senhorita Jewell, excelência — disse Sydnam — a não ser senhora Butler.

A duquesa juntou as mãos no peito e sorriu de orelha a orelha, olhando-os, a cada um. Mas antes que pudesse dizer algo mais, entrou o duque do Bewcastle, com as sobrancelhas arqueadas e seu monóculo na mão, a meio caminho para o olho.

— Ah, Wulfric — disse então a duquesa, quase correndo para ele e lhe agarrando o braço com as duas mãos — vieram Lauren e Kit com os meninos, e o senhor Butler se casou com a senhorita Jewell depois de tudo. Nós tínhamos razão e você estava equivocado, vê?

— Perdoa meu amor — disse sua excelência, fazendo uma ligeira vênia em direção a todos — mas devo protestar em minha defesa. Acredito que nunca disse que você, nem meus irmãos nem seus respectivos cônjuges estivessem equivocados. O que disse, se o recordar, é que a atividade de casamenteiros era pouco digna e desnecessária, quando as duas pessoas envoltas eram muito capazes de levar adiante seu romance. Parece-me, então, que eu tinha razão. Assim que te tomaste uns dias livres do trabalho para te casar, né, Sydnam? Minhas felicitações. Senhora? —voltou a inclinar a cabeça em direção a Anne.

— E vamos ter um bebê — disse David muito feliz.

A duquesa se cobriu a boca com as duas mãos, embora em cima delas lhe dançavam de risada os olhos. Kit e Lauren ficaram muito calados. O duque levantou seu monóculo até seu olho prateado e o dirigiu ao David.

— Ah, sim? — disse-lhe, em tom glacial. — Mas eu apostaria meu moço, que esse era um segredo de sua mamãe, que só ela podia dizer ou não dizer. Acredito que você não gostaria de nada se ela divulgasse algum de «seus» segredos.

A duquesa baixou as mãos e se aproximou de abraçar ao David.

— Mas é o segredo mais esplêndido do mundo — lhe disse — e pertence a toda sua família, não só a sua mamãe. Mas por que estamos aqui como se não houvesse uma sala onde podem jogar os meninos nem um salão com a lareira acesa para que outros tomem café? Minha mãe e Eleanor estão aqui e estarão encantadas de ter companhia.

Anne se sentia mais ou menos como se sentiu a sua chegada a Alvesley. Por que não lhe ocorreu falar com o David antes de vir? Olhou indecisa ao Sydnam, e ele a olhou e lhe piscou os olhos. O uva sem semente! Estava desfrutando com a situação!

A duquesa se agarrou de seu braço e a levou em direção à escada.

— Que feliz me sinto por você, senhora Butler — lhe disse. — Não é a sensação mais gloriosa do mundo descobrir que se está grávida? Nem Wulfric nem eu acreditávamos que poderíamos ter filhos, quando nos casamos. James é nosso milagre, o maroto. Teve a metade da noite em pé a sua babá com seu pranto, e esta manhã ficou imediatamente dormindo depois que lhe dava de mamar, quando eu queria brincar com ele.

Assim em Glandwr tinham falado de um possível romance entre ela e Sydnam, ia pensando Anne, todos os

Bedwyn. Tinham tentado fazer de casamenteiros.

Nem lhe tinha ocorrido.

Teria morrido de vergonha se o tivesse sabido.

Girou-se a olhar ao Sydnam e se surpreendeu intercambiando um sorriso com ele.

Ele sim saberia?

Importaria-lhe?

Teria desejado lhe fazer a corte, então? Quando lhe pediu que se casasse com ele em Ty Gwyn, disse-o a sério? Desejava que ela dissesse sim?

Significaria tudo no mundo para ela se ele o tivesse desejado.

Mas se o desejava, por que o disse dessa maneira?

«Se quiser, Anne, casaremo-nos.»

Mas ela haveria dito não de todas as maneiras, supôs. Tal como deveria haver dito não em Bath. Mas como poderia haver-se negado então?

Realmente ia chegar um bebê à família, e esse filho ou filha era muito mais importante que ela ou Sydnam.

Não ficaram muito tempo em Lindsey Hall, apesar de como os receberam bem. A duquesa não cabia em si de alegria. E até Bewcastle ficou no salão de amanhã a tomar o café com eles.

Chegaram de volta a casa a tempo para o almoço, e Sydnam pensou que por fim poderia fazer o que tinha decidido na tarde anterior. Quando disse a Anne no templo que os dois precisavam voltar atrás para poder avançar, não tinha idéia de como poderia aplicar isso a ele. Pensou que simplesmente significaria permitir-se olhar em retrospectiva, recordar o que o entusiasmava e gostava ao pintar nesse com isso relembrar o que era o que tentava captar com seu pincel. E isso seria doloroso, porque eram muitos anos que não se permitiu recordar.

Mas havia muito mais que lembranças.

Depois que deixou de chover e voltaram para a casa, totalmente em silêncio, ele disse uma coisa quando ia a sua frente pelo atalho do bosque e quebrou um ramo que molharia seu rosto quando ela passasse, tal como o molhou.

— Oxalá pudesse ver um de meus quadros. Mas foram todos destruídos.

— Ah, pois não os destruíram — disse ela, agarrando o ramo para que ele pudesse continuar caminhando. — Os puseram no apartamento de cobertura. Disse-me isso sua mãe:

Ele simplesmente se voltou e continuou caminhando sem dizer nada mais, e não voltou a dizer uma só mais o que falar. E quando chegaram à casa se convenceu de que já era muito tarde e não havia luz. E essa manhã lhe pareceu necessário fazer a visita a Lindsey Hall.

Mas tinha chegado o momento, e se agarraria a qualquer pretexto que lhe apresentasse para não fazer o que devia, pensou.

Anne estava sentada frente a ele na mesa, olhando a sua mãe e escutando o relato que esta fazia da primeira visita da duquesa a Alvesley, antes que a nenhum deles lhe tivesse passado pela mente que Bewcastle a estava cortejando.

— Todos tínhamos perdido a esperança de que Bewcastle se casasse, e Christine era tão diferente a qualquer mulher que poderia escolher para esposa, segundo o que imaginávamos, que nem em sonhos nos passou pela cabeça a idéia do que ocorreria. Mas embora ele continue sendo tão severo como sempre, acredito que está contente com ela.

— Ah, mais que contente mãe — disse Lauren — A adora.

— Eu acredito isso também — disse Anne — Uma noite, quando estava em Glandwr, os vi pela janela de meu dormitório caminhando para o escarpado do que se vê o mar abaixo. Foram juntos, ele com o braço sobre os ombros dela e ela lhe rodeando a cintura.

E então girou a cabeça para olhá-lo e lhe sorriu.

Quando terminou a refeição, saíram juntos do salão.

— Vou subir — disse ele.

— À sala de...? — de repente apareceu a compreensão em seus olhos — Não, não à sala dos meninos. Vai subir ao apartamento de cobertura, Sydnam?

— Sim, acredito que sim.

Ela o olhou com olhos escrutinadores, os dois detidos ao pé da escada.

— Prefere ir sozinho? Ou posso te acompanhar?

Ele não sabia se teria a coragem de ir sozinho, embora essa fosse sua intenção.

— Me acompanhe Por favor?

Deram as mãos e subiram juntos, com os dedos entrelaçados.

Em uma metade do apartamento de cobertura estavam as habitações dos criados. A outra, uma ala muita separada dessas habitações, usava-se para guardar trastes. Ele subia periodicamente aí quando era menino; os três, Jerome e Kit também. Mexiam em todos os arcas e caixas velhas e inventavam histórias e jogos com as coisas que encontravam. Era Jerome, por ser o maior, que com mais freqüência colocava a peruca de velha bruxa, a jaqueta com abas e o comprido colete bordado de um antepassado do século anterior. Mas foi ele que um dia os vestiu depois de borrar o rosto com pó e ruge, e as pálpebras com pó negro, que encontrou em uns potes velhos, e pegar-se provocadores manchas em diversas partes. Com muita dificuldade conseguiu caminhar pelo apartamento de cobertura com os sapatos de salto alto vermelho que encontraram junto com o traje, e a pequena espada oxidada pendurada a um flanco. Todos estiveram de acordo, depois de cair de rir, que os homens dessa época tinham que ter estado muito seguros de sua masculinidade para estar dispostos a vestir-se dessa maneira tão afeminada.

Mas esse dia ia até ali com uma finalidade mais triste.

Encontrou o que procurava na terceira habitação que avistou. Descobriu que este quarto estava dedicado a ele, e fugazmente pensou se haveria quartos similares dedicados ao Jerome e Kit.

Em um lado do pequeno quarto estava seu equipamento militar, e detrás da porta pendurava seu uniforme, desbotou-se o escarlate da casaca e se via mais bem rosada. Mas não prestou muita atenção a isso. Sentia o aroma de pinturas. Todos seus cavaletes e utensílios de pintura estavam muito bem ordenados. Nem sequer estavam cobertos de pó, o que o levou a conclusão de que de vez em quando limpavam esses quartos. Todas as coisas lhe pareciam impressionantemente conhecidas, como se tivesse entrado na vida de outra pessoa e descoberto com desconcerto que era a sua. Tudo lhe parecia muito longínquo no tempo.

Sem dar-se conta apertou a mão de Anne e ela fez um gesto de dor quase imperceptível. Olhou-a e soltou-lhe a mão.

— Não é fácil olhar o próprio passado, sobre tudo quando a gente acreditava que se apagaram todos os rastros.

— Não, não é fácil — conveio ela.

Olhou tudo sem tocar nada, inspirando lentamente os aromas de seu passado.

Estava terrivelmente consciente dos quadros emoldurados e os tecidos aproximados à parede do fundo, a pintura para a parede.

— Talvez seja melhor deixar tudo no passado - disse.

Ela fechou a porta e apoiou as costas nela, e ele viu que o vidro da janela também estava limpo e deixava

entrar muitíssima luz nesse dia ensolarado.

— Mas claro — disse então — atormentaria-me eternamente. Parece-me que ontem disse a verdade. E ao fim só são quadros.

Avançou, tocou o moldura de um dos quadros, titubeou, respirou fundo, agarrou-o, girou-o e o pôs apoiado no extremo da parede lateral.

Esse tinha sido o favorito de sua mãe; tinha-o pendurado em seu penteadeira. Representava a pequena ponte em arco que cruzava o riacho que corria ao pé dos jardins formais ao leste da casa; estavam pintados a ponte, a água e as árvores, cujos ramos penduravam sobre a água. Agarrou outro e o pôs ao lado do primeiro. Esse era da velha casinha do guarda-florestal situada no meio do bosque do sul da ponte; mostrava a madeira desgastada pela intempérie, o tão usado atalho que chegava até a porta, a brilhante e lisa pedra que formava a soleira da porta, as árvores que a rodeavam. Girou outro.

Quando terminou de girá-los todos, ordenou-os, deixando detrás os quadros com moldura, mais pesados, e os tecidos apoiados neles, de tal maneira que podia ver todos. Aí estava o templo de mármore, visto da outra margem do lago, e um dos barcos estava amarrado em meio dos juncos e cana; logo o caramanchão cercado por roseiras trepadoras, e outros numerosos temas, quase todos tirados do parque de Alvesley. Havia aquarelas e óleos.

Tinha perdido a noção do tempo, não sabia quanto tempo estava ali. Mas de repente caiu na conta de que Anne não se moveu de seu posto apoiada na porta e não havia dito nenhuma só palavra. Respirou profundamente e a olhou.

— Em realidade eram bastante bons - comentou.

Ela o olhava fixamente.

— Eram?

— Eu via a unidade essencial e unicidade das coisas. Via que essa ponte conectava o parque cuidado com o parque mais silvestre, mas que em realidade são um. Via que por cima da ponte caminham pessoas e por debaixo corre a água, essencial para todos. Via que esse barco do outro quadro levava pessoas remando, mas que isso só é uma parte de tudo, que não faz de maneira nenhuma superiores às pessoas. Via que essa velha cabana era parte do bosque e voltaria para ele quando as pessoas a derrubassem. As rosas estavam cultivadas com esmero, mas seu poder era mais forte que a mão que as plantou e as podava, e, entretanto essa mão era uma parte de tudo também, ao criar ordem e beleza a partir do selvagem, que é o que a natureza humana nos impulsiona a fazer. Estou tagarelando? Tem alguma lógica?

— Sim. E sei que essa era sua visão, Sydnam. Vejo-a em seus quadros. Vibram com algo que é maior que eles.

—Eram bastante bons, em realidade - disse ele, suspirando.

—Tornaste a dizer — disse ela — "Eram" bastante bons. Não são bons agora? Me pasmam. — tocou-se o coração. — Me tocam aqui.

— São a obra de um menino — disse ele. — O que me surpreende é que não são nem de perto tão bons como as lembranças.

— Sydnam... —disse ela, mas ele a silenciou levantando a mão.

— As pessoas mudam — disse. — Eu mudei. Já não sou esse menino. Não tinha compreendido isso sobre a visão artística. Considerava-a algo estático. Como foi o que me disse ontem? Algo a respeito de adaptar a visão?

Conseguiu recordar as palavras exatas: "Talvez te deixaste dominar pela visão em lugar de dobrá-la a sua vontade".

— Sim — disse ela — pensei que talvez se adaptaria se lhe desse a oportunidade.

— Referia a meu estado físico, mas vale também para a idade e o passar do tempo. Minha idade e minha

experiência teriam influenciado na visão.

— Como pintaria agora?

— Este menino — disse ele, indicando os quadros com um amplo movimento da mão — era um romântico. Pensava que era a beleza a que o unia tudo. E para ele era certo. A vida tinha sido bela para ele. Era muito jovem. Conhecia pouco da vida. Via a beleza, mas não sentia nenhuma verdadeira paixão. Como ia a sentir? Não a conhecia. Não se tinha encontrado com a força do contrário à beleza.

— Agora está desiludido, então?

Ele franziu o cenho.

— Desiludido? Não, isso não. Sei que existe um lado feio da vida, e não só da vida humana. Sei que nem tudo é simplesmente formoso. Não sou um romântico como este menino. Mas tampouco sou um desiludido. Há algo perdurável em todo ser vivo, Anne, algo robusto, resistente. Algo... Algo terrivelmente fraco, mas terrivelmente capitalista também. Deus, talvez, embora duvide usar essa palavra para me referir ao que mantém tudo unido, já que a mente imediatamente cria uma imagem de um ser sobre-humano. Isso não é o que quero dizer.

— O amor?

— O amor? — repetiu ele, carrancudo, pensativo.

— Lembro uma coisa que disse lady Rosthorn esse dia que estava no escarpado pintando com o David, quando você passou pelo atalho. Impressionou-me muitíssimo gravei isso na memória. Espera me deixe ver. — Fechou os olhos e pensou um momento. — Sim, disse: "O verdadeiro significado das coisas sempre é formoso porque é simplesmente amor".

— Simplesmente amor. Morgan disse isso? Terei que pensá-lo. Talvez tenha razão. Amor. Sim que é terrivelmente forte, verdade? Eu não teria saído vivo de todos esses dias na Península se não tivesse sido pelo amor. O ódio não me servia. De fato, quando me concentrava em meu ódio por meus torturantes, é quando pior estava. Assim pensava no Kit e no resto de minha família. E ao final, nas mães, mulheres e filhos dos homens que me faziam essas coisas. Temos o costume, parece-me, de acreditar que o amor é uma das emoções humanas mais débeis. Mas não é fraco absolutamente. Talvez é a força que discorre por tudo e une tudo. Simplesmente amor. Eu gosto.

— E o que vais fazer a respeito? —perguntou então ela.

Ele girou a cabeça para olhá-la.

— Decididamente não estou satisfeito com estas pinturas - disse. — Não posso deixar que sejam meu único legado artístico. Vou ter que voltar a pintar, suponho.

— Como?

Por um momento o atendeu o terror, e uma terrível frustração. Com o punho esquerdo e a boca?

"Talvez te deixaste dominar pela visão em lugar de dobrá-la a sua vontade."

— Com muitíssima força de vontade — respondeu, avançando para ela. Lhe aproximou até apoiar todo seu peso nela. — Não sei como. De algum jeito. Que destino te trouxe á minha vida, Anne?

— Não sei.

Ele viu que ela tinha os olhos cheios de lágrimas.

— Estava aí me esperando — disse — inclusive antes que me ocorresse tudo isto, e suas experiências lhe estavam preparando para ir a me resgatar. E antes que me ocorresse tudo isto eu estava preparando para ir a te resgatar. Me diga que tenho razão. Diga que podemos nos ajudar mutuamente.

Beijou-a brandamente na boca e deixou os lábios muito perto dos dela.

—Tem razão — disse ela. — Todas as nossas experiências na vida conduziram a este momento. Que estranho! Ontem Lauren disse algo muito similar.

Então ele a beijou com força.

Mas o maior dos milagres compreendeu, não era que ia voltar a pintar, por demente que parecesse a idéia, mas sim tinha conhecido a essa mulher, cujas experiências a tinham equipado para compreender seu sofrimento e para lhe dar a coragem para enfrentá-lo, em lugar de enterrá-lo e reprimi-lo, como tinha feito sem dar-se conta todos esses anos ao volta da Península. E as experiências dele o tinham equipado para compreender o sofrimento dela. Ah, devia encontrar uma maneira de ajudá-la a sanar. Queria Deus que a encontrasse.

— Desceremos a dar um passeio? — sugeriu. — O dia está precioso, a pesar do frio.

Abriu a porta, saiu com ela e depois de fechá-la entrelaçou os dedos com os seus. Deixava aí, atrás, seus quadros e a seu eu anterior com sua visão, ainda apoiados nas paredes, onde dançavam as bolinhas de pó, visíveis à luz do sol que entrava pela janela.

Curiosamente, agora que tinha decidido voltar a pintar, compreendia que a pintura nunca poderia ser a paixão única e substância absorvente de sua vida, como foi antes. Havia coisas muito mais importantes.

Estava sua mulher. Estava seu enteado. Estava o bebê ainda não nascido.

Sua família.

"Simplesmente amor."

Típico de Morgan pensar em uma frase como essa.

Capítulo 20

Ao dia seguinte o ar seguia levando um frio outonal, mas também um pouco do calor do sol. Anne levantou a vista ao céu, renunciando a fingir que estava lendo. Tinha levado um livro somente para que nem David nem Sydnam se sentissem inibidos por sua presença. Mas nenhum dos dois parecia estar informado sequer de que ela estivesse ali. Deixou o livro sobre a manta que tinha estendido sobre a erva para que absorvesse a umidade do rocio da noite, e se agarrou os braços ao redor dos joelhos por debaixo da abrigada capa que levava.

David e Sydnam estavam pintando.

Pintar a óleo ao ar livre não era a mais cômoda das atividades, pois eram necessárias muitas coisas. Mas David desejava pintar ali, e Sydnam também.

Compreendeu que tinha tido o nariz metido no livro porque lhe dava quase medo olhar ao Sydnam. Ele tinha instalado seu cavalete na margem norte do lago, mas a muita distância da casa. Esse era o lugar que tinha visto no dia anterior em um de seus quadros. Aí estavam os dois juncos e cana na água, e um velho barco de remos amarrado a um curta plataforma de madeira. No meio do lago havia uma ilhota, não muito longe.

O sol fazia brilhar a superfície da água, igual no quadro, mas esse dia corria uma brisa que a agitava formando pequenas ondas. No quadro se via a superfície Lisa como um cristal.

David tinha pedido ajuda várias vezes, e cada vez Sydnam a tinha devotado sem queixar-se por ter que interromper seu trabalho. Mas a maior parte do tempo, toda uma hora, tinha estado trabalhando laboriosamente em seu próprio tecido, com o pincel pego no punho esquerdo como uma adaga, e agarrando a ponta com a boca para afirmá-lo ao pintar.

Ela não via os resultados de onde estava sentada. Mas embora ao princípio tinha temido ver ou ouvir sinais ou sons de frustração, ou algo pior talvez, já começava a sentir a esperança de que não tinha cometido um engano tão terrível ao insistir a tentar algo que poderia lhe resultar impossível.

Tratou de relaxar-se, não iria transmitir ao Sydnam qualquer dúvida ou tensão que sentisse. Mas viu que ele se esqueceu de sua existência.

Ficou a pensar como iriam as coisas na escola. Pensou em Lila Walton; estaria se dando bemcom as suas aulas de geografia e matemática para ser professora permanente dos cursos das maiores? Mas é que ainda era muito jovem para isso. E Agnes Ryde, teria se adaptado à vida da escola e compreendido que pertencia a ela sem ter que brigar para ser aceita? Quem iria preparar e dirigir a peça de teatro do Natal? E Susanna, sentiria falta dela? E Claudia?

Ela sim sentia falta delas. Apoiou a testa nos joelhos, assaltada por uma intensa nostalgia do entorno, os aromas e o ambiente da escola. Sentiriam essa nostalgia todas as recém casadas, por felizes que fossem em seu matrimônio; sentiriam essa sensação de abandono ao começo, ao ter sido separadas de suas famílias?

Susanna e Claudia eram sua família.

“E precisa ir a casa, Anne."

"A Gloucestershire."

Sydnam se tinha atrevido a ter esperança, a voltar a sonhar. Estava pintando.

Mas não havia nenhuma similitude em suas situações.

Então viu que ele estava limpando seu pincel, a sua maneira difícil, mas eficiente com uma mão. Levantou-se e caminhou para ele, um pouco receosa. Mas ele a viu aproximar-se e, sem dizer uma palavra, fez-se a um lado para que ela pudesse ver seu tecido.

Era um quadro extraordinário, muito distinto a qualquer outro que tivesse visto em sua vida; nem sequer nos tecidos dele que estavam no apartamento de cobertura tinha visto isso. A pintura estava aplicada com pinceladas enérgicas e ousadas. Também se apreciava certa grosseria, cada pincelada era grossa e discernível das demais. Mas não eram esses defeitos os que captavam sua atenção, se é que os podia chamar defeitos. O que lhe saltava à vista era que a água do lago e os canas estavam vivos, toda luminosidade, energia e movimento, e possuíam uma beleza quase selvagem que ameaçava enrolando e destruir ao barco e a plataforma. E, entretanto estes possuíam alguma coisa que os fazia quase majestosos, uma flexibilidade e resistência que os sustentava aí como por direito próprio. A humanidade não tinha imposto seu domínio sobre a natureza; mas bem a água tinha permitido à humanidade formar parte dela, usar seu poder e compartilhar sua força e otimismo.

"Simplesmente amor.”

Ou talvez exagerava em sua interpretação de um tema que sem dúvida estava grosseiramente representado. Talvez simplesmente desejava ver sinais de grandeza.

Mas claro, os sinais estavam aí. Inclusive seus olhos não treinados as viam.

Era um quadro imbuído de visão e paixão.

Olhou-o ao rosto e não pôde deixar de notar o emplastro negro em seu olho direito, que não tinha. Tinha-lhe trocado a visão, tanto a interna como a externa. E ele tinha mudado já não era o menino cujos quadros viu no dia anterior. Depois ele tinha visto a fealdade, além da beleza, mas não se quebrou. E tinha aceitado a derrota com elegância, elevando-se por cima dela para transformá-la em triunfo.

Sorriu-lhe e pestanejou para limpar os olhos das lágrimas que lhe tinham acumulado.

— Sydnam.

— É bastante horrível — disse ele, mas o olho lhe brilhava de alegria e sua voz era forte.

— E o processo é como abrir caminho por uma espessa selva depois de anos de andar por um caminho bem trilhado. Mas forjarei um novo caminho. O próximo tecido será melhor, e o seguinte melhor ainda. E assim começa novamente a busca da esquiva perfeição.

Com isso ao menos ela podia identificar-se.

— Quando ensinava — disse — cada ano trocava algo do conteúdo e do método de minhas aulas, convencida de que essa vez seria o ano perfeito.

— Anne — disse ele, e se apagou um pouco o brilho em seu olho, ao contemplá-la com uma doce compreensão. — Minha queridíssima Anne, é muito que já me deste. E, entretanto eu te separei de tudo o que te era querido, com a exceção de seu filho. Como posso remediar isso?

Mas antes que ela pudesse protestar, David os chamou, e os dois se dirigiram para ele.

— O barco segue muito marrom, senhor - disse o menino, virtualmente desentendendo-se dela — e a água muito azul. Mas eu gosto que já não se vê tão plano.

— Mmm, entendo o que quer dizer - disse Sydnam. — Mas o fabuloso da pintura a óleo é que pode pintar em cima da pintura que já fez. Esse barco parece quase novo, verdade? Como pode envelhecê-lo para que fique tal como está no lago? Aah, mas vejo que a madeira está desgastada em alguns lugares, captaste isso com suas pinceladas. Muito bem.

— Deveria lhe acrescentar mais desta cor, senhor?

Anne voltou para a manta enquanto eles falavam, e abriu a pequena cesta com lanche que sua sogra lhes tinha aconselhado trazer. Havia pãezinhos com queijo e cenouras recém colhidas do pomar, uma brilhante maçã para cada um, uma garrafa de cidra e outra de limonada.

Depois que eles guardaram todos seus utensílios de pintura e deixaram secando os tecidos em seus cavaletes sentaram-se, e entre os três o comeram beberam tudo. Esse era um dia feliz para a Anne, porque sentia mais esperança que nunca de que uma vez que estivessem em casa em Ty Gwyn poderiam viver como família e inclusive esperar certa felicidade juntos. E estava a espera do bebê. Havia sentido tanta apreensão, e inclusive medo, em torno do descobrimento de que estava grávida, e logo ao que significava está-lo, que só agora podia pensar no imenso prazer de saber que voltaria a ser mãe. Desejava que esta vez fora uma menina, mesmo que seria igualmente maravilhoso se fosse outro menino. O mais importante era que o bebê nascesse vivo e são.

Claro que seguia existindo o principal problema de um matrimônio que ameaçava sendo de abstinência sexual.

E de repente, agarrando-a totalmente despreparada, quando menos o esperava e tinha todas as defesas baixas, viu-se enfrentando à crise que sabia que chegaria algum dia, mas para a qual ainda não se preparou: David começou a fazer perguntas.

— Você é meu padrasto, verdade, senhor? — perguntou, ajoelhado em um bordo da manta e olhando fixamente ao Sydnam.

— Sim — respondeu ele, detendo o movimento de levar a maçã à boca. — Estou casado com sua mãe, portanto é meu enteado.

— Mas não é meu verdadeiro pai. Ele morreu. Afogou-se.

— Não, não sou seu verdadeiro pai.

Então David olhou a ela.

— Como se chamava?

Ela fez uma lenta inspiração.

— chamava-se Albert Moore — respondeu, já sem conseguir convencer-se de que ainda era muito pequeno para lhe dizer a verdade.

— Então, por que não me chamo David Moore?

— Eu não estava casada com seu pai. Portanto te dei meu sobrenome.

— Mas teria se casado contigo se não tivesse morrido. —disse David, carrancudo.

Não podia lhe dizer uma mentira, pensou ela, embora ainda era muito pequeno para lhe dizer toda a

verdade.

— Mas morreu. — disse. — Eu sinto carinho.

Embora não o sentia no mais mínimo.

— O primo Joshua é Joshua Moore. É meu verdadeiro primo então?

— Albert era seu primo - explicou ela — portanto é uma espécie de teu primo.

Tio de segundo grau, em realidade.

— Daniel e Emily também são meus primos. —Desde segundo grau, sim - conveio ela.

— Mamãe — disse ele, olhando-a com olhos afligidos — O que outros parentes tenho? O senhor Butler tem ao tio Kit, a tia Lauren, Andrew, Sophie e Geoffrey, e à avó e ao avô, mas eu só tenho um parente, porque ele somente é meu padrasto. O que outros parentes tenho que sejam meus, meus?

A mão do Sydnam roçou a dela sobre a manta e Anne se deu conta de que esse não era um contato casual, embora ele a retirou em seguida. Depois ele se levantou e caminhou para a margem do lago e se deteve a uma distância em que ainda podia ouvir.

— Conhece lady Prudence da Cornualles - disse ela então ao David, lhe agarrando a mão e aproximando-o para que se sentasse a seu lado sobre a manta. — Está casada com o Ben Turner, o pescador. E lady Constance, que está casada com o senhor Saunders, o administrador de Penhallow. E talvez recorde lady Chastity, que vivia em Penhallow quando nós vivíamos em Lydmere, embora agora é lady Meecham e vive em outra parte com seu marido. Todas elas eram irmãs de seu pai. São suas tias.

David tinha aumentado os olhos, e estes se viam mais doídos ainda.

— Nunca me disseram isso. E você tampouco, nunca me havia contado.

— É que nunca estive casada com seu irmão, David. E quando for maior compreenderá que isso troca muito as coisas. Eu não queria abusar de sua amabilidade lhes impondo um parentesco. Mas Joshua me disse que as três desejam reconhecer o parentesco e te acolher como a seu sobrinho.

Não era certo que não tivesse querido impor um parentesco. Era ela a que nunca tinha querido reconhecer, nem sequer para si mesmo, que David tinha pai e que esse pai era Albert Moore. Embora já tinha chegado a compreender que o que desejava para ela não era necessariamente o que convinha e era bom para o David. Por horroroso que fora, Albert Moore foi seu pai.

—Tenho a alguém mais?

Anne decidiu não mencionar à marquesa de Hallmere viúva, a avó do David, que já não vivia na Cornualles e odiava a ela e, portanto, ao David, com verdadeiro encarniçamento. Um pouco abatida, levantou a vista e viu que Sydnam a estava olhando fixamente por cima do ombro.

Voltou a fazer uma inspiração profunda e expulsou lentamente o ar.

— Tem uma avó e um avô em Gloucestershire - disse. — Verdadeiros avós, meu pai e minha mãe. E tem uma tia, que se chama Sarah, e um tio, Matthew, que são meus irmãos.

Ele havia se tornado a pôr de joelhos e a estava olhando com os olhos como pratos.

— E primos?

— Isso não sei David. Faz muitos anos que não os vejo, nem soube nada deles.

Mas claro, havia outro tio. E algo sabia de sua família, mesmo que as cartas que lhe enviava sua mãe duas vezes ao ano sempre eram breves e tratavam de assuntos não relacionados com a família.

— por quê? — perguntou ele então.

— Suponho que porque sempre estive muito ocupada. Ou estiveram eles.

Ele continuou olhando-a, e ela soube o que ia dizer já antes que abrisse a boca para dizê-lo:

— Mas agora não está tão ocupada. Podemos ir vê-los agora, mamãe. Podemos. Meu padrasto nos levará. Podemos ir, verdade?

Anne se molhou os lábios ressecados. Não se atreveu a olhar ao Sydnam outra vez, embora meio percebia que ele se tornou a olhar o lago.

Deveria ter mentido.

Mas não, já era hora de que o menino soubesse tudo isso. Tinha direito, ou seja, a verdade.

— Talvez poderíamos ir algum dia...

— Quando?

— Talvez quando partirmos daqui. Mas talvez...

— Genial! — gritou ele, levantando-se de um salto — Ouviu isso, senhor? Tenho avó e avô de verdade, e vamos vê-los. Irei contar ao tio Kit e à tia Lauren. Vou agora mesmo.

— Será melhor que leve suas coisas de pintura — lhe disse Anne.

Ele correu para suas coisas, agarrou-as todas, cuidando de não manchar o tecido, e empreendeu o trote para a casa, sem esperar a ver se eles o seguiam.

Ela flexionou as pernas, rodeando-lhe com os braços e apoiou a testa nos joelhos.

Sydnam pensou se lhe teria falado ao David de sua família e aceito levá-lo ali se não lhe houvesse dito o que lhe disse faz duas tardes no templo.

Eles a tinham rechaçado. Não, tinham-na «perdoado», o qual era pior ainda. E nunca lhe tinham perguntado pelo David nem expresso o menor desejo de vê-lo.

Ele só podia imaginar-se como se sentia ela nesse momento. Mas sua decisão era irrevogável, sabia. David estava ansioso por ir.

— remaste alguma vez? — perguntou-lhe.

Ela levantou a cabeça e o olhou perplexa, com expressão de não entender.

— Eu sim, embora faça muitos anos — disse ele. — Acredito que agora poderia remar, mas o exercício seria um tanto contra prudente. Me ocorre que um remador com um só braço faria girar a barco em um círculo perpétuo e jamais chegaria a nenhuma parte. O qual se parece bastante à vida, suponho, se a gente escolhe olhá-la de um ponto de vista pessimista.

Sorriu-lhe. Gostava de ser capaz de rir de suas descapacidades.

— Sim remei — disse ela, olhando receosa por um lado dele de volta ao barco que ele e David tinham pintado fazia um momento. — Vivi uns quantos anos na Cornualles, à beira do mar. Mas faz muitíssimo tempo que não agarro um remo. E nunca fui muito boa para remar. Sempre afundava muito o remo, tratando de empurrar ao mar para movê-lo em lugar de fazer avançar a barco por ele.

— Uy, isso seria exaustivo.

— E impossível — conveio ela.

— Faz anos que não estive na ilhota - disse ele. — Gostaria de ir ali agora?

— Remando eu? — fez-se viseira com a mão, para calcular a distância, supôs ele. — Se tiver uma ou três horas de sobra.

— Mas sendo eu tão galante, como vou esperar que você reme sozinha? Minha idéia era formar uma equipe, você com o remo da direita e eu com o da esquerda.

— Mmm, uma receita para o desastre — disse ela.

— Sabe nadar?

— Sim.

— E eu sei flutuar e me mover um pouco, e me acerto para manter a cabeça por cima da água. Sobreviveríamos a uma imersão, que não o espero; confio em sua perícia e da minha para remar. Claro que se não te coragem...

Ela sorriu, emitiu uma risada e logo soltou uma gargalhada.

— Está louco. — disse.

— Culpado do que me acusa — disse ele, sorrindo também. — Mas a pergunta é: casei-me com uma louca?

— Que profundidade tem esse lago? — perguntou ela, fazendo viseira outra vez, com expressão duvidosa.

— Mais ou menos até suas sobrancelhas no ponto mais fundo.

— Minhas sobrancelhas levantadas?

— É uma covarde. Voltemos para a casa, então.

— Não vamos caber muito bem os dois sentados juntos nesse banco — disse ela, voltando a olhar o barco.

— Sim, caberemos, sempre que não te importe estar nos tocando. E te lembre que eu não tenho um braço direito que ocupe espaço. E você não é muito volumosa... Ainda.

Ela voltou o olhar para ele e se ruborizou.

— Sim, está louco. Venha, pois, façamo-lo.

E sim que era uma loucura a sugestão, pensou ele. Não tinha nenhum problema para reconhecê-lo. Fazia tempo tinha decidido o que era difícil, mas possível, como montar a cavalo, por exemplo, e o que era impossível. Remar entrava nessa segunda categoria. Mas pintar também entrava nessa categoria; nisso realidade estava no primeiro lugar de sua lista. Mas essa manhã tinha pintado. Nesses momentos se sentia capaz de algo. Sentia-se um verdadeiro Hércules.

A plataforma não estava tão firme como o recordava. Mas caminhou por ela com supremo cuidado e manteve firme o barco para que ela subisse, também com supremo cuidado e sem a ajuda dele, posto que seu único braço estava ocupado afirmando a embarcação. Ela se girou e se sentou no assento rindo, e pareceu aterrada quando se tornou atrás a capa para deixar-se livre os braços. Então subiu ele e ela se moveu para ficar mais pega a beirada para lhe fazer espaço, e com o movimento o barco se inclinou e sacudiu um pouco. Ela lançou um chiado e os dois puseram-se a rir.

Ela não se equivocou muito. Cabiam, mas muito apertados.

— Espero não ter esquecido-se de fazer minhas orações ontem à noite — disse ela, agarrando um dos remos para encaixá-lo na forquilha.

— Se você o esqueceu, eu não - disse ele, agarrando o outro remo. — As minhas valem para os dois.

Soltou as amarras e empurrou para dar impulso à embarcação e separá-la da plataforma.

Ela voltou a chiar e a rir.

Demoraram uma meia hora completa em chegar à ilhota. Mas, como a informou ele quando por fim tocaram a praia e saltaram para arrastar entre os dois o barco a terra firme, nesse tempo poderiam ter cruzado o Canal da Mancha de ida e volta, se os primeiros vinte minutos tivessem seguido uma linha reta em lugar de dar tantas voltas em círculo, cada um tratando de recordar a técnica, e logo, quando mais ou menos o conseguiram, se tivessem remado em harmonia.

Os dois riam tanto que quase não podiam falar.

— E como demônios... Vamos voltar? — perguntou ela.

— Não por terra, a não ser que queira caminhar pelo fundo do lago, Anne. Se o fizer, será melhor que mantenha as sobrancelhas muito altas, se não, vai molhar. Eu pretendo voltar remando.

Agarrou-lhe a mão e viu que tinha a palma vermelha, com os sulcos deixados pelo remo. A levou aos lábios.

— Se lhe sair bolhas não me perdoarei nunca - lhe disse.

— Umas poucas bolhas seriam um preço pequeno a pagar pela diversão de fazer isto. Quando foi a última vez que te divertiu assim, Sydnam? Assim, quero dizer, em uma diversão tão tola e louca como esta.

Ele o pensou e não conseguiu recordar nada.

— Faz uma eternidade — disse.

— Eu, pelo menos faz o mesmo.

— Sim que foi divertido isto, mas talvez seja melhor que nos reservemos o julgamento final até que estejamos com os pés firmes na outra margem. Vêem, vamos ver o outro lado.

Era uma ilhota artificial diminuta. Mas ele sempre tinha preferido o outro lado, que dava a uma parte do lago excelente para banhar-se e nadar, e dava as costas à casa, que, pelo resto, não se via daí. A margem coberta de erva baixava gradualmente para a água e no verão estava cheia de flores silvestres. Ainda se viam flores das variedades mais resistentes. Com seus irmãos estavam acostumados a banhar-se aí nus, e nunca os pilharam.

— está maravilhosamente bem aqui - disse ela, já sentada e contemplando a água.

— Deveríamos ter trazido a manta.

— A erva está seca — disse ela passando a mão pela erva. — E este lugar está protegido da brisa. Quase faz calor.

Ele se sentou a seu lado e se estendeu de costas, olhando o céu.

— Sydnam — disse ela passados uns minutos, inclinando-se sobre ele para olhá-lo ao rosto — levar-nos?

— A Gloucestershire? É obvio. Sabe que sim.

Ela o olhou em silêncio um momento.

— Suponho que deveria te contar o que ocorreu - disse ao fim.

— Sim, acredito que conviria.

Levantou a mão e lhe acariciou a bochecha com o dorso.

— te deite aqui — lhe disse, estendendo o braço para que ela apoiasse a cabeça.

Quando ela se deitou, depois de tirar o chapéu, rodeou-a com o braço e a atraiu mais para ele para que apoiasse a cabeça em seu ombro.

— Acredito que conviria que me dissesse-repetiu ele.

— Eu ia casar com o Henry Arnold — começou ela — mas os dois éramos muito jovens, muito jovens para nos casar. Meu pai estava com dificuldades financeiras, assim que me ofereci a me empregar como governanta por um par de anos. Fui a Cornualles e durante um tempo acreditei que me ia romper o coração. Conhecia o Henry de toda a vida e sentia falta dele mais que a minha família. Não estávamos comprometidos oficialmente, mas todos sabiam que tínhamos um entendimento. Todos estavam felizes com isso, tanto sua família como a minha.

E ele a abandonou, pensou Sydnam, e esperou a parte mais dolorosa da história.

— E então, pouco depois de voltar de uma visita que fiz à casa, durante a qual celebramos os vinte aniversários do Henry, vi-me obrigada a escrever para lhes dizer... O que me tinha ocorrido. Escrevi ao Henry também.

E o canalha a rechaçou.

— Minha mãe me respondeu. Dizia-me que me perdoavam e que depois podia voltar para casa se queria. Eu supus que queria dizer depois que nascesse o bebê, mas que seria melhor se não voltasse.

Sydnam fechou o olho e lhe passou os dedos pelo cabelo. Como pôde uma mãe não acudir correndo a seu lado em um momento assim? Como pôde um pai não precipitar-se a arrumar contas canalha que a violou e desonrou?

— Henry não me escreveu.

Não, claro, como ia escrever lhe.

— E logo, só três semanas depois de sua primeira carta, minha mãe voltou a me escrever para me anunciar que Sarah, minha irmã mais nova, acabava de casar-se com o Henry Arnold. Um mês depois do dia que deveu

chegar minha carta. Justo o tempo para ler as admoestações. Voltava a acrescentar que talvez seria melhor se não fora a casa, e eu supus que queria dizer nunca mais.

Sydnam deixou a mão imóvel sobre seu cabelo.

— Eu não sabia quantos golpes mais poderia suportar-continuou ela, com a voz mais aguda.

— Primeiro Albert. Logo descobrir que estava grávida. Logo ficar na rua, porque a marquesa de Hallmere, a mãe do Albert, despediu-me. E finalmente a traição do Henry e de minha irmã. Não pode imaginar quão terrível foi isso, Sydnam. Eu amava ao Henry com todo meu jovem coração. E Sarah era minha queridíssima irmã. Contávamos tudo, confiávamos todos nossos desejos e sonhos. Ela sabia o que eu sentia por ele.

Ocultou o rosto em seu ombro. Ele girou a cabeça para lhe beijar o cocuruto e viu que estava chorando. Manteve-a abraçada, tal como fez ela com ele só fazia dois dias. Não tentou lhe falar. O que podia lhe dizer?

Finalmente ela deixou de estremecer-se pelos soluços e ficou quieta e calada.

— Você estranha que não tenha ido alguma vez a casa? —perguntou-lhe passado um momento.

— Não.

— Minha mãe me escreve no Natal e para meu aniversário. Nunca diz nada muito importante, e jamais, nenhuma só vez, mencionou ao David, mesmo que sempre que lhe respondo-lhe conto tudo dele.

— Mas te escreve.

— Sim.

— Sabe o que faria eu se Albert Moore seguisse vivo? Buscaria-o até encontrá-lo e o esquartejaria, arrancaria-lhe membro por membro, com minha única mão.

Ela quase se afogou de risada.

— Sim? Sim, faria-o? Quase lhe teria lástima. Quase.

Estiveram um momento em silêncio.

— O que nunca fui capaz de contemplar com tranqüilidade, é a realidade de que David é seu filho. Inclusive se parece com ele. Me esforço muitíssimo em não ver o parecido que é. Nem sequer sabia que ia reconhecer o parecido em voz alta até que me saíram as palavras. Parece-lhe.

— Mas David não é Albert — lhe disse ele. — Eu não sou meu pai, Anne, e você não é sua mãe. Somos pessoas distintas, ainda se pela herança haja certo parecido físico. David é David. Ele não é você tampouco.

Ela exalou um suspiro.

— Como morreu Albert Moore? —perguntou ele, então. — Além de que se afogou, quero dizer.

Ouviu-a fazer uma inspiração áspera.

— Ah. Eu já estava vivendo na aldeia, grávida. Uma tarde, já quase ao anoitecer, foi ver-me lady Chastity, a irmã do Albert, a me dizer que Albert e Joshua se foi ao mar em uma barco de pesca. Ao parecer Joshua queria desafiá-lo pelo ocorrido. Lady Chastity me disse que ia à enseada a esperar que voltassem. Inteirou-se da verdade, pelo Prudence, suponho. Levava uma arma. Eu a acompanhei.

— Morreu de um disparo?

— Não. Quando apareceu a barco, Joshua vinha remando e Albert nadando a um lado do barco. Parece que saltou à água quando Joshua o ameaçou. Quando Joshua viu que Albert já podia vadear até a borda sem risco, voltou-se no barco, sem nos haver visto. Mas então lady Chastity levantou a arma e lhe disse que não o deixaria sair a terra enquanto ele não prometesse que ia confessar tudo a seu pai e partiria da casa para sempre. Ele riu dela e se afastou nadando. Essa noite o mar estava tormentoso. Não voltou. Aos poucos dias encontraram seu cadáver.

— Ah — disse Sydnam.

Ao parecer, às vezes se faz justiça, pensou.

Estiveram outro momento em silêncio.

— Esquartejarei ao Henry Arnold se quiser — disse ele ao fim. — Quer?

Ela riu em voz baixa e lhe pôs uma mão na bochecha, a do lado prejudicado.

— Ah, não. Não, Sydnam. Faz muito tempo que deixei de odiá-lo.

— E também deixou de amá-lo? —perguntou ele, em voz baixa.

Ela apartou a cabeça para olhá-lo.

— Sim, sim. E agora me alegra que não tenha tido a coragem para continuar comigo. Se o tivesse tido, não estaria com você.

— E isso seria mau?

— Sim - respondeu ela, lhe acariciando brandamente a bochecha. — Sim, muito mau.

E dizendo isso ficou mais de lado para beijá-lo nos lábios. E ele sentiu uma muito inoportuna ereção.

— É difícil entender — disse ela então — que se não nos tivessem ocorrido todas as coisas más que nos ocorreram na vida, não nos teríamos conhecido. Não estaríamos aqui agora. Mas é certo, verdade?

— Muito certo.

— E valeu a pena? Passar por tudo o que passamos para poder estar juntos agora assim?

Ele já não podia imaginar-se sua vida sem a Anne.

— Há valido - disse.

— Sim, sim. — Olhou-o ao rosto. — Faça- me o amor.

Ele a olhou e ela se passou a língua pelos lábios.

— Está ensolarado e luminoso este lugar — disse. — O sinto... Limpo. Desejo voltar a me sentir limpa. Acredito que nestes dez anos não me hei sentido totalmente limpa. É isso idiota? Sinto-me muito... Suja.

— Chhs, Anne. — ficou de lado para posar a boca na dela. — Não te provoque pena e pranto outra vez.

— Me faça o amor - repetiu ela. — Faça- me sentir limpa outra vez. Limpe-me, por favor.

— Anne, meu amor querido.

— Mas talvez você não o deseje. Fui...

Ele a silenciou com um beijo.

Nem sequer sabia isso de si mesmo, pensou Anne, que se sentia suja. Tudo o tinha esmagado e enterrado, abandonando-o cruelmente em seu interior: a dor, o asco, a fealdade, a injustiça, o sofrimento, tudo, pondo-o debaixo da necessidade de continuar vivendo, de manter a dignidade e a integridade, de ganhar a vida, de criar um filho.

Nunca tinha falado de nada disso, até esse momento. Nunca se tinha permitido nem pensá-lo sequer. Tinha negado oculto, seu sofrimento. Nunca tinha chorado, até esse momento.

Mas o pranto lhe tinha aliviado a dor, tinha-lhe permitido deixar tudo atrás, no passado, ao Albert Moore, ao Henry Arnold, a Sarah, a seus pais, tudo.

E assim tinha ficado ela, Anne, a que tinha sobrevivido a tudo isso e encontrado consolo em outra alma solitária, em um homem ao que a vida lhe tinha dado um tombo, como a ela, por circunstâncias que escapavam a seu controle. E ele estava aqui com ela nesse momento: Sydnam Butler, seu marido, seu amante.

Estavam nesse maravilhoso lugar, somente os dois, rodeados por quietude e beleza natural.

Tudo era perfeito, exceto essa sensação de estar suja deteriorada.

Mas seguro que a limpeza, a paz e a sorte estavam por fim a seu alcance. Estavam contidas no poder e a energia do amor. Tinha aberto os braços ao Sydnam com um amor que superava todo sentimento puramente romântico, e sabia que já poderia receber amor também, que por fim, ah, sim, seguro, era digna de ser amada.

Mesmo que ele não pudesse lhe dar o tipo de amor com que toda mulher sonha...

Isso não importava.

Ele era Sydnam e poderia...

— me limpe-repetiu em um sussurro, com a boca pega a dele.

Ele se incorporou e não demorou a ficar ao outro lado dela, de lado também. Com a cabeça inclinada sobre a dela, e sem deixar de olhá-la, levantou-lhe as saias, desabotoou-se a braguilha e com sua formosa e cálida mão de dedos largos lhe acariciou o abdômen, o quadril e logo a deslizou para baixo, até o interior de suas coxas. Olhava-lhe o rosto, tão formosa apesar das queimaduras e cicatrizes; não, devido a elas, devido à pessoa em que o converteram essas cicatrizes. Detrás de sua cabeça e tudo ao redor, estava o céu azul e cheio de sol.

Tocou-lhe esse lugar molhado da virilha.

— Está preparada, Anne?

— Sim.

Levantou-lhe a perna, pô-la sobre seu quadril, adaptou a posição e a penetrou lentamente, todo o tempo com a cabeça sobre a dela, olhando-a aos olhos.

E foi delicioso. E era Sydnam o que estava dentro dela. Apertou os músculos interiores ao redor de seu membro, entrando-o mais e mais, e lhe sorriu.

— Sim - repetiu.

Talvez, pensou então por um fugaz instante, ele não a teria elegido por companheira de sua vida se tivesse tido livre eleição, mas de todos os modos era um homem amoroso, tenro, compassivo.

Fez-lhe o amor lentamente, penetrando-a até o fundo e retirando-se, com movimentos rítmicos, e sem deixar de olhá-la aos olhos. Ela teve que morder o lábio para não gritar ao sentir as espirais de intenso prazer e maravilha que subiam por seu ventre, irradiando para todo seu ser, enchendo-a toda de calor e luz, até que por fim não ficou nela espaço para a fealdade nem para o ódio nem a amargura.

Somente amor.

Simplesmente amor.

Ele a beijou ao ejacular dentro dela e ela sentiu fluir algo para ele para recebê-lo.

Esse era sem dúvida o momento mais glorioso de toda sua vida. Cheirava a erva e água, luz de sol e sexo.

— Anne - murmurou ele. — É muito formosa, muito formoso.

— E limpa - acrescentou ela sorrindo dormitada, enquanto ele se retirava de seu interior. — Limpa outra vez. E inteira outra vez. Obrigado.

Ele seguia com os lábios sobre os dela quando ficou dormida.

Capítulo 21

Partiram-se? Já?

A duquesa do Bewcastle se sentou em uma poltrona do salão e alargou as mãos para o fogo do lar para esquentar — partiram esta manhã — disse Lauren. — É uma pena que não tenha alcançado a vê-los.

— Estarão pensando que sou muito grosseira — disse a duquesa sorrindo à condessa e a Lauren — como se só tivesse vindo a ver o senhor e a senhora Butler, quando em realidade vim também a ver vocês. Mas é uma desilusão me encontrar com que já não estão, tenho que confessar Lauren. Teve-me preocupada que não tenham tido umas bodas como é devido.

— Também nos chateou isso, Christine — disse a condessa. — Mas tinham muita pressa por casar-se por

que... Bom, porque estavam muito apaixonados, suponho.

À duquesa lhe formaram as covinhas nas bochechas.

— Sim, David já nos disse isso tudo. E o pobre pirralho teve que agüentar toda a força do monóculo do Wulfric por causa disso.

As três damas se desataram de risada.

— Sydnam tornou a pintar — comentou Lauren, inclinando-se para ela em sua poltrona — com a mão esquerda, ajudando-se com a boca. E o quadro que nos mostrou é maravilhoso, verdade, mãe? Embora ele declarou que era absolutamente horrível. Mas o disse sorrindo, e estava claro que se sentia muito feliz consigo mesmo, e resolvido a continuar tentando-o. Pai teve que sair a toda pressa do salão, mas todos o ouvimos soar o nariz muito forte ao outro lado da porta.

— Ooh, que contente vai se pôr Wulfric — exclamou a duquesa juntando as mãos no peito — ao saber que o senhor Butler tornou a pintar, quero dizer. E Morgan também. Tenho que lhe escrever.

— E parece que tudo foi obra da Anne — disse a condessa. — Temos que te agradecer Christine, por havê-la convidado a Glandwr a passar o verão e dado assim ao Sydnam a oportunidade de conhecê-la.

— Mas foi Freyja a que a convidou — explicou a duquesa. — Joshua e o pai do David eram primos, sabem? E Joshua quer muitíssimo ao menino. Mas me atribuirei o mérito, se insistirem. Ao fim e ao cabo, se eu não tivesse decidido ir a Gales com o Wulfric depois do batismo do James, não teriam ido os outros tampouco, verdade? E não teriam convidado a Anne.

— Tomamos-lhe muitíssimo carinho — disse Lauren.

— Todos nos esforçamos muitíssimo em reuni-los durante o verão — disse a duquesa. — Bom todos menos Wulfric e Aidan, que têm a peculiar e muito masculina idéia de que o verdadeiro amor não necessita de nenhuma mão que o ajude. — As três voltaram a rir. — Mas oxalá se ficaram aqui uns quantos dias mais — acrescentou.

— Agora vão de caminho a Gloucestershire — explicou a condessa — a visitar a família da Anne.

— Ah, sim? — disse a duquesa, muito interessada. — Joshua nos contou que estava distanciada de sua família. Eu encontro que é muito triste estar distanciada da própria família. Sei por experiência, embora em meu caso foi com parentes políticos, parentes políticos por meu primeiro matrimônio.

— Imaginamos que foi Sydnam o que a convenceu de ir a casa — disse Lauren.

— Aah — suspirou a duquesa reclinando-se na poltrona, pois já lhe tinham esquentado as mãos.

— Ou seja, que está resultando um bom matrimônio, verdade? Mas, mesmo assim, não tiveram umas bodas como deve ser. Quando lhe expus o tema ao Wulfric ontem à noite, insistiu em que o mais seguro é que ao senhor Butler lhe chateie que lhe façam festas e alvoroço, mas ao final cedeu, e aceitou que eu lhes organizasse uma grandiosa festa de bodas. Vinha a lhes consultar. Mas cheguei muito tarde, já não estão. O que chato!

— Ah, que maravilhoso teria sido! — exclamou Lauren. — Oxalá me tivesse ocorrido.

A duquesa exalou um comprido suspiro.

— Wulfric vai se pôr todo presunçoso quando chegar a casa e lhe diga que já partiram.

— Era uma idéia excelente, Christine — disse a condessa.

— Bom — disse a duquesa — está visto que não se pode celebrar uma grande festa de bodas em Lindsey Hall em quatro dias. Mas isso não me desanima. Ao fim e ao cabo, quantas pessoas poderiam haver-se reunido aqui em tão pouco tempo? Talvez não era o melhor dos planos.

— Tem outro? — perguntou Lauren.

A duquesa pôs-se a rir.

—"Sempre" tenho outro plano. Parece-lhes que o pensemos, contribuindo com idéias as três?

O senhor Jewell e sua mulher viviam em uma casa quadrada de dimensões modestas nos subúrbios do povo de Wyckel, de Gloucestershire, lugar muito pitoresco dessa região.

Quando depois de atravessar o povo, o carro virou para passar por uma porta flanqueada por duas colunas de pedra e entrou em um pátio empedrado não muito grande, em direção à porta principal da casa, Sydnam calculou que deviam estar a não mais de vinte e cinco ou trinta milhas de Bath.

A essa distância tinha estado Anne de seus pais todos esses anos.

Ela estava muito elegante com seu capuz cor vermelha e chapéu a jogo com fitas cor laranja torrado. Estava bastante pálida também. Sua mão enluvada estava na dele; esse dia ele ia sentado ao lado dela, e David ia ao assento de frente, dando as costas aos cavalos. Nesse momento o menino estava com o nariz pego ao vidro do guichê, a ponto de estalar de excitação.

Sydnam sorriu a Anne e levou sua mão aos lábios. Correspondeu-lhe o sorriso, mas ele notou que até os lábios os deixava quase brancos.

— Alegra-me lhes haver escrito anunciando que vínhamos — disse ela.

— A porta estava aberta, ao menos.

Como se sentiriam ela e David se negassem a recebê-los? Pensou. Mas seguia acreditando que faziam o correto ao vir. Quatro dias atrás, na ilhota de Alvesley, Anne tinha enfrentado o principal negrume de sua vida, e desde esse momento parecia que a luz do sol tivesse entrado nela. Faziam amor cada noite e ele estava seguro de que ela havia sentido tanto prazer como ele.

Mas esse dia não brilhava o sol, logicamente, nem fora do carro nem dentro dela.

— Aqui é onde vivem meus avós? — perguntou David; uma pergunta desnecessária.

— Sim, nesta casa me criei-respondeu Anne, no momento em que o chofer abria a portinhola e baixava os degraus.

Disse isso com voz tranqüila e agradável, mas seu rosto parecia um papel.

Abriu-se a porta da casa antes que alguém golpeasse, e apareceu uma criada, talvez a ama de chaves, que fez uma ligeira reverência ao Sydnam, que já tinha baixado e estava colocado com seu lado bom para ela.

— Bom dia, senhor — disse. — Senhora.

Olhou a Anne, que nesse momento ia descendo do carro, com a mão apoiada na dele.

No instante em que ele foi abrir a boca para lhe responder, a criada se fez a um lado e apareceram uma dama e um cavalheiro de idade amadurecida e saíram ao pátio. Detrás deles saíram outros dois casais jovens. Então apareceu um grupo de meninos na porta, que ficaram aí olhando com curiosidade.

Ah, pensou Sydnam, tinham reunido ao rebanho para receber à ovelha perdida, né? Talvez caso que se eram muitos não haveria perigo?

Sentiu que a mão da Anne ficava rígida na dele.

— Anne — disse a senhora maior, avançando um passo.

— OH, Anne, é você.

Sydnam supôs que era a senhora Jewell. Era gordinha, de agradável aparência, pulcramente vestida e com o cabelo grisalho coberto por uma touca com encaixes.

A senhora avançou outro passo, com os braços abertos.

Anne não se moveu. Continuou com a mão na do Sydnam e com a outra agarrou a do David. Este já tinha baixado os degraus e ficou a seu lado, com os olhos aumentados pelo interesse e entusiasmo.

— Sim, sou eu — disse Anne, em tom frio.

Sua mãe se deteve em seco e baixou os braços aos flancos.

— vieste a casa — disse — e nos reunimos todos aqui para te receber.

Anne olhou além de seus pais, aos dois casais jovens, e logo para a porta, e os meninos saíram

virtualmente de um salto.

— passamos por aqui quando íamos de caminho a nossa casa — disse então, acentuando ligeiramente as últimas palavras. — Trouxe o David para que lhes conheça. Meu filho. E Sydnam Butler, meu marido.

A senhora Jewell tinha estado quase devorando ao David com os olhos, mas então olhou amavelmente ao Sydnam, que já se pôs totalmente de cara a eles. O espanto que sentiu ao vê-lo foi bastante visível. Entre os outros se produziu uma espécie de rigidez coletiva. Alguns dos meninos desapareceram no interior da casa. Uns poucos mais ousados ficaram olhando-o boquiabertos.

Só uns meses atrás ele poderia haver-se sentido apurado, sobre tudo pela reação dos meninos. Tinha passado anos virtualmente escondido em um lugar onde sabia que o conheciam e aceitavam, e onde estranha vez eram desconhecidos. Mas já não lhe importava. Anne o aceitava tal como era. Mais importante talvez, ele se tinha aceitado tal como era, por fim, com todas suas limitações e todas as estimulantes provocações que estas lhe ofereciam.

Além disso, nesse momento, o verdadeiramente importante não era ele. Tratava-se da Anne.

— Senhor Butler — disse a senhora Jewell, fazendo sua reverência, que ele correspondeu inclinando a cabeça, e se voltou para os outros para fazer as apresentações.

Reunidos eram: o senhor Jewell; o filho, senhor Matthew, e Susan, sua esposa; a filha Sara Arnold, e o marido desta, o senhor Henry Arnold.

Sydnam deteve o olhar neste último cavalheiro e viu um homem de estatura média, de agradável aparência e cabelo loiro, já bastante escasso por sua incipiente calvície. Quanto à aparência, não tinha traços de herói nem de vilão. Olharam-se só um instante, embora medindo-se mutuamente, e Sydnam teve a satisfação de ver que Arnold compreendeu que ele sabia.

Houve vênias, reverências e saudações, e muitíssimo desconforto, já que Anne se limitou a inclinar a cabeça para cada um, como se todos fossem desconhecidos aos que via pela primeira vez.

Mas a senhora Jewell voltou sua atenção ao David.

— David — disse, comendo-lhe com os olhos outra vez, embora não se moveu de onde estava.

— É minha avó? — perguntou David, revelando entusiasmo em seus olhos e voz.

Ao parecer não percebia a tensão e desconforto na atmosfera, que afetava a todos os adultos. Logo olhou ao senhor Jewell, um cavalheiro alto e magro, de cabelo grisalho e porte severo.

— É meu avô?

O senhor Jewell se agarrou as mãos às costas.

— Sim — disse.

— Minha verdadeiros avó e avô — disse David, soltando-se da mão da Anne e olhando ao um e ao outro. — Tenho novos avós em Alvesley, e eu gosto muitíssimo. Mas são a mamãe e o papai de meu padrasto, portanto são meu avólastra e meu avôlastro. Mas vós são meus verdadeiros avós.

— David — disse a senhora Jewell, que se havia coberto a boca com uma mão e parecia estar rindo e chorando de uma vez. — Ah, sim que somos seus verdadeiros avós, sim. E eles são seus tios e tias, e esses meninos, aos que lhes ordenou que não saíssem ao pátio, são seus primos. Venha, entremos, para que os conheça. E seguro que tem fome.

— Primos? — disse David, olhando ansioso para a porta.

— Que grande está já — disse ela. — E nove anos.

— Vou para dez.

Anne continuou onde estava como se estivesse esculpida em mármore. Sua mão seguia rígida e imóvel na do Sydnam.

— Bom, Anne, Butler — disse repentinamente o senhor Jewell — devem entrar na casa a lhes esquentar

junto ao lar.

— É à hora do chá, Anne — disse seu irmão Matthew. — Estávamos esperando, com a esperança de que chegassem logo.

— Alegra-me muitíssimo te conhecer por fim, Anne — disse sua mulher — e a seu marido.

— Anne — disse sua irmã Sarah em voz baixa e se agarrou do braço de seu marido para entrar na casa.

Mas não era provável que Anne a ouvisse, pois não estava olhando para eles.

Não era um recebimento alegre, pensou Sydnam, levando a Anne em direção à porta aberta. Mas tampouco era uma má acolhida. Todos seus familiares tinham aceitado a provocação de voltar a vê-la, e possivelmente não todos viviam perto. Mas tinham vindo, embora fora a contra gosto, porque se esperava a Anne.

Nesse fato havia esperança, em realidade.

Agarrou a mão da Anne em seu firme punho.

A casa lhe resultava desconcertantemente conhecida, estava pensando Anne; essa era a casa onde cresceu e foi feliz. E, entretanto estava sentada com as costas muito reta e rígida no salão que dava ao pátio, como uma desconhecida.

Seu pai tinha envelhecido, via-se muito maior. Tinha já todo o cabelo muito grisalho, e os sulcos que lhe desciam do nariz lhe rodeando as comissuras da boca eram mais pronunciados e lhe davam uma aparência mais austera que nunca.

Encontrava-o dolorosamente conhecido, mas era um desconhecido.

Sua mãe tinha engordado. E tinha encanecido também. Tinha os olhos brilhantes, parecia nervosa. Ela era a mulher que fora sempre sua rocha de segurança durante sua infância e primeira juventude. Agora era uma desconhecida.

Matthew tinha perdido seu aspecto de menino, embora seguia magro e tinha todo seu cabelo. Cinco anos atrás o tinham renomado pároco de uma igreja que estava a cinco milhas de distância dali; acabava de explicar-lhe Sua mulher, Susan, era bonita e loira, e parecia empenhada em conversar como se essa fora uma reunião social comum. Tinham dois filhos: Amanda, de sete anos, e Michael, de cinco.

Desconhecidos.

Sarah tinha engordado também, e Henry estava ficando calvo. Tinham quatro filhos: Charles, de nove, Jeremy, de sete, Louisa, de quatro, e Penelope, de dois.

Charles, nove anos.

David estava com os meninos, seus primos, em outro lugar da casa. O mais seguro era que estivesse feliz por estar com eles e pelo parentesco. Ao parecer jamais se cansava de estar com outros meninos, especialmente com primos. Entretanto, até fazia muito pouco tempo, em sua vida não tinha havido nem meninos nem primos.

Bebia seu chá sem saboreá-lo, contentando-se deixando a conversação a sua mãe, Sydnam, Matthew e Susan.

Não se tinha esperado essa espécie de recepção. Imaginou-se que seus pais estariam sozinhos. Imaginou-se que Matthew, sendo padre, não se dignaria a recebê-la. Imaginou-se que Sarah e Henry se manteriam afastados e não apareceriam pela casa até muito depois que ela partisse. Ainda não tinha decidido se tentaria obrigá-los a enfrentar-se com ela.

Até esse momento nenhum dos dois havia dito nenhuma só palavra.

Mas tampouco ela havia dito nenhuma só palavra, além de murmurar “Obrigado’ cada vez que alguém lhe oferecia chá ou algo para comer.

A última vez que esteve nessa casa foi quando veio da Cornualles a passar umas curtas férias. Então foi

quando celebraram o aniversário do Henry, que cumpria vinte anos, e decidiram que ao ano seguinte celebrariam sua maioridade anunciando seu compromisso. Mas quando ele cumpriu os vinte e um anos ela estava grávida e ele estava casado com Sarah.

Sydnam já tinha falado a todos a respeito de Alvesley e de sua família. Também lhes falou de Glandwr, lhes explicando que ali ele era o administrador do duque do Bewcastle, e de Ty Gwyn, a propriedade que acabava de comprar, onde estava ansioso por levar a sua mulher e a seu enteado. Nesse momento lhes estava dizendo que tinha sido oficial do exército na Península e que foi ali onde recebeu suas feridas e lesões.

— Mas sobrevivi — disse ao final, sorrindo a todos. — Muitos milhares não tiveram essa sorte.

De repente, Anne recordou que em Glandwr Sydnam era muito calado e sempre procurava um rincão tranqüilo do salão para instalar-se, e que embora nunca se mostrava taciturno nem anti-social, tampouco ficava em um primeiro plano falando. E, entretanto aí estava levando virtualmente ele sozinho a conversação, sabendo que era o centro da atenção.

Sentiu uma quebra de onda de gratidão e amor por ele.

Então se levantou sua mãe.

— Matthew e Susan vivem a cinco milhas — disse — e Sarah e Henry um pouco mais perto. Isso é muita distância para viajar com meninos. Todos vão ficar passando a noite aqui, posto que ninguém quer partir a toda pressa antes do jantar. Você deve estar cansada pela viagem, Anne. E o senhor Butler também. Subam a sua habitação há descansar um pouco. Depois podemos falar todos.

Sim, tinha vindo a falar, pensou Anne. Tinha vindo a encará-los, a enfrentá-los, a fazer mais ou menos as pazes com eles, se isso era possível. Mas talvez seria melhor deixá-lo para depois. Sua mãe tinha razão: estava cansada.

Mas não se levantou. Em lugar de levantar-se, olhou-se as mãos, que tinha abertas sobre a saia.

— por quê? — perguntou. — Isso é o que quero que me digam todos, isso é o que vim a perguntar. Por quê?

Consternou-a ouvir suas palavras. A isso tinha vindo, sim, mas seguro que haveria um momento melhor. Mas quando? Quando seria o momento melhor? Já tinha esperado dez anos.

Todos os outros estavam consternados também. Percebeu-o no tipo de silêncio que parecia encher o salão. Mas tinham que ter suposto que ela lhes faria essa pergunta. Ou não? Imaginariam que ela vinha agora, agora que estava casada e era respeitável outra vez, para que a acolhessem novamente no seio da família, e que se conformaria com que não se dissesse nada sobre o passado?

Sua mãe se voltou a sentar. Ela a olhou.

— O que quis dizer com isso de que me perdoavam? Isso me dizia, em primeira pessoa do plural. Quais eram «nós»? E o que tinha feito eu que necessitasse perdão?

Matthew se esclareceu garganta, mas foi seu pai o que respondeu:

— Ele era um homem rico, Anne, e herdeiro do título de marquês. Eu acredito que pensou que ele se casaria contigo, e isso era o que deveria ter feito ele. Mas deveria ter sabido que esse tipo de homens não se casam com mulheres de sua classe, e muito menos depois de lhe haver dado o que ele desejava.

Sua mãe emitiu uma espécie de gemido, Sydnam se levantou e foi até a janela, onde ficou olhando para fora, e ela se agarrou fortemente as mãos na saia.

— Pensou que eu quis apanhar ao Albert Moore como marido? —perguntou.

—Talvez não exatamente da maneira como resultou — respondeu ele — Mas eu diria que o atormentou e seduziu e ele perdeu o controle. Isso é o que acontece. E sempre joga a culpa ao homem.

A culpa pensou ela.

“Sempre joga a culpa ao homem.”

— Eu ia me casar com o Henry — disse, desentendendo-se do visível desconforto do Henry e da Sarah. — Vocês sabiam. Eu o conhecia e amava desde que era menina. Não olhava mais alto. Jamais me ocorreu ser ambiciosa. Vivia para o dia em que pudesse voltar para casa a me casar.

— Anne — disse Sarah, mas não continuou, e ninguém lhe fez caso de todos os modos.

— Mas teria que ter sido capaz de impedir-lhe se de verdade tivesse querido. Seguro que teria podido impedir-lhe

— Ele era mais forte que eu. "Muito" mais forte.

Ele fez um gesto de pesar, quase visível, e franziu o cenho. Sua mãe tinha o rosto escondida detrás de um lenço.

— Sua mãe quis acudir imediatamente a seu lado, a te acompanhar - disse seu pai. — Eu tive a intenção de escrever ao marquês para lhe perguntar quais eram as intenções de seu filho a respeito de você. Mas do que teria servido? Você ali era uma governanta. Simplesmente teria feito o ridículo. E então Sarah nos disse que ia se casar com o Arnold, e quase um momento depois se apresentou ele a me pedir sua mão, e quando lhes neguei meu consentimento os dois ameaçaram fugir. Matthew estava a ponto de ser nomeado ajudante na igreja onde está agora e era necessário pensar no que um escândalo assim faria a sua carreira. Proibi a sua mãe que fora a te acompanhar; tínhamos que organizar umas bodas, em todo caso. Mas lhe pedi que te escrevesse e te dissesse que lhe perdoávamos. Não acreditava que tivesse sido depravada com intenção.

As coisas eram diferentes a como as tinha imaginado, pensou Anne. Olhou a seu pai, esse pilar de fortaleza ao que amava, admirava e obedecia de menina. Mas chega um momento na vida de todos, em que um progenitor se converte em pessoa aos olhos de um filho. E as pessoas, a diferença dos pais, jamais são perfeitas. Às vezes distam muitíssimo da perfeição.

Sua mãe baixou as mãos.

— E seu pai — disse — e nós, pensamos que era melhor que não viesse a casa, Anne, ao menos por um tempo. Teria sido doloroso, um transtorno, e se teria armado um escândalo na vizinhança. Teria sido terrível para você.

E para a mãe, para o pai, para Sarah e Henry e para o Matthew, pensou Anne, esboçando um leve sorriso.

— Mas te senti sua falta terrivelmente — exclamou sua mãe. — Suspirei por você, Anne. E pelo David.

Mas não tanto como para ir visitar-me? Pensou Anne. Mas claro, sua mãe sempre tinha sido uma esposa submissa; jamais fazia nada sem a aprovação e consentimento total de seu marido. E pensar que isso sempre lhe tinha parecido uma virtude.

— É um menino bonito, Anne — continuou sua mãe. — E se parece muito a você.

— David se parece com o Albert Moore, seu pai — disse ela — era um homem bonito. Também tem algumas características minhas. Mas por cima de tudo, é ele. Tem muito em comum com seu novo pai. Sydnam é pintor e também o é David. Pintam juntos.

Assombrou-a ter sido capaz de reconhecer o parecido de seu filho com seu pai, sem encolher-se de repugnância por essa realidade: que Albert Moore era, efetivamente, seu pai. Olhou para o Sydnam, que seguia olhando pela janela, com as costas para o salão, e sentiu uma quebra de onda de amor por ele, tão forte que lhe fez fraquejar as pernas.

— Anne, me perdoe, por favor — disse Sarah. — Perdoe- me. Foi terrível o que fiz, mas é que estava muito muito apaixonada. Mas isso não é desculpa. Após não tive um só dia de felicidade. Sinto-o muito. Mas não posso esperar que me perdoe.

Anne a olhou de frente pela primeira vez. Sim que engordou. Parecia-se muitíssimo a sua mãe. Mas seguia sendo a irmã que fora sua mais íntima amiga e confidente todos esses anos.

— Anne — disse Henry — eu me teria casado contigo se tivesse voltado para casa tal como o tínhamos

planejado sem... Bom, deve saber que me teria casado contigo. Mas você estava lá e Sarah estava aqui.

Anne passou a ele seu olhar. Teria-lhe encantado vê-lo feio e sem nenhum atrativo. E gostaria de saber o que tinha visto nele naquela época. Decididamente era fraco de caráter, o que o fazia muito pouco atrativo. Mas era Henry, e tinham sido amigos muitos anos antes de pensar em uma relação mais íntima.

— Todas as coisas acontecem por uma finalidade — disse — embora às vezes se tomam seu tempo. Se me tivesse casado contigo, Henry, não existiria David, e ele foi à pessoa mais preciosa em minha vida durante muitos anos. E se me tivesse casado contigo não teria podido me casar com o Sydnam. E, portanto me teria perdido a oportunidade de toda uma vida de felicidade.

Matthew voltou a pigarrear.

— Arrumaste-lhe isso muito bem sozinha, Anne — disse. — Primeiro teve uma casa e alunos nessa aldeia da Cornualles, e logo conseguiu esse posto de professora em Bath. E agora casou com o filho do conde do Redfield.

— É curioso que saibam todas essas coisas de mim. Eu não soube nada da vida de nenhum de vocês. Nem sequer sabia da existência de nenhum de meus sobrinhos e sobrinhas.

— Isso me pareceu o melhor, Anne — repôs sua mãe. — Pensei que sofreria desejando conhecê-los.

— Preciso lhes perguntar a todos se o fato de que eu tenha arrumado isso bastante bem todos estes anos lhes faz sentir melhor por me haver dado as costas.

— OH, Anne — exclamou Sarah, com a voz quase um fio, pela aflição.

Mas foi seu pai o que deu a resposta mais larga:

— Não, não, absolutamente melhor. Era mais fácil acreditar que você tinha procurado o sofrimento e logo nos sentir aliviados porque lhe estava arrumando bem sozinha. Era mais fácil acreditar que estava melhor onde estava, longe das fofoqueiras línguas de nossos vizinhos. Sofreu e lhe arrumou isso, e talvez foi bom que evitasse as fofocas. Mas não, eu por minha parte não me sinto melhor por te haver tratado como te tratei. Jamais me senti bem por isso. E hoje, agora que tenho que te olhar aos olhos, sinto-me pior ainda, como mereço. Não culpe a sua mãe. Ela teria deslocado imediatamente a te acompanhar, a estar a seu lado, mas eu não o permiti.

— Eu deveria te haver escrito pelo menos, Anne — disse Matthew. — Se não tivesse sido por meus esbanjamentos em Oxford você não teria tido que procurar esse posto de governanta.

— Sarah sempre se há sentido mau e muito desgraçada por tudo isto — disse Henry.

— Eu também.

— Bom — disse Anne, levantando-se — se não estava cansada antes, agora estou esgotada. Acolherei-me à sugestão de que suba a descansar até a hora do jantar. Sem dúvida Sydnam está cansado também. A história antiga é algo terrível quando é a própria, verdade? Não se pode trocar. Nenhum de nós pode retroceder para fazer as coisas de outra maneira. Só podemos avançar e esperar que o passado pelo menos nos tenha ensinado um pouco de sabedoria para levar conosco. Estes últimos anos me mantive afastada porque me sentia ofendida, porque desejava que todos estivessem sofrendo, porque queria alimentar minha amargura, a que me parecia ter algum direito. Mas vim, estou aqui. E embora sem dúvida chorarei quando chegar acima alegra-me ter vindo. Por isso vale, perdôo-lhes a todos, e espero que me perdoem o ter contribuído a sua infelicidade.

Todos ficaram de pé e começaram a mover-se. A cena poderia converter-se em um drama muito sentimental em qualquer momento, pensou ela. Mas ninguém se aproximou de abraçá-la nem ela se aproximou de abraçar a ninguém.

Ainda era muito cedo.

Mas chegaria o momento, acreditava. Todos estavam muito necessitados de perdão e paz. E ao fim e ao

cabo, todos eram sua família. E esse dia tinham vindo.

Sydnam já estava a seu lado lhe oferecendo o braço. O agarrou e, logo depois de sorrir levemente a todos os reunidos ali, saiu com ele do salão detrás de sua mãe. Seguiram-na pela larga escada de madeira, passaram de comprimento pela habitação que tinha sido a sua, e finalmente sua mãe se deteve ante a porta da habitação que sempre reservavam para hóspedes tão especiais que em realidade não se ocupava quase nunca.

Consideravam-nos hóspedes muito especiais, então, né?

Depois de entrar na habitação, Anne se voltou a olhar a sua mãe, que estava na porta com expressão ansiosa.

— Alegra-me que tenha vindo a casa, Anne — lhe disse. — Estou feliz de que haja trazido o David. E me alegra muito que te tenha casado com o senhor Butler.

— Sydnam — disse ele. — Por favor.

— Sydnam — disse ela, sorrindo nervosa.

Sem dizer uma palavra, Anne avançou os dois passos e rodeou com seus braços o grosso corpo de sua mãe, que a abraçou estreitando-a fortemente, sem dizer uma palavra tampouco.

— Agora descansa — lhe disse, quando ela se apartou.

Anne assentiu.

— Sim, mamãe.

E então se fechou a porta e ficou sozinha com o Sydnam.

— me perdoe, mas acredito que vou chorar - disse.

— Anne — disse ele, rindo em voz baixa, rodeando-a com o braço e lhe aproximando a cabeça com a mão para que a apoiasse em seu ombro. — Claro que vais chorar.

— Pintar foi assim de difícil para você?

— Sim — repôs ele, com convicção, lhe beijando o cocuruto. — E ainda tem que vir muita angústia. Só acabo de começar e o primeiro esforço foi absolutamente abismal. Mas não vou parar. Comecei e continuarei, para o fracasso ou para o êxito. Mas o fracasso não importa, porque me fará me esforçar mais, tal como era antes. E se nunca tenho êxito, pelo menos saberei que o tentei, que não me escondi da vida.

— Por fim eu deixei de me esconder também.

— Sim — disse ele, voltando a rir. — Sim.

Então, por fim brotaram as lágrimas a ela.

Capítulo 22

Os Jewell jovens e os Arnold ficaram mais tempo na casa, não só a noite que tinham pensado.

David parecia sentir-se no céu. Embora uma manhã convenceu ao Sydnam para sair a pintar com ele, levando a Amanda com eles, estava encantado de passar a maior parte de seu tempo com seus primos, em especial com o Charles Arnold, que era o único de sua idade, só uns meses menor que ele.

Sydnam saiu várias vezes a cavalgar com os homens, depois que estes descobriram, graças ao David, que ele «podia» cavalgar. A todos os encontrou muito bem dispostos a fazer amizade com ele. Ele tinha estado disposto a detestá-los; ao senhor Jewell pai não menos que ao Henry Arnold, mas embora o primeiro dia ferveu de raiva escutando o que diziam a Anne, ao conhecê-los melhor descobriu que simplesmente eram cavalheiros normais e simples, amáveis, com cujas opiniões sobre a vida e a justiça podiam de vez em quando

estar em desacordo.

Anne passava a maior parte dos dias com sua mãe, sua irmã e sua cunhada, e as noites noturnas com todos. Todos pareciam estar esforçando-se por voltar a ser uma família unida.

Levaria-lhes tempo, supunha ele, recordando o tempo que levou a ele e ao Kit voltar a sentirem-se totalmente cômodos um com o outro depois do comprido distanciamento que seguiu a sua volta da Península. Mas tinha a impressão de que Anne e sua família tinham restabelecido suas boas relações e que tinha desaparecido a última das sombras que antes se abatiam sobre sua vida.

Via-se feliz.

E ele? Bom, ele não podia esquecer o que disse Anne ao Arnold naquela salão primeira tarde: "Se me tivesse casado contigo não teria podido me casar com o Sydnam. E, portanto teria perdido a oportunidade de toda uma vida de felicidade".

Não sabia muito bem quanto disso era verdade e quanto disse somente porque ia dirigido ao homem que a rechaçou e em seguida se casou com sua irmã. Mas "acreditava" sabê-lo.

Sim, ele também era feliz.

A intenção tinha sido ficar uns poucos dias se eram bem recebidos e menos se não. Mas Anne parecia não ter nenhuma pressa por partir agora que tinha reencontrado a sua família, e ele estava feliz de lhe dar o tempo que quisesse. Ficaram inclusive depois que Matthew voltou com sua família à casa paroquial onde viviam e Arnold partiu com a sua, levando-se também ao David, para que passasse com eles um par de dias.

A senhora Jewell, que visivelmente não cabia em si de gozo por ter a sua filha maior em casa, organizou uma série de visitas aos vizinhos, além de chás e jantares com diversos convidados. E os Jewell jovens e os Arnold estavam ansiosos por convidá-los e os tratar com atenção em suas casas.

E assim, os poucos dias programados se alargaram a uma semana.

Então, o oitavo dia chegou uma carta para a Anne. O senhor Jewell a trazia quando entrou essa manhã a tomar o café da manhã e a deixou sobre a mesa ao lado de seu prato.

Ela a agarrou e a olhou.

— Vem de Bath, mas não é a letra da Claudia nem a da Susanna. Mas vi esta letra. Deveria saber de quem é.

— Há uma maneira de descobri-lo — disse seu pai, irônico.

Ela se pôs-se a rir e rompeu o selo com o polegar.

— Lady Potford — disse, ao olhar a antes de mais nada assinatura. — Sim, claro, tinha visto esta letra antes.

— Lady Potford? — perguntou Sydnam.

— A avó do Joshua — explicou ela. — Vive em Bath. Visitei-a varias vezes.

Ficou a ler a carta, enquanto sua mãe lhe oferecia mais torradas ao Sydnam e logo o observava movê-la até deixá-la quieta no prato com a faca para a manteiga.

— Uy, Sydnam — disse Anne, levantando a vista. — Lady Potford está muito ressentida comigo porque não lhe comuniquei nada sobre nossas bodas. Diz que ela teria assistido e nos teria organizado um café da manhã de bodas. Que amável! Verdade?

— Muito amável, sim — conveio sua mãe. — Deve te ter carinho, Anne.

Mas a carta continha algo mais que queixas e lamentações, comprovaram Anne ao continuar lendo.

— Ah, na próxima semana espera a visita do Joshua. Lady Potford está totalmente convencida de que ele vai se incomodar por haver-se perdido nossas bodas e nem sequer nos haver visto depois. Quer que voltemos para Bath antes de ir a Gales, para poder organizamos uma pequena festa de celebração.

Levantou a vista.

Não era muita a distância até Bath, pensou Sydnam. Mas ir ali os levaria no sentido contrário, e a verdade era que ele já ansiava estar em casa. Desejava estabelecer-se com sua flamejante família em Ty Gwyn. Além disso, Anne estava aumentando de volume. Não devia viajar mais do que fora necessário.

Mas Bath tinha sido o lar da Anne durante um bom número de anos. Ali estavam suas amigas. Hallmere era um parente, ao menos do David, e tinha sido extraordinariamente bom com ela. Se não tivesse sido pelos Hallmere, ele não a teria conhecido.

Viu que ela tinha os coveiros dentes no lábio inferior.

— Desejas ir? —perguntou-lhe.

— Seria idiota fazer todo esse trajeto para tomar o chá ou talvez jantar com o Joshua e lady Potford.

— Mas desejas ir? — perguntou ele novamente.

Embora já sabia a resposta, via-a em seus olhos.

— Joshua convidou ao David e a mim a passar o Natal em Penhallow este ano. Não poderemos ir, é obvio. Provavelmente David não o voltará a ver em muito tempo... — Voltou a morder o lábio.

— Mas é primo do David. Mmm, não sei...

Ele se pôs-se a rir.

— Anne deseja ir?

— Talvez deveríamos. Importará-te muito?

Ty Gwyn terá que esperar, pensou ele.

— Na próxima semana? — girou-se a olhar à senhora Jewell. — Poderíamos, então, abusar de sua hospitalidade uns quantos dias mais, senhora?

— Um mês mais, se quiser Sydnam — disse esta dama, juntando as mãos no peito.

O senhor Jewell sorriu ligeiramente de uma idéia que passou por sua mente, ou como se soubesse um segredo que ninguém suspeitava, e saiu da sala de café da manhã, talvez para retornar a seu escritório.

E assim foi como em meados da semana seguinte, muito depois da data em que tinham esperado estar em casa, em Gales, Anne e Sydnam empreenderam o caminho de volta a Bath. David ia sentado frente a eles dando as costas aos cavalos, em parte choroso por haver-se despedido de seus avós, em parte entusiasmado pela idéia de voltar a ver o Joshua, e à senhorita Martin, à senhorita Osbourne e ao senhor Keeble, o porteiro da escola, que ao parecer estava acostumado a lhe passar doces que tirava do fundo de seu bolso cada vez que não havia ninguém olhando.

Anne tinha estado um pouco emocionada também na despedida, tinha observado Sydnam, mas seu pai lhe assegurou, depois de beijá-la nas duas bochechas, que sem dúvida voltariam a ver-se outra vez antes do que pensava, e sua mãe, abraçando-a, mostrou-se de acordo com seu marido.

E nesse momento Anne ia com a mão na dele, e com o ombro apoiado no seu.

Sim, pensou, o matrimônio começava a ser um estado muito agradável e prazeroso.

Estavam convidados a alojar-se na casa de lady Potford. Quando o carro se deteve diante da elevada casa do Great Pulteney Street, a porta se abriu quase imediatamente e apareceu o mordomo de sua senhoria. Mas o grito de alegria que lançou David quando ela ia baixando à calçada, com a mão apoiada na do Sydnam, avisou-lhe que já estava Joshua ali. Pois sim, David desceu de um salto, passou como uma flecha junto a ela e subiu voando a escada, onde Joshua o agarrou nos braços e lhe deu uma volta.

— Não baixaste nenhuma só quilo de peso do verão, moço — disse Joshua. — Assim que sua mamãe se casou né?

— Sim — gritou David, como se lhe estivesse falando com alguém que estava à meia milha de distância. — Com meu padrasto. Ele monta a cavalo. Inclusive salta sebes a cavalo, embora eu não o vi, e o tio Kit diz que o vai amarrar ao poste mais próximo e deixá-lo aí se alguma vez o vê tentando-o. E me está ensinando a pintar

com óleos. Ia-me procurar um professor quando chegássemos a casa, a Ty Gwyn, mas decidiu me ensinar ele. Ele é o melhor professor, muito melhor que o senhor Upton — acrescentou o muito ingrato. — Tenho um montão de primos onde vivia minha mamãe antes. Charles também tem nove anos, mas é menor que eu, e só me chega aqui. — tocou-se justo por cima da orelha direita. — Estão aqui Daniel e Emily?

— Sim — disse Joshua rindo. — Será melhor que vás acabar com a impaciência do Daniel, assim se quer sobe correndo à sala dos meninos sem te deter nem a respirar, moço.

Então se virou a sorrir ao Sydnam e a agarrar a Anne em um abraço de urso, que foi bastante indecoroso porque a porta de rua ainda estava totalmente aberto.

Ou seja, que lady Hallmere e os meninos também estavam em Bath, pensou Anne. Lady Potford não dizia nada disso em sua carta.

— Freyja e outros Bedwyn com seus respectivos cônjuges chegaram à conclusão de que seus dote casamenteiros não estiveram à altura este verão — comentou Joshua. — Mas pelo visto estavam equivocados. Só cabe imaginar-se em que pobre mortal solteiro vão posar seus olhos coletivo agora. Está claro que o matrimônio lhes senta bem aos dois. Não vejo nenhum só fio branco entre suas duas cabeças.

Anne riu. Ou seja, que era certo que os Bedwyn se fixaram em sua relação com o Sydnam e inclusive tentaram favorecê-la? Que mal se haveria sentido se tivesse dado conta disso então.

— Sim — repôs Sydnam. — Muito bem, em realidade.

— Subamos, pois, para que informem a Freyja e a minha avó — disse Joshua. — Nenhuma das duas se sentiu muito agradada quando se inteiraram de que lhes tinham escapulido e casado com muito segredo. Nada lhes teria gostado mais que lhes oferecer uma celebração digna de reis.

Anne reconheceu o seu pesar que se sentia um pouco triste. A maioria das pessoas sonham com umas bodas muita concorrida, rodeadas de seus familiares e amigos, e ela não era diferente. Mas não devia queixar-se. Em suas bodas estiveram Claudia e Susanna com ela, e desde esse dia tinha experimentado muitíssimas felicidade da que esperava quando enviou a carta ao Sydnam.

Claro que ele não esteve acompanhado por nenhum das suas nas bodas.

Somente quando ia subindo a escada, diante do Sydnam, agarrada no braço do Joshua, lhe ocorreu pensar como se inteirou lady Potford de seu matrimônio e, mais desconcertante ainda, como soube que devia enviar a carta a Gloucestershire.

Mas compreendeu que isso não era algo que podia perguntar.

Se lady Potford teve em algum momento a intenção de oferecer uma pequena festa de celebração em sua casa, ao parecer tinha trocado de opinião; em realidade não voltou a falar do tema. O que sim fez foi anunciar que tinha reservado uma mesa no salão de chá das Upper Assembly Rooms para a tarde seguinte. Isso seria uma simpática reunião, explicou, dado que o ventoso que se tornou o tempo não convidava a nenhuma atividade ao ar livre. Todos deviam vestir-se com seus melhores ornamentos, como se fossem assistir a umas bodas.

Os meninos deviam vir também, acrescentou. Ela organizaria as coisas para que a babá cuidasse deles.

Ao dia seguinte, quando acabava de sair à donzela que lady Potford insistiu em lhe enviar para que a ajudasse a vestir-se e a pentear, Anne sentiu entrar Sydnam na habitação, procedente do closet contigüo, já preparado.

— Espero que isto não seja uma terrível moléstia para você — disse, e nesse momento captou seu olhar no espelho do penteadeira. — Ooh! — exclamou então, girando-se na banqueta. — Está muito bonito.

Ele vestia fraque e calças de seda negros, colete bordado cor marfim e uma camisa de linho muito branco. Estava nada menos que muito bonito.

— E você está absolutamente deliciosa — disse ele.

Ela tinha posto o vestido de musselina rosa, o mais bonito de todos os novos, com saias ocultas e guarnecidas com capas, formando suaves dobras ao cair do alto, mangas curtas abalonadas e um ligeiro franzido no moderado decote. A donzela de lady Potford lhe tinha feito um penteado bastante complicado, mas muito favorecedor. Pôs-se também o pendente e os brincos de diamantes.

— Obrigado, senhor — disse, sorrindo e levantando-se. — Mas só vamos tomar o chá na Upper Assembly Rooms, Sydnam. O que vão pensar de nós as demais pessoas que estejam aí? Vamos muito elegantes para a tarde.

Claro que sempre tinha sonhado tomando o chá e inclusive dançar nesses salões de festa, e ainda recordava a inveja que sentiu fazia mais de dois anos quando Frances a convidara a um baile ali.

— Bom — disse ele — o mais provável é que com um olhar que me joguem todos chiem e saiam correndo, antes de haver-se fixado em quão elegantes vamos.

— OH, Sydnam! — exclamou ela.

Mas ele estava sorrindo, com esse sorriso enviesado tão dele, e ela acabou rindo com ele.

— Só fica viver esta tarde — disse, quando saiam da habitação — e uma breve visita a escola amanhã pela manhã, se não te importar; esta manhã enviei uma nota a Claudia lhe dizendo que estamos aqui. E depois poderemos ir a casa. Estará muito contente.

— E você? — perguntou ele, lhe oferecendo o braço.

— Ah, sim — repôs ela, lhe agarrando o braço e apertando-lhe Não vejo as horas de estar em casa.

Mas antes tomariam o chá na Upper Assembly Rooms, e a ela isso o fazia muita ilusão.

Ela e Sydnam foram ao carro de lady Potford; detrás vinham Joshua e lady Hallmere, e mais atrás os meninos com a babá em outro carro.

— Está muito formosa, querida — lhe disse lady Potford quando desceram no pequeno pátio exterior do salão de festas. — Também parece assustada de morte. Me permita que te tranqüilize. Reservei todo o salão de chá para nós, assim não terá que enfrentar a nenhum desconhecido curioso. Também reservei o salão de baile. Me ocorreu que seria agradável ter um pouco de música enquanto comemos, e esse espaço extra oferecerá um lugar para que os meninos corram e gritem sem nos incomodar.

O que? Anne olhou ao Sydnam e os dois se olharam surpreendidos. Iriam ter todo o salão de chá para eles? Eles cinco três meninos e a babá? E o salão de baile também? E com música, além disso?

— Vejo senhora — disse Sydnam — que nos organizou uma pequena celebração depois de tudo, pequena em número, mas grande em espaço. Estamos encantados, verdade, Anne?

— E afligidos — riu ela. Então olhou ao Joshua, que acabava de ajudar a descer de seu carro lady Hallmere. — Você sabia algo disto, Joshua?

— Do que? — perguntou ele, com as sobrancelhas arqueadas, todo inocência.

— Desta festa para cinco adultos e três meninos, com todo o salão de chá e o salão de baile para celebrá-la.

— Ah, isso? Sim, sabia. Minha avó é excêntrica. Não te tinha dado conta?

Entraram no edifício e passaram por um comprido e amplo vestíbulo. Era certo, não se via ninguém e não se ouvia nenhum ruído. Mas Sydnam havia dito bem: era delicioso, estariam encantados.

Quando chegaram a uma porta de duas folhas que devia ser a do salão de chá, Joshua se deteve. Um criado elegantemente vestido estava esperando aí para lhes abrir a porta.

— Avó? Freyja? — disse Joshua, lhe oferecendo um braço a cada uma. — Nós iremos diante. Sydnam, você nos segue com a Anne.

Anne girou a cabeça para sorrir ao Sydnam, divertida. Ouviu os meninos que vinham pelo vestíbulo detrás deles.

Abriu-se a porta.

O primeiro momento foi desconcertante, e Anne sentiu vergonha por lady Potford. Era evidente que devia ter havido um engano terrível, terrível, em seus planos, talvez se equivocou de dia. O salão de chá, imenso, de teto elevado, e muito formoso, estava cheio de gente. E todos se estavam levantando, olhando para a porta E...

E então caiu uma chuva sobre ela e Sydnam, uma chuva de pétalas de rosas, de rosas, nada menos, em novembro!

E nesse preciso instante, o estranho silêncio anterior foi substituído por um imenso bulício: vozes, risadas e o ruído das cadeiras ao arranhar o brilhante chão de madeira.

E finalmente, só uns instantes depois que se abrissem as portas, Anne caiu na conta de que em qualquer lugar que olhasse via rostos de pessoas conhecidas.

— Que demônios? — exclamou Sydnam, lhe apertando com força a mão contra seu flanco.

E então pôs-se a rir.

— Presas fáceis - disse lorde Alleyne Bedwyn muito perto dele. — Vai lamentar te haver posto roupa negra, Syd.

— Mas as pétalas se vêem muito bem no cabelo da Anne — disse o conde de Rosthorn.

— Ooh, ooh — foi quão único pôde dizer Anne.

Já tinha divisado a seus pais ao outro lado da sala, seu pai, austero como sempre, com cara de estar muito agradado consigo mesmo, sua mãe sorrindo de orelha a orelha, mas com um lenço perto do rosto. Sarah e Susan estavam a um lado deles, e Matthew e Henry no outro.

Então viu Frances e ao conde de Edgecombe, logo à senhorita Thompson, e ao lado dela à duquesa do Bewcastle e lady Alleyne, e logo aos pais do Sydnam com o Kit e Lauren, e mais à frente a Susanna e Claudia, e lorde Aidan Bedwyn com o duque do Bewcastle.

Mas tudo foi uma impressão relâmpago. Era muito. Era impossível vê-lo e abranger tudo de uma vez. E havia muitas outras pessoas pressente.

A duquesa do Bewcastle deu umas palmadas e pouco a pouco foram ficando em silêncio todos os reunidos. Anne e Sydnam seguiam de pé a um ou dois passos da porta, em meio de um montão de pétalas de rosas vermelhas.

— Bom senhor e senhora Butler — disse a duquesa, em tom alegre e animado, sorrindo afetuosamente — pode que lhes tenham acreditado muito preparados quando se casaram em segredo faz umas semanas. Mas seus familiares e amigos somos igual de preparados. Bem-vindos a seu café da manhã de bodas.

Depois, ao olhar em retrospectiva o que resultou ser um dos dias mais felizes de sua vida, Anne não conseguia recordar com exatidão a ordem em que ocorreu tudo depois desse primeiro momento. Por exemplo, não recordava nada do que comeu, mesmo que sabia que comeu, e bastante, porque o resto do dia não sentiu nada de fome.

Sim recordava o bulício, as risadas, e a maravilhosa e embriagadora sensação de ser com o Sydnam o centro da amorosa atenção de todos. Recordava os abraços, os beijos e as exclamações que choviam sobre eles a cada momento.

E tinha muitas lembranças muito claras, embora não conseguia localizá-los no momento exato.

Em um momento Joshua lhes aproximou tendo agarrada pela mão a uma bonita daminha que, sorrindo candorosamente, agitava de alegria a mão livre ao flanco. Era Prue Moore, ou a que fora Prue Moore, agora era Prue Alternem. Prue a abraçou como se queria lhe romper todos os ossos.

— Senhorita Jewell, senhorita Jewell — exclamou, com sua doce vozinha de menina pequena. — A quero, quero-a. E agora é a senhora Butler. Eu gosto do senhor Butler, embora tenha que levar um emplastro negro

no olho. E sou a tia do David. Joshua diz e Constance o diz, e estou muito contente por isso. E você?

Então abraçou ao Sydnam com o mesmo entusiasmo.

Em outro momento lhe aproximou Constance a abraçá-la também, a que fora lady Constance Moore, e ela compreendeu que tinham vindo todos da Cornualles só para estar presentes nessa celebração.

Frances esteve um momento lhe derramando lágrimas em cima.

Também chegou a seu lado Lauren, que, sorrindo feliz, apresentou a seu jovem primo, o visconde Whitleaf, que tinha uns formosos olhos cor violeta como os dela. Tinha chegado de visita a Alvesley uma semana depois de que ela e Sydnam partissem.

E Claudia, quando a abraçou, disse-lhe muito séria:

— Anne, espero que compreenda o muito que te quero. Por você, só por você, consenti em estar na mesma habitação com "essa mulher" e com «esse homem». Ah, sinto tanta pena pela duquesa do Bewcastle como pelo marquês de Hallmere. É uma mulher encantadora, extraordinariamente doce, mas eu gostaria de saber quanto tempo lhe vai durar isso, estando sob "sua" influência.

Grande parte da tarde, Claudia e a senhorita Thompson estiveram sentadas juntas conversando.

Recordava o momento quando seu pai lhe contou rindo quão divertido foi para ele guardar em segredo a carta que recebeu de lady Potford a mesma manhã em que ela recebeu a sua.

E as lágrimas de felicidade de sua mãe, e as de Sarah.

Em algum momento conheceu também aos primos do Sydnam, aos que tinham localizado e levado a Bath para a festa, embora ele teve que lhe recordar todos os nomes à manhã seguinte.

Ao princípio se armou um terrível caos, com os meninos correndo e jogando por toda parte, passando por debaixo das mesas e metendo-se entre os pés de todos, até que alguém ordenou que os levassem ao salão de baile. Ela supôs que o que deu essa ordem foi o duque do Bewcastle, talvez simplesmente elevando uma sobrancelha ou inclusive levantando seu monóculo e olhando para onde correspondia.

E não esqueceria nunca a expressão alegre e feliz do Sydnam, nem suas risadas, como tampouco, logicamente, o improvisado discurso que fez em nome dos dois para agradecer essa inesperada celebração, provocando muitas risadas.

— E já podem esperar — concluiu — que durante o inverno, quando não tivermos outra coisa que fazer, Anne e eu nos dedicaremos uma digna vingança.

Mas houve uma parte da celebração que não ficou enredada em sua memória junto com outras lembranças.

Durante todo o festim, ou o "café da manhã", para dar gosto à duquesa, chegava até aí a música que estavam tocando no salão de baile. Dava a impressão de que ninguém lhe emprestava muita atenção. Mas Joshua sim deve ter estado escutando, porque disse:

— Foi aqui onde dançamos a valsa pela primeira vez, Freyja. Lembra-te?

— Como poderia esquecê-lo? —repôs ela. — Foi enquanto dançávamos essa valsa quando me suplicou que aceitasse um compromisso de matrimônio de mentirinha contigo, e antes que nos déssemos conta já estávamos casados, mas não de mentirinha.

Os dois riram.

— E aqui dançamos os dois, Frances — disse então o conde do Edgecombe — embora não foi pela primeira vez, se o recordar.

— A primeira vez foi em um salão de festas frio, escuro e totalmente vazio — disse Frances — e sem música.

— Foi divino — disse ele sorrindo.

— Seria uma lástima — disse Kit, então — ter a nossa disposição uma orquestra e o salão de baile mais

famoso do país e não dançar. Irei ordenar à orquestra que toque uma valsa. Mas temos que recordar que esta é uma festa de bodas. Os recém casado devem dançar primeiro. Fará-me a honra de dançar esta valsa comigo, Anne?

Mas ao dizer isso olhava ao Sydnam, observou ela.

Sydnam se levantou.

— Obrigado, Kit — disse em tom firme — mas se não for o costume que o recém casado seja o primeiro em dançar com sua esposa, pois, deveria sê-lo. Anne, dança comigo esta valsa?

Por uma fração de segundo ela se sentiu alarmada. Todos se tinham calado e estavam escutando. Sem dúvida todos iriam ao salão a olhar. Ela não tinha dançado muito em sua vida, além de na escola, mas Sydnam...

Mas Sydnam era capaz de fazer qualquer coisa no mundo que se propor à exceção talvez de bater Palmas.

— Sim — lhe disse sorrindo.

Estava segura de que não se imaginou a espécie de suspiro coletivo que exalaram todos quão convidados os rodeavam.

Passou o braço pela manga que lhe oferecia Sydnam e ele a conduziu ao salão de baile. Quase todos os seguiram, pareceu-lhe, e se foram situando no perímetro do salão enquanto Kit falava com o diretor da orquestra. Aos meninos os fizeram sair da pista de baile, embora quase todos entraram correndo no salão de chá para seguir jogando.

E dançaram a valsa, ela e Sydnam, três semanas depois de suas bodas
E observados pelos convidados a sua festa de bodas.

Agarrou-lhe a mão direita na esquerda e ela pôs a mão esquerda em seu ombro. Quando começou a música, deram os primeiros passos com certa lentidão e estupidez, até que lhe sorriu, pôs-lhe a mão direita entre eles, apoiada em seu coração, convidando-a assim a lhe pôr a outra mão na nuca, com o que ficou mais perto dele.

Então continuaram o baile unidos como se fossem um, e girando sozinhos por toda a pista, até que outros casais começaram a entrar também a dançar com eles: Joshua com lady Hallmere, Kit com Lauren, Frances com lorde Edgecombe, a duquesa com o duque, os outros Bedwyn com seus respectivos cônjuges, Sarah com o Henry, Susanna com o visconde Whitleaf e Susan com o Matthew.

— Feliz? —perguntou-lhe Sydnam ao ouvido.

— Ah, sim, feliz. Muito feliz. E você?

— mais do que saberia dizer - disse ele.

E sorriram seus rostos muito, muito perto.

Não, Anne não tinha a menor dificuldade para recordar com os mais mínimos detalhes essa parte de sua festa de bodas. Recordaria-a por todo o resto de sua vida.

Capítulo 23

Anne e Sydnam chegaram a Ty Gwyn com o David uma fria tarde de novembro. Mas embora fizesse frio, o céu estava espaçoso e brilhava o sol, portanto, quando o chofer deteve o carro para ir abrir a porta e entrar no parque, Sydnam baixou impulsivamente o guichê e lhe disse que podia continuar sem eles até o estábulo-garagem.

— Nós faremos a pé o resto do caminho — lhe disse.

E assim foi como uns minutos depois se encontravam os três na porta contemplando o carro, que ia

descendo pelo ligeiro pendente para a espécie de concha plaina do parque para voltar a subir ao outro lado.

— Bom David — disse Sydnam ao fim, lhe pondo a mão no ombro isto é Ty Gwyn, nosso lar. O que te parece?

— Essas ovelhas são daqui? Posso me aproximar delas?

— Pois claro que pode. E pode tentar agarrar uma se quiser. Mas lhe advirto isso, são muito esquivas, não se deixam agarrar.

O menino baixou correndo até a pradaria, gritando de alegria por estar ao ar livre depois de tantas horas fechado no carro. As ovelhas, assim avisadas, separaram-se de seu caminho.

Sydnam se girou a lhe sorrir a sua mulher.

— Boa Anne.

Ela estava olhando a casa na distância, com o olhar um pouco desfocado. Mas então se voltou a olhá-lo.

— Bom. Vou ter que passar outro lado da cerca por essa escada, sabe? Tenho que me redimir. Fui horrorosamente torpe a outra vez.

— Fiz reparar o degrau de abaixo - disse ele.

Ficou olhando-a enquanto ela subia e logo se sentava na travessa superiora da cerca e passava as pernas ao outro lado, muito bem abrigada com seu capuz cor vermelha, suas bochechas já rosadas pelo frio, uns quantos mechas cor mel soltas do bonito coque, agitados pela brisa, seus olhos brilhantes e risonhos. Sua formosa Anne.

Pôs-se a caminhar para ela.

— me permita senhora - disse lhe tendendo a mão.

— Obrigado, senhor. — Pôs a mão na dele, baixou os degraus e chegou ao chão. — O vê? Como uma rainha.

Ficaram assim, cara a cara, as mãos unidas, olhando-se profundamente, e a ela foi desvanecendo o sorriso.

— Sydnam — disse ao fim. — Sei que não desejava nada disto...

— Ah, sim?

— Você estava contente tal como estava, e eu não era o tipo de mulher que teria elegido para te casar.

— Ah, não? E eu era o tipo de homem que teria elegido para te casar?

— Sentíamo-nos sozinhos, e viemos aqui um dia precioso e...

— E “foi” um dia precioso — disse ele.

Ela inclinou a cabeça e franziu ligeiramente o cenho.

— Por que não me deixa terminar de dizer o que quero dizer?

— Porque sei que ainda não está segura de que no fundo eu não lamente nosso matrimônio, verdade? E acredito que eu ainda não estou seguro de que você não o lamenta. Suponho que lhe deveria haver dito isso faz tempo. Mas ao princípio não queria que me tivesse lástima ou se sentisse obrigada por mim, e depois me convenci de que não eram necessárias as palavras. Os homens tendem a fazer isso, Anne, sabe. Não nos resulta fácil expressar os sentimentos com palavras. Mas te amo, quero-te. Sempre te amei, acredito. E sei que sempre te amarei; disso estou seguro.

A ela lhe encheram os olhos de lágrimas, e ele observou que lhe estava avermelhando a ponta do nariz.

—Sydnam... OH, Sydnam, e eu te amo. Quero-te muito, muitíssimo.

Ele aproximou mais o rosto, esfregou-lhe o nariz com o seu e a beijou. Jogou os braços ao pescoço para lhe corresponder o beijo.

— Sempre me amaste? — perguntou ela então, jogando atrás a cabeça e rindo-se. — Do começo?

— Acreditei que tinha saído da escuridão para entrar em meus sonhos. Mas então você te deu meia volta

e pôs-se a correr.

— Ooh, Sydnam — exclamou ela, aumentando a pressão de seus braços em seu pescoço. — OH, meu amor.

— E no bolso tenho uma coisa que sempre vive em minha pessoa —disse ele— e que poderia te convencer de que sempre te amei. Quer dizer, se a recordar, claro, ou as recorda, porque há mais de uma.

Ela se apartou e o observou com curiosidade enquanto ele tirava um lenço do bolso interior de seu casaco e abria as dobras com o polegar. No lenço havia um pequeno grupo de conchas. Sentir-se-ia idiota se ela não as recordava, pensou.

Ela as tocou com o índice.

— Guardou-as — disse. — Uy, Sydnam, tiveste-as guardadas todo este tempo.

— Tola verdade? — disse ele sorrindo e dobrando as esquinas do lenço para voltar a guardar-lhe no bolso.

Mas um grito os distraiu.

— Mamãe, olhe! — gritou David do centro do prado. — Olhe papai, agarrei uma!

Quando olharam, viram que a indignada ovelha se liberou e ia afastando-se para reatar sua tarefa mais séria de cortar a erva e o trevo. David ia correndo detrás rindo alegremente.

Sydnam rodeou a cintura a Anne com o braço e a estreitou contra ele outra vez. Quando ela apoiou o rosto em seu ombro, ele abriu a mão sobre seu abdômen e afundou o rosto no outro lado de seu pescoço. Sentia-se quase aturdido.

— Chamou-te papai — disse ela docemente.

— Sim.

Levantou a cabeça e contemplou seu terrão, seu lar. Tudo: a casa, o estábulo com a garagem, o jardim, a pradaria, as árvores circundantes, o menino correndo atrás das ovelhas, a mulher que tinha abraçada. Nas gemas dos dedos sentia o futuro, dentro do ventre já ligeiramente arredondado de sua mulher.

— Estamos loucos ficando aqui com este frio quando nos espera uma casa quentinha? —disse.

— Absolutamente loucos — disse ela, girando a cabeça para lhe sorrir e beijá-lo nos lábios. — me Leve a casa, Sydnam.

— Estamos em casa, carinho — disse ele, soltando-a para poder lhe agarrar a mão. — Sempre estamos em nosso lar. Mas te levarei a casa. Quero ver se a sala de estar está tão luminosa como a luz do sol.

— E se o vestíbulo se vê mais alegre sem os marrons — acrescentou ela.

Baixaram meio correndo o ligeiro pendente em direção a casa. Foram rindo, as mãos agarradas e os dedos entrelaçados.

*F * I * N *

RESENHA BIBLIOGRÁFICA

Mary BALOGH

Biografia. Nasceu em Wales, Grã-Bretanha e seus pais lhe puseram o nome da Mary Jenkins. Teve uma infância feliz junto com sua irmã, dois anos mais velha que ela. Estavam acostumados a encher de histórias seus cadernos e devoravam todos os livros que podiam. Diziam que quando crescessem seriam escritoras, um

sonho que cumpriram.

Mary se graduou como professora de inglês e como queria ensinar e viajar, foi ao Canadá, onde conheceu seu marido em um encontro às cegas… antes de um ano estavam casados. Em 1985 escreveu sua primeira novela, Masked Deception, a qual ganhou o prêmio Rita de novela romântica. Reuniu sua carreira como professora de inglês com sua paixão pela escritura, até que em 1988 se aposentou depois de vinte anos de docência.

Na atualidade segue vivendo no Canadá junto com seu marido também aposentado. Segue lendo muito, escutando música galesa, praticando ioga e dando largos passeios matutinos. “A vida é muito boa… quem diz que os sonhos não se voltam realidade. Podem fazer-se realidade se tiver visão, esforço e um pouco de sorte, bom, talvez, muita sorte”.

SIMPLESMENTE APAIXONADOS

Quando Anne viu pela primeira vez ao Sydnam, levou-se o susto de sua vida. De perfil, parecia o homem mais arrumado do mundo, mas ao girar - lhe mostrou o lado de seu corpo que a batalha tinha deixado horrivelmente desfigurado. A sua maneira, os dois eram seres marcados: ele, pela metralha francesa, ela, pelo rechaço da rígida sociedade vitoriana, que não perdoa a uma mulher ser mãe solteira. A nenhum faz muita graça coincidir na mansão dos Bedwyn. Anne só acessa a acudir para que seu filho esteja com outros meninos. Sydnam, cuidador da propriedade, só espera que os convidados partam logo. Mas quando os dois se encontram, descobrem uma forte atração que culmina em uma noite de paixão. Ante eles se abre agora um futuro de esperança: a ocasião de derrubar a muralha de solidão em que se refugiaram, e de mostrar a luz seus mais íntimos secretos...

Às vezes, As FERIDA DO CORAÇÃO...

Anne vive centrada em seu trabalho como professora na escola de Miss Martin e no cuidado de seu filho David, fruto de uma violação por parte de um membro da família Bedwyn nove anos atrás. Joshua e Freyja, primos do pai do David, sentem-se responsáveis por ela e sempre a cuidaram e protegeram. Agora dão um passo mais e a convencem de que vá com seu filho a sua mansão de verão. Anne só tenta passar despercebida, mas seus anfitriões têm outros planos. Uns planos nos que tem muito que ver o homem que cuida da mansão, um homem ferido em seu corpo e, o que é mais grave, em seu espírito. Anne e Sydnam são duas almas solitárias às que o destino quis dar uma última oportunidade... Se souberem aproveitá-la.

...SÃO MAIS PROFUNDAS QUE AS DA CARNE

Sydnam Butler, filho do conde do Redfield e ex-soldado de Sua Majestade ferido em combate tinham aprendido a viver sozinho com suas cicatrizes. De vez em quando, emocionado ante a beleza agreste da paisagem de Gales que era seu refúgio e sua prisão, esquecia sua desgraça. Mas o espelho lhe recordava sempre que já não podia sustentar um pincel para pintar um quadro, nem podia aspirar a que nenhuma mulher ocupasse sua cama nem seu coração... A metade de seu corpo era a de um homem forte e arrumado como poucos. A outra metade, desfigurada imagem de um monstro. Quando conhece a Anne, descobre a uma mulher capaz de ver mais à frente do horror de seu corpo e da pena que corrói sua alma.

Fim

Mary BALOGH

SIMPLESMENTE APAIXONADOS

Ebook distribuido de para fã sem fins lucrativos